



Ouro Preto e Mariana: Arquitetura Religiosa e Civil no ocaso do Ciclo do Ouro

Júlia Castro de Melo Franco Araújo

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(mestrado integrado)

Orientadora: Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins Nepomuceno

outubro de 2023

Declaração de Integridade

Eu, Júlia Castro de Melo Franco Araújo, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição 40959 de/o Mestrado Integrado em Arquitetura da Faculdade de Engenharia, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referência de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 08/10/2023

Júlia Castro de Melo Franco Araújo

Dedicatória

Para minha Vó Ruth, entusiasta do meu sucesso e minha maior fonte de inspiração, que partiu durante esta pesquisa.

Agradecimentos

Aos meus pais, Rita e Rogério, pelo amor e apoio incondicionais, por todos os ensinamentos e por nunca mediram esforços para que meus sonhos se tornassem realidade. Nada disso seria possível sem vocês. À minha vó Ruth, por ser meu exemplo de força e determinação, e por todo amor, conversas e risadas que compartilhamos, as quais sinto saudade todos os dias. Ao meu tio, José Randall, por ter salvado a vida da minha mãe, possibilitando que ela assista meus méritos de hoje e do futuro. À Ivone, pelo carinho, preocupação e cuidado durante os últimos 11 anos.

Aos amigos feitos em Portugal, pela amizade e incentivo, fundamentais para finalizar essa etapa, em particular Vanessa, Livia e Giulia, amigas que se tornaram minha família do outro lado do Atlântico, com quem tive a sorte de compartilhar os últimos anos. Aos meus amigos e amigas do Brasil, em especial Fernanda e Ana Flávia, que me acompanharam antes e durante estes 5 anos e que, mesmo longe, se fizeram presente em todos os momentos, bons ou ruins. À Amanda, por estar presente nos momentos mais difíceis, e por nunca me permitir esquecer do meu valor. Ao Niklas, pelo apoio, paciência e companheirismo nos últimos meses.

À minha orientadora, Professora Ana Maria Martins, pela cumplicidade e amizade, e por ter acreditado em mim e no meu tema, apesar de todas as dificuldades. Aos órgãos governamentais brasileiros que, gentilmente, cederam informações para esta dissertação, nomeadamente a Prefeitura de Ouro Preto (Secretaria de Cultura), e os Gabinetes do IPHAN de Ouro Preto e Mariana.

Nota:

A presente dissertação está escrita em português do Brasil. Optou-se por utilizar as notas de rodapé como recurso para a inserção de palavras e expressões equivalentes em português de Portugal.

Resumo

Em 1674, eram descobertas por bandeirantes paulistas as terras que mais tarde seriam chamadas de Minas Gerais. Durante a primeira metade do século XVIII a Vila Rica de Albuquerque, atual Ouro Preto e a Vila de Ribeirão do Carmo, atual Mariana, encontravam-se imersas no “Ciclo do Ouro”, período do ápice da exploração deste metal marcado por um regime patriarcal com trabalho escravizado e pela forte presença da religiosidade e da vida política. Enquanto a ocupação de Vila Rica ocorreu sem planejamento, seguindo o relevo, Vila de Ribeirão do Carmo foi a primeira cidade planejada de Minas Gerais e primeira sede do bispado. Entretanto, com o passar do tempo, Vila Rica tornou-se a nova capital e conseqüentemente a cidade mais importante da capitania. A partir de 1750, iniciou-se o período de escassez do ouro e da decadência das cidades exploradas, precedendo a “Inconfidência Mineira”, movimento elitista que buscava pela independência de Vila Rica de Portugal. Neste contexto, existia um Brasil colônia marcado pela segregação socioespacial, que culminou na construção de espaços destinados à elite e aos escravizados. Com isso, esta dissertação parte da proximidade geográfica entre Ouro Preto e Mariana para discutir, analisar e comparar seis casos de estudo, as Casa de Câmara e Cadeia, Igrejas de São Francisco de Assis, e as Igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Mariana e Ouro Preto, construídos entre os séculos XVIII e XIX, hoje tombados como patrimônio pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com o intuito de entender como a proximidade entre as cidades influenciaram na construção de edifícios de diferentes tipologias com o caráter público, nos âmbitos político e religioso, na organização programática interior, nos alçados principais e quais as alterações ou manutenção de usos, na atualidade.

Palavras-chave

Ouro Preto; Mariana; Arquitetura Religiosa; Arquitetura Civil; Arquitetura colonial setecentista; Proximidade geográfica.

Abstract

In 1674, the lands that would later be called Minas Gerais were discovered by bandeirantes from São Paulo. During the first half of the 18th century, Vila Rica de Albuquerque, today's Ouro Preto, and Vila de Ribeirão do Carmo, today's Mariana, were immersed in the "Gold Cycle", a period at the height of the exploitation of this metal marked by a patriarchal regime with enslaved labor and the strong presence of religiosity and political life. While the occupation of Vila Rica took place without planning, following the relief, Vila de Ribeirão do Carmo was the first planned city in Minas Gerais and the first seat of the bishopric. However, with the passage of time, Vila Rica became the new capital and consequently the most important city in the captaincy. From 1750 onwards, the period of gold scarcity and the decay of the exploited cities began, preceding the "Inconfidência Mineira", an elitist movement that sought the independence of Vila Rica from Portugal. In this context, colonial Brazil was marked by socio-spatial segregation, which culminated in the construction of spaces for the elite and the enslaved. This dissertation is based on the geographical proximity between Ouro Preto and Mariana to discuss, analyze and compare six case studies, the Town Hall and Jail, the Churches of São Francisco de Assis, and the Churches of Nossa Senhora do Rosário dos Pretos in Mariana and Ouro Preto, built between the 18th and 19th centuries, today listed as heritage buildings by the National Historical and Artistic Heritage Institute (IPHAN), with the aim of understanding how the proximity between the cities influenced the construction of buildings of different typologies with a public character, in the political and religious spheres, in the interior programmatic organization, in the main elevations and what changes or maintenance of uses there are today.

Keywords

Ouro Preto; Mariana; Religious Architecture; Civil Architecture; 18th century colonial Architecture; Geographical proximity.

Índice

1. Introdução	1
1.1. Apresentação e justificativa do tema	1
1.2. Questões e objetivos	2
1.3. Relevância da investigação	2
1.4. Metodologia	3
1.5. Estrutura da dissertação	3
1.6. Estado da Arte	4
1.6.1. Contextualização histórica	4
1.6.2. Arquitetura civil – Casas de Câmara e Cadeia	5
1.6.3. Arquitetura religiosa	6
1.6.3.1. Arquitetura religiosa em Mariana	6
1.6.3.2. Arquitetura religiosa em Ouro Preto	7
1.6.4. Sistemas construtivos	7
2. Mariana	9
2.1. Enquadramento geral de Mariana	9
2.2. Casa de Câmara e Cadeia	13
2.3. Igreja de São Francisco de Assis	20
2.4. Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	25
3. Ouro Preto	29
3.1. Enquadramento geral de Ouro Preto	29
3.2. Casa de Câmara e Cadeia	33
3.3. Igreja de São Francisco de Assis	39
3.4. Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	44
4. Sistemas construtivos	49
4.1. Paredes exteriores	49
4.1.1. Alvenaria de pedra	49
4.1.2. Tipos de pedra	50
4.2. Paredes interiores	51
4.2.1. Adobe	51
4.2.2. Pau-a-pique	52
4.3. Inventariação dos sistemas construtivos	54
4.4. Vãos	55
4.4.1. Janelas	55

4.4.1.1. Janela de peitoril	56
4.4.1.2. Janelas rasgadas	56
4.4.2. Óculos e seteiras	58
4.4.3. Portas	56
4.4.4. Acabamento dos vãos	56
4.4.5. Inventariação dos vãos dos frontispícios	58
5. Mariana x Ouro Preto	68
5.1. Casa de Câmara e Cadeia	68
5.2. Igrejas	77
5.2.1. Igreja de São Francisco de Assis	77
5.2.2 Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	82
6. Conclusão	86
Bibliografia	88
Apêndice A – Índice dos elementos gráficos	91
Apêndice B – Fichas tipo dos casos de estudo	97

Lista de Figuras

Figura 1. Caminhos entre Vila Rica (Ouro Preto) e Mariana. A autoria de Salomão de Vasconcellos, 1947, retirado de (Multi Rio, s.d.a).....	1
Figura 2. Localização do estado de Minas Gerais, e da cidade de Mariana. Adaptado de (IBGE, s.d.a).....	9
Figura 3. Arraial de Nossa Senhora do Carmo de 1702 a 1711. (Lage, 2018, pp. 32)....	10
Figura 4. Mapa das Minas do Ouro em São Paulo e costas do mar que lhe pertence, com destaque para a ilustração de Vila do Carmo no canto inferior direito. Reprodução de autoria de Basto F., 1919, retirado de (Museu do Ipiranga USP, s.d.).....	11
Figura 5. Plâta da cidade de Mariana em meados do século XVIII. Do Arquivo Histórico do Exército, retirado de (Multi Rio, s.d.b).....	12
Figura 6. Implantação da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana. (Barreto, 1947, pp. 165, 166).....	13
Figura 7. Risco do frontispício da Casa de Câmara e Cadeia. (Santos J. P., 1762a).....	15
Figura 8. Risco do piso 0 da Casa de Câmara e Cadeia. (Santos J. P., 1762b).....	15
Figura 9. Risco do piso 1 da Casa de Câmara e Cadeia. (Santos J. P., 1762c).....	15
Figura 10. Frontispício, alçados laterais e posterior. (Autora, 2023).....	16
Figura 11. Planta dos pisos 0 e 1 da Casa de Câmara e Cadeia. (Barreto, 1947, p. 169).....	18
Figura 12. Outra versão da planta Casa de Câmara e Cadeia. (Fundação João Pinheiro. Centro de Desenvolvimento Urbano, 1975).....	19
Figura 13. Vista da Praça Minas Gerais com Igreja de São Francisco de Assis a esquerda, Casa de Câmara e Cadeia a direita e Igreja de Nossa Senhora do Carmo a frente. (Autora, 2023).....	20
Figura 14. Plantas dos pisos 0 e 1 da Igreja de São Francisco de Assis. Adaptado de (IPHAN, 2017).....	21
Figura 15. Frontispício e detalhe da portada da Igreja de São Francisco de Assis. (Autora, 2022).....	22
Figura 16. Alçados laterais e posterior da Igreja de São Francisco de Assis. (Autora, 2022).....	23
Figura 17. Vista da nave a partir do coro e teto da capela-mor. (Autora, 2022).....	24
Figura 18. Vista da Igreja de Nossa Senhora do Rosário a partir da Rua Monsenhor Horta. (Autora, 2022).....	25
Figura 19. Plantas dos pisos 0 e 1 da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. (IPHAN, 2020).....	27

Figura 20. Frontispício, alçados laterais e posterior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. (Autora, 2022).....	27
Figura 21. Vista da nave a partir do tapa-vento e teto da capela-mor. (Autora, 2022).....	28
Figura 22. Localização do estado de Minas Gerais, e da cidade de Ouro Preto. Adaptado de (IBGE, s.d.b).....	29
Figura 23. Ilustração da paisagem de Vila Rica durante o começo da ocupação do território. Autoria de Flávia Guerra, 2009, retirado de (Salgado, 2010, p. 50).....	30
Figura 24. Planta de Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar. (Anônimo, [PLANTA DE VILA RICA DE NOSSA SENHORA DO PILLAR], 1800).....	31
Figura 25. Implantação da Casa de Câmara e Cadeia. (Barreto, 1947, pp. 165, 166)...	33
Figura 26. Vista do Palácio dos Governadores e da Praça Tiradentes a partir do telhado da Casa de Câmara e Cadeia, atual Museu da Inconfidência. (Autora, 2017)....	33
Figura 27. Figura da Justiça vista a partir do telhado. (Autora, 2017).....	35
Figura 28. Risco do frontispício da Casa de Câmara e Cadeia. (Barreto, 1947, p. 51)..	35
Figura 29. Capitólio de Roma. (Roma Sito Turistico Ufficiale, s.d.).....	36
Figura 30. Alçados laterais e posterior. (Autora, 2022).....	36
Figura 31. Risco da Casa de Câmara e Cadeia. (Barreto, 1947, p. 71).....	37
Figura 32. Penitenciária de Ouro Preto. (Anônimo, 1927).....	38
Figura 33. Igreja de São Francisco de Assis vista da Casa de Tomás Antônio Gonzaga. (Autora, 2022).....	39
Figura 34. Plantas dos pisos 0 e 1 da Igreja de São Francisco de Assis. (Santos P. F., 1951, p. 150).....	40
Figura 35. Frontispício, medalhão e torre. (Autora, 2022).....	41
Figura 36. Alçado lateral - Lado da Epístola. (Santos P. F., 1951, p. 177).....	42
Figura 37. Alçado lateral e posterior. (Autora, 2022).....	42
Figura 38. Vista da nave a partir do tapa-vento, arco-cruzeiro e teto da capela-mor. (Autora, 2022).....	43
Figura 39. Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos vista da Rua Getúlio Vargas. (Autora, 2022).....	44
Figura 40. Plantas dos pisos 0 e 1 da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. (Santos P. F., 1951, p. 149).....	45
Figura 41. Frontispício, alçado lateral e posterior. (Autora, 2023).....	46
Figura 42. Alçado lateral - Lado da Epístola. (Santos P. F., 1951, p. 180).....	46
Figura 43. Vista da nave a partir do tapa-vento e da capela-mor a partir do arco-cruzeiro. (Autora, 2022).....	47
Figura 44. Muro de pedra seca. (Vasconcellos S. d., 1979, p. 26).....	50

Figura 45. Detalhes construtivos de pedra e barro, e pedra e cal. (Barreto, 1947, p. 127).....	50
Figura 46. Processo de fabricação do adobe. (Colin, 2010).....	52
Figura 47. Detalhe construtivo do abode. (Vasconcellos S. d., 1979, p. 52).....	52
Figura 48. Estrutura da parede de pau-a-pique. (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, p. 42).....	53
Figura 49. Corte construtivo de uma parede de pau-a-pique. (Vasconcellos S. d., 1979, p. 50).....	53
Figura 50. Tipos de janela em corte. (Vasconcellos S. d., 1979, p. 98).....	55
Figura 51. Tipos de janela em planta. (Barreto, 1947, p. 131).....	55
Figura 52. Componentes de um vão. (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, p. 76).....	57
Figura 53. Tipos de verga. (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, p. 96).....	57
Figura 54. Vãos do frontispício da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana. (Autora, 2023).....	58
Figura 55. Vãos do frontispício da Igreja de São Francisco de Assis de Mariana. (Autora, 2023).....	59
Figura 56. Vãos do frontispício de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Mariana. (Autora, 2023).....	60
Figura 57. Vãos do frontispício da Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto. (Autora, 2023).....	61
Figura 58. Vãos do frontispício da Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto. (Autora, 2023).....	62
Figura 59. Vãos do frontispício de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Ouro Preto. (Autora, 2023).....	63
Figura 60. Risco da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana com espaços demarcados. (Autora, 2023).....	70
Figura 61. Risco da Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto com espaços demarcados. (Autora, 2023).....	71
Figura 62. Plantas atuais das Casas de Câmara e Cadeia de Mariana e Ouro Preto. (Autora, 2023).....	73
Figura 63. Frontispícios das Casas de Câmara e Cadeia de Mariana e Ouro Preto. (Autora, 2023).....	74
Figura 64. Frontispícios das Casas de Câmara e Cadeia de Mariana e Ouro Preto. (Barreto, 1947, p. 171).....	75
Figura 65. Plantas das Igrejas de São Francisco de Assis de Mariana e Ouro Preto. (Autora, 2023).....	79

Figura 66. Frontispícios das Igrejas de São Francisco de Assis de Mariana e Ouro Preto. (Autora, 2023).....	80
Figura 67. Plantas das Igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Mariana e Ouro Preto. (Autora, 2023)	83
Figura 68. Frontispício das Igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Mariana e Ouro Preto. (Autora, 2023)	84

Lista de Tabelas

Tabela 1. Inventariação dos sistemas construtivos dos casos de estudo.

Tabela 2. Inventariação dos vãos dos casos de estudo.

Tabela 3. Síntese da comparação das plantas das Casas de Câmara e Cadeia de Mariana e Ouro Preto.

Tabela 4. Síntese da comparação dos frontispícios das Casas de Câmara e Cadeia de Mariana e Ouro Preto.

Tabela 5. Síntese da comparação das plantas da Igreja de São Francisco de Assis de Mariana e Ouro Preto.

Tabela 6. Síntese da comparação dos frontispícios da Igreja de São Francisco de Assis de Mariana e Ouro Preto.

Tabela 7. Síntese da comparação das plantas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Mariana e Ouro Preto.

Tabela 8. Síntese da comparação dos frontispícios da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Mariana e Ouro Preto.

Lista de Acrónimos

SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
PAC	Programa de Aceleração de Crescimento

1. Introdução

1.1 Apresentação e justificativa do tema

O estado de Minas Gerais exerceu um importante papel no Brasil durante os séculos XVII, XVIII e XIX, com a descoberta e exploração do ouro, cujo declínio ocorreu em meados de 1700. As cidades vizinhas, cercadas por montanhas, Ouro Preto e Mariana (Figura 1), surgiram a partir de arraiais fundados por bandeirantes e emergiram como centros fundamentais da exploração do ouro, sendo a primeira a capital política e a segunda capital religiosa, como discorre (Oliveira & Campos, 2010a):

Ouro Preto, capital política e administrativa, Mariana, capital religiosa. Vocações paralelas de centros de poder na antiga região das minas do ouro e em contínua emulação na obtenção de títulos e regalias. Se Mariana foi a primeira vila e cidade da região das minas e sede do bispado desde 1745, Ouro Preto foi capital nos períodos colonial e imperial, supremacia que perdeu na era republicana com a construção da nova capital, Belo Horizonte. (p. 13)



Figura 1. Caminhos entre Vila Rica (Ouro Preto) e Mariana. Autoria de Salomão de Vasconcellos, 1947, retirado de (Multi Rio, s.d.a)

As cidades, distantes apenas 12 Km, representam a complexa interação indissociável entre poder civil e religioso que caracterizou a sociedade colonial, além de terem sido palco de intensa produção arquitetônica, resultando na criação de uma série de marcantes edifícios civis e religiosos, como cita (Barreto, 1947): “No Brasil, a sede de administração e da justiça foi a Casa de Câmara e Cadeia que, com as igrejas, figuram no primeiro plano do quadro das nossas vilas e cidades, nos primeiros quatrocentos anos de vida do país.” (p. 23)

A escolha de Mariana e Ouro Preto reflete a importância dessas cidades para a história, cultura e imaginário dos mineiros¹. Já a escolhas dos edifícios deu-se primeiramente devido ao caráter de cada cidade, uma capital política e outra religiosa, e posteriormente aos edifícios classificados como patrimônio, com características arquitetônicas notavelmente distintas dos edifícios construídos em períodos próximos, principalmente das Igrejas de São Francisco de Assis, Igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e Casas de Câmara e Cadeia.

O estudo dessas semelhanças e diferenças arquitetônicas entre edifícios de Ouro Preto e Mariana é de grande importância para a compreensão da arquitetura colonial brasileira, e para a preservação e valorização do patrimônio arquitetônico dessas cidades, destacando sua importância no cenário histórico e arquitetônico do Brasil. A análise dessas construções permitirá uma compreensão mais profunda das dinâmicas culturais, políticas e religiosas que moldaram a região das Minas Gerais durante o ocaso do Ciclo do Ouro.

1.2. Questões e objetivos

Esta dissertação centra-se no quanto a proximidade geográfica entre Ouro Preto e Mariana influenciou a arquitetura pública em diferentes tipologias, construída na segunda metade do século XVIII nas duas cidades. A partir disto, surgem indagações secundárias quanto as semelhanças e diferenças dos casos de estudo no que diz respeito ao desenho, materialidade e sistemas construtivos.

Os objetivos desta investigação são entender quais as semelhanças e diferenças entre os casos de estudo, dado o caráter de cada construção, proximidade geográfica e relevância histórico-arquitetônica entre Ouro Preto e Mariana.

1.3. Relevância da investigação

Através da pesquisa bibliográfica, cartográfica e recolha de informações in situ, percebe-se que apesar das cidades de Ouro Preto e Mariana estarem a cerca de 12 Km de distância, estas possuem edifícios civis e religiosos (da mesma ordem religiosa), construídos em datas próximas, com diferentes características arquitetônicas. Assim, esta investigação definirá quais as influências que a proximidade geográfica e relevância histórico-arquitetônica possuem em alguns dos exemplos do patrimônio construído em cada cidade, contribuindo para a investigação e interpretação de tais objetos arquitetônicos, servindo como registro para o futuro e possível fonte bibliográfica, além de contribuir com a difusão da qualidade e riqueza da Arquitetura Colonial brasileira.

¹ Nome dado aos habitantes do estado de Minas Gerais, no Brasil.

1.4. Metodologia

Para esta investigação foi feita uma pesquisa bibliográfica inicial, do geral para o particular, com o intuito de identificar e selecionar quais os edifícios, tombados como patrimônio pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que seriam trabalhados. A partir disso, foram feitas visitas de estudo, em agosto de 2022, janeiro de 2023 e agosto de 2023, levantamento fotográfico e recolha in situ de informações, inventários e desenhos técnicos, em arquivos, nas Prefeituras de Ouro Preto e Mariana, assim como Gabinete do IPHAN em Ouro Preto e Mariana (com os quais se mantém contato periódico) e nos próprios edifícios alvos desta investigação. Somado a isto foram feitas visitas aos canteiros de obra² da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana e da Igreja de São Francisco de Assis de Mariana, autorizadas e guiadas pelos arquitetos Adriano Furini e Gustavo Broglio do atelier A3 Restauros, e conservador e restaurador Silvio Oliveira, respectivamente. Por fim, foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre as análises da herança histórico-arquitetônica dos casos de estudo, e comparação entre estes, feita a partir do desenvolvimento de desenhos, tabelas comparativas e fichas tipo, elaboradas pela autora, que serão colocadas em apêndice e irão incorporar a dissertação.

1.5. Estrutura da dissertação

Considerando as questões, objetivos e metodologia apresentados anteriormente, esta dissertação é dividida em 6 capítulos e dois apêndices. O primeiro capítulo é a introdução, e possui os tópicos importantes para entendimento do assunto desenvolvido, sendo eles a apresentação e justificativa do tema, questões e objetivos, relevância da investigação, metodologia, estrutura da dissertação e estado da arte.

O segundo capítulo está dividido em quatro subcapítulos, sendo eles o enquadramento geral da cidade de Mariana, seguido dos subcapítulos referentes a contextualização e análise arquitetônica dos objetos arquitetônicos, a Casa de Câmara e Cadeia, Igreja de São Francisco de Assis e Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, respectivamente.

O terceiro capítulo está organizado da mesma forma que o anterior, mas discorre sobre a cidade Ouro Preto e os edifícios lá localizados.

O quarto capítulo apresenta alguns dos sistemas construtivos utilizados nos objetos de estudo, relativos às paredes exteriores e interiores, tipos de vãos e seus acabamentos. Por fim, é feita uma tabela com a inventariação dos vãos dos frontispícios.

O quinto capítulo expõe os resultados e a comparação feita entre os casos de estudo, relativa à interpretação das plantas e comparação das fachas, realizada a partir dos desenhos técnicos obtidos, fotografias e inventariação dos vãos feita pela autora. Por fim, sexto capítulo apresenta a conclusão desta dissertação.

² Estaleiros de obra em Portugal.

O apêndice A possui o índice dos elementos gráficos utilizados na dissertação e no apêndice B, que não são de autoria da autora. O apêndice B possui as fichas tipo dos seis casos de estudos analisados nesta dissertação.

1.6. Estado da Arte

Este Estado da Arte centra-se nas obras utilizadas para elaboração desta pesquisa, para isso, foram feitos grupos com os principais temas abordados nesta pesquisa, dividindo os autores por temática. O primeiro tema é acerca da contextualização histórica, o segundo sobre a arquitetura civil, centrada nas Casas de Câmara e Cadeia, o terceiro sobre a arquitetura religiosa, subdivida na produção religiosa geral e nas ocorridas nas cidades de Ouro Preto e Mariana, por fim, o último tema abrange os sistemas construtivos utilizados nos casos de estudo.

1.6.1. Contextualização histórica

Todos os autores abaixo discorrem acerca de fatos históricos, alguns focados na história geral do estado, enquanto outros centram-se na história das cidades estudadas. A primeira obra é um livro de (Bandeira, 1975) e configura um guia que fornece informações sobre a cidade de Ouro Preto, destacando sua rica herança cultural, arquitetônica e histórica. Já a segunda obra de (Fonseca, 1998), é um capítulo do livro “Termo de Mariana”, que possui trabalhos de diferentes autores acerca do estado de Minas Gerais e da cidade de Mariana, subdivididos em três partes, a primeira é sob o ponto de vista histórico, e é neste que a obra de (Fonseca, 1998) se insere, com o estudo da morfologia urbana e análise da evolução de Mariana.

A terceira obra trata-se do (HPIP - Patrimônio de Influência Portuguesa, s.d.), um site que surgiu como evolução do projeto de direção de José Mattoso, desenvolvido pela Fundação Calouste Gulbenkian entre 2007 e 2012, chamado de “Patrimônio de Origem Portuguesa no Mundo: arquitetura e urbanismo”, que reúne neste acervo virtual, o enquadramento histórico e a síntese arquitetônica de diversas cidades e edifícios na Ásia e Oceania, no Norte de África, no Golfo Pérsico e Mar Vermelho, na África Subsaariana e na América do Sul, como é o caso de Mariana. A quarta obra, corresponde ao livro de in (Mendes, Veríssimo, & Bittar, 2011), que desenvolve inicialmente o contexto histórico do século XVI até o século XIX, em seguida discorre sobre como eram os núcleos urbanos, sistemas construtivos, obras públicas e arquitetura civil e religiosa no Brasil Colonial.

A quinta obra é a dissertação de mestrado de (Salgado, 2010), que estuda a evolução da paisagem urbana do centro histórico de Ouro Preto, assim, a autora desenvolve a pesquisa inicialmente a partir de uma vertente histórica, seguida da análise da evolução urbana e da caracterização da paisagem urbana. A última obra é o livro de (Vasconcellos, 1904), que narra os acontecimentos da primeira parte da história de Minas Gerais, com momentos e figuras históricas importantes para o Estado, a partir da reunião de “memórias”, como cita o autor, possivelmente encontradas em cartas e livros.

Bandeira, M. (1975). Guia de Ouro Preto. Rio de Janeiro: Ediouro.³

Fonseca, C. D. (1998). O Espaço Urbano de Mariana: Sua formação e suas representações. Em ICHS/UFOP, Termo de Mariana (pp. 27 - 66). Ouro Preto: UFOP.

HPIP - Patrimônio de Influência Portuguesa. (s.d.). Mariana. Acesso em 11 de 08 de 2023, disponível em HPIP - Patrimônio de Influência Portuguesa: <https://hPIP.org/pt/contents/place/174>

Mendes, C., Veríssimo, C., & Bittar, W. (2011). Arquitetura no Brasil: De Cabral a Dom João VI. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio.

Salgado, M. (2010). Ouro Preto: Paisagem em transformação (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais). Disponível em <http://hdl.handle.net/1843/MMMD-8QCLUV>

Vasconcellos, D. L. (1904). História antiga das Minas Gerais. Belo Horizonte: Imprensa Oficial.

1.6.2. Arquitetura civil – Casas de Câmara e Cadeia

A primeira obra, corresponde a uma dissertação de (Barreto, 1947), publicada na Revista 11 do IPHAN, na qual o autor apresenta uma análise detalhada das Casas de Câmara e Cadeia do Brasil. Seu trabalho apresenta uma visão aprofundada sobre os edifícios em treze capítulos, como os antecedentes deste tipo de construção, explicação sobre a organização dos municípios no Brasil Colônia, inventário das Casas de Câmara e Cadeia, análise dos termos de arrematação, programa das Casas de Câmara e Cadeia, técnicas construtivas adotadas nas construções e mais.

O livro de (Trindade, 1958) apresenta uma investigação abrangente sobre o edifício que abriga o atual Museu da Inconfidência, explorando sua relevância arquitetônica, histórica e cultural. O autor discorre sobre as etapas de sua construção, as obras complementares, as fases e propriedades do edifício, finalizando com a descrição de algumas as ocorrências ali ocorridas.

Barreto, P. T. (1947). Casas de Câmara e Cadeia. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional(11), pp. 9 - 195.

Trindade, C. R. (1958). A Sede do Museu da Inconfidência em Ouro Preto. São Paulo: Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda.

³ Esta obra aborda também a descrição arquitetônica dos casos de estudo situados em Ouro Preto. Assim, encaixa-se no tópico “1.6.3. Arquitetura religiosa” deste Estado da Arte.

1.6.3. Arquitetura religiosa

A primeira obra abaixo é o volume I do livro de (Bazin, 1956), um estudo autodenominado como histórico e morfológico do Barroco, que contempla as condições históricas, sociais e técnicas, a origem e expansão da arquitetura religiosa no Brasil, e o trabalho em talha. A segunda obra, de (Oliveira & Campos, 2010b) apresenta a inventariação das igrejas e capelas de Ouro Preto e Mariana, com imagens gerais e de pormenores, contextualização histórica e análise da arquitetura e arte presentes em cada edifício.

Bazin, G. (1956). *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil (Vol. I)*. Rio de Janeiro: Editora Record.

Oliveira, M. A., & Campos, A. A. (2010b). *Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana (Vol. 2)*. Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta.

1.6.3.1. Arquitetura religiosa em Mariana

A primeira obra, de (Lage, 2018) é uma tese de doutoramento que estuda as contribuições e trajetória de José Pereira Arouca por diversas cidades de Minas Gerais, a autora inicia por contar a história de Arouca e finaliza com suas obras mais significativas em Mariana. A obra de (Salvador, 2015) apresenta o estudo da Igreja de São Francisco de Assis de Mariana a partir de fontes primárias, contemplando a história, arquitetura, ornamentação e aspectos franciscanos do templo. Por fim, a obra (Pinheiro, 2006) aborda os Confrades do Rosário em Mariana, com viés majoritariamente histórico, apesar de discorrer sobre os templos religiosos que abrigaram a irmandade.

Lage, M. M. L. (2018). *José Pereira Arouca, um construtor na Mariana setecentista: Entre arrematações, “monopólios” e redes de sociabilidades (1753 – 1800)* (Tese de doutoramento, Universidade Federal de Minas Gerais). Disponível em <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B9CDSZ>

Salvador, N. C. (2015). *Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana: A construção de sua capela, os irmãos terceiros e as representações iconográficas* (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas). Disponível em <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1625474>

Pinheiro, F. A. D. (2006). *Confrades do Rosário: Sociabilidade e Identidade étnica em Mariana – Minas Gerais (1745-1820)* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense). Disponível em <http://app.uff.br/riuff/handle/1/24735>

1.6.3.2. Arquitetura religiosa em Ouro Preto

A primeira e terceira obras, de (Carmo, Queiroz, & Santo, 2012) e (Queiroz & Santo, 2012), correspondem aos Inventários de Proteção do Acervo Cultural das Igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e de São Francisco de Assis, respectivamente. Estes foram elaborados pela Prefeitura de Ouro Preto e são compostos pela análise do entorno, levantamento fotográfico, histórico e descrição do edifício, informações técnicas como a proteção legal existente, e por fim, a cronologia das intervenções realizadas.

A dissertação de mestrado de (Junqueira, 2006) estuda a Igreja de São Francisco de Assis a partir de fontes documentais. A dissertação é dividida em três capítulos, com uma análise histórica e arquitetônica do edifício, apresentação de algumas das fontes documentais consultadas e a apresentação das fontes bibliográficas relevantes para o estudo, respectivamente. Por fim, a autora apresenta em anexo todas as fontes documentais consultadas, divididas entre documentos manuscritos, datilografados, gráficos e fotográficos.

A última obra, livro de (Santos P. F., 1951) é um estudo de Ouro Preto subdividido em duas partes: a histórica e a da arquitetura, na primeira o autor contextualiza historicamente a cidade desde a sua fundação. Na segunda, discorre sobre alguns edifícios religiosos da cidade com o apoio de desenhos técnicos (plantas, cortes e alçados) e de informações sobre as técnicas construtivas utilizadas.

Carmo, B. H., Queiroz, D., & Santo, M. A. (2012). Inventário de Proteção do Acervo Cultural - Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Ouro Preto: Prefeitura de Ouro Preto.

Junqueira, V. A. T. P. (2006). Capela da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Ouro Preto: um guia comentado (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas). Disponível em <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1602758>

Queiroz, D., & Santo, M. A. (2012). Inventário de Proteção do Acervo Cultural - Igreja de São Francisco de Assis. Ouro Preto: Prefeitura de Ouro Preto.

Santos, P. F. (1951). A arquitetura religiosa em Ouro Preto I. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos.⁴

1.6.4. Sistemas construtivos

A primeira obra consiste em um glossário de (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979) que abrange diversos termos relacionados à arquitetura e ornamentação barroca encontrados em Minas

⁴ O autor introduz sua obra com uma contextualização histórica de Ouro Preto, além de discorrer sobre sistemas construtivos. Desse modo, a obra encaixa-se nos grupos “1.6.1 Contextualização histórica” e “1.6.4. Sistemas construtivos”, mas foi colocada nesta temática por ser o tema principal da obra.

Gerais. O livro apresenta descrições detalhadas e desenhos dos elementos arquitetônicos e decorativos que caracterizam o estilo barroco na região.

O livro de (Vasconcellos S. d., 1979) consiste na análise dos sistemas construtivos utilizados na arquitetura brasileira, indo desde a estrutura até a pintura. O autor explora as técnicas de construção e os materiais empregados nas construções do país ao longo da história, com recurso à ilustração.

Ávila, A., Gontijo, J. M., & Machado, R. G. (1979). BARROCO MINEIRO GLOSSÁRIO DE ARQUITETURA E ORNAMENTAÇÃO. Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro e Fundação Roberto Marinho.

Vasconcellos, S. d. (1979). Arquitetura no Brasil: Sistemas Construtivos. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

2. Mariana

2.1. Enquadramento geral de Mariana

O presente subcapítulo consiste no enquadramento histórico e geográfico de Mariana, cidade localizada no estado de Minas Gerais (Figura 2), Brasil, local em que se localizam três dos casos de estudo desta dissertação. Durante o Brasil-Colônia, a busca por riquezas no território brasileiro ocorreu em diversos níveis, no litoral o êxito veio com a exploração do pau-Brasil e da cana-de-açúcar, enquanto no interior aconteciam expedições desde 1550 para desbravar o território. As expedições saídas de São Paulo eram conhecidas por Bandeiras (inicialmente feita para a captura de índios), e seus integrantes eram conhecidos como bandeirantes. A Bandeira organizada por Fernão Dias em 1674 foi a responsável por descobrir as Minas Gerais. (Salgado, 2010, pp. 44 - 46)

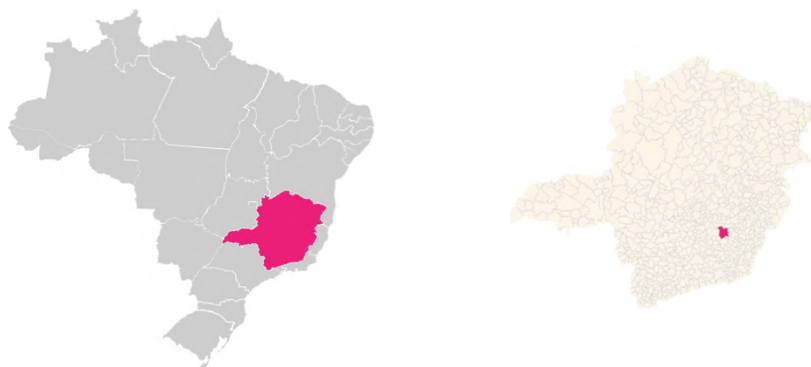


Figura 2. Localização do estado de Minas Gerais, e da cidade de Mariana. Adaptado de (IBGE, s.d.a)

Em 1696, partiu de Itaverava a Bandeira de Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça e de Miguel Garcia da Cunha, em dado momento, no dia da “Festa da Vigem” em 16 de julho de 1696, encontraram um ribeirão rico em ouro que foi batizado de Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo. O lugar, que foi tomado pelas primeiras cabanas de trabalhadores, recebeu o nome de Mata Cavalos, onde posteriormente foi construída uma capela para Nossa Senhora do Carmo, mostrando o importante papel da religião e da Igreja na sociedade da época. Assim, ali nascia o arraial de Nossa Senhora do Carmo. (Vasconcellos D. L., 1904, pp. 100, 101)

A descoberta do Ribeirão Carmo foi essencial e o fator impulsionante, para a descoberta de outros territórios em Minas Gerais, como cita (Vasconcellos D. L., 1904):

O arraial do Carmo, o maior foco de riquezas descobertas, centro de onde se irradiou a definitiva conquista do território, devendo ao Coronel Furtado o lume, que o resgatou

autônoma de Minas Gerais e apesar da intenção primária do monarca, a sede da Coroa foi fixada em Vila Rica como meio para combater as rebeliões ocorridas, que serão explicadas de forma detalhada no capítulo posterior). Foi na metade do século XVIII que a mineração atingiu seu ápice, como discorre (Fonseca, 1998) “(...) se a produção aurífera aumentou até essa época, foi muito mais em função de uma maior exploração do trabalho escravo do que dos poucos progressos alcançados com relação às técnicas de extração (...)” (p. 39).

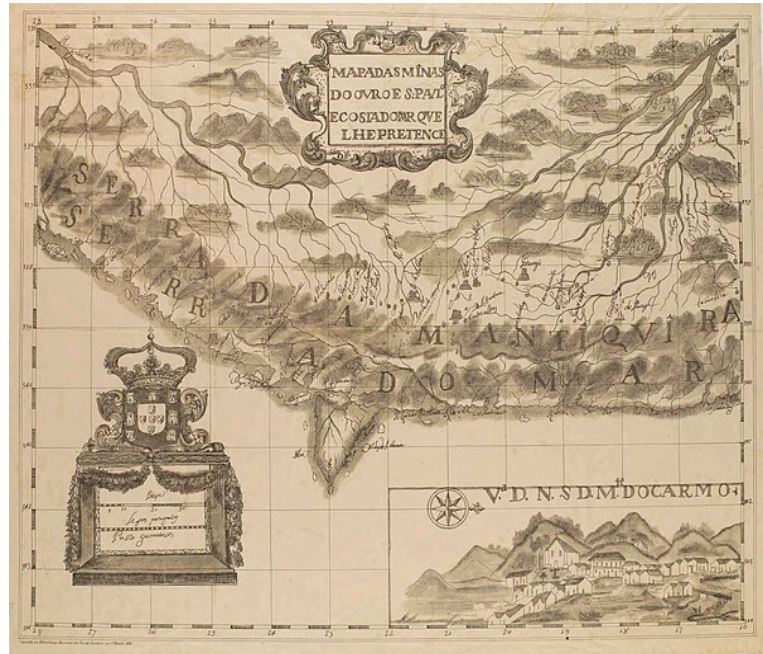


Figura 4. Mapa das Minas do Ouro em São Paulo e costas do mar que lhe pertence, com destaque para a ilustração de Vila do Carmo no canto inferior direito. Reprodução de autoria de Basto F., 1919, retirado de (Museu do Ipiranga USP, s.d.)

Como consequência disto, a paisagem natural foi muito modificada, acarretando catástrofes ambientais sentidas nos núcleos urbanos que se encontravam muito próximos as áreas exploradas, como foi o caso de Vila do Carmo. Durante as décadas de 30 e 40, Vila do Carmo sofreu com as inundações do Ribeirão do Carmo, que invadiu as ruas e casas, destruiu parte da Vila e deixou os moradores em situação de risco. (Fonseca, 1998, p. 40)

O bispado almejado pelo Rei foi criado somente em 1745, ano em que Vila do Carmo foi elevada à “Cidade de Mariana”, em homenagem à sua esposa D. Maria Anna D’Áustria. Segundo (ROCHA, 2015, p.09- 10), os motivos para escolha de Mariana como sede do bispado foram os seguintes (as cited in Lage, 2018):

A primeira é de natureza cronológica, pois a vila de Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo é a mais antiga povoação da região mineradora e aqui foi erguida a primeira capela. A segunda razão é de ordem política, talvez a mais determinante, pois evoca a

sedção da Vila Rica, em 1720, contra o Conde de Assumar, governador da Capitania de Minas Gerais. Os Moradores de Ribeirão do Carmo ofereceram apoio ao governador. A fidelidade para com a Coroa Portuguesa pode ter sido recompensada com o Trono Episcopal. A terceira razão é de ordem geográfica, pois a vila de Ribeirão do Carmo fica no meio, no coração do território da nova diocese. (p.35)

Por abrigar a sede do bispado, Mariana necessitou da criação de um plano urbanístico para mudar a configuração urbana da cidade (Figura 5). O responsável pelo projeto do novo traçado urbano foi o engenheiro militar José Fernandes Pinto de Alpoim, que fez a planta de acordo com as especificações do Rei e do bispo, como cita (Vasconcellos D. L., 1904) “O Bispado pois, se decretou para Marianna, em cujo local o Rei para esse fim mandou que se levantasse uma planta com ruas em linhas rectas, em quadro, devendo ter no centro uma grande praça.” (p. 399). Diferente de Ouro Preto, cidade com os restantes casos de estudo desta dissertação, Mariana era pouco acidentada, o que permitiu a execução do plano urbanístico. Foi neste contexto histórico que as construções da Casa de Câmara e Cadeia, Igreja de São Francisco de Assis e Igreja do Rosário dos Pretos tiveram início (ver em apêndice B F1, F2 e F3). (Lage, 2018, pp. 35, 36)

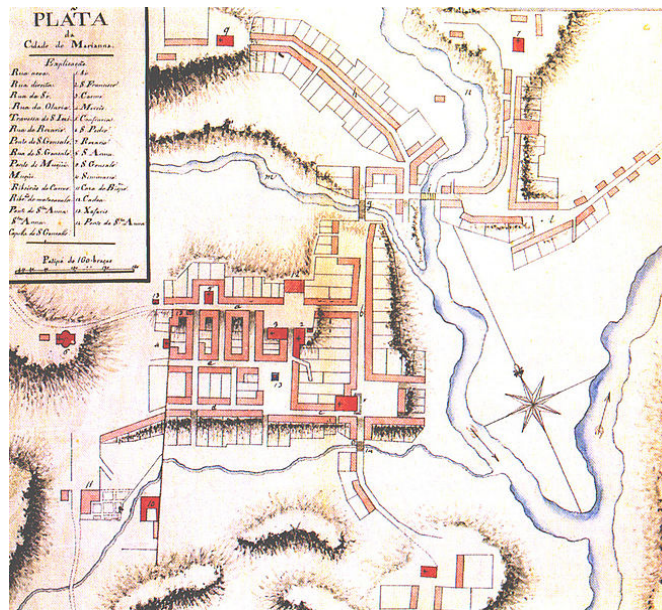


Figura 5. Plânta da cidade de Mariana em meados do século XVIII. Do Arquivo Histórico do Exército, retirado de (Multi Rio, s.d.b)

A lacuna de informações históricas sobre Mariana no século XIX permite supor que como a mineração perdeu força e deixou de ser a atividade econômica principal, a cidade, como consequência perdeu parte de sua influência e importância econômica. Em 1945, recebeu o título de Monumento Nacional pelo presidente da época, Getúlio Vargas, que apesar disso, limitou a área protegida, excluindo parte da cidade que também possui edifícios relevantes. (HPIP - Patrimônio de Influência Portuguesa, s.d.)

2.2. Casa de Câmara e Cadeia

Este subcapítulo discorre sobre a Casa de Câmara e Cadeia de Mariana (ver F1 em apêndice B), apresentando a história do edifício e sua descrição arquitetônica. A construção situa-se na Praça Minas Gerais (Figura 6) da cidade de Mariana, em frente ao Pelourinho e a Igreja de São Francisco de Assis, que será um dos objetos de estudo desta dissertação, e ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Carmo. A necessidade da existência de uma Casa de Câmara deu-se a partir de 1711, com a elevação de arraial do Carmo a Vila, entretanto, a construção do edifício definitivo para abrigar a sede do poder público só ocorreu em 1782. Durante este período, a Casa de Câmara funcionou provisoriamente em diversas localidades. Parte dos problemas enfrentados pela Vila do Carmo durante estes 71 anos, como dificuldade financeira e devastadoras enchentes, conforme citado no subcapítulo anterior, foram responsáveis pela demora na construção. (Lage, 2018, pp. 208, 209)

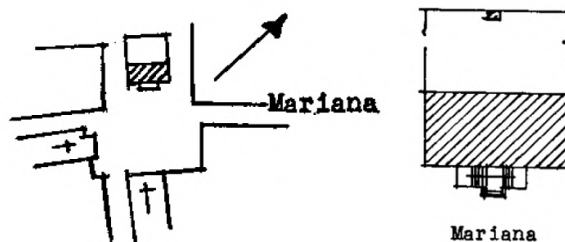


Figura 6. Implantação da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana. (Barreto, 1947, pp. 165, 166)

Em 1762 o risco da Casa de Câmara e Cadeia foi encomendado a José Pereira dos Santos. A planta deveria seguir a forma majoritariamente retangular e o programa previamente estabelecido pela Coroa Portuguesa para as colônias. Este consistia em cadeias no piso térreo, com enxovias⁵ separadas para mulheres, homens, negros e pessoas privilegiadas socialmente, e o andar superior era destinado à Câmara com salas de audiência. O risco feito por Santos para Casa de Câmara e Cadeia de Mariana seguiu o modelo arquitetônico utilizado na Europa e proposto pela Coroa Portuguesa nas colônias, com isso, surgiu o questionamento de como esse conhecimento chegou até o artífice. (Lage, 2018, pp. 209 – 211, 216)

De acordo com (Lage, 2018, p. 216) “(...) infere-se, que o risco da Casa de Câmara e Cadeia da cidade de Mariana pode ter sido definido por uma comissão, da qual participaram os “homens bons” de Mariana e o arquiteto José Pereira dos Santos.” Em sua pesquisa, a autora cita uma carta enviada em 1782 pelo Senado da Câmara para o governador D. Rodrigo José de Menezes, com solicitações de Dom João acerca a localização da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana, que demonstram a interferência da Coroa na construção, tornando esta hipótese possível, conforme Cópia da Carta Régia (as cited in Lage, 2018):

⁵ “(...) prisões colocadas no andar térreo (...)” (Barreto, 1947, p. 78)

Dom João por graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves daquém e dalém mar, em África, senhor de Guiné e faço saber a vós Gomes Freyre de Andrada, Governador e Capitam General da Capitania do Rio de Janeiro, com o Governo de Minas Gerais, que se vio o que respondestes em carta de trinta de setembro do anno passado, a ordem que vos foi para informardes sobre a representação que me fizerão os officiais da câmara da cidade de Mariana, acerca da necessidade e falta que havia de cadea naquella cidade, em razão de pouca segurança, que tem presentemente há nella, e visto o que nesta matéria responderão os Provedores da minha fazenda, e coroa, me pareceo dizer-vos que os officiais da mesma câmara que a cadea se deve formar no sitio dos novos pastos, e a obra se deve rematar com assistência do Ouvidor, a aprovação do Governador, fazendo-se de pedra e cal e destinando-se a cadeya da Vila do Carmo. (p.218)

O programa das Casas de Câmara e Cadeia, de acordo com a pesquisa de (Barreto, 1947) deveria conter:

A) Elementos de distribuição: Casa de câmara; Casa de audiência, Açougue, Pórticos; O Sino do povo; Sineiras; Trapeiras; Tôrres; Relógio Público. A cadeira era um dos esteios do regime. Coimas e prisões. Prisões e enxovias; Sala-livre; Sala-fechada; Aljube; Segrêdo; Oratótio; Passos e Capelas; Casas do Carcereiro; Corpo da guarda; “Hospital”. No Império, algumas Casas de Câmara e Cadeia sofreram reformas, segundo a orientação da época. B) Circulações horizontais e verticais: salas de entrada; corredores; pátios; terreiros; escadas fixas e móveis. Praça. Rua da Cadeia. (p. 68)

A arrematação da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana foi de José Pereira Arouca em vinte de outubro de 1782. Arouca executou o projeto tal como o risco de Santos, exceto por pequenas modificações que serão explicadas a frente. O risco original (Figuras 7, 8 e 9) previa um edifício de planta retangular de dois pisos, sendo o inferior destinado à Cadeia e o superior à Câmara. O volume do edificado acompanharia a forma da planta, o telhado seria de quatro águas com uma trapeira⁶ que abrigaria o sino-do-povo e o relógio. Nestes pontos, o risco original foi seguido. (Lage, 2018, p. 216)

⁶ “1. SÓTÃO, TRAPEIRA ou MANSARDA. 2. Abertura na cobertura. 3. Cômudo entre o TELHADO e o FORRO, dotado de janelas sobre o telhado.” (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, p. 18)

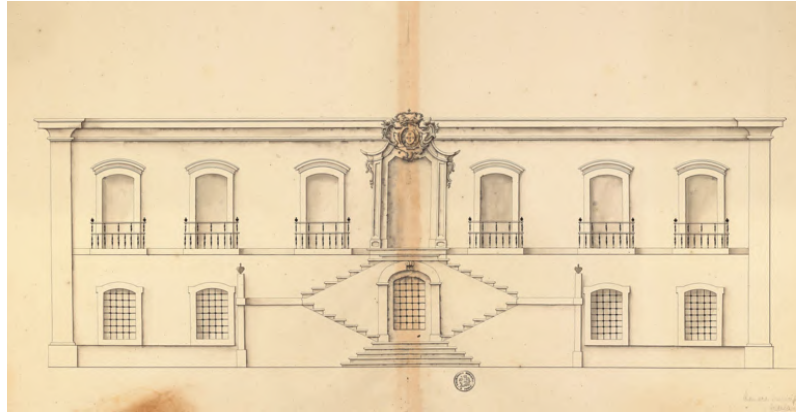


Figura 7. Risco do frontispício da Casa de Câmara e Cadeia. (Santos J. P., 1762a)

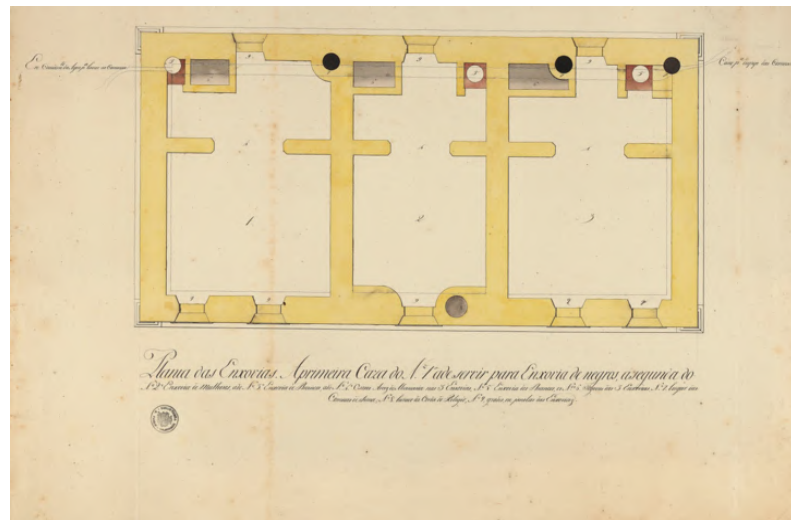


Figura 8. Risco do piso o da Casa de Câmara e Cadeia. (Santos J. P., 1762b)

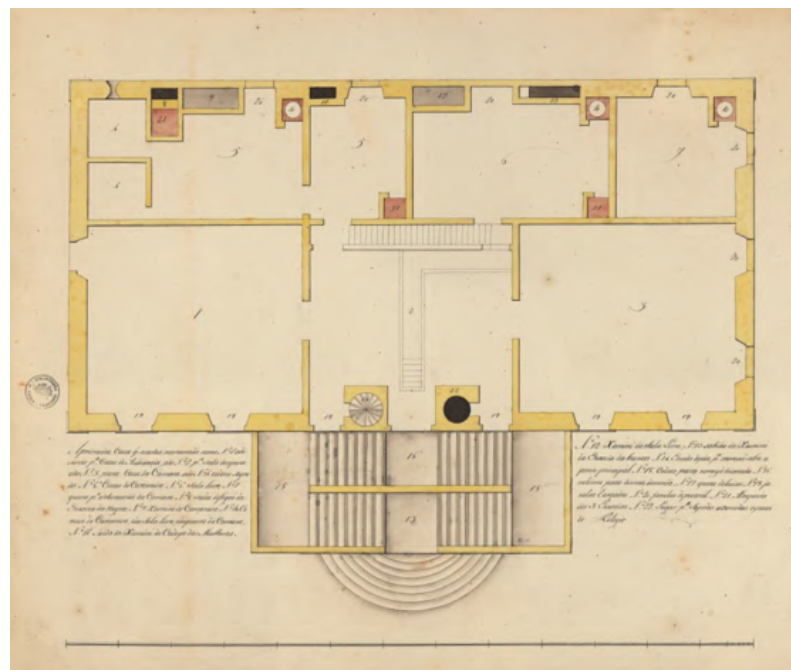


Figura 9. Risco do piso 1 da Casa de Câmara e Cadeia. (Santos J. P., 1762c)

O frontispício (Figura 10) da Casa de Câmara e Cadeia foi executado assim como o risco, exceto pela mudança na tarja que será explicada posteriormente. Este é marcado pelas linhas retas, possui cunhais em pedra de Itacolomi, sete vãos no piso superior, sendo seis porta-sacadas⁷ e uma portada almofada, encimada por um brasão e alinhada com a trapeira. No piso inferior os cinco vãos são menores, sendo todos estas janelas com grades, destinadas à cadeia. Somado a isto, tem-se uma escadaria com tribunas. (Lage, 2018, pp. 214, 215)

Os alçados laterais (Figura 10) do risco não eram simétricos, entretanto, pode-se notar a adição de duas janelas no alçado sul (lado esquerdo), com isso, as fachadas laterais tornaram-se iguais com três vãos em cada. O alçado posterior está virado para a capela (fotografias 15 e 16 do Levantamento Fotográfico (Obra) e 12 do Levantamento Fotográfico (Obra Finalizada), da F1), que servia para a realizações de missas e para dar continuidade ao exercício do “pasto espiritual”. Este possui três janelas com grades no piso térreo, sendo uma para cada enxovia, que se encontram anguladas para a capela, já no piso superior existem cinco janelas, sendo uma com grade, local onde se localizava a Sala Livre⁸. É possível notar que do lado direito deste piso não há janelas, isso porque ali era o local da Sala dos Segredos⁹ (fotografias 49 a 57 do Levantamento Fotográfico (Obra)). (Barreto, 1947, p. 80)



Figura 10. Frontispício, alçados laterais e posterior. (Autora, 2023)

⁷ “JANELA RASGADA POR INTEIRO, com GUARDA-CORPO de balaustrada entalado ou não ao plano da parede.” (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, p. 76)

⁸ “Sala-livre é designação que ainda hoje se dá à casa de prisão para gente qualificada. Sala-livre era casa para presos que tinham menagem.” (Barreto, 1947, p. 78)

⁹ “Segrêdo é uma casa “em que se metem pessoas por culpa grave por tantos dias, e lhe vão fazer perguntas, e dar tratos para obrigar a confessar a verdade”. Dar tratos, no bom sentido da expressão, significa torturar.” (Barreto, 1947, p. 79)

De acordo com o risco, o piso térreo abrigaria a Cadeia (fotografias de números 17 a 42 do Levantamento Fotográfico (Obra), e as de números 19 a 38 do Levantamento Fotográfico (Obra Finalizada) da F1), local insalubre e com pouca iluminação, que deteria três enxovias para negros, mulheres e homens, acessadas por alçapões no teto. Além disso, cada enxovia possuía um fogão, e uma comua¹⁰. No piso superior, atribuído à Câmara (fotografias de números 43 a 84 do Levantamento Fotográfico (Obra), e a de número 39 do Levantamento Fotográfico (Obra Finalizada) da F1), ficariam na parte frontal da Câmara a Sala de Audiência¹¹, Sala de Espera, Casa da Câmara¹², enquanto a Sala dos Segredos, Casa do Carcereiro, Sala Livre, Quarto para Secretária da Câmara, se localizavam na parte posterior do edifício. Existia também a escada para o torreão, lugar para acomodar os pesos do Relógio, além dos alçapões de acesso às enxovias, saídas das chaminés das enxovias e comuas na Casa do Carcereiro, na Sala Livre e no Quarto para Secretária da Câmara.

A primeira mudança no risco feita por Arouca foi na escada interna de acesso aos pesos do relógio (Figura 11). Inicialmente, a escada proposta era helicoidal, mas foi construída em forma retilínea (fotografias 71, 72 e 76 do Levantamento Fotográfico (Obra) da F1) e em outra localidade. A segunda mudança consiste na alteração na tarja da portada do frontispício feita após a morte de Arouca. No risco, tinha-se as armas da Coroa Portuguesa, entretanto, hoje tem-se as Armas do Império (na fotografia 17 do Levantamento Fotográfico (Obra Finalizada) da F1 é possível ver o corte na tarja). (Lage, 2018, pp. 219 - 222)

Outra mudança consiste em um possível engano que tem sido replicado por alguns autores e estudiosos acerca da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana e da materialidade do guarda-corpo do piso superior, como cita (Lage, 2018):

Uma das mudanças teria ocorrido nas sacadas das janelas do pavimento superior. Estas sacadas estavam previstas, de acordo com Paulo Thedim Barreto, para serem de pedra da Passagem, no entanto, hoje, as vemos com guarda corpo de ferro. Recorreu-se ao documento original para a confirmação desta informação e concluiu-se que a fonte é pouco esclarecedora. O documento não oferece detalhes a respeito do material que deveria ser usado na sacada, ele apenas especifica que ela deveria ser executada de forma a distanciar um palmo e meio do vão da janela. (p. 219)

¹⁰ “Antiga denominação do cômodo destinado à latrina ou privada.” (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, p. 33)

¹¹ “A casa de Audiência era outra sala nobre e servia para as audiências dos Ouvidores, juizes e mais julgadores”. (Barreto, 1947, p. 73)

¹² “A casa de câmara era uma sala nobre onde os oficiais se reuniam e, aí presentes em vereação tratavam “das Cousas do bem Commum” atendendo “ao bom regimen da República””. (Barreto, 1947, p. 73)

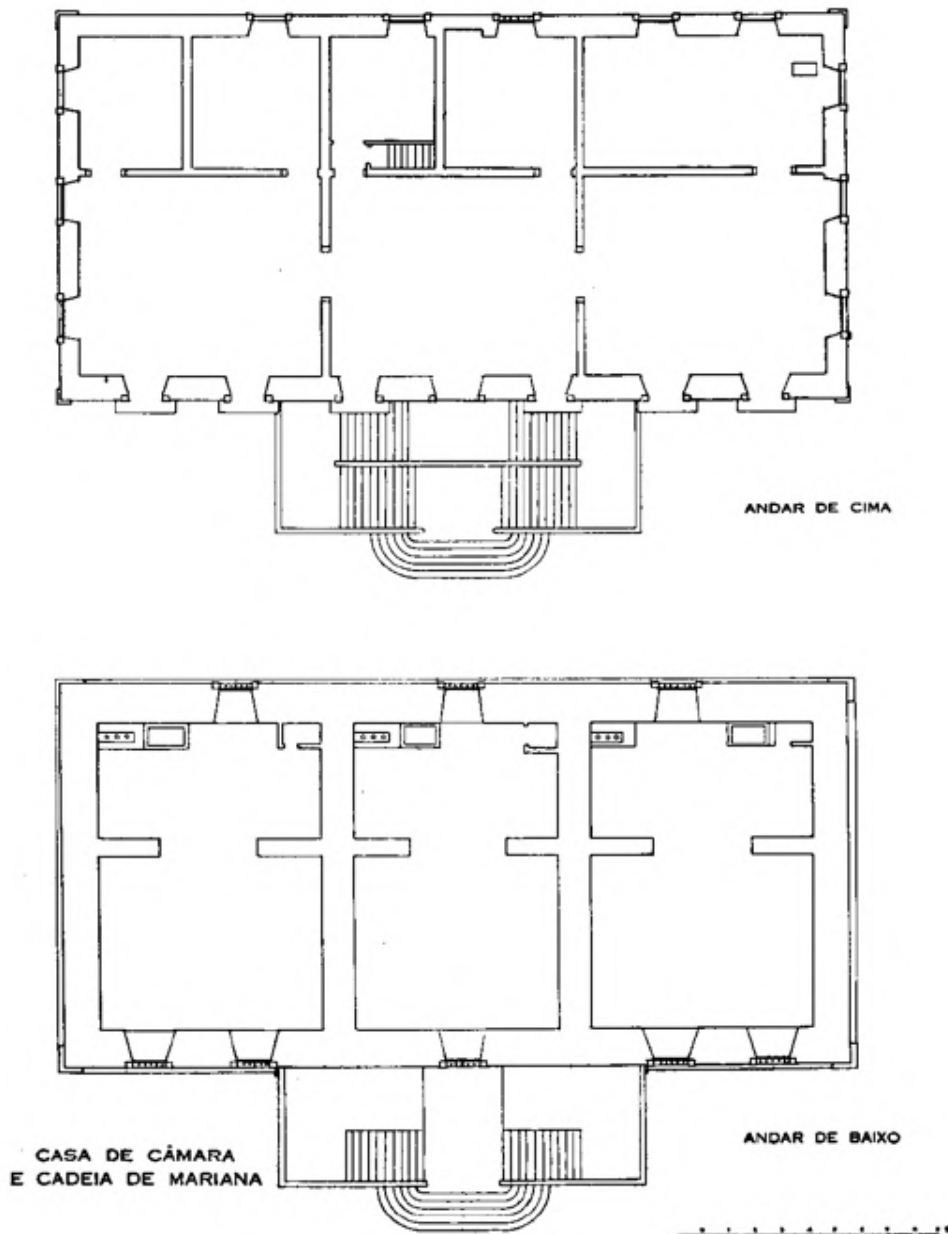


Figura 11. Planta dos pisos 0 e 1 da Casa de Câmara e Cadeia. (Barreto, 1947, p. 169)

Por fim, as últimas mudanças foram percebidas durante a visita ao edifício, condizentes com a planta feita por (Fundação João Pinheiro. Centro de Desenvolvimento Urbano, 1975) (Figura 12). No risco original não estava previsto um corredor de acesso às enxovias, entretanto, este existe atualmente, fazendo com que a enxovia do meio, destinada às mulheres, seja um pouco menor que as outras. Além disso, ao comparar a planta feita por Santos e a planta feita por Barreto, 1947) para seu estudo, é possível notar a existência de uma parede (que se encontra em locais diferentes nas duas plantas) no cômodo que abrigaria o Quarto para a Secretária da Câmara, na parte posterior direita do edifício. O existente, percebido durante a visita foi a junção dessas duas plantas, criando um outro cômodo nesse espaço.

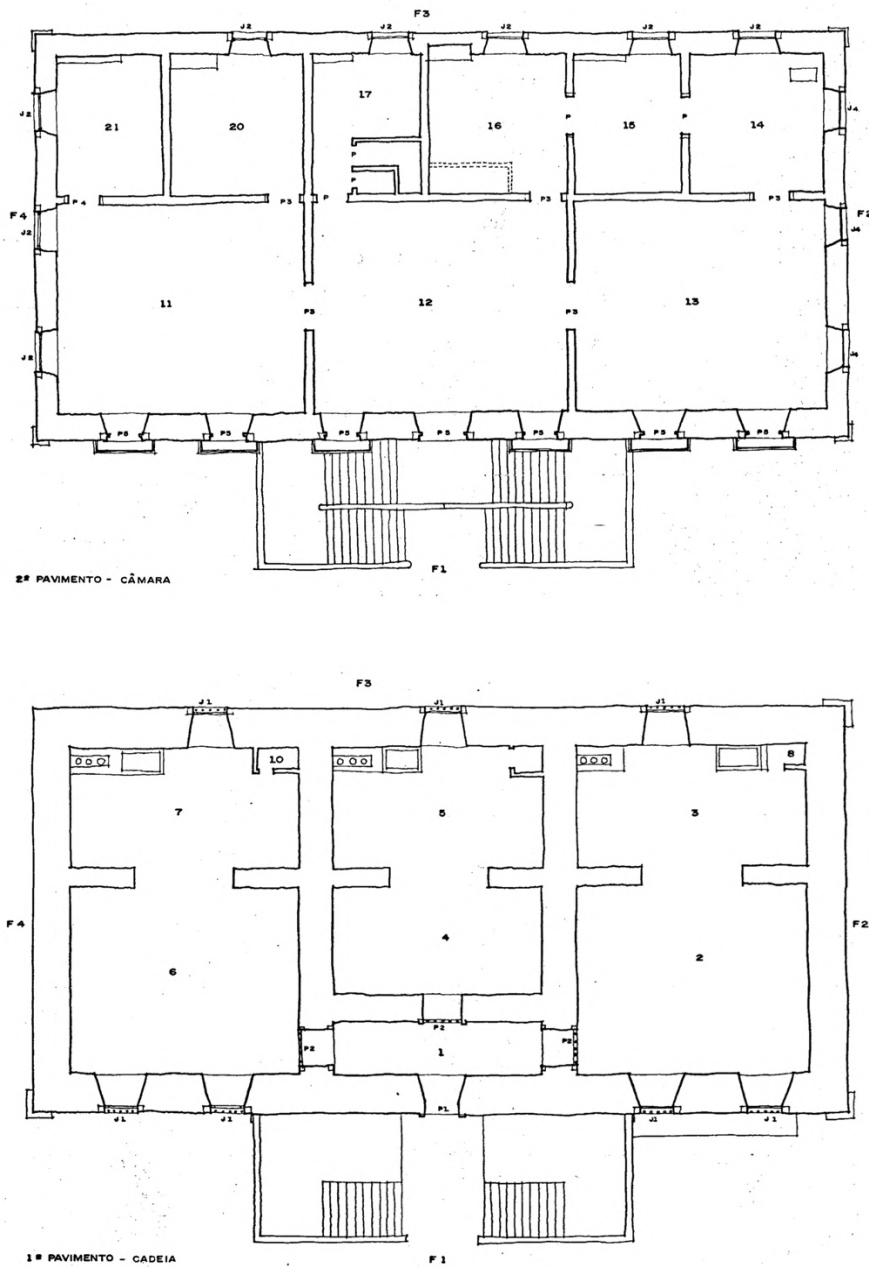


Figura 12. Outra versão da planta Casa de Câmara e Cadeia. (Fundação João Pinheiro. Centro de Desenvolvimento Urbano, 1975)

Atualmente¹³ a Casa de Câmara e Cadeia de Mariana encontra-se em processo de restauração¹⁴ por iniciativa da Secretaria Municipal de Obras de e Gestão Urbana, Prefeitura Municipal de Mariana e do IPHAN. Além disso, é o único edifício de Casa de Câmara que mantém a função de sede do poder municipal até os dias atuais, abrigando a Câmara de Vereadores de Mariana.

¹³ A reabertura da Casa de Câmara e Cadeia aconteceu em 03 de agosto de 2023, após três anos fechada para realização das obras.

¹⁴ Restauo em Portugal.

2.3. Igreja de São Francisco de Assis

O presente subcapítulo discorre sobre a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis (ver F2 em apêndice B), localizada na cidade de Mariana, na Praça Minas Gerais (Figura 13), que abriga um conjunto arquitetônico com outros dois edifícios, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo e a Casa de Câmara e Cadeia. A Ordem Terceira de São Francisco foi instituída em Mariana em 1758, após pedidos de franciscanos marianenses ao Frei Manoel do Livramento para a criação de uma sede própria na cidade, para que não precisassem se deslocar até Vila Rica (atual Ouro Preto) em dias de missas e celebrações religiosas. Assim, em 1761 o terreno para construção da nova Igreja foi adquirido, onde provisoriamente foi edificada uma capela para que as congregações pudessem ocorrer, o risco¹⁵ da nova Igreja foi encomendado em 1762, sendo escolhido o de José Pereira dos Santos. (Lage, 2018, pp. 186 - 188)



Figura 13. Vista da Praça Minas Gerais com Igreja de São Francisco de Assis a esquerda, Casa de Câmara e Cadeia a direita e Igreja de Nossa Senhora do Carmo a frente. (Autora, 2023)

Ainda no ano de 1762 deu-se o processo de arrematação da Igreja, ganho por José Pereira Arouca, que executou a partir de 1763 a construção do edifício. Em 15 de agosto de 1763, foi lançada a pedra fundamental, cerimônia para abençoar a nova construção, que reuniu franciscanos de diversas hierarquias em uma procissão carregando a pedra até onde seria assentada. Em 1777 foi entregue a primeira parte da obra para a execução da primeira louvação, e 17 anos mais tarde a parte arquitetônica e de ornamentação foi concluída, restando apenas o douramento¹⁶ da talha que foi totalmente finalizado em 1822. (Lage, 2018, p. 189; Oliveira & Campos, 2010b, p. 137)

¹⁵ “Desenho, PROSPECTO ou plano de revestimento de uma superfície, uma construção, um RETÁBULO ou alguma outra obra. Dada à dificuldade do papel de desenho na época, os riscos eram, muitas vezes, delineados nas próprias paredes das obras em construção”. (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, p. 82)

¹⁶ “Processo de revestimento em ouro, de peças ornamentais”. (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, p. 141)

A Igreja possui decoração rococó e planta retangular (Figura 14), cujo espaços foram organizados de forma tradicional e hierárquica, com ampla nave central, capela-mor com altar-mor abrigando a imagem de São Francisco, corredores laterais sacristia, consistório e noviciado, que posteriormente, em 1822, foi transformado na capela do Santíssimo Sacramento. A cobertura acompanha a divisão interna, sendo que na nave e capela-mor o telhado é de duas águas e no restante do edifício, somente uma. Somado a isto, possui beiral em cimalha. (Lage, 2018, p. 189; Salvador, 2015, p. 84)

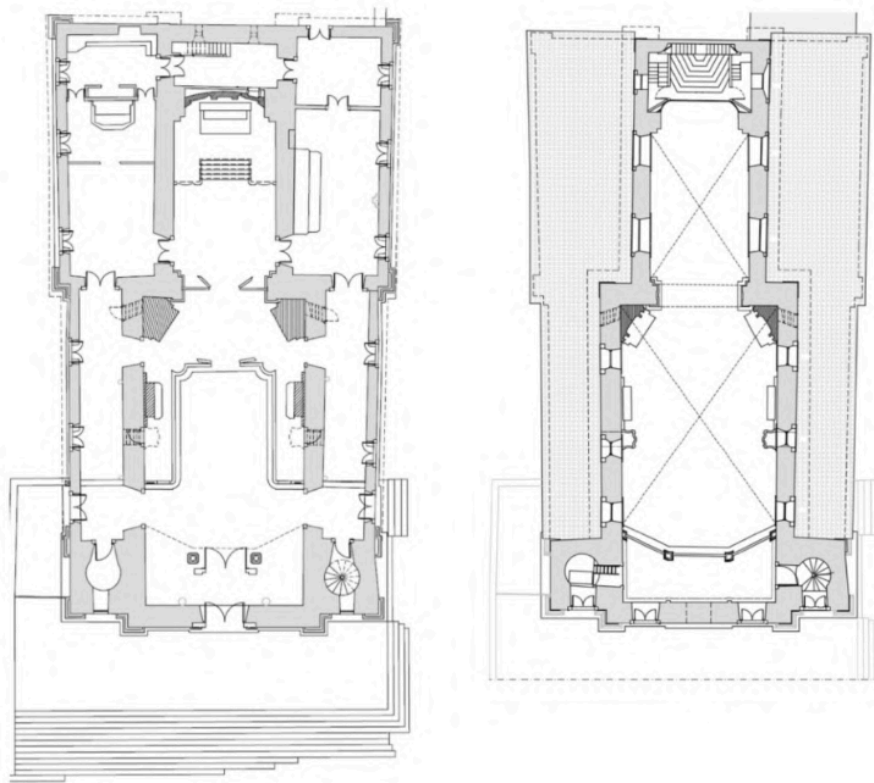


Figura 14. Plantas dos pisos 0 e 1 da Igreja de São Francisco de Assis. Adaptado de (IPHAN, 2017)

Apesar do risco ser de Santos, Arouca fez algumas modificações no projeto original, prática comum na época, seja por falta de verba, gosto pessoal, ou por aumentar ou diminuir determinado espaço. Dentre as modificações feitas, é possível citar o acréscimo de 3 palmos de largura no noviciado e na sacristia, a abertura de duas portas e outros. Além disso, inicialmente, o arco do coro foi projetado com arcada única, entretanto, Arouca o modificou para três arcadas (fotografia 16 da F2) para aguentar o peso da estrutura, já que o vão era largo. Outra mudança feita por ele foi no frontispício, assim, foi apresentado um novo risco para corrigir os erros do anterior. (Lage, 2018, p. 191, 193, 196)

A solução proposta e executada do frontispício (Figura 15) é plana e tripartida, feita em alvenaria de pedra e cantaria¹⁷, seccionada verticalmente por pilastras. Possui duas torres laterais, que se transformam em torres sineiras em forma octogonal, com vãos em arco pleno, arrematadas por frisos e cimbalha, com cobertura em forma de sino e pináculo no topo. No eixo das torres existem dois olhos-de-boi com a cruz de Malta na parte inferior, que permitem a entrada de luz no interior, e duas porta-sacadas, com balaustrada em pedra sabão. Todo o conjunto fica levemente recuado em relação ao centro, conferindo a leve ideia de movimento. (Salvador, 2015, p. 80, 81)

O corpo central do frontispício possui o frontão (liso e movimentando, característica da terceira fase das construções religiosas em Minas Gerais), contornado por cimbalhas e frisos decorativos, e acomoda a portada, encabeçada por duas janelas (porta-sacadas) e um óculo. A porta principal de acesso à Igreja possui trabalho de talha (semelhante a portada), é almofadada¹⁸ e emoldurada por ombreiras em quartzito estriadas e coroada por um medalhão. (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, pp. 21, 96; Salvador, 2015, p. 80)

Atribuído à Aleijadinho, e feito em pedra sabão, o medalhão possui inscrição em latim com informações acerca da construção da Igreja, como o dia em que foi lançada a pedra fundamental. Acima do medalhão encontra-se um escudo dividido ao meio, envolto por um cordão franciscano, uma parte ilustra sete torres e cinco escudos, símbolos da Coroa Portuguesa, enquanto a outra contém as cinco chagas de Cristo, elementos de uma passagem da vida de São Francisco. A união simbólica dessas partes do medalhão representa o vínculo entre a Ordem Franciscana e a Coroa. (Salvador, 2015, p. 80)



Figura 15. Frontispício e detalhe da portada da Igreja de São Francisco de Assis. (Autora, 2022)

¹⁷ “Obra de pedra aparelhada” (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, p. 30)

¹⁸ “Peça de madeira, em relevo, sobre a superfície de porta ou janela e encaixada como adorno”. (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, p. 125)

Os alçados laterais (Figura 16) possuem vãos simétricos. O alçado nordeste (esquerdo) tem três janelas na parte superior para iluminação da nave, e três óculos para o altar-mor, estas aberturas repetem-se na parte inferior, exceto por uma porta lateral que se encontra no lugar da primeira janela. O alçado sudoeste (direito) desenvolve-se de maneira idêntica ao nordeste, exceto pelo último óculo do altar-mor, na porção superior. Por fim, o alçado sudeste (posterior) é simples, com parede lisa e sem elementos decorativos, exceto pela cruz latina em sua parte superior. (Salvador, 2015, p. 85)



Figura 16. Alçados laterais e posterior da Igreja de São Francisco de Assis. (Autora, 2022)

Ao entrar na Igreja de São Francisco, o percurso é iniciado pelo nártex, espaço que precede a nave, e que abriga um para-vento em madeira de folhas duplas, com rico trabalho em talha e ombreiras com base em pedra, cuja funções são de criar uma barreira contra as correntes de ar, e de separar o nártex da nave central. Seu forro é dividido em três partes e em forma abobadada, e o piso superior abriga o coro. Em seguida, tem-se a nave (Figura 17) com tamanha grandiosidade e amplitude, com quatro altares laterais, dois púlpitos esculpidos em pedra sabão (equilibrados em balanço) e balaustrada que separa os corredores laterais, mais altos, do centro, que é mais baixo (fotografias 22, 23, 31, 34, 43 e 72 da F2). (Salvador, 2015, pp. 85, 87, 88)

A pintura do forro da nave da Igreja de São Francisco de Assis (fotografia 25 da F2), de autoria de Manoel da Costa Ataíde. Possui as imagens de quatro Papas e a representação de uma passagem da Bíblia, que destoa das realizadas na época, retrata uma cena do Dilúvio Universal, como cita (Oliveira & Campos, 2010b):

Nesta pintura, entretanto, em vez do céu habitual com figuras de anjos e personagens celestiais, vê-se no centro da tarja uma inusitada cena do Dilúvio Universal, com a arca de Noé ao fundo e pessoas e animais se afogando no primeiro plano. (p. 39)

A divisão entre a nave central e a capela-mor ocorre pelo arco-cruzeiro, feito em pedra de cantaria e com acabamento em pintura que faz referência ao mármore (fingido). Este mesmo acabamento é dado na cimalha que contorna a nave e o arco. A capela-mor (fotografias 69 a 71 da F2) abriga o altar-mor (fotografias 55 a 63 da F2), ou altar principal, da Igreja, e é o espaço com maior detalhe aos ornamentos. Este possui decoração em pedra sabão, trabalho em talha, e

abriga imagens de santos importantes para a Ordem Terceira de São Francisco de Assis, que durante as visitas de estudo deste objeto arquitetônico, não se encontravam expostos já que a Igreja passava por um processo de restauro. O teto da capela-mor (Figura 17) possui formato de abóboda em barrete, com uma rosácea no centro e rico trabalho em talha dourada. (Salvador, 2015, pp. 89, 90)

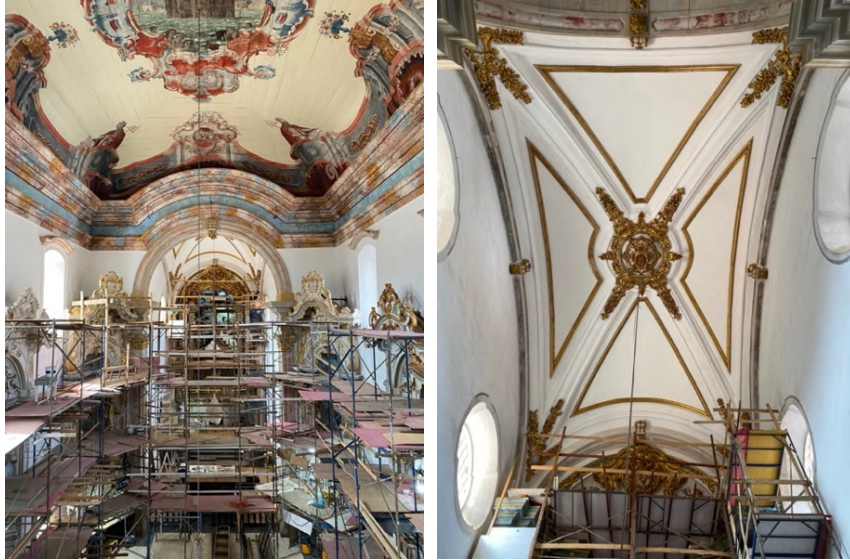


Figura 17. Vista da nave a partir do coro e teto da capela-mor. (Autora, 2022)

As portas de acesso aos corredores laterais são paralelas às portas laterais da Igreja. Tais corredores levam aos consistórios¹⁹ (localizados na parte posterior do edifício), sendo a sacristia (fotografia 66 da F2) na Epístola (lado direito de quem entra na Igreja) e a Capela do Santíssimo Sacramento (antigo noviciado), modificada em meados do século XIX (retábulo e forro possuem estilos diferentes do restante da Igreja) está no lado do Evangelho (lado esquerdo de quem entra na Igreja), (fotografias 45, 47 a 49 da F2). Os corredores laterais permitem acesso aos púlpitos, e à torre do lado da Epístola, que abriga o sino. A torre do lado do Evangelho possui no piso superior, com acesso pelo coro, um relógio. (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, p. 167; Salvador, 2015, pp. 80, 124)

A Igreja de São Francisco de Assis foi fechada pela Justiça em 2009 por apresentar riscos para a população. Ela passou por obras de restauro e recuperação da estrutura, arquitetura e ornamentos, por incentivo do Programa de Aceleração de Crescimento (PAC) das Cidades Históricas e da Prefeitura de Mariana, e foi reinaugurada no dia 28 de setembro de 2023.

¹⁹ “Sala localizada geralmente na parte posterior das igrejas, no piso superior, acima da SACRISTIA, onde se reuniam os religiosos.” (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, p. 33)

2.4. Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos

Este subcapítulo discorre sobre a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (Figura 18) (ver F3 em apêndice B), localizada no bairro do Rosário da cidade de Mariana, em Minas Gerais, será feita a análise histórico-arquitetônica do edifício. Trata-se do templo da mais popular Irmandade instituída por negros na América Portuguesa, que permitia a participação de escravizados e libertos. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos foi instituída em Mariana no começo do século XVIII, quando a cidade ainda era Vila do Carmo, e funcionava inicialmente Matriz de Nossa Senhora da Conceição, mas, com o crescimento da população da Vila, foi construída uma nova Matriz, a atual Catedral da Sé. Assim, a antiga Matriz foi entregue à Irmandade do Rosário, ficando conhecida como a antiga Capela do Rosário Velho. Pouco tempo depois, em janeiro de 1752, as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, São Benedito e Santa Efigênia, com hegemonia da primeira, reuniram-se para a construção de um templo próprio no alto do morro do Rosário (Pinheiro, 2006, p. 17)



Figura 18. Vista da Igreja de Nossa Senhora do Rosário a partir da Rua Monsenhor Horta. (Autora, 2022)

O local escolhido para construção, o morro do Rosário, recentemente ocupado, seguia as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, conforme discorre Sebastião Monteyro (as cited in Pinheiro, 2006, pp. 29, 30) “em sitio alto, e lugar decente, livre da humidade, e desviados, quanto for possível, de lugares imundos, e sórdidos, e de casas particulares, e de outras paredes, em distancia que possam andar as Procissões ao redor dellas.”. José Pereira dos Santos foi o pedreiro e autor do risco do templo religioso. Em 14 de maio de 1752 foi lançada a pedra fundamental, cerimônia precedida pelo bispo Dom Frei Manuel da Cruz e em 1755 foi encaminhada ao Rei uma petição reivindicando subsídios para finalização da obra, que ocorreu em 10 de janeiro de 1756. Nesta data, a Igreja passou pela vistoria de Manuel Francisco Lisboa e Antônio da Silva Herdeiro, que determinaram que a construção estava finalizada quanto a

planta e ao risco, mas ainda deveriam serem feitos trabalhos de arremate. (Pinheiro, 2006, p. 32)

José Pereira dos Santos faleceu em 1762, entretanto, deixou finalizada grande parte da obra arquitetônica, exceto pelas torres que foram concluídas em 1770 e estão em desproporcionais com restante do projeto, como cita (Pinheiro, 2006):

Edificadas depois de estar acabada a obra de pedra do corpo da capela, foram as torres feitas de adobe e mostrara-se sem resistência para suportar o peso dos sinos, mais tarde, suspensos em uma delas (à direita). Por tudo isso, tais construções adjacentes necessitariam de reparos. (p.35)

O trabalho de madeiramento foi entregue em 25 de março de 1764 por Sebastião Martins da Costa, e a obra em talha de Francisco Vieira Servas foi entregue 9 anos depois. Servas foi responsável pela talha do altar-mor, retábulos e tarja do arco cruzeiro. O douramento da talha e pintura do forro da capela-mor foram realizados anos depois, em 1824 por Manuel da Costa Ataíde. O último, foi especificado em contrato conforme o Anuário do Museu da Inconfidência, ano III (as cited in Oliveira & Campos, 2010b, p. 153) “o teto seria pintado com uma elegante e moderna perspectiva e finas tintas do melhor gosto e valentia, com um painel [no centro] representando a Assunção da Senhora acompanhada de serafins e anjinhos”.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos possui planta retangular (Figura 19) e decoração rococó. Os volumes exteriores espelham a organização interna: um para a nave e outro para capela-mor, sacristia e consistório, e são separados por colunas toscanas. O telhado de três águas segue a mesma organização, e é acompanhado por cimalha. O frontispício (Figura 20) é clássico, tripartido por colunas em cantaria, e apresenta a sobriedade das linhas retas, com duas torres e frontão triangular.

Na porção central do frontispício tem-se a portada central, duas janelas e um óculo central, já nas laterais tem-se janelas que iluminam o interior das torres e vãos na parte superior. Todo o conjunto arquitetônico possui esquadrias trabalhadas em cantaria de pedra. Os alçados laterais são simétricos. No primeiro da nave tem-se a porta lateral no térreo e três janelas no piso superior, enquanto no volume seguinte existem uma porta lateral e três janelas gradeadas no piso o, e quatro porta-sacadas com balaustrada em madeira. Já o alçado posterior possui duas janelas no piso térreo, alinhadas com duas porta-sacadas com balaustrada de madeira no piso superior.

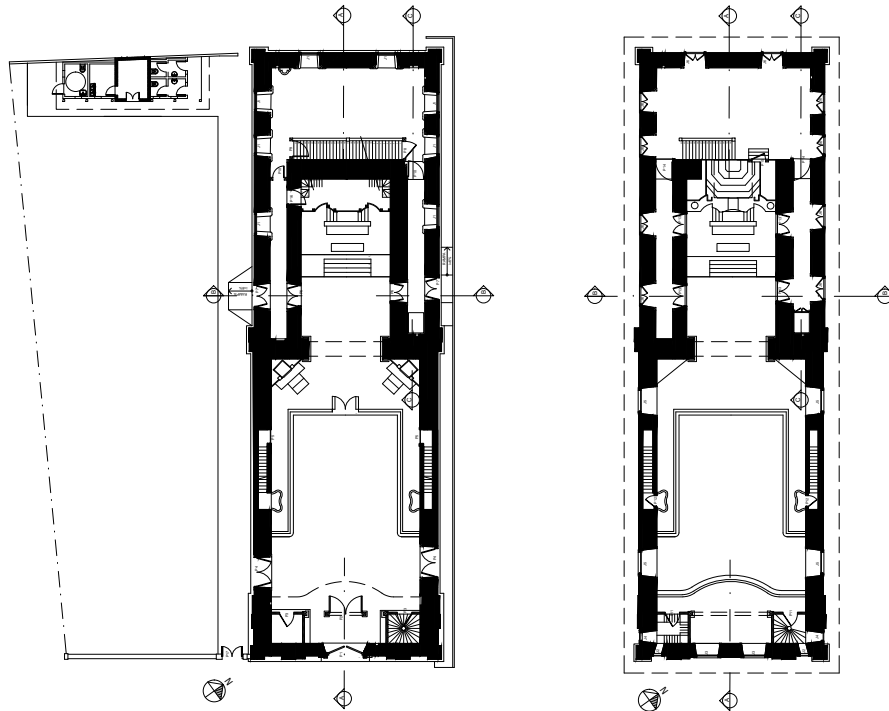


Figura 19. Plantas dos pisos 0 e 1 da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. (IPHAN, 2020)



Figura 20. Frontispício, alçados laterais e posterior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. (Autora, 2022)

O nártex, primeiro espaço visto ao adentrar a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos possui tapa-vento em madeira e o forro tabuado, pouco ornamentado (fotografias 21 a 23 da F3). Ali encontram-se as portas para o acesso à sineira e coro do lado direito e para um pequeno depósito no lado esquerdo (fotografia 26 da F3). O coro possui forma levemente orgânica, rompendo com a retilinearidade do restante do templo (fotografias 24, 25 e 47 da F3).

A nave (Figura 21), espaço seguinte, possui piso em campas, balaustrada de madeira e paredes brancas com três janelas ao alto, porta lateral e a porta de acesso aos púlpitos em cada lado (fotografias 30 a 36 da F3). Estes fazem parte da decoração interna, somados com os imponentes altares laterais com trabalho em talha douramento. O forro não possui pintura, entretanto, é delimitado por cimalha pintada, que faz a curvatura do arco-cruzeiro em pedra, contrastando com o branco e trazendo equilíbrio e elegância ao templo.



Figura 21. Vista da nave a partir do tapa-vento e teto da capela-mor. (Autora, 2022)

A capela-mor (fotografias 40, 44, 48 a 54 da F3) ponto alto da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, possui duas tribunas em cada lado, com parapeito entalado feito em balaustrada de madeira, apresenta forro pintado por Mestre Ataíde (Figura 21), como foi citado acima, trabalho em talha e douramento no altar-mor. A partir dos corredores laterais, cujo acesso é feito pela capela-mor, é possível adentrar um depósito localizado atrás do altar-mor, e a sacristia na parte posterior do edifício. Ali, encontra-se a escada para o piso de cima, que abriga o consistório e as tribunas. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos foi reaberta em fevereiro de 2022 após seis anos fechada para obras de restauro pelo Programa de Aceleração de Crescimento (PAC) das Cidades Históricas, com apoio da Prefeitura de Mariana e do IPHAN.

3. Ouro Preto

3.1. Enquadramento geral de Ouro Preto

Este subcapítulo aborda a história de Ouro Preto, cidade que se encontra no estado de Minas Gerais, região Sudeste do Brasil, um dos locais onde se inserem os casos de estudo (ver F4, F5 e F6 em apêndice B). Assim, é feita uma contextualização histórica do surgimento e da formação do estado e da cidade, com o intuito de entender qual a dinâmica local e de que forma essa teve influência nos casos de estudos que serão abordados posteriormente. É importante ressaltar que alguns dos eventos citados anteriormente se entrelaçam nesse subcapítulo porque Mariana e Ouro Preto são muito próximas e compartilham de parte da mesma história, seja devido à distância ou por serem cidades mineradoras durante o Brasil colônia.

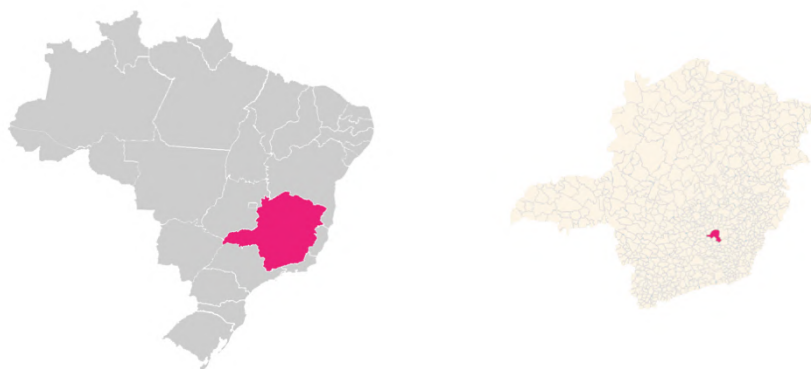


Figura 22. Localização do estado de Minas Gerais, e da cidade de Ouro Preto. Adaptado de (IBGE, s.d.b)

Vila Rica (atual Ouro Preto) foi descoberta pelo bandeirante paulista Antônio Dias de Oliveira em abril de 1698 após ele decidir fazer o caminho inverso de outros bandeirantes e entrar no Vale do Tripuí²⁰. Após Dias adentrar a serra e cruzar ribeirões, avistou o inconfundível Pico do Itacolomi²¹, assim, estava descoberta Vila Rica. (Santos P. F., 1951, pp. 26 - 28)

Antônio Dias fundou o primeiro arraial de Ouro Preto, que possuía ouro abundante e de excelente qualidade, conforme cita (Bandeira, 1975):

O ouro bom, o ouro cobiçado era o ouro preto, o ouro fino; chegava a quase vinte e três quilates, e quando se lhe punha o cunho na fundição, escreve Antonil, fazia fenda na

²⁰De acordo com (as cited in Bandeira, 1975) “Tripuí, corr. itira-poi, o morro delgado ou esguio” (p. 19).

²¹ Conforme (as cited in Bandeira, 1975) “Itacolomi, corr. ita-murumi, o menino da pedra; alusão ao fato de ser o pico formado por um grande penedo com outro menor ao lado, à guisa de filho” (p. 19).

barreta, como se arrebentasse por todas as partes; e por dentro dava tais reflexos que pareciam raios de sol. (p. 20)

Nos primeiros anos de 1700 diversas pessoas foram atraídas ao local com a notícia de que havia ouro de aluvião (ouro encontrado no leito do rio, seguindo o curso da água), assim como discorre André João Antonil (as cited in Mendes, Veríssimo, & Bittar, 2011) “cada ano vêm nas frotas quantidades de portugueses e de estrangeiros, para passarem às minas. Das cidades, vilas, recôncavos e sertões do Brasil, vão brancos, pardos e pretos e muitos índios de que os paulistas se servem” (p. 35). Dessa forma, ocorria o desenvolvimento da mineração em paralelo com os arraiais, que nasciam e desapareciam aos pés das montanhas e dos ribeirões (Figura 23). (Santos P. F., 1951, pp. 35, 36)

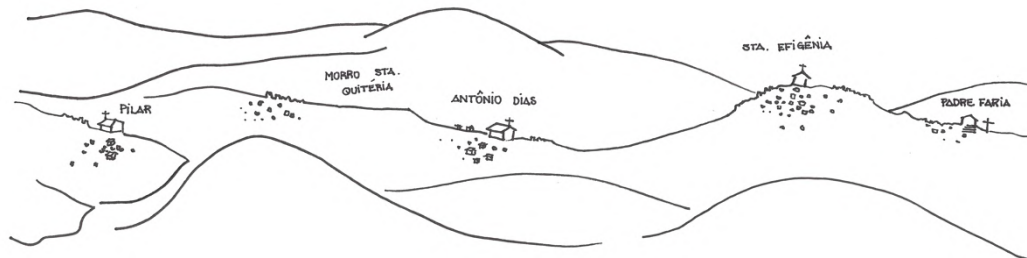


Figura 23. Ilustração da paisagem de Vila Rica durante o começo da ocupação do território. Autoria de Flávia Guerra, 2009, retirado de (Salgado, 2010, p. 50)

A acirrada disputa por terras desencadeou a Guerra dos Emboabas, confronto que ocorreu entre 1707 e 1709 pelo direito de exploração do ouro e envolveu os bandeirantes paulistas e emboabas²² (aqueles que não eram paulistas), já que os paulistas não aceitavam que as terras por eles descobertas fossem cedidas aos forasteiros. (Bandeira, 1975, p. 22)

Com o fim da Guerra dos Emboabas, derrota e expulsão dos paulistas, foi criada em 1709 a capitania conjunta de São Paulo e Minas de Ouro e três vilas para demarcar o território e melhor dividir a arrecadação do quinto (imposto arrecadado pela Coroa Portuguesa). Dentre elas, a Vila Rica de Albuquerque de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto em 11 de julho de 1711, feita a partir da junção dos diversos arraiais ali presentes, sendo os principais de Antônio Dias, o do Padre Faria e o do Ouro Preto. Entretanto, o então governante, D. João V decidiu eliminar o nome “Albuquerque”, ficando apenas Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto. (Santos P. F., 1951, p. 36)

Apesar do ouro em Vila Rica ter sido descoberto no final do século XVII, havia desde 1603 o “Código Mineiro”, conjunto de leis que previam a exploração e fundição do ouro, a arrecadação

²² Segundo (Bandeira, 1975) o termo “emboaba” vem “de mhuab, voz indígena que designava as aves com penas até os pés, porque os reinóis usavam calças compridas ou polainas (...)” (p. 22).

um movimento elitista denominado Inconfidência Mineira contra as políticas e o regime opressor os quais as colônias eram submetidas. (Salgado, 2010, pp. 77, 78)

A principal finalidade do movimento era a busca por independência e pelo regime republicano, somados com outros objetivos, como cita Sales (as cited in Salgado, 2010):

Os principais objetivos deste movimento eram: a criação de uma universidade em Vila Rica, abertura de fábricas de pólvora e ferro, medidas contra a escassez monetária, a mudança da capital para São João Del Rei, a supressão dos dízimos e a liberação do comércio de diamantes. (p. 78)

Os eventos até aqui mencionados são de extrema importância para entendimento do contexto histórico, político e econômico de Vila Rica e dos casos de estudo que serão abordados nesta dissertação. Os acontecimentos dos séculos seguintes serão mencionados para completar a contextualização e permitir o entendimento da importância da cidade, em viés histórico e arquitetônico, e dos episódios ali ocorridos, no imaginário brasileiro.

O começo do século XIX é marcado pelo reflexo do ocaso do Ciclo do Ouro na economia e sociedade, resultando na diminuição do número de habitantes e conseqüente declínio econômico, apesar disso, houve grande investimento em instituições de ensino, que permitiriam o desenvolvimento da cidade. Em 1818 Vila Rica foi eleita a nova capital da Província de Minas Gerais e anos depois foi elevada à Imperial Cidade de Ouro Preto (Figura 24).

A cidade só permaneceu como capital até o final do mesmo século quando iniciaram discussões da mudança desta, buscando distanciamento dos ideais coloniais (enraizados em Ouro Preto desde sua descoberta) devido à Proclamação da República em 1889. Somado a isto, a perda de poder político e econômico de Ouro Preto resultaram na transferência da capital para Curral Del Rei, local escolhido para abrigar Belo Horizonte, cidade construída de raiz, seguindo os ideais de cidade da época. (Salgado, 2010, pp. 79, 81, 83)

No ano de 1922 acontecia a Semana de Arte Moderna de São Paulo, movimento responsável por incentivar a “redescoberta do Brasil” pelos modernistas. Com isso, Ouro Preto destaca-se devido ao patrimônio arquitetônico, cultural, artístico e histórico, culminando em manifestações a favor da preservação e salvaguarda do local, tornando a cidade em 1933 Monumento Nacional pelo SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), atual IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), e em 1980 Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization). (Salgado, 2010, pp. 102, 103)

3.2. Casa de Câmara e Cadeia

Este subcapítulo discorre sobre a o edifício da Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto, atual sede do Museu da Inconfidência (ver F4 em apêndice B). A construção localiza-se em destaque na Praça Tiradentes (Figura 25), e compõe o largo juntamente com a Escola de Minas, antigo Palácio dos Governadores (Figura 26), e outras construções coloniais. A ideia de construir uma Casa de Câmara e Cadeia em Vila Rica vinha desde 1727, durante o governo de Dom Lourenço de Almeida, o qual obteve e licença régia para construção que acabou não acontecendo devido a falta de recursos. Apesar disso, ocorreram outras duas tentativas para edificar a Casa de Câmara, a primeira em 1732, pelo mesmo governador, que foi arrematada por João Fernandes de Oliveira, e a segunda em 1745, quando o então governador Gomes Freire, encomendou dois riscos a José Fernandes Pinto Alpoim. (Trindade, 1958, p. 9)

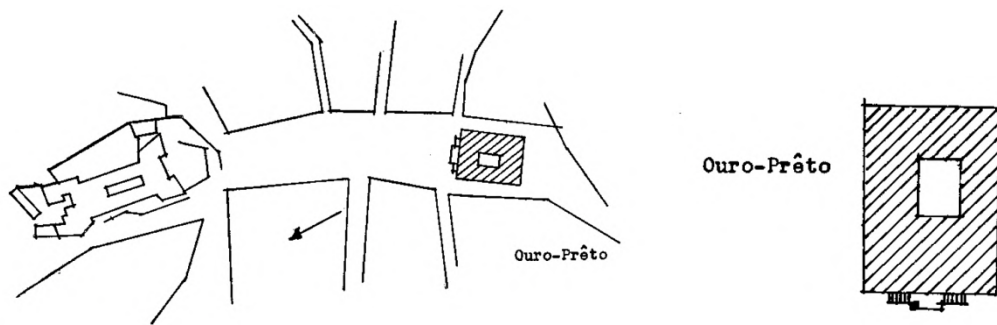


Figura 25. Implantação da Casa de Câmara e Cadeia. (Barreto, 1947, pp. 165, 166)



Figura 26. Vista do Palácio dos Governadores e da Praça Tiradentes a partir do telhado da Casa de Câmara e Cadeia, atual Museu da Inconfidência. (Autora, 2017)

O primeiro risco era referente ao Palácio dos Governadores e o segundo a Casa de Câmara e Cadeia, mas, somente o Palácio foi executado, apesar da Casa de Câmara ter sido arrematada para construção por Manuel Francisco Lisboa, arquiteto português e pai de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Somente em 1783 o plano de construção de uma nova Casa de Câmara e Cadeia foi retomado pelo governador e capitão-general Dom Luis da Cunha Meneses, responsável pelo novo risco. Os recursos para execução das obras vieram de uma loteria criada por Meneses, mediante autorização concedida por licença régia, além disso, o governador estudou as receitas da Câmara e prometeu cooperar com os trabalhos. (Trindade, 1958, pp. 9, 10)

Meneses atendeu a uma solicitação do senado da câmara e convocou diversas pessoas para trabalhar na construção da Casa de Câmara e Cadeia, como discorre (Trindade, 1958):

Atendendo a uma solicitação do senado da câmara, que a seu turno, procurava satisfazer a rogos instantes e quase desesperados das populações rurais, despolicizadas e à mercê de celerados, formados, na maioria, de escravos fugidos, quilombolas e de outros malfeitores, ordenou aos comandantes dos distritos recolhessem à Vila Rica todo esse bando de ladrões e assassinos. E tais bandidos, em número considerável (para alimentá-los despendia a câmara cerca de 700\$000 rs. Diários) empregou-os nas obras que se realizava para deixar em Vila Rica um monumento que perpetuasse o seu nome. (p. 12)

O governador instalou na região de Vila Rica uma fábrica de cal que funcionava a partir de mão de obra forçada de negros e “vadios”, o que lhe rendeu a crítica feita nas Cartas Chilenas²³. Apesar das críticas, a construção da Casa de Câmara e Cadeia de Vila Rica teve início em 1º de junho de 1785, mas foi concluída somente 70 anos depois, em 1855, a Câmara se instalou ali anos antes do fim das obras, em 1836. No edifício funcionaram diferentes programas arquitetônicos, respectivamente, a Casa de Câmara e Cadeia de Vila Rica, depois somente a Cadeia de 1863 a 1907, Penitenciária, e o Museu da Inconfidência, ocupação atual do prédio, pelo Decreto-Lei nº 965, de 20 de dezembro de 1938. (Trindade, 1958, pp. 12, 53)

A obra teve diversos arrematantes, sendo eles José Ribeiro Carvalhais, José Veloso Carmo e José Bento Soares. O edifício é um exemplar do neoclassicismo, possui planta retangular com aberta no centro para um pátio interno, no exterior ele é visto como um volume único, sem divisões, mas sua cobertura é dividida em 4 blocos, três maiores nas porções posterior e laterais do edifício e uma menor localizada atrás da torre do relógio, todas possuem cobertura de quatro

²³ As Cartas Chilenas são um conjunto de treze cartas escritas em anonimato, como sátira, para criticar o governador Luis da Cunha Meneses, Fanfarrão Minésio nos poemas. Atualmente, sabe-se que estes foram escritos por Tomás Antônio Gonzaga, Ouvidor-Geral de Vila Rica, que usou o pseudônimo de Citrilo na obra, e seu interlocutor era Doroteu, pseudônimo de Cláudio Manuel da Costa. As Cartas terceira e quarta discorrem acerca da construção da Casa de Câmara e Cadeia de Vila Rica, e narram, de maneira crítica, a grandiosidade da obra feita durante o declínio da exploração aurífera, e com mão-de-obra forçada.

águas. O telhado é escondido pela balaustrada de pedra na platibanda, que coroa o edifício, juntamente com quatro figuras em pedra-sabão (Figura 27), colocadas nas pontas das arestas do edifício, que representam as virtudes cardeais²⁴: Justiça, Prudência, Temperança e Fortaleza.



Figura 27. Figura da Justiça vista a partir do telhado. (Autora, 2017)

O frontispício (Figura 28) da Casa de Câmara e Cadeia possui inspiração no Capitólio de Roma (Figura 29), é marcado pela sobriedade dos ângulos retos e da simetria, característicos da arquitetura neoclássica. Apesar disso, exibe características únicas que destoam deste estilo, como o uso de três colunas para demarcar a entrada central, ao invés de quatro. No geral, o frontispício apresenta uma composição tectônica, sendo este visto como um grande bloco em pedra, com eixos horizontais demarcados. Possui um corpo central marcado por esta materialidade que é levemente projetado para a frente, exibe um frontão triangular e abriga as três colunas jônicas citadas acima, sacada, e a torre do relógio e sino-do-povo. (Barreto, 1947, p. 107)

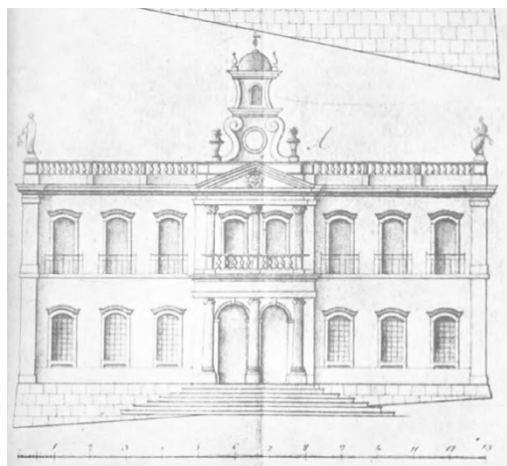


Figura 28. Risco do frontispício da Casa de Câmara e Cadeia. (Barreto, 1947, p. 51)

²⁴“Assim dando a entender que são as virtudes principais, das quais derivam tantas outras. As Virtudes Cardeais são um número de quatro: a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança.” (Nunes, s.d.).



Figura 29. Capitólio de Roma. (Roma Sito Turistico Ufficiale, s.d.)

Os alçados laterais (Figura 30) atuais diferem do risco de Meneses, estes são simétricos quanto a quantidade de vãos, 11 no total, entretanto, do lado oeste (lado direito), existia uma porta no local em que hoje é uma janela, além disso, foi aberta uma porta em umas das janelas para permitir a acessibilidade. Somado a isto, existem quatro janelas vedadas, duas no piso inferior e duas no piso superior, as restantes possuem grade. Já no lado leste (lado esquerdo) os vãos existentes são apenas janelas gradeadas, destas, três encontram-se tapadas no andar inferior. Por fim, o alçado posterior (Figura 30) possui sete janelas com grades em cada piso, das quais uma, que se encontra no piso 0, é vedada. No risco original, a quantidade de janelas vedadas nos alçados laterais era superior as executadas no edifício atual, que diferem ainda em seu posicionamento, nas fachadas laterais e posterior.



Figura 30. Alçados laterais e posterior. (Autora, 2022)

O risco de Luis da Cunha Meneses para a Casa de Câmara e Cadeia de Vila Rica (Figura 31) era bem completo, de acordo com o programa pré-estabelecido para este tipo de equipamento citado no capítulo anterior. O edifício de dois pisos abrigava durante sua primeira fase, a Câmara no andar superior (fotografias 72 a 95 da F4) e a Cadeia no inferior (fotografias 34 a 71 e 96 da F4). O andar da Câmara possuía as salas destinadas as audiências, a Casa da Câmara localizava-se do lado direito na parte frontal do edifício, existia também um oratório, além das

Somado a isto, tem-se a mudança de balaustres de pedra por guarda-corpo de ferro nas sacadas, a substituição da escada de um lance por uma com dois lances e patamar e a estrutura da torre, inicialmente pensada em linhas curvas. Devido a mudança de programas arquitetônicos, o edifício sofreu algumas alterações ao longo dos anos, como a colocação e posterior retirada de grades nos vãos do piso superior do frontispício, o fechamento do acesso livre ao alçado leste (lado esquerdo) enquanto era Penitenciária (Figura 32) e subsequente abertura deste, ao se tornar Museu. (Trindade, 1958, pp. 25, 35, 53)



Figura 32. Penitenciária de Ouro Preto. (Anônimo, 1927)

Além disso, sofreu outras alterações como discorre (Trindade, 1958):

Na adaptação à penitenciária, sofreu a velha cadeia, intermanete, algumas alterações, sendo, as mais notáveis, o assoalhamento em madeira de todo o piso térreo e, no andar superior, um avarandado quadrangular, para o qual se abriam, em torno, as salas que têm vista para o pátio interno.

Destinada, enfim, ao Museu da Inconfidência, foi-lhe restituída, quanto possível, a aparência primitiva, para o que houve à vista uma parte, a única que até agora apareceu, do plano que traçou o governador Cunha Meneses. (p. 61)

Ao tornar-se Museu, o edifício passou por mais mudanças perceptíveis ao comparar planta do risco com a planta atual, demonstrando a possível demolição de diversas paredes interiores para abrigar o espaço museológico. Atualmente, o Museu da Inconfidência abriga um acervo de documentos, pinturas, fotografias, arte barroca religiosa, objetos históricos e mais, além disso, possui, no Panteão, os restos mortais dos Inconfidentes, movimento a favor da liberdade e contra a opressão da Coroa, que foi explicado no subcapítulo anterior.

3.3. Igreja de São Francisco de Assis

Este subcapítulo aborda a história e análise arquitetônica da Igreja de São Francisco de Assis (ver F5), localizada no Largo do Coimbra, em Ouro Preto (Figura 33). A Ordem Terceira de São Francisco de Assis foi instituída em Vila Rica no ano de 1746 na Capela do Bom Jesus dos Perdões. As cerimônias religiosas da Ordem eram feitas na Matriz de Antônio Dias até a construção de um templo próprio, que ocorreu em 1765 com as obras de terraplanagem no terreno, apesar disso, a licença régia para a edificação só foi obtida pela Ordem em 1771. O vencedor da licitação, arrematada em 1766, e responsável pela construção da Igreja de São Francisco de Assis, foi Domingos Moreira de Oliveira. (Queiroz & Santo, 2012, p. 18)



Figura 33. Igreja de São Francisco de Assis vista da Casa de Tomás Antônio Gonzaga. (Autora, 2022)

A era das grandes construções termina com a construção da Igreja de São Francisco de Assis. O autor do risco da Igreja é tema de discussões entre diversos autores. Normalmente, este é atribuído a Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, mas não existem documentos que comprovem sua autoria. Somado a isto, (Junqueira, 2006) traz argumentos de dois pesquisadores que contestam essa teoria:

Augusto de Lima Júnior que, além de contestar a autoria nos apresenta outro autor para o risco e Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira que diz que tal atribuição foi feita com base na tradição oral. Segundo a pesquisadora, o Aleijadinho é tido tradicionalmente como o autor das partes arquitetônica e escultórica deste edifício, mas a discrepância entre as duas é evidente, o que dificulta a compreensão de que um único artista possa as ter concebido. (pp. 8, 9)

Apesar das dúvidas quanto a autoria do risco, a participação de Aleijadinho na ornamentação pode ser comprovada pelos recibos de pagamentos da Ordem. A construção da Igreja de São Francisco de Assis teve início pela capela-mor, entregue em 1722. Nos dois anos seguintes

ocorreu a construção e ornamentação da abóboda, feita em talha e estuque, data em que a execução da portada foi arrematada por Aleijadinho. (Queiroz & Santo, 2012, p. 19)

Entre 1790 teve início a realização do trabalho em talha do retábulo da capela-mor, finalizado em 1794, ano em que as obras de alvenaria foram concluídas, restando a realização do douramento, pinturas, balaustradas da nave e do coro e talha dos altares laterais da nave, sendo estes finalizados em 1890. O cemitério da Ordem, edifício anexo à Igreja de São Francisco de Assis, foi construído posteriormente por Manuel Fernandes da Costa e José Ribeiro de Carvalho entre 1831 e 1838, já que antes os sepultamentos ocorriam no interior do edifício religioso. (Oliveira & Campos, 2010b, pp. 71, 72; Junqueira, 2006, p.20)

A Igreja possui planta retangular (Figura 34) com corredores laterais suprimidos, cujo objetivo é o de alongar o edifício. Estes levam até a sacristia, que se encontra na parte posterior do edifício, atrás da capela-mor, semelhante ao desenho das Igrejas Matrizas da época. Os ângulos obtusos e linhas curvas da planta da Igreja de São Francisco de Assis levam ao ponto mais importante da composição: a capela-mor. Os três volumes exteriores são demarcados, diferenciados e delimitados por meias colunas em estilo jônico, espelhando a divisão interna: nave, capela-mor e sacristia com consistório. O mesmo acontece com os telhados, sendo o da nave e capela-mor de três águas, e o sacristia com consistório de quatro águas, posicionado de modo perpendicular ao da capela-mor. (Santos P. F., 1951, pp. 132, 133)

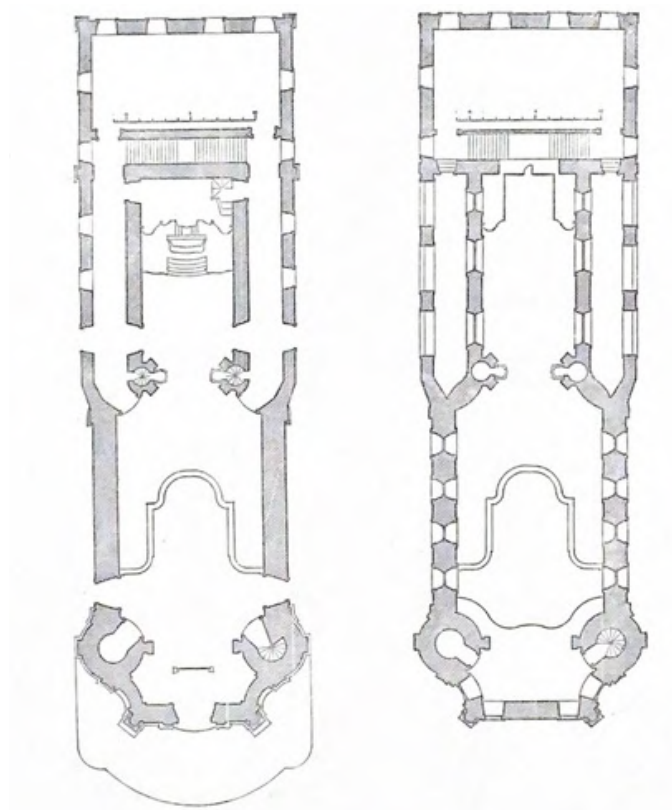


Figura 34. Plantas dos pisos 0 e 1 da Igreja de São Francisco de Assis. (Santos P. F., 1951, p. 150)

O frontispício (Figura 35) da Igreja de São Francisco retrata o abandono da fachada plana devido ao tratamento tridimensional que recebe. Ele é dividido por colunas jônicas em três planos, um central e dois oblíquos. A porção central possui fenestração simples em V com janela, portada, janela e é projetada para a frente devido ao desenho da planta, posicionamento das torres cilíndricas, e partes de um frontão na parte superior das colunas, concedendo dinamismo e movimento à fachada. A ornamentação escultórica em pedra sabão que coroa a portada possui dois medalhões pequenos, com símbolos da Coroa Portuguesa e dos franciscanos, abaixo de um grande medalhão com a imagem de Nossa Senhora da Conceição, encimada por uma coroa. Essa composição se une a um óculo vedado que retrata São Francisco recebendo os estigmas. (Santos P. F., 1951, p. 165; Queiroz & Santo, 2012, p. 23)

As porções laterais do frontispício da Igreja de São Francisco de Assis são simétricas, possuem torres curvilíneas com vãos na parte superior, portas falsas e seteiras ovaladas, na inferior. A cornija que coroa a parte de cima do frontispício, é deslocada para circundar o medalhão, como uma moldura, o que confere ainda mais a ideia de movimento a fachada. Dessa forma, a conexão e harmonia de todos os elementos ocorre devido às ligações visuais criadas entre eles, ou seja, as linhas diagonais que conectam as partes componentes da fachada, somada com as possibilidades de fenestração em V entre as torres e o medalhão central, e entre as janelas da porção principal da fachada e o medalhão. (Bazin, 1956, p. 232)



Figura 35. Frontispício, medalhão e torre. (Autora, 2022)

Os alçados laterais (Figura 36) são simétricos. O volume da nave (Figura 37) possui quatro janelas na porção superior e uma porta lateral. Na parte de cima da capela-mor tem-se varandas, posicionadas acima dos corredores laterais que levam até a sacristia, com arcos abatidos no estilo toscano, existem ainda dois vãos triangulares na capela-mor (fotografias 33 e 35 da F5), que não são vistos do lado exterior dos alçados. Na parte inferior existem duas janelas e uma porta, centralizados com as arcadas acima. A parte superior, local onde está o consistório, possui duas porta-sacada, enquanto na inferior, área da sacristia, existem duas janelas. O alçado

posterior (Figura 37) tem quatro porta-sacada no consistório e quatro janelas, alinhadas com as anteriores, na sacristia. (Bazin, 1956, p. 218)

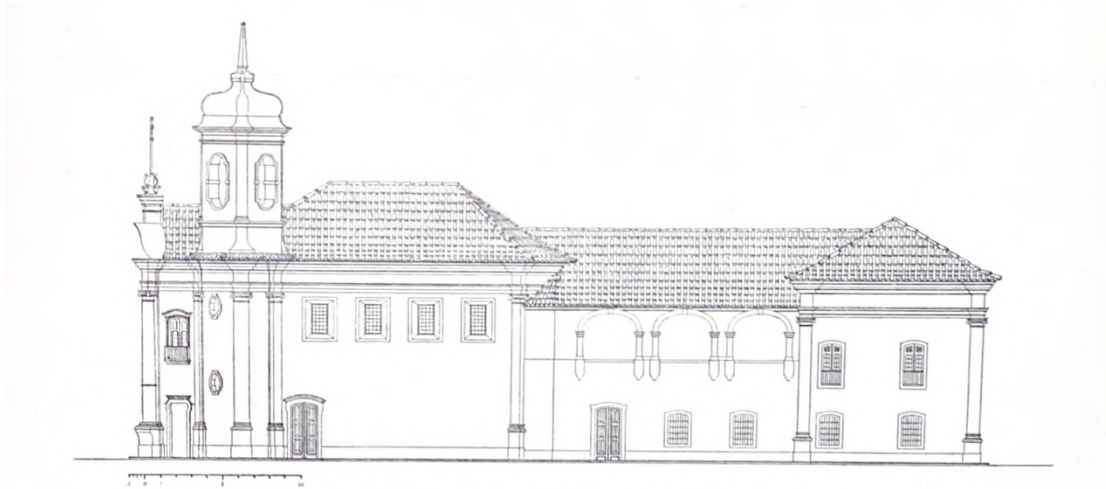


Figura 36. Alçado lateral - Lado da Epístola. (Santos P. F., 1951, p. 177)



Figura 37. Alçado lateral e posterior. (Autora, 2022)

Ao adentrar na Igreja de São Francisco de Assis, tem-se o nártex, que possui o tapa-vento feito por Manuel Gonçalves, o forro do espaço é pintado (fotografias 22 e 23 da F5). Acima encontra-se o coro, com forma curva e guarda-corpo em madeira recortada, e o acesso ao sino da torre sineira. A transição entre o nártex e o interior do templo religioso é marcada por um arco em cantaria em forma curva e contracurva, a nave (Figura 38) (fotografias 24, 25 e 29 da F5) que não possui corredores laterais, apenas portas posicionadas de forma obtusa, é dividida em dois níveis por balaustrada em madeira. A única decoração existente é o rococó dos três altares laterais em cada lado, e o arco-cruzeiro, feito em pedra e extremamente ornamentado com capitéis compósitos e entablamento na parte superior. (Bazin, 1956, p. 219)

Os púlpitos são feitos em pedra-sabão e encontram-se no arco-cruzeiro (Figura 38) (fotografias 30 a 32 da F5), transmitindo ainda mais a imponência do elemento arquitetônico. A pintura do teto da nave (fotografia 26 da F5) é da autoria de Manuel da Costa Ataíde. Nela, o pintor

retratou a glorificação da Virgem Maria, com anjos, como refere (Oliveira & Campos, 2010b, p. 74, 75): “Nela, uma série de sustentantes arquitetônicos em projeção vertical suportam um baldaquino suntuoso com a “visão” celestial da Virgem da Porciúncula entre nuvens, cercada por uma profusão de anjos, vários dos quais tangendo instrumentos musicais.”



Figura 38. Vista da nave a partir do tapa-vento, arco-cruzeiro e teto da capela-mor. (Autora, 2022)

A capela-mor (fotografias 33 a 35 da F5) é o espaço mais ornamentado da Igreja de São Francisco de Assis, o trabalho em talha e o douramento marcam o espaço, apesar deste ser menos intenso que nos períodos anteriores. As paredes possuem painéis em madeira (fotografias 36 e 37 da F5) com pinturas que imitam azulejos e ilustram episódios da vida de Abraão, são da autoria de Mestre Ataíde, além de quadros que retratam passagens da Bíblia. O teto (Figura 38) em forma de barrete, tem quatro medalhões com as imagens de Santo Antônio, Santo Ivo, São Boaventura e São Conrado. (Bandeira, 1975, p. 116; Bazin, 1956, p. 219)

O acesso a Sacristia pode ser feito pelas portas laterais posicionadas de forma oblíqua a nave, ou pela capela-mor. Ao passar pelo corredor do lado do Evangelho, é possível observar na parede o risco original da Igreja, conservado até os dias atuais (fotografias 39 a 41 da F5). A sacristia (fotografias 43 a 47 da F5) encontra-se posicionada de forma perpendicular a nave, na parte posterior do edifício, suas paredes e teto são revestidos por grandes telas, de autoria desconhecida. O consistório encontra-se no piso acima da sacristia, e seu acesso é feito a partir de escadas (fotografia 50 da F5) posicionadas nos lados do Evangelho e da Epístola. (Bandeira, 1975, p. 117)

A Igreja de São Francisco de Assis é um dos monumentos mais visitados de Ouro Preto, e foi uma das 88 igrejas históricas contempladas pelo programa PAC Cidades Históricas que para esta ação totalizou o investimento de 279,22 milhões de reais, conforme em relação disponível para acesso a partir do site do IPHAN. Apesar disso, a Igreja não passou por processo de restauro atual, como é possível identificar pelas patologias visíveis nos alçados.

3.4. Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos

O presente subcapítulo contém a contextualização histórica e análise arquitetônica da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (ver F6 em apêndice B), localizada no Largo do Rosário em Ouro Preto (Figura 39). A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto foi fundada em 1715 e funcionou na Matriz de Nossa Senhora do Pilar somente por este ano, já que em 1716 foi adquirida uma capela própria no Bairro do Caquende. De 1731 a 1733 a Matriz do Pilar ficou fechada para obras, então, a Capela do Rosário funcionou, durante este período, como Matriz da Freguesia de Vila Rica, acolhendo o sacrário paroquial. Quando a Matriz reabriu, ocorreu o retorno do Santíssimo Sacramento com a festa do Triunfo Eucarístico, que foi explicada anteriormente nesta dissertação. Para a passagem da procissão foi construída, pelos Irmãos do Rosário, a rua do Sacramento. (Carmo, Queiroz, & Santo, 2012, pp. 21, 22)



Figura 39. Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos vista da Rua Getúlio Vargas. (Autora, 2022)

O Senado da Câmara concedeu a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos um terreno em 1761 como agradecimento ao favor prestado anteriormente. Não é possível precisar o início das obras da atual Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, nem o autor do risco, devido a falta de documentação. Entretanto, sabe-se que o construtor responsável foi José Pereira dos Santos, e que em 1762 as obras encontravam-se adiantadas, devido ao testamento de obras de Santos. Quanto ao risco, a única documentação existente é um relato do final do século XVIII de um vereador de Mariana, que o atribui a Antônio Pereira Sousa Calheiros. (Carmo, Queiroz, & Santo, 2012, p. 22)

A lacuna de documentações referentes a construção da Igreja vai até 1781, data inicial do mais antigo livro de Receita e Despesa da Irmandade do Rosário encontrado até então. O risco da

empena e do frontispício datam de 1784 (constituindo uma modificação no risco original), e é da autoria de Manuel Francisco de Araújo, a execução destes e da torre ficou sob responsabilidade de José Ribeiro de Carvalhais, e ocorreu entre 1784 e 1793, assim como a ornamentação e decoração do interior do templo. Por fim, a construção do adro aconteceu em 1820, e nos anos seguintes foram feitos o coro, tapa-vento e almofadas das portas da capela-mor. (Carmo, Queiroz, & Santo, 2012, p. 23)

Segundo (Santos P. F., 1951, p. 141) “Pode-se dizer que com a igreja do Rosário de Ouro Preto, o ciclo barroco em Minas atinge a sua mais alta expressão”. Além disso, pesquisadores acreditam que a planta da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos tenha sido influenciada por Igrejas europeias, ou, até mesmo que seu projeto houvesse sido pensado na Europa. A planta da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (Figura 40) é formada por duas elipses, em forma de “8”, que abrigam a nave e a capela-mor com corredores laterais, e uma parte posterior quadrangular, local da sacristia no piso 0 e do consistório no piso superior. No exterior, os volumes independentes espelham as formas e a organização interna, assim como o telhado de três águas e beiral curvo, encimado por cimalha, que envolve todo o edifício. (Santos P. F., 1951, p. 142)

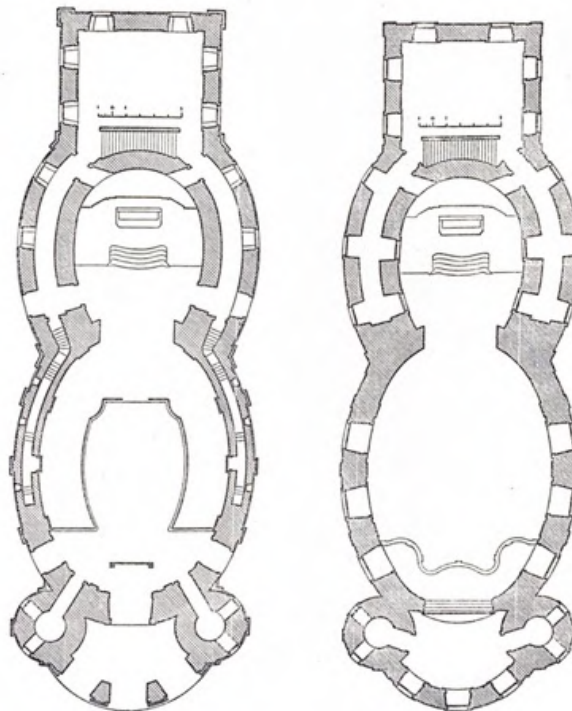


Figura 40. Plantas dos pisos 0 e 1 da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. (Santos P. F., 1951, p. 149)

O frontispício (Figura 41) da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos possui forma cilíndrica, e as torres são posicionadas de forma oblíqua, causando a impressão de que estão

parte dentro, e parte fora do edifício. A fachada não apresenta exagerada ornamentação externa, sendo esta enriquecida progressivamente da parte inferior até a superior, possui loggia devido a três arcos no piso térreo e três porta-sacadas no piso acima com balaústres em pedra-sabão, sendo coroadas por frontão trilobado, com um óculo na parte central do tímpano. O frontispício é marcado por duas divisões na horizontal e três na vertical, com rico trabalho em cantaria de pedra Itacolomi. A primeira é delimitada por uma moldura, e a segunda por pilastras assentadas em estilobatos, seguidas de consolos no tímpano, e dois coruchéus acima do frontão, de baixo para cima. Como foi citado anteriormente, a posição das torres contribui para a ilusão de movimento e projeção do frontispício. Estas são redondas com três óculos circulares cada na parte frontal, e duas seteiras que só são vistas no alçado lateral, além de vãos na parte superior. (Santos P. F., 1951, p. 171)

Os alçados laterais são simétricos (Figuras 41 e 42) e possuem as aberturas laterais de acesso a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. O primeiro volume elíptico, correspondente à nave, possui uma das portas laterais e três óculos que iluminam o interior, já segundo, que abriga a capela-mor dispõe da segunda porta lateral, duas janelas no piso 0 e três porta-sacadas no piso acima. No alçado posterior (Figura 41) existem duas janelas na parte inferior, referente à sacristia, e duas porta-sacadas na porção superior, onde está o consistório.



Figura 41. Frontispício, alçado lateral e posterior. (Autora, 2023)

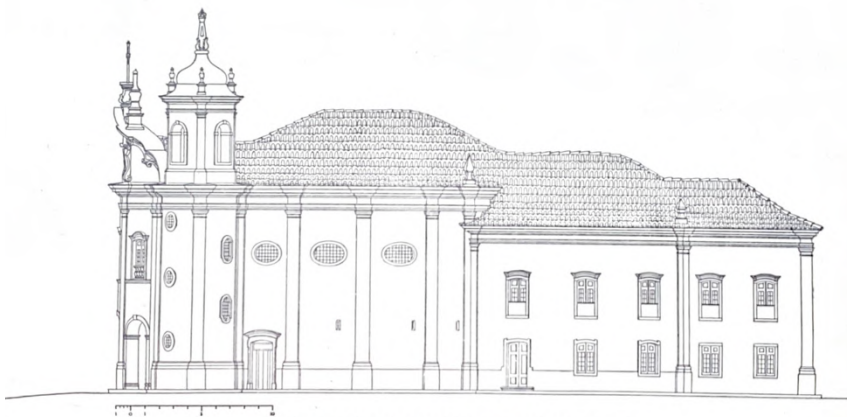


Figura 42. Alçado lateral - Lado da Epístola. (Santos P. F., 1951, p. 180)

O acesso ao edifício (fotografias 21 a 26 da F6) é feito pelo galilé²⁵ que possui lajotas de quartzito no piso, e teto com forro pintado, em seguida, tem-se o nártex, espaço interior que precede a nave e detém o tapa-vento, feito por João Paulo de Meira, tal espaço possui piso em ladrilho hidráulico e forro pintado, que segue a forma do coro (fotografias 27 a 34 da F6). Este, possui balaustrada de madeira em formas curvas e orgânicas, e as torres sineiras são acessados por duas portas que se encontram neste espaço. A escada localizada no lado do Evangelho leva até o campanário que contém três sinos. (Carmo, Queiroz, & Santo, 2012, pp. 26, 27)

A nave elíptica (fotografias 36 a 42, e 46 da F6) possui paredes convexas (Figura 43), que abrigam um púlpito e três altares laterais de cada lado, sendo estes delimitados por balaustradas de madeira em uma cota acima do piso da nave. Possui ao seu centro, diferenciando do piso em madeira, uma faixa de ladrilhos hidráulicos, que guia o visitante até a capela-mor, elemento principal da Igreja. Existem quatro óculos de cada lado da nave que permitem a entrada de luz no ambiente, um fica no coro e três alinhados com os altares laterais, sendo que o que se encontra mais próximo ao arco-cruzeiro, é vedado. Parte da decoração interna foi feita a partir do trabalho em cantaria de pedra, como o contorno dos óculos e vãos, pilares e cornija que emoldura o forro e sua pintura, pouco trabalhada, possuindo somente um medalhão com flores no centro (fotografia 45 da F6).



Figura 43. Vista da nave a partir do tapa-vento e da capela-mor a partir do arco-cruzeiro. (Autora, 2022)

O imponente arco-cruzeiro (Figura 43) foi feito em Itacolomi e possui ornamentação neoclássica (fotografias 47 a 49 da F6). Em seguida, tem-se a capela-mor que abriga o altar-mor (fotografias 50 a 57 da F6). A primeira possui tribunas com parapeito entalado e no geral, grande trabalho em fingimento de mármore, como pode ser visto no acesso ao Presbitério, seu piso é de ladrilho hidráulico, e a abóboda em arco de claustro ornamentada com pintura e douramento. Já o

²⁵“Galeria entre a parede do FRONTISPÍCIO e as portas da NAVE, em algumas igrejas.” (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, p. 49)

segundo é característico do rococó e foi feito posteriormente ao restante do templo, além de apresentar uma composição relativamente simples com trabalho em pintura.

Os corredores laterais são acessados pela capela-mor, estes são curvos e levam até a sacristia no piso térreo e consistório no piso superior, espaço de planta retangular cujo volume se diferencia do restante do edifício. O acesso ao andar de cima é feito por uma escada que se encontra entre a capela-mor e a sacristia, que permite o acesso às tribunas, que acompanham a forma curva dos corredores laterais, e ao consistório. (Carmo, Queiroz, & Santo, 2012, pp. 26, 27)

Assim como a Igreja de São Francisco de Assis, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos foi outra das 88 igrejas históricas contempladas pelo programa PAC Cidades Históricas. Entretanto, até o presente momento não foi feita nenhuma obra de restauro recente, como é possível notar pelo estado de conservação apresentado pela Igreja.

4. Sistemas construtivos

O presente capítulo discorre sobre os sistemas construtivos adotados nos edifícios desta dissertação. Serão analisados os tipos de paredes exteriores, paredes interiores, tipologia dos vãos do frontispício (por se tratar do alçado mais representativo destes objetos arquitetônicos) e seus acabamentos e alguns dos materiais utilizados nas Minas Gerais no século XVIII. É importante salientar que as definições aqui adotadas são as utilizadas por três livros, cujo autores, (Vasconcellos S. d., 1979), (Santos P. F., 1951) e (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979), se debruçaram sobre o estudo de sistemas construtivos, materiais e jargões arquitetônicos empregados no Brasil. Por fim, este capítulo apresenta tabelas comparativas entre todos os edifícios.

4.1. Paredes exteriores

Neste subcapítulo serão abordadas as paredes exteriores que exercem função estrutural, ou seja, exercem a função de vedação e de suporte de cargas do edifício. Em todos os casos de estudo analisados acima, a construção foi feita em alvenaria de pedra.

4.1.1. Alvenaria de pedra

A técnica de alvenaria de pedra é empregada no Brasil desde meados de 1500. O Regimento de 17 de Dezembro de 1548 entregue a Tomé de Souza já continha a descrição de “uma fortaleza de pedra e cal”, preferencialmente, como discorre (Vasconcellos S. d., 1979, p. 23): “(...) onde determinava El-Rei “fizesse ele uma fortaleza de pedra e cal e, se não a pudesse construir com esse material, que a fabricasse de pedra e barro, ou então de taipa, ou ainda de madeira”. Nos primeiros séculos após a chegada dos portugueses, as pedras utilizadas eram importadas de Portugal, e eram trazidas ao Brasil no lastro dos navios. (Vasconcellos S. d., 1979, p. 23)

O estado de Minas Gerais encontra-se no interior do Brasil, conseqüentemente, o transporte de pedras vindas do reino era mais difícil. Com isso, na maior parte das construções foram empregues o uso de materiais locais, como a pedra-sabão e a pedra do Itacolomi ou Itacolomito, como desenvolve (Vasconcellos S. d., 1979):

Em Minas, por exemplo, não há informação segura do emprego de pedra portuguesa em qualquer monumento, a não ser uma referência de Diogo de Vasconcelos sobre a portada do Palácio dos Governadores de Ouro Preto que, com estudos mais recentes não parece proceder. (p. 24)

Neste tipo de sistema construtivo, as pedras podem ser assentadas de diferentes formas: a pedra seca (Figura 44), pedra e barro, e pedra e cal (Figura 45). Na primeira não se utiliza argamassa,

as pedras são usadas “in natura”, nas quais as grandes são intercaladas com as menores, essa técnica era aplicada na construção de muros sendo pouco empregada nas habitações. Na segunda, as pedras são assentadas com argamassa de terra e suas faces são trabalhadas para obter melhor acabamento, que recebe posteriormente o emboço, e o reboco, no final, a espessura da parede varia entre 0,50 a 1 metro. Por fim, na última, as pedras são assentadas com argamassa de cal e areia. (Vasconcellos S. d., 1979, pp. 29, 30)

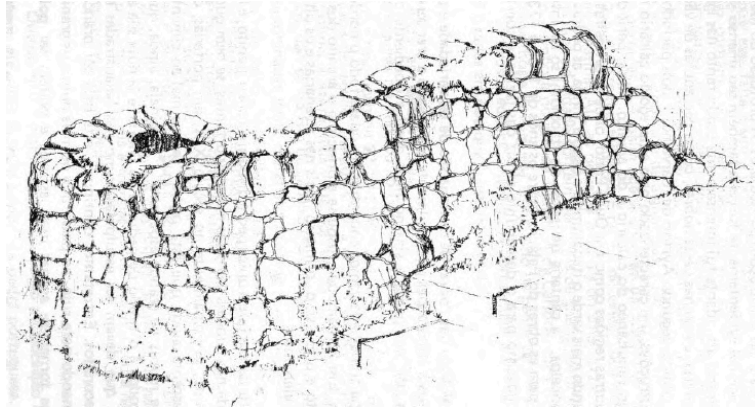


Figura 44. Muro de pedra seca. (Vasconcellos S. d., 1979, p. 26)

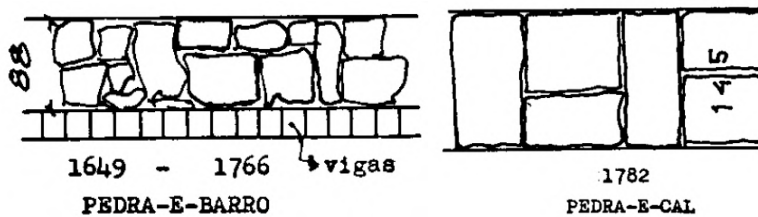


Figura 45. Detalhes construtivos de pedra e barro, e pedra e cal. (Barreto, 1947, p. 127)

4.1.2. Tipos de pedra

Como citado anteriormente, as pedras usadas nas construções nas Minas Gerais eram regionais devido a dificuldade de transporte, já que o estado é no interior do Brasil. Assim, serão apresentadas as características de três tipos de pedra utilizadas nas construções, (como material para alvenaria e para decoração) a partir do estudo feito por Santos P. F., 1951) nas Igrejas de Ouro Preto.

A pedra das Lages, “lage do morro”, como era chamada nos antigos termos de arrematação de obras é um quartzito amarelado, que parte em fatias (daí o nome dado não só às pedras, mas ao local de onde foram e são extraídas); foi usada como alvenaria: em alicerces, paredes, pisos, na maioria das igrejas ouropretanas.

A pedra do Itacolomí, que é também um quartzito, amarelado, com veios róseos ou roxos, de belo efeito, foi aplicada nos frontispícios de algumas daquelas igrejas. Era tirada do sopé do pico do mesmo nome, onde, segundo múltiplos testemunhos, ainda existem, já aparelhadas, vêrgas, ombreiras e peças diversas, ali abandonadas há séculos.

A “pedra sabão” ou “pedra de sabão” é uma rocha acinzentada ou amarelada, facilmente trabalhável (até com o mesmo instrumental com que se entalha a madeira), tão mole a ponto de ser riscada pela unha, mas com a propriedade de endurecer com o tempo e de resistir bem às intempéries. É também conhecida por “pedra de panela”, pela razão de servir a fabricação desse utensílio de cozinha. Foi largamente empregada nas igrejas mineiras, nas delicadas ornamentações de portadas, púlpitos, tarjas, bem como na confecção de encanamentos e no revestimento de cilhares, pisos, etc., embora nesta última aplicação tenha revelado pouca resistência ao desgaste. (p. 80)

4.2. Paredes interiores

As paredes interiores consistem em elementos que não exercem qualquer função estrutural. Assim, serão aqui abordadas duas das técnicas construtivas utilizadas nas Minas Gerais durante o século XVIII, e conseqüentemente nos casos de estudo desta dissertação, sendo estas as paredes em adobe e em pau-a-pique.

4.2.1. Adobe

O adobe ou adobo, consiste em um tijolo de barro com dimensões aproximadas de 20x20x40 cm, que são secos ao sol. O processo para sua fabricação é manual (Figura 46), sendo iniciado pela compactação do barro em formas de madeira, que são postas para secar inicialmente na sombra e depois são expostas ao sol. Para “dar liga” no barro, era necessário que a argila fosse misturada com uma parte de areia, além de fibras vegetais, como palha, estrume ou crina de animais (ver F2, fotografia 74, em apêndice B). Os tijolos de adobe (Figura 47) são assentados por argamassa de barro e água, podendo conter, ou não, uma pequena quantidade de cal. (Vasconcellos S. d., 1979, p. 30)

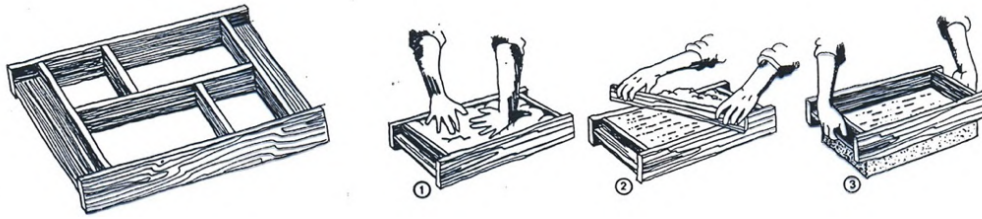


Figura 46. Processo de fabricação do adobe. (Colin, 2010)

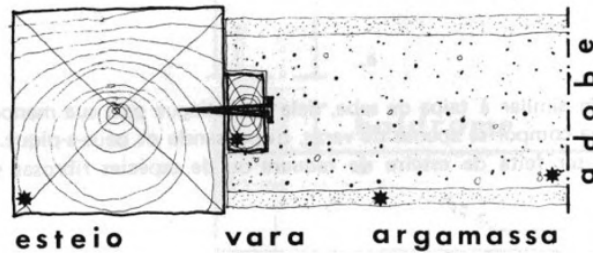


Figura 47. Detalhe construtivo do adobe. (Vasconcellos S. d., 1979, p. 52)

4.2.2. Pau-a-pique

O pau-a-pique, também conhecido por taipa de sebe, taipa de mão ou barro armado, consiste em uma técnica construtiva usada no Brasil desde tempos remotos para vedações (Figura 48). Esta solução consiste em paus roliços posicionados perpendicularmente entre baldrame²⁶ e frechais²⁷, preenchidos com barro, e fixados por pregos como discorre (Santos P. F., 1951):

Essas estruturas têm grande analogia com as de concreto armado. Como estas, são divididas em painéis enquadrados por montantes e vigas. Os montantes (esteios) constituem os elementos principais de sustentação. São metidos verticalmente na terra e ligados entre si por meio de percintas (a palavra é moderna), também de madeira: uma rente ao chão, conhecida nas Minas por baldrame, outra na parte superior, servindo ao mesmo tempo de viga (trave) e frechal. O enquadramento formado pelos esteios, pelo baldrame e pelo frechal recebe armação de paus roliços a prumo ("paus a pique", que dão o nome ao sistema), varas ou ripas de nível, por ambos os lados, engradadas em xadrez e, entre estas, um enchimento de barro. (p. 84)

²⁶ "Nome dado ao embasamento de ALVENARIA, CANTARIA ou ENSILHARIA. Localizado entre o ALICERCE e o nascimento das paredes. Vamos encontrar no caso de pavimentos elevados do solo." (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, p. 25)

²⁷ "VIGA que arremata o topo das PAREDES, servindo de apoio aos CAIBROS e ao VIGAMENTO do TELHADO." (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, p. 45)

As paredes de pau-a-pique têm a espessura entre 15 e 20 centímetros, enquanto os paus têm de 10 e 15 centímetros de diâmetro e possuem um palmo de espaçamento. Normalmente coloca-se paus mais finos (varas) entre estes para a construção de trama (ver F1, fotografias 77 e 78, em apêndice). Após finalizada, coloca-se o barro com as mãos, sem ajuda de ferramentas, por isso o nome popular de “taipa de mão” (Figura 49). (Vasconcellos S. d., 1979, p. 45)

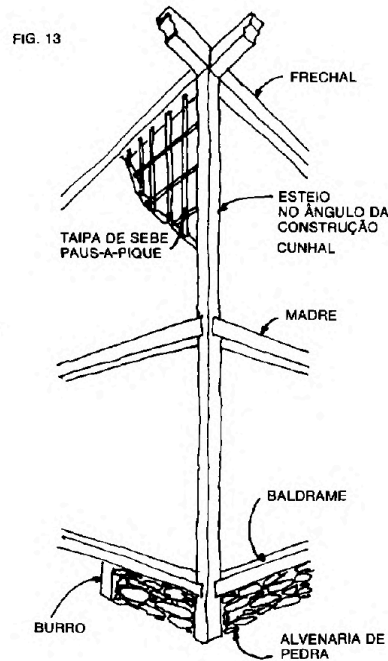


Figura 48. Estrutura da parede de pau-a-pique. (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, p. 42)

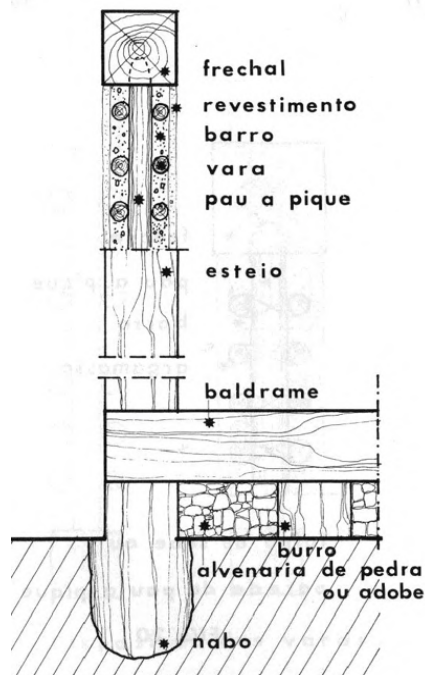


Figura 49. Corte construtivo de uma parede de pau-a-pique. (Vasconcellos S. d., 1979, p. 50)

4.3. Inventariação dos sistemas construtivos

Tabela 1. Inventariação dos sistemas construtivos dos casos de estudo.

Edifícios		Paredes Exteriores	Paredes Interiores
Mariana	Casa de Câmara e Cadeia	Alvenaria de pedra e cal	Pau-a-pique Adobe
	Igreja de São Francisco de Assis	Alvenaria de pedra e adobe	Adobe
	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	Alvenaria de pedra e cal	Adobe
Ouro Preto	Casa de Câmara e Cadeia	Alvenaria de pedra e cal	-
	Igreja de São Francisco de Assis	Alvenaria de pedra	Alvenaria de pedra
	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	Alvenaria de pedra	Alvenaria de pedra

4.4. Vãos

Os vãos, de acordo com (Vasconcellos S. d., 1979, p. 97), são: “(...) portas, janelas, óculos e seteiras e podem ser classificados segundo sua categoria, sua forma, o material de que são feitos e o seu acabamento.” Com isso, serão classificados quanto as tipologias de vãos presentes nos casos de estudo, e quanto sua cercadura, ou acabamento.

4.4.1. Janelas

Serão aqui analisados os tipos de janela existentes nos casos de estudo seleccionados. Estas podem ser de dois tipos, janelas de peitoril ou rasgadas (Figuras 50 e 51).

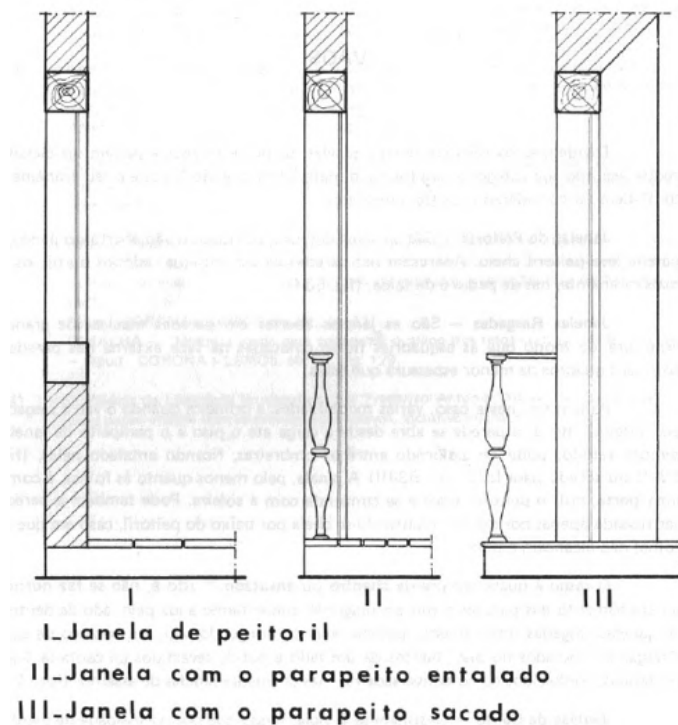


Figura 50. Tipos de janela em corte. (Vasconcellos S. d., 1979, p. 98)

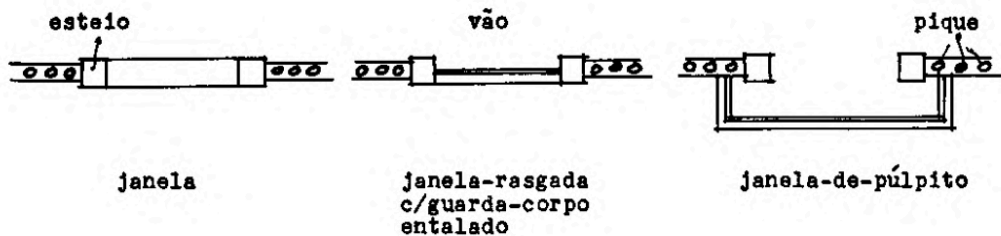


Figura 51. Tipos de janela em planta. (Barreto, 1947, p. 131)

4.4.1.1. Janelas de peitoril

Para (Vasconcellos S. d., 1979, p. 97), as janelas de peitoril “São as mais comuns, nas quais o vão aberto no pano da parede leva o peitoril cheio. Aparecem nas paredes de pau-a-pique, adôbos ou tijolos e, mais raramente, nas de pedra e de taipa.”

4.4.1.2 Janelas rasgadas

De acordo com (Vasconcellos S. d., 1979, p. 97) “São as janelas abertas em paredes maciças de grande espessura de modo que as esquadrias ficam colocadas na face externa das paredes, com seus quadros de menor espessura que estas.” Estas podem ser de dois tipos, com o parapeito entalado ou com o parapeito sacado. Ambas configuram o vão aberto por completo, da verga até o piso, mas na primeira o parapeito ou peitoril fica entre as ombreiras, enquanto na segunda, fica para fora, neste caso, também podem ser chamadas de janela-de-púlpito (que nas Câmaras assume a função de Tribuna). Dessa forma, as janelas rasgadas por inteiro configuram as portas-sacada. (Vasconcellos S. d., 1979, p. 97)

4.4.2. Óculos e seteiras

Para (Vasconcellos S. d., 1979), os óculos e seteiras são caracterizados por:

São pequenas aberturas circulares ou de contorno curvilíneo, quando são chamados óculos, e retangulares quando se denominam seteiras. Abrem-se em compartimentos secundários, principalmente nos cômodos de escada, torres ou porões. São geralmente ensutadas²⁸ e fecham-se com simples balaústres de ferro ou madeira ou levam caixilhos de vidro: Na arquitetura militar também aparecem como vão de visada para vigia e tiro, sendo igualmente usada nas cadeias. (Vasconcellos, 1979, p. 100)

4.4.3. Portas

De acordo com (Vasconcellos S. d., 1979, p. 97): “Assemelham-se às janelas em seus detalhes, não tendo nem peitoril nem assentos. Podem, entretanto, quando muito altas, já no século XIX, levar bandeiras na parte de cima, fixas ou móveis, que aparecem também nas janelas.”

4.4.4. Acabamento dos vãos

Os vãos são emoldurados pela verga e ombreira, a primeira encontra-se em sua parte superior, e as ombreiras nas laterais (Figura 52), e são feitas separadamente. As vergas podem ser classificadas quanto seu tipo de curvatura (Figura 53). Para (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979), ombreiras são “Cada uma das peças verticais das portas e janelas que sustentam as PADIEIRAS ou VERGAS. UMBRAL”. (p. 67), enquanto a verga corresponde:

²⁸ “De acordo com “Demarcado com a SUTA.” (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, p. 39)

“Suta é “Instrumento com que se demarcam ângulos no terreno. Espécie de ESQUADRO de peças móveis”. (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, p. 85)

Peça de madeira ou CANTARIA que se apoia nas OMBREIRAS, em portas, janelas, etc.. para sustentar a PAREDE acima do VAO. No período colonial mineiro, aparecem inicialmente em forma reta ou de nível tendo evoluído depois, com a sua adoção no Palácio dos Governadores, em Ouro Preto, para a forma alteada ou em canga-de-boi. Mais tarde, os arcos das vergas se tornaram francamente curvos. No século XIX, com o advento do gosto neogótico, surgiram as vergas ogivais ou em ponta em Ouro Preto e outras localidades. O mesmo que PADIEIRA. (p. 95)

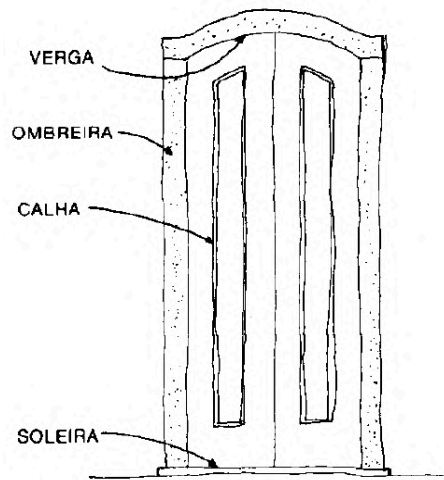


Figura 52. Componentes de um vão. (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, p. 76)

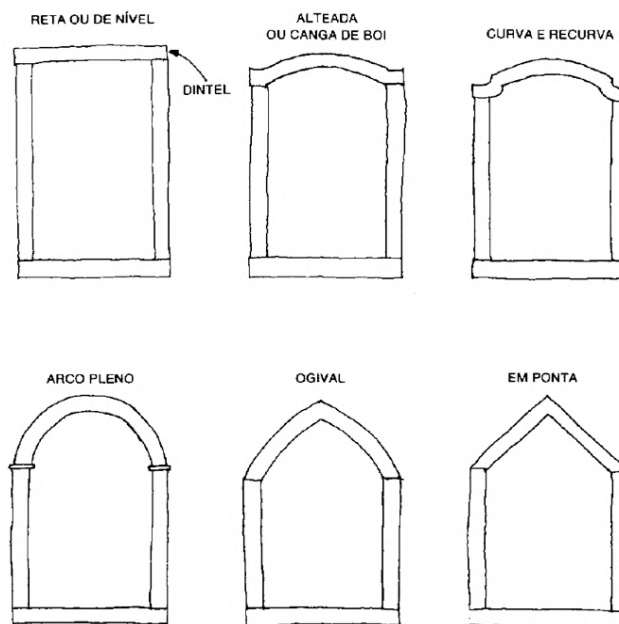


Figura 53. Tipos de verga. (Ávila, Gontijo, & Machado, 1979, p. 96)

4.4.5. Inventariação dos vãos dos frontispícios

CASA DE CÂMARA E CADEIA
MARIANA



Figura 54. Vãos do frontispício da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana. (Autora, 2023)

IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS
MARIANA



Figura 55. Vãos do frontispício da Igreja de São Francisco de Assis de Mariana. (Autora, 2023)

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS
MARIANA



Figura 56. Vãos do frontispício de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Mariana. (Autora, 2023)

CASA DE CÂMARA E CADEIA
OURO PRETO



Figura 57. Vãos do frontispício da Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto. (Autora, 2023)

IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS
OURO PRETO








Figura 58. Vãos do frontispício da Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto. (Autora, 2023)

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS
OURO PRETO














Figura 59. Vãos do frontispício de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Ouro Preto. (Autora, 2023)

Tabela 2. Inventariação dos vãos dos casos de estudo.

Edifícios		Vãos do Frontispício – Porção Central				Vãos do Frontispício – Porções Laterais				
		Janelas		Óculo	Portada Galilé	Janelas		Óculo	Seteira	Porta
		Janela de Peitoril	Janela Rasgada			Janela de Peitoril	Janela Rasgada			
Mariana	Casa de Câmara e Cadeia			-		-	-	-	-	-
										

<p>Igreja de São Francisco de Assis</p>	<p>-</p>	 <p>Parapeito entalado; Verga alteada</p>	 <p>Óculo tradicional</p>	 <p>Verga alteada; Cantaria em pedra Itacolomi</p>	 <p>Verga em arco pleno</p>	 <p>Parapeito entalado; Verga curva</p>	 <p>Olho-de-boi com a cruz de Malta</p>	<p>-</p>	<p>-</p>
<p>Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos</p>	 <p>Verga alteada</p>	<p>-</p>	 <p>Óculo tradicional</p>	 <p>Verga reta; Cantaria em pedra Itacolomi</p>	 <p>Verga em arco pleno</p>	<p>-</p>	<p>-</p>	 <p>Verga reta; Balaustrada de madeira</p>	<p>-</p>

Ouro Preto	<p>Casa de Câmara e Cadeia</p>	 <p>Verga alteada</p>	 <p>Verga alteada</p>	-	 <p>Cantaria em pedra Itacolomi</p>	-	-	-	-	-
	 <p>Verga em arco pleno</p>	 <p>Verga alteada</p>	-	-	-	-	-	-	-	-
<p>Igreja de São Francisco de Assis</p>	-	 <p>Parapeito entalado; Verga alteada</p>	 <p>Óculo vedado</p>	 <p>Verga alteada; Cantaria em pedra Itacolomi</p>	 <p>Verga alteada</p>	-	-	 <p>Seteira ovalada</p>	 <p>Porta falsa; Verga reta com limites chanfrados</p>	

	<p>Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos</p>	<p>-</p>	 <p>Parapeito entalado; Verga alteada</p>	 <p>Óculo tradicional</p>	 <p>Galilé; Verga em arco pleno; Cantaria em pedra Itacolomi</p>	 <p>Verga em arco pleno</p>	<p>-</p>	 <p>Olho-de-boi</p>	 <p>Seteira ovalada</p>	<p>-</p>
--	---	----------	--	--	--	--	----------	--	--	----------

5. Mariana x Ouro Preto

O presente capítulo apresenta o estudo comparativo entre os casos de estudo situados em Mariana e em Ouro Preto. A comparação será feita entre as Casas de Câmara e Cadeia, edifício civil que abrigava sede dos poderes, administração pública e a cadeia, e as igrejas das mesmas ordens religiosas, São Francisco de Assis e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Serão analisadas as semelhanças e diferenças entre os casos de estudo, no que diz respeito a planta, alçado principal e sistemas construtivos.

5.1. Casa de Câmara e Cadeia

A análise comparativa das Casas de Câmara e Cadeia de Mariana e Ouro Preto será feita em três etapas: a primeira sobre a planta do risco, a segunda sobre a planta atual do edifício e terceira acerca do frontispício. A análise da planta do risco levará em consideração a localização e implantação do edifício, a distribuição do programa arquitetônico e o sistema construtivo adotado. A análise da planta atual considerará o quanto o espaço foi alterado e o que se mantém do risco original e por fim, a análise do frontispício irá abordar as características de sua composição, relativa ao estilo arquitetônico e inventariação dos vãos feita no capítulo anterior. No fim, encontra-se uma tabela comparativa com todos os elementos analisados, referente a este objeto arquitetônico.

A Casa de Câmara e Cadeia configura um edifício público de notória importância na cidade, uma vez que o programa já era pré-estabelecido pela Coroa, com isso, (Barreto, 1947) surge com o questionamento quanto a orientação dos edifícios, se esta deveria seguir alguma regra. A Casa de Câmara e Cadeia de Mariana encontra-se voltada para sudeste e a de Ouro Preto, para nordeste, somado a isto, tem-se a análise de outras casas de câmara e cadeia do Brasil feita pelo autor, tornando possível concluir que não existia nenhuma norma com respeito a orientação solar da construção.

O edifício de Mariana localiza-se no centro do terreno, que continha terreiro murado, de acordo com (Barreto, 1947, p. 159), sendo este já não existente atualmente. Sua implantação é em forma de um retângulo preenchido. O edifício de Ouro Preto está em um terreno acidentado, ocupa local de destaque e é cercado por via pública. Sua implantação é um retângulo vazado no centro, o que cria um pátio interno no piso térreo. Como foi explicado anteriormente, tanto em Ouro Preto quanto em Mariana, o piso térreo era destinado à Cadeia e o superior à Câmara, então o pátio do edifício ouro-pretano era de uso exclusivo dos detentos.

O programa das Casas de Câmara e Cadeia poderia mudar de acordo com a disponibilidade financeira que cada município dispunha para sua construção. A planta do risco de Mariana possui cada espaço numerado com sua função, em Ouro Preto o mesmo acontece, mas pela qualidade do desenho não é possível precisar qual eram exatamente, o programa arquitetônico

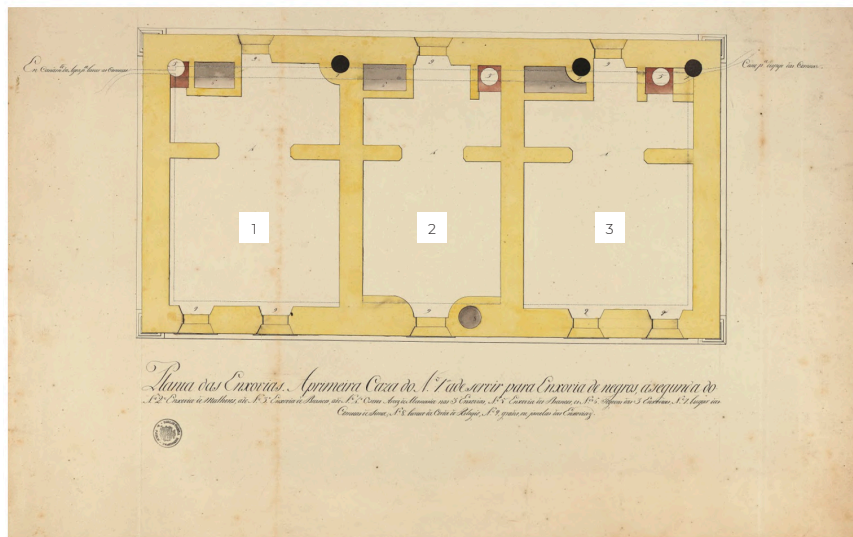
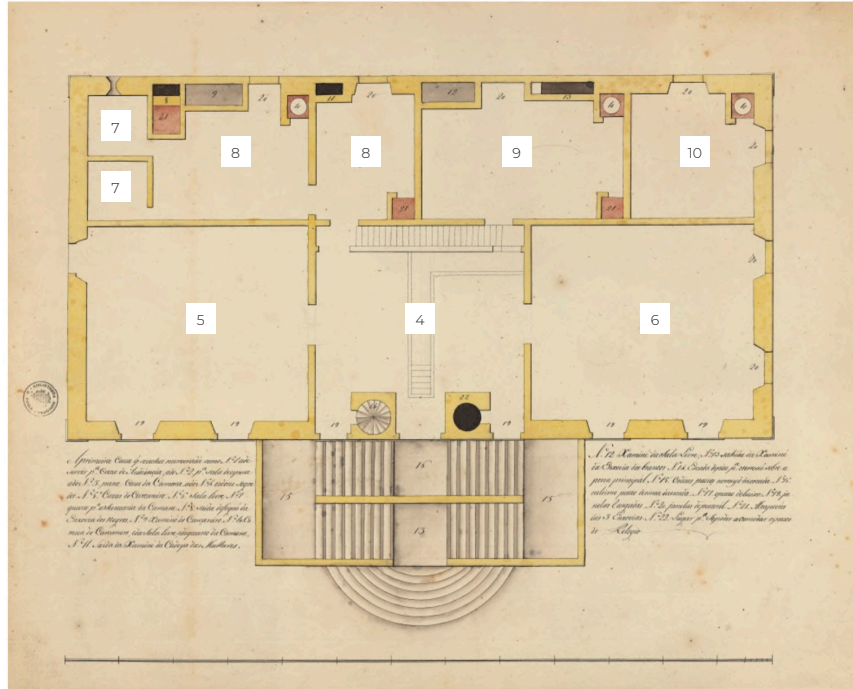
completo e sua localização. O risco do piso térreo do edifício de Mariana (Figura 60) previa somente três enxovias, para negros, mulheres e homens, respectivamente da esquerda para direita, organizadas de modo simples e linear, o risco não previa portas, ou seja, acesso direto pela fachada principal, o único modo de se chegar até a cadeia era pelos alçapões localizados no teto. Já o piso térreo do edifício em Ouro Preto, de acordo com o risco (Figura 61), abrigaria um açougue na parte posterior do edifício, uma capela no pátio central, as celas e a sala de entrada, espaço após a portada que se comunicava por escadas com o piso superior, da Câmara. Diferente de Mariana, a entrada principal do edifício seria feita a partir do piso da cadeia, e a capela localiza-se fora do edifício, na parte posterior do terreno.

O piso superior em Mariana é destinado à Câmara e é acessado por escadas que se localizam no exterior do edifício. Assim como em Ouro Preto o primeiro cômodo ao adentrar o edifício é a sala de entrada, que se comunica com praticamente todos os outros espaços. As salas mais importantes se localizam na porção frontal do edifício em ambos os casos, em Mariana tem-se a Casa de Audiência do lado esquerdo e a Casa da Câmara do lado direito, tendo esta igual posição na construção de Ouro Preto. Na construção marianense existem ainda no segundo piso a Sala do Segredo, Sala do Carcereiro, Sala Livre e o Quarto para secretária da Câmara. Na Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto, o piso superior abriga, além da Casa de Câmara mencionada anteriormente, um oratório, as Casas do Carcereiro, na parte posterior do edifício assim como em Mariana, que ficam ao lado do hospital e da cozinha do hospital.

O edifício da Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto carrega um caráter monumental, assim, é possível afirmar que o programa tenta acompanhar tal monumentalidade, por isso era tão completo e com múltiplos espaços, diferente da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana, que apesar de ser uma construção importante, não era tão imponente e possuía o básico para permitir o funcionamento do edifício. Essa busca por criar um edifício monumento é refletida na organização programática em planta, enquanto em Mariana a divisão interna é simples, em Ouro Preto esta é complexa, com diversas escadas internas e pequenas passagens entre cômodos.

Na Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto é perceptível a busca pela simetria, espelhada principalmente na escolha da posição dos vãos nos alçados laterais, é possível observar em planta que algumas das janelas dão para paredes, mas foram colocadas ali para manter a simetria. Os dois edifícios possuem paredes exteriores feitas de pedra e cal, mas a materialidade fica mais presente na construção ouro-pretana, devido as espessuras das paredes, uma vez que até mesmo as paredes internas (principalmente as do piso térreo) apresentam uma espessura considerável.

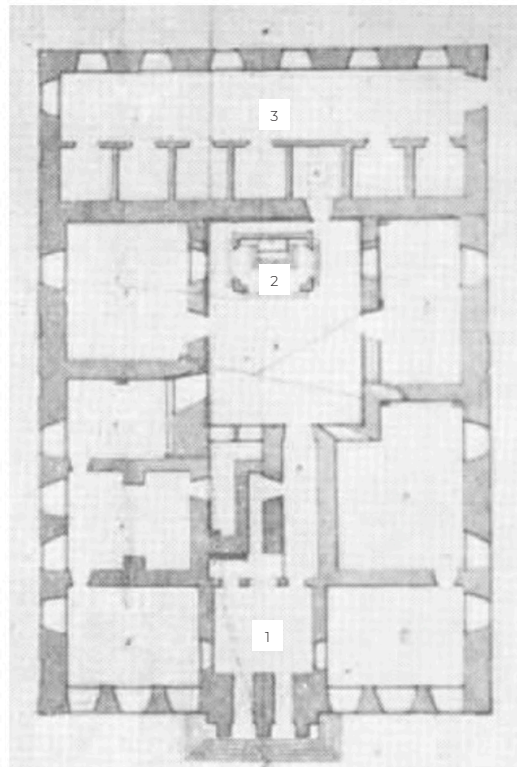
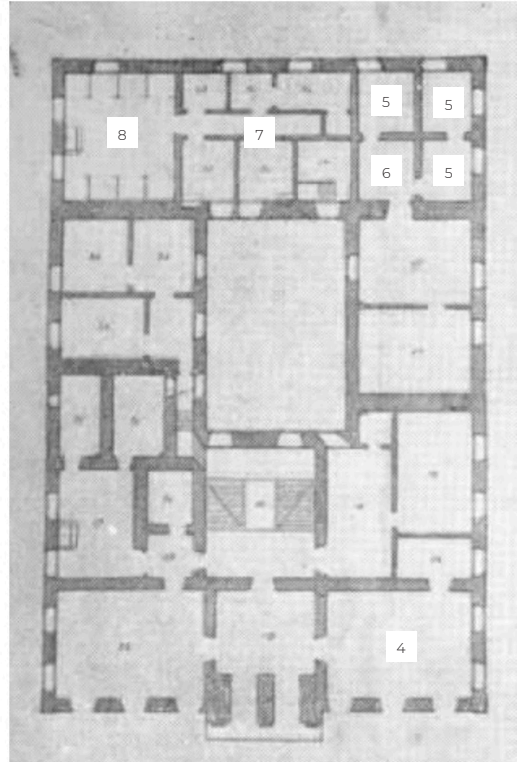
MARIANA



1. Enxovia dos negros
2. Enxovia das mulheres
3. Enxovia dos homens
4. Sala de entrada
5. Casa de Audiência
6. Casa de Câmara
7. Sala do Segredo
8. Casa do Carcereiro
9. Sala Livre
10. Quarto para a secretária da Câmara

Figura 60. Risco da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana com espaços demarcados. (Autora, 2023)

OURO PRETO



- 1. Sala de entrada
- 2. Capela
- 3. Açougue
- 4. Casa de Câmara
- 5. Casa do Carcereiro
- 6. Cozinha (localização aproximada)
- 7. Cozinha do Hospital
- 8. Hospital

Figura 61. Risco da Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto com espaços demarcados. (Autora, 2023)

Ao comparar o risco da Casa de Câmara de Cadeia de Mariana com o que existe atualmente (Figura 62) percebe-se este foi seguido em maior parte do edifício, e que o existente se assemelha muito ao projetado. Já em Ouro Preto, como mencionado no subcapítulo 3.1., é possível notar que nem tudo que está no risco foi construído, além disso, com as diversas mudanças de programas sofridas pelo edifício, diversas modificações foram feitas no local. Apesar disso, o piso térreo conserva a maior parte do risco original, diferente do piso superior, que aparenta ter sofrido mais alterações no que diz respeito a paredes interiores de menor espessura.

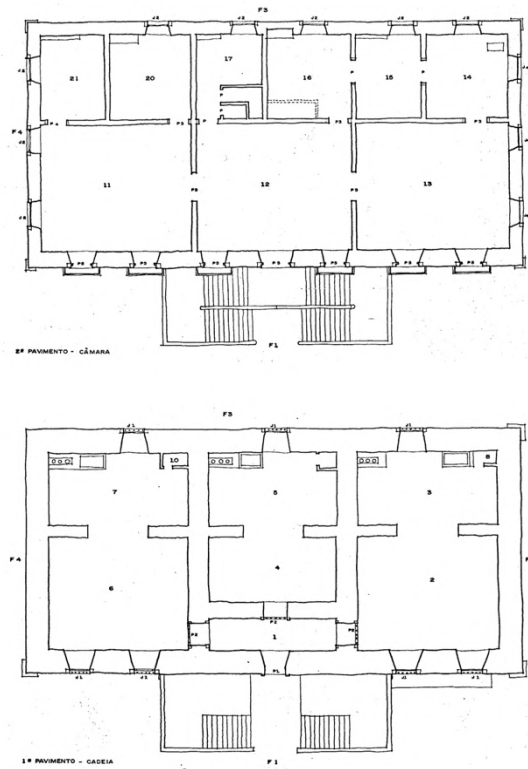
Em edifícios como as Casas de Câmara e Cadeia de Mariana e Ouro Preto (Figura 63) é possível ver a busca por um traçado regulador, na forma do retângulo, aparente em planta e em alçado. O estudo de (Barreto, 1947, p. 163) revela a presença da proporção áurea nestes edifícios: “Citando apenas as Casas de Câmara de Mariana e Ouro Preto poderemos dizer terem sido moduladas segundo a “divina proporção”. Mas no frontispício da Câmara de Mariana ficou gravada ao vivo a composição e decomposição do retângulo aureo”. (Figura 64)

O frontispício da Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto é dividido em três partes, os eixos laterais e o central, feito completamente em pedra com o intuito de indicar o pórtico em cantaria da entrada. Outra característica destacada na obra é a horizontalidade, evidente devido ao embasamento arrematado em cantaria, a cimalha, a faixa de pedra horizontal que sai da sacada principal e sobressai os cunhais (os dividindo em dois e diminuindo a verticalização que trazem ao conjunto) e a composição da cobertura, cujo telhado de quatro águas com cumeeira mais baixa desaparece ao olhar para a fachada, deixando a cobertura marcada somente pela platibanda de balaustres de pedra.

A composição do frontispício da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana é trabalhada em um plano único, sem divisões, apesar disto, a horizontalidade e a figura geométrica do retângulo não ficam tão demarcados devido ao telhado de quatro águas com trapeira. O edifício marianense não é tão imponente quanto o de Ouro Preto devido a escala e materiais, já que o trabalho em cantaria fica restrito às vergas, apesar disso, a escada em Mariana é bem mais imponente. Embora sejam edifícios com partidos diferentes na fachada, possuem um ponto em comum: as escadas posicionadas na parte central do edifício que levam até a entrada principal, posicionada no piso térreo em Ouro Preto e em Mariana no piso superior.

A insistência da busca pela simetria na Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto é notória em razão dos elementos decorativos díspares posicionados no mesmo local (coluna sobreposta pela pilastra) nos dois pisos, e pela não hierarquização dos vãos, todos são do mesmo tamanho com o mesmo tipo de verga, apesar de no piso inferior serem janelas de peitoril e no superior, janelas rasgadas. Em contrapartida, a composição marianense busca diferenciar e hierarquizar os vãos da fachada, sendo estes diferentes quanto ao tipo, tamanho e verga, com o intuito de demarcar qual era o espaço da cadeia, e qual o da câmara.

MARIANA



OURO PRETO

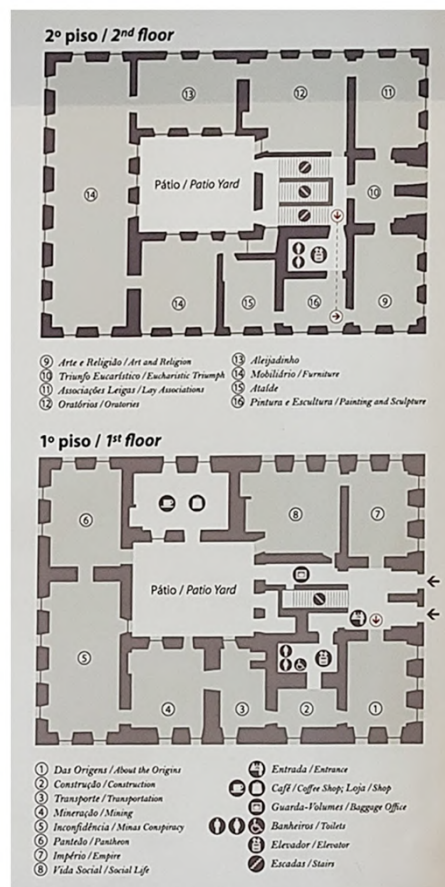


Figura 62. Plantas atuais das Casas de Câmara e Cadeia de Mariana e Ouro Preto. (Autora, 2023)

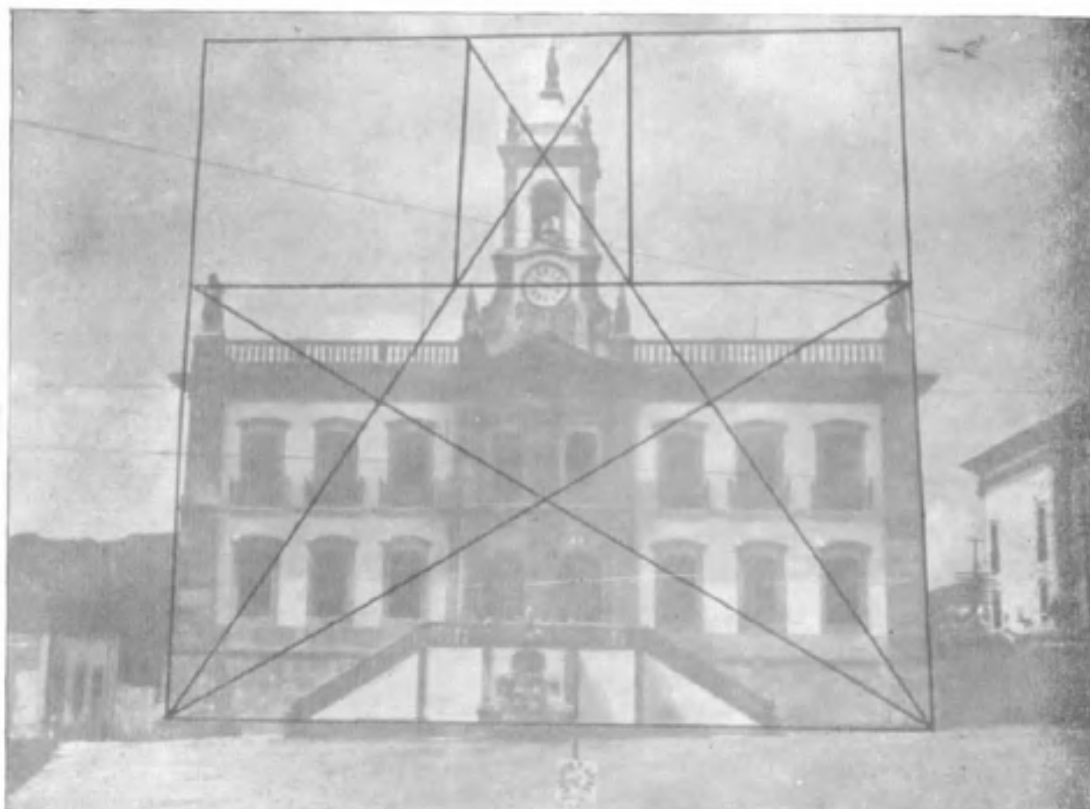
MARIANA



OURO PRETO



Figura 63. Frontispícios das Casas de Câmara e Cadeia de Mariana e Ouro Preto. (Autora, 2023)



OURO PRETO

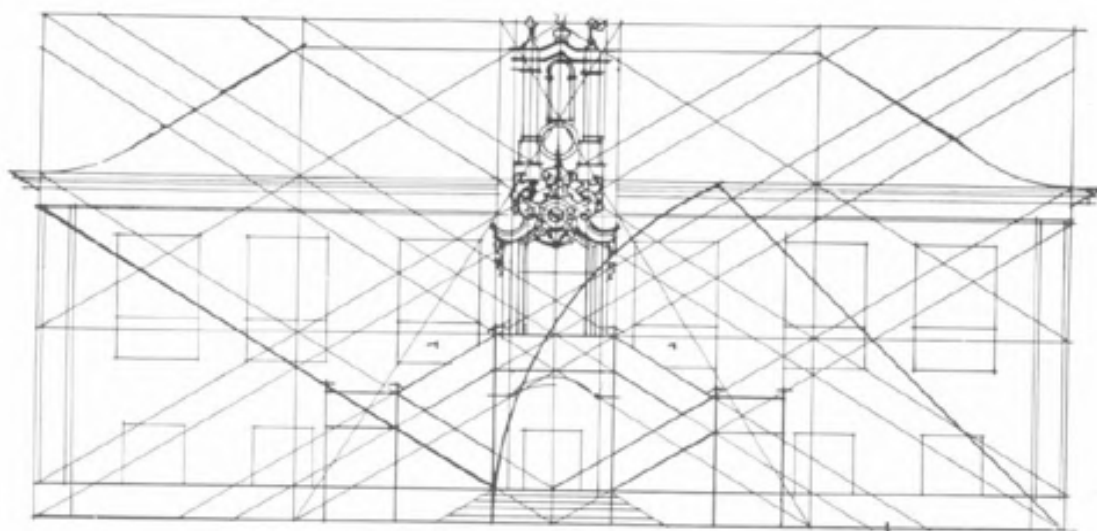


Figura 64. Frontispícios das Casas de Câmara e Cadeia de Mariana e Ouro Preto. (Barreto, 1947, p. 171)

Tabela 3. Síntese da comparação das plantas das Casa de Câmara e Cadeia de Mariana e Ouro Preto.

Casa de Câmara e Cadeia	Localização	Autor do risco	Ano de Construção	Estilo Arquitetônico	Implantação	Sistema construtivo - Paredes exteriores	Programa arquitetônico	Planta risco x Planta atual
	Mariana	José Pereira dos Santos	1763	Barroco	Retângulo maciço	Alvenaria de pedra e cal	Básico para o funcionamento do edifício	Poucas mudanças
	Ouro Preto	Luis da Cunha Meneses	1785	Neoclássico	Retângulo vazado	Alvenaria de pedra	Possui espaços complementares ao programa arquitetônico base	Poucas mudanças no piso térreo, no piso superior foram feitas mais modificações

Tabela 4. Síntese da comparação dos frontispícios das Casa de Câmara e Cadeia de Mariana e Ouro Preto.

Casa de Câmara e Cadeia	Localização	Estilo Arquitetônico	Fator “movimento”	Vãos	Composição arquitetônica geral
	Mariana	Barroco	Ausente	Diferenciação e hierarquização dos vãos	Plano horizontal único, com destaque para a escada
	Ouro Preto	Neoclássico	Pouco presente – Porção central da portada tem destaque	Não há diferenciação dos vãos - Mesmo tamanho e tipo de verga	Marcada pela retilinearidade e uso da pedra

5.2. Igrejas

O estudo comparativo entre as Igrejas será feito em duas partes: a primeira a partir da planta baixa, localização dos espaços principais de um edifício religioso e sistemas construtivos, enquanto a segunda será acerca de seu frontispício, fachada principal e normalmente a mais característica do edifício. A comparação das plantas será feita a partir de dois dos fatores usados por (Santos P. F., 1951) em sua obra, “massa” e “movimento”. A “massa” corresponde ao volume construído, levando em conta a espessura das paredes e qual a sensação que a construção transmite (leveza ou robustez). Já o “movimento” é a junção de espaço e tempo, e configura, a partir da “massa” a dinâmica ou rigidez do espaço. Por fim, a comparação entre os frontispícios terá em consideração o estilo arquitetônico do edifício analisado, o movimento transmitido (ou não) pela fachada, os tipos de vãos inventariados no capítulo acima, e sua composição arquitetônica geral. (Santos P. F., 1951, p. 132)

5.2.1. Igreja de São Francisco de Assis

A Igreja de São Francisco de Assis de Mariana, construída em 1763, é um edifício do rococó, enquanto a Igreja, da mesma Ordem, construída em 1765 em Ouro Preto ilustra um edifício de tipologia curvilínea, da transição entre barroco e rococó. As duas Igrejas possuem alvenaria de pedra como sistema construtivo das paredes exteriores, mas, em Mariana também foi utilizado o adobe. A grande diferença é com relação as nas paredes interiores: em Ouro Preto, o templo possui paredes feitas em pedra, enquanto o de Mariana, em adobe. Apesar de não usar um material tão maciço quanto a pedra, a Igreja de Mariana tem o fator “massa” mais presente, devido a espessura das paredes, a proporção dos espaços e as linhas retas (Figura 65).

Somado a isto, tem-se a sensação de que os espaços da Igreja são mais “independentes” e rígidos, sem movimento, como a separação entre nave e capela-mor, devido a forte presença de ângulos retos e de formas geométricas bem marcadas em planta. Já em Ouro Preto, apesar da materialidade, a “massa” torna-se mais leve, devido as formas mais abertas e curvas (não tão rígidas), ângulos obtusos e a supressão dos corredores laterais, fazendo com que os espaços tenham continuidade e movimento entre eles, como a comunicação entre nave e capela-mor, tornando mais simples a leitura do espaço.

Outras diferenças perceptíveis entre as plantas são a quantidade e posicionamento dos altares laterais, os locais dos púlpitos e a quantidade de acessos à nave. Em Mariana, dois retábulos são colocados de forma obtusa, diminuindo a sensação de que os espaços são independentes, enquanto os outros localizam-se nas paredes da Igreja, já em Ouro Preto, os três altares estão lado a lado, nas paredes do templo. Quanto aos acessos, em Mariana existem duas saídas, em cada lado, dos corredores laterais para a nave, enquanto em Ouro Preto esta acessada somente pelo nártex, já que os corredores laterais se comunicam somente com a capela-mor.

O templo de Ordem Terceira de São Francisco de Assis em Mariana apresenta uma solução arquitetônica diferente do mesmo templo em Ouro Preto. Na primeira, a sacristia não fica nos

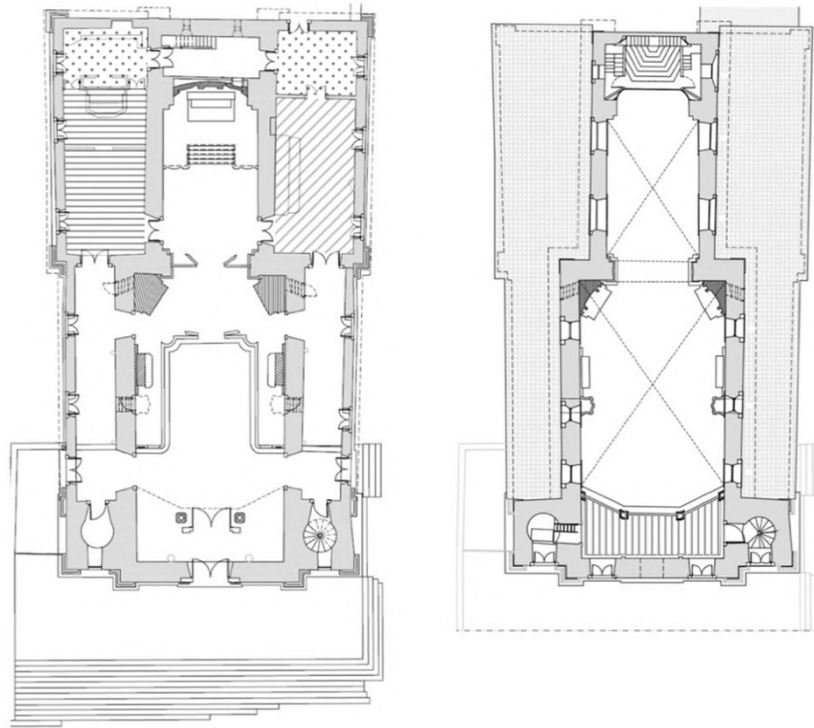
fundos do edifício, atrás da capela-mor, mas sim ao seu lado, criando uma comunicação direta entre estes espaços. Somado a isto, em Mariana, do lado oposto à sacristia e com comunicação a capela-mor existe a Capela do Santíssimo Sacramento, inexistente em Ouro Preto. Consequentemente a localização do consistório muda, em Ouro Preto este se localiza no segundo pavimento, acima da sacristia, enquanto em Mariana, existem dois consistórios, um atrás da sacristia, possui acesso ao exterior do edifício, e outro atrás da Capela do Santíssimo Sacramento, eles se comunicam com um corredor que possui a escada de acesso ao altar-mor. O piso superior da igreja de Mariana, abriga somente o coro, cuja forma espelha a forma rígida do restante do templo. Já em Ouro Preto, o piso de cima contém a sacristia, como mencionado antes, um avarandado acima dos corredores laterais e o coro, em forma curva, predominante na Igreja.

Os frontispícios destes dois casos de estudo (Figura 66) refletem o que foi visto no interior dos templos. Em Mariana, a composição é simples e formal, com predomínio das linhas e ângulos retos e maioritariamente rígida, sendo reforçada pela presença do embasamento em pedra. O pouco movimento presente é devido a projeção da parte central do frontispício para frente e ao frontão liso. Em Ouro Preto, acontece o inverso, o abandono da fachada plana, fazendo com que esta apresente mais movimento devido à exploração das formas curvas e ângulos obtusos.

Com relação aos vãos, em Ouro Preto as porta-sacadas com verga alteada da porção central do frontispício são repetidas na parte lateral, que devido ao posicionamento das torres, não é vista de frente quando se observa o edifício, assim como uma porta falsa, posicionada para compor esteticamente o edifício. Além disso, os únicos vãos presentes nas escadas das torres são óculos, sendo as janelas rasgadas presentes somente no topo, onde tem-se o sino. Já em Mariana os vãos do corpo das torres não ficam restritos ao óculo, tem-se a diferenciação das vergas das porta-sacadas entre a porção central e as laterais do frontispício. Nos dois casos a portada possui verga alteada e apresenta o domínio em cantaria de pedra, além disso, em ambos a cimalha acompanha o óculo, mas no templo ouro-pretano, este encontra-se vedado por um medalhão.

O frontispício da Igreja de São Francisco de Assis de Mariana representa o início do abandono da fachada plana, já conseguida no mesmo templo em Ouro Preto. A composição arquitetônica da primeira é típica do rococó, harmônica e com elementos leves, enquanto a segunda tem junção de elementos clássicos e do barroco, com o exagero na decoração vistos na portada e no medalhão, mas que no geral, é coerente com o restante da fachada.

MARIANA



OURO PRETO

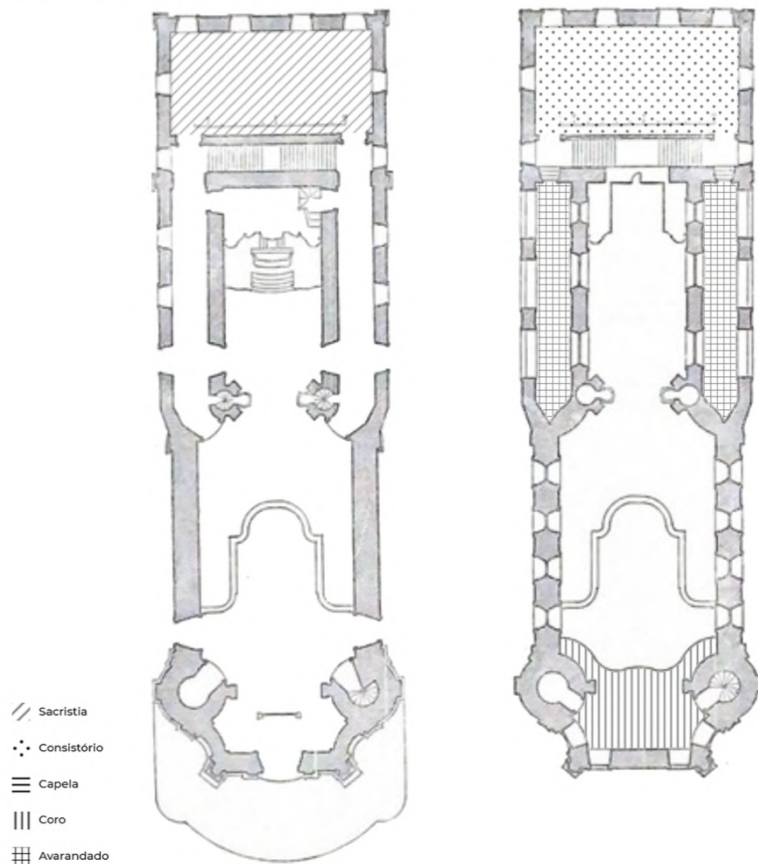


Figura 65. Plantas das Igrejas de São Francisco de Assis de Mariana e Ouro Preto. (Autora, 2023)

MARIANA



OURO PRETO



Figura 66. Frontispícios das Igrejas de São Francisco de Assis de Mariana e Ouro Preto. (Autora, 2023)

Tabela 5. Síntese da comparação das plantas das Igreja de São Francisco de Assis de Mariana e Ouro Preto.

Igreja de São Francisco de Assis	Localização	Autor do risco	Ano de Construção	Estilo Arquitetônico	Sistema construtivo – paredes exteriores	Sistema construtivo – paredes interiores	Ângulos predominantes em planta	Fator “massa”	Fator “movimento”	Localização do programa arquitetônico
	Mariana	José Pereira dos Santos	1763	Rococó	Alvenaria de pedra e adobe	Adobe	Ângulo reto	Transmite robustez	Transmite rigidez	Organização diversa
	Ouro Preto	Atribuído à Aleijadinho, mas existem contestações acerca de sua autoria	1765	Transição barroco para rococó	Alvenaria de pedra	Alvenaria de pedra	Ângulo obtuso	Transmite leveza	Transmite movimento	Organização tradicional

Tabela 6. Síntese da comparação dos frontispícios das Igreja de São Francisco de Assis de Mariana e Ouro Preto.

Igreja de São Francisco de Assis	Localização	Estilo Arquitetônico	Fator “movimento”	Vãos	Composição arquitetônica geral
	Mariana	Rococó	Pouco presente devido a projeção do corpo central e ao frontão	Vãos iguais com verga diferenciada na porção central e laterais; Torre com óculo, porta-sacada e janela rasgada	Harmônica, com elementos decorativos leves
	Ouro Preto	Transição barroco para rococó	Muito presente devido ao posicionamento das torres	Vãos iguais com mesma verga na porção central e laterais; Torre com óculos e janela rasgada; Porta falsa na porção lateral	Composição coerente e harmônica, bem conseguida mesmo com o exagero da decoração

5.2.2. Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Mariana foi construída em 1752, e é um edifício característico do rococó, enquanto a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Ouro Preto data de meados do século XVIII, e possui tipologia curvilínea típica do barroco. As duas construções são de alvenaria de pedra, e ambas transmitem a mesma sensação com relação a “massa”, construções maciças e pesadas, apesar das formas elípticas no templo de Ouro Preto. Isso acontece devido a grossa espessura das paredes para suportar as cargas de um edifício curvo, que fica ainda mais evidente na entrada do templo, no arco-cruzeiro e na capela-mor, já na nave, essa percepção é suavizada devido aos corredores de acesso aos púlpitos.

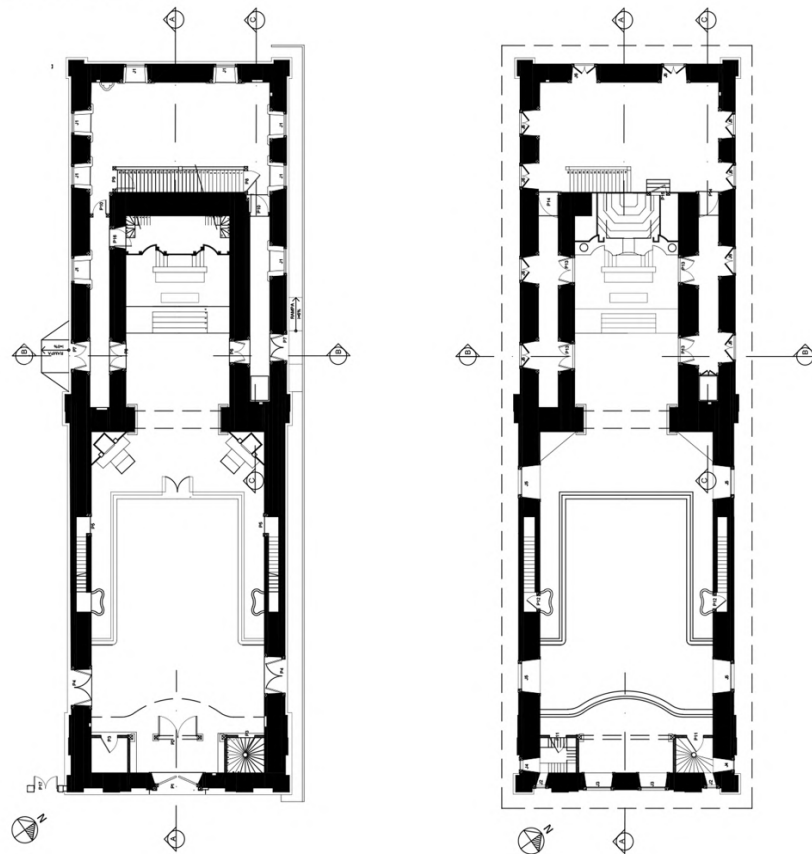
Com relação ao fator “movimento”, a Igreja de Mariana apresenta uma composição mais rígida os espaços são mais “fechados” e com desenhos bem delimitados, como o retângulo da nave e o da capela-mor. O posicionamento dos altares laterais na nave ameniza a sensação de rigidez da planta, assim como acontece no templo marianense de São Francisco de Assis. Em contrapartida, as formas elípticas da planta de Ouro Preto deixam os espaços da nave e capela-mor mais fluidos e unificados, mas a sacristia destoa do restante da construção, rompendo com o dinamismo nesta porção.

Os dois templos religiosos possuem o posicionamento do programa arquitetônico da mesma forma (Figura 67), sendo uma nave única sem corredores laterais, que ficam limitados à capela-mor, sacristia nos fundos com consistório, tribunas e coro no piso superior. As características divergentes das igrejas são a presença do galilé antes do nártex em Ouro Preto, e a quantidade de altares laterais e seus posicionamentos na nave, em Mariana são apenas dois altares situados ao lado do arco-cruzeiro, criando ângulos obtusos na Igreja. Já no templo ouro-pretano os altares encontram-se nas paredes laterais, sendo três de cada lado.

O frontispício (Figura 68) da Igreja do Rosário dos Pretos de Mariana apresenta uma composição clássica, sóbria e formalista, com linhas retas. Todavia, o frontispício da igreja em Ouro Preto é o exato oposto, com domínio das formas curvas e elementos côncavos. Com relação aos vãos, em Mariana o corpo central da fachada recebe os maiores, a portada, as porta-sacadas com vergas alteadas, e o tradicional óculo, enquanto os corpos laterais possuem somente a seteira e janelas de peitoril no topo das torres. O mesmo acontece em Ouro Preto, os vãos do galilé, são espelhados no piso superior e tomam forma de porta-sacadas com vergas alteadas, enquanto as torres possuem pequenas aberturas, os óculos e seteiras, sendo as últimas vistas somente na lateral do edifício.

No geral o frontispício do templo ouro-pretano representa um diferencial da produção arquitetônica da época, o equilíbrio entre ornamentação barroca e forma curva, além da presença de novos elementos, como o galilé e o frontão trilobado. Mariana apresenta uma composição harmônica, suave, delicada, mas um pouco desproporcional ao observar o tamanho das torres, como foi comentado no capítulo anterior.

MARIANA



OURO PRETO

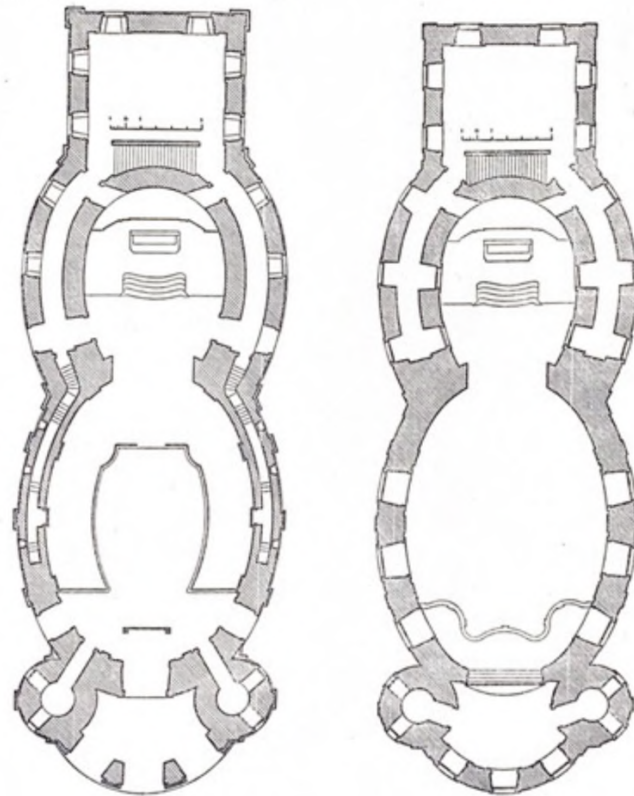


Figura 67. Plantas das Igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Mariana e Ouro Preto. (Autora, 2023)

MARIANA



OURO PRETO



Figura 68. Frontispício das Igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos

Tabela 7. Síntese da comparação das plantas das Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Mariana e Ouro Preto.

Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	Localização	Autor do risco	Ano de Construção	Estilo Arquitetônico	Sistema construtivo – paredes exteriores	Sistema construtivo – paredes interiores	Ângulos predominantes em planta	Fator “massa”	Fator “movimento”	Localização do programa arquitetônico
	Mariana	José Pereira dos Santos	1752	Rococó	Alvenaria de pedra e cal	Adobe	Ângulo reto	Transmite robustez	Transmite rigidez	Organização tradicional
	Ouro Preto	Sem informações sobre a autoria	Meados do século XVIII	Barroco	Alvenaria de pedra	Alvenaria de pedra	Ângulo obtuso Forma elíptica	Transmite robustez	Transmite movimento	Organização tradicional

Tabela 8. Síntese da comparação dos frontispícios das Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Mariana e Ouro Preto.

Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	Localização	Estilo Arquitetônico	Fator “movimento”	Vãos	Composição arquitetônica geral
	Mariana	Rococó	Ausente	Vão iguais na porção central; Torre com seteira e janela rasgada;	Composição clássica e harmônica
	Ouro Preto	Barroco	Presente	Galilé; Vão iguais na porção central; Torre com óculos, seteiras e janela rasgada	Implementação de novos elementos arquitetônicos bem integrados com o frontispício, que por sua forma é um diferencial da arquitetura feita na época

6. Conclusão

O presente estudo, aliado à informação recolhida e analisada, permitiu concluir que apesar de Mariana e Ouro Preto estarem próximas geograficamente, cada cidade avançou de modo individual e independente, tanto em termos históricos quanto de produção arquitetônica. A construção de uma Casa de Câmara e Cadeia, uma Igreja de São Francisco de Assis e uma Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos nas duas cidades reforça a importância que ambas tiveram nas Minas Gerais do século XVIII, cada uma em sua esfera. Ao comparar a monumentalidade das construções percebe-se que as Igrejas apresentam níveis semelhantes de ornamentação e de importância, o que não acontece com a Casa de Câmara, sendo a de Ouro Preto bem mais imponente, por estar situada na capital da Capitania.

A vertente da pesquisa histórica desta dissertação foi um elemento crucial para entender a dinâmica da sociedade da época, que conseqüentemente influenciou as construções que foram analisadas. Além disso, apesar de todos os casos de estudo terem sido construídos durante o ocaso do Ciclo do Ouro, a decadência da situação econômica não foi refletida nas construções, já que até as Igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, irmandade destinada aos escravizados e libertos, e que contava com menos recursos financeiros, apresentavam rico trabalho em ornamentação nos altares laterais e capela-mor.

No que diz respeito às características de cada construção, as Igrejas apresentam posicionamento similar do programa arquitetônico, exceto pela Igreja de São Francisco de Assis que difere em alguns pontos. Isso ocorre por ser um edifício com programa muito rígido, que permite pouca flexibilidade. Quanto aos frontispícios, percebe-se que as Igrejas analisadas em Mariana são caracterizadas pelo estilo clássico da época, com um caráter²⁹ menos experimental, enquanto as de Ouro Preto são o oposto, representando as novas alternativas de risco e conseqüentemente de construção arquitetônica.

As Casa de Câmara e Cadeia apresentam grande diferença no programa e no frontispício. Isso é explicado, mais uma vez, pelo fato de Ouro Preto sediar a capital política e administrativa, o que exigiu um edifício que fosse além do programa arquitetônico básico e que transmitisse sua imponência no alçado principal. Com relação aos sistemas construtivos, estes sim é possível dizer que a proximidade geográfica teve influência nos materiais utilizados, já que, como foi visto, era utilizada matéria prima regional devido à dificuldade no transporte para o interior. Desse modo, Mariana e Ouro Preto compartilham o rico trabalho em pedras locais, assim como foi visto nos casos de estudo analisados.

²⁹ Cariz em Portugal.

Esta investigação permite concluir que existe a lacuna de algumas informações referentes ao estudo do risco da Casa de Câmara e Cadeia feito por Luis da Cunha Meneses e ao próprio acesso às plantas. Além disso, percebeu-se a ausência de estudos a sobre a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Mariana, o que não acontece com a mesma igreja em Ouro Preto, possivelmente devido ao fato da restrição do título de “Monumento Nacional” a uma parte da cidade de Mariana, como mencionado no subcapítulo “2.1. Mariana”, refletindo na quantidade de visitantes deste edifício e possivelmente, no de estudiosos.

A metodologia utilizada nesta investigação, principalmente a elaboração de fichas tipo, foi essencial para a elaboração do capítulo de comparação dos casos de estudo já que permitiu ver, de maneira mais clara, os princípios compositivos de cada planta e alçado. Por fim, ressalto que este estudo, que carrega relevante carga pessoal, permitiu compreender melhor edifícios que fazem parte da minha memória, devido às diversas visitas feitas a estas cidades e a estes edifícios ao longo de minha vida.

Bibliografia

- Ávila, A., Gontijo, J. M., & Machado, R. G. (1979). BARROCO MINEIRO GLOSSÁRIO DE ARQUITETURA E ORNAMENTAÇÃO. Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro e Fundação Roberto Marinho.
- Bandeira, M. (1975). Guia de Ouro Preto. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Barreto, P. T. (1947). Casas de Câmara e Cadeia. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional(11), pp. 9 - 195.
- Bazin, G. (1956). A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil (Vol. I). Rio de Janeiro: Editora Record.
- Carmo, B. H., Queiroz, D., & Santo, M. A. (2012). Inventário de Proteção do Acervo Cultural - Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Ouro Preto: Prefeitura de Ouro Preto.
- Fonseca, C. D. (1998). O Espaço Urbano de Mariana: Sua formação e suas representações. Em ICHS/UFOP, Termo de Mariana (pp. 27 - 66). Ouro Preto: UFOP.
- HPIP - Patrimônio de Influência Portuguesa. (s.d.). Mariana. Acesso em 11 de 08 de 2023, disponível em HPIP - Patrimônio de Influência Portuguesa:
<https://hPIP.org/pt/contents/place/174>
- Junqueira, V. A. T. P. (2006). Capela da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Ouro Preto : um guia comentado (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas). Disponível em [HYPERLINK "https://hdl.handle.net/20.500.12733/1602758" \t "_blank"](https://hdl.handle.net/20.500.12733/1602758)
<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1602758>

- Lage, M. M. L. (2018). José Pereira Arouca, um construtor na Mariana setecentista: Entre arrematações, “monopólios” e redes de sociabilidades (1753 – 1800) (Tese de doutoramento, Universidade Federal de Minas Gerais). Disponível em [HYPERLINK "http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B9CDSZ" http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B9CDSZ](http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B9CDSZ)
- Mendes, C., Veríssimo, C., & Bittar, W. (2011). *Arquitetura no Brasil: De Cabral a Dom João VI*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio.
- Nunes, F. (s.d.). O que são virtudes cardeais? Acesso em 08 de 08 de 2023, disponível em Santuário do Pai das Misericórdias: <https://santuario.cancaonova.com/artigos-religiosos/o-que-sao-virtudes-cardeais/>
- Oliveira, M. A., & Campos, A. A. (2010a). *Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana* (Vol. 1). Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta.
- Oliveira, M. A., & Campos, A. A. (2010b). *Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana* (Vol. 2). Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta.
- Pinheiro, F. A. D. (2006). *Confrades do Rosário: Sociabilidade e Identidade étnica em Mariana – Minas Gerais (1745-1820)* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense). Disponível em <http://app.uff.br/riuff/handle/1/24735>
- Queiroz, D., & Santo, M. A. (2012). *Inventário de Proteção do Acervo Cultural - Igreja de São Francisco de Assis*. Ouro Preto: Prefeitura de Ouro Preto.
- Salgado, M. (2010). *Ouro Preto: Paisagem em transformação* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais). Disponível em <http://hdl.handle.net/1843/MMMD-8QCLUV>

Salvador, N. C. (2015). Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana: A construção de sua capela, os irmãos terceiros e as representações iconográficas (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas). Disponível em HYPERLINK "https://hdl.handle.net/20.500.12733/1625474" <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1625474>

Santos, P. F. (1951). A arquitetura religiosa em Ouro Preto I. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos.

Trindade, C. R. (1958). A Sede do Museu da Inconfidência em Ouro Preto. São Paulo: Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda.

Vasconcellos, D. L. (1904). História antiga das Minas Gerais. Belo Horizonte: Imprensa Oficial.

Vasconcellos, S. d. (1979). Arquitetura no Brasil: Sistemas Construtivos. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Apêndice A - Índice dos elementos gráficos

Figuras 48, 52 e 53

Ávila, A., Gontijo, J. M., & Machado, R. G. (1979). BARROCO MINEIRO GLOSSÁRIO DE ARQUITETURA E ORNAMENTAÇÃO. Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro e Fundação Roberto Marinho.

Figura 32

Anônimo. (31 de 08 de 1927). ASPECTOS DA PENITENCIÁRIA DE OURO PRETO. Acesso em 20 de 08 de 2023, disponível em Arquivo Público Mineiro:

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=6133

Figura capa Apêndice B – Casa de Câmara e Cadeia de Mariana

Anônimo. (06 de 1972). CASA DA CÂMARA E CADEIA. Acesso em 29 de 08 de 2023, disponível em Arquivo Público Mineiro:

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=34212

Figura 24

Anônimo. (1800). [PLANTA DE VILA RICA DE NOSSA SENHORA DO PILLAR]. Acesso em 28 de 08 de 2023, disponível em Arquivo Público Mineiro:

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos/brtacervo.php?cid=727

Figura capa Apêndice B – Igreja de Nossa Senhoraa do Rosário dos Pretos de Ouro Preto

Anônimo. (s.d.). VISTA FRONTAL DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM OURO PRETO (MG). Acesso em 29 de 08 de 2023, disponível em Arquivo Público Mineiro:

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=29562

Figura capa Apêndice B – Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto vista do avarandado da Ig. De São Francisco de Assis

Baldi, M. (s.d.). [Vista da varanda lateral para a antiga Casa de Câmara e Cadeia, atual Museu da Inconfidência, vendo-se parte da Igreja de Nossa Senhora do Carmo]. Acesso em 29 de 08 de 2023, disponível em Acervo Digital IPHAN:

http://acervodigital.iphan.gov.br/xmlui/handle/123456789/37305?discover?rpp=10&etal=0&query=igreja+de+nossa+senhora+do+ros%C3%A1rio&filtertype_o=format&filtertype_1=spatial&filter_relational_operator_1>equals&filter_relational_operator_o>equals&filter_1=O

Figuras 6, 11, 25, 28, 31, 45, 51, 64, F1

Barreto, P. T. (1947). Casas de Câmara e Cadeia. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*(11), pp. 9 - 195.

Figura 46

Colin, S. (06 de 09 de 2010). Técnicas construtivas do período colonial – I. Acesso em 03 de 08 de 2023, disponível em Coisas da Arquitetura:
<https://coisasdaarquitetura.wordpress.com/2010/09/06/tecnicas-construtivas-do-periodo-colonial-i/>

Figura capa Apêndice B – Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Mariana

Ferber. (s.d.a). VISTA FRONTAL DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM MARIANA (MG). Acesso em 29 de 08 de 2023, disponível em Arquivo Público Mineiro:
http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=29441

Figura capa Apêndice B – Igreja de São Francisco de Assis de Mariana

Ferber. (s.d.b). VISTA FRONTAL DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO EM MARIANA (MG). Acesso em 29 de 08 de 2023, disponível em Arquivo Público Mineiro:
http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=29437

Figura capa Apêndice B – Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto

Ferber. (s.d.c). FACHADA DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA NA PRAÇA TIRADENTES EM OURO PRETO (MG). Acesso em 29 de 08 de 2023, disponível em Arquivo Público Mineiro:
http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=29614

Figura 12, F1

Fundação João Pinheiro. Centro de Desenvolvimento Urbano. (1975). Plano de Conservação, Valorização e Desenvolvimento de Ouro Preto e Mariana: Casa de Câmara e Cadeia. Belo Horizonte: FJP.

F4

Guimarães, M. R. (1784). [Planta da cadeia e câmara de Villa Rica]. Acesso em 20 de 08 de 2023, disponível em Google Arts & Culture: <https://artsandculture.google.com/asset/planta-da-cadeia-e-câmara-de-villa-rica-manoel-ribeiro-guimarães/gAG7t5-ohIhsFw>

Figura 2

IBGE. (s.d.a). Cidades e Estados. Acesso em 05 de 04 de 2023, disponível em IBGE: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/mariana.html>

Figura 22

IBGE. (s.d.b). Cidades e Estados. Acesso em 20 de 08 de 2023, disponível em IBGE: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/ouro-preto.html>

Figura capa Apêndice B – Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). (s.d.). [Fachada principal]. Acesso em 29 de 08 de 2023, disponível em Rede de Arquivos IPHAN: http://acervodigital.iphan.gov.br/xmlui/handle/123456789/37378?discover?rpp=10&etal=0&query=igreja+de+nossa+senhora+do+ros%C3%A1rio&filtertype_o=format&filtertype_1=spatial&filter_relational_operator_1>equals&filter_relational_operator_o>equals&filter_1=O

Figura 14, F2

IPHAN. (2017). Conteúdo de Mídia CD - VOLUME I - PARTE 1/4. Superintendência do IPHAN no Estado de Minas Gerais, Escritório Técnico de Mariana. Mariana: IPHAN.

Figura 19, F3

IPHAN. (2020). Documento em DWG - Projeto Arquitetônico. Superintendência do IPHAN no Estado de Minas Gerais, Escritório Técnico de Mariana. Mariana: IPHAN.

F5

IPHAN. (2022). Volume de Processo - Arquivo Central RJ. Superintendência do IPHAN no Estado de Minas Gerais, Escritório Técnico de Ouro Preto. Ouro Preto: IPHAN.

Figura 3

Lage, M. M. L. (2018). José Pereira Arouca, um construtor na Mariana setecentista: Entre arrematações, “monopólios” e redes de sociabilidades (1753 – 1800) (Tese de doutoramento, Universidade Federal de Minas Gerais). Disponível em <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B9CDSZ>

Figura 1

Multi Rio. (s.d.a). O Regimento para as Minas e a criação da Intendência das Minas. Acesso em 29 de 08 de 2023, disponível em Multi Rio: <https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/america-portuguesa/8823-o-regimento-para-as-minas-e-a-intendencia-das-minas>

Figura 5

Multi Rio. (s.d.b). As vilas e a cidade de Mariana. Acesso em 20 de 08 de 2023, disponível em Multi Rio: <https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/america-portuguesa/8788-as-vilas-e-a-cidade-de-mariana>

Figura 4

Museu do Ipiranga USP. (s.d.). MAPA DAS MINAS DE OURO EM SÃO PAULO E COSTAS DO MAR QUE LHE PERTENCE*. Acesso em 29 de 08 de 2023, disponível em Museu do Ipiranga USP: https://acervoonline.mp.usp.br/iconografia/mapa-das-minas-de-ouro-em-sao-paulo-e-costas-do-mar-que-lhe-pertence/#gid=tainacan-item-gallery-block_id-tainacan-item-attachments_id-11825&pid=1

F4

Reinaldo, J. (1801 - 1900 (DATA PROVÁVEL)a). [FACHADA DA CÂMARA DE OURO PRETO]. Acesso em 20 de 08 de 2023, disponível em Arquivo Público Mineiro: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos/brtacervo.php?cid=943

F4

Reinaldo, J. (1801 - 1900 (DATA PROVÁVEL)b). [PLANTA - CORTE DO CENTRO DA CASA DA CÂMARA DE OURO PRETO]. Acesso em 20 de 08 de 2023, disponível em Arquivo Público Mineiro: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos/brtacervo.php?cid=944

F4

Reinaldo, J. (1801 - 1900 (DATA PROVÁVEL)c). [FIGURA DA ESCADA DA CASA DA CÂMARA DE OURO PRETO]. Acesso em 20 de 08 de 2023, disponível em Arquivo Público Mineiro: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos/brtacervo.php?cid=945

F4

Reinaldo, J. (1801 - 1900 (DATA PROVÁVEL)d). [PROJETO DA CASA DA CÂMARA DE OURO PRETO - PARTE DOS FUNDOS]. Acesso em 20 de 08 de 2023, disponível em Arquivo Público Mineiro: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos/brtacervo.php?cid=946

F4

Reinaldo, J. (1801 - 1900 (DATA PROVÁVEL)e). [CASA DA CÂMARA DE OURO PRETO - PARTE DO FUNDO]. Acesso em 20 de 08 de 2023, disponível em Arquivo Público Mineiro: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos/brtacervo.php?cid=947

F4

Reinaldo, J. (1801 - 1900 (DATA PROVÁVEL)f). [PLANTA DA CASA DA CÂMARA DE OURO PRETO - LADO DE ANTÔNIO DIAS]. Fonte: Arquivo Público Mineiro: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos/brtacervo.php?cid=948

Figura 29

Roma Sito Turistico Ufficiale. (s.d.). *Piazza del Campidoglio (The Capitoline Hill)*. Acesso em 08 de 08 de 2023, disponível em Roma Sito Turistico Ufficiale: <https://www.turismoroma.it/en/places/campidoglio-capitoline-hill>

Figura 7, F1

Santos, J. P. (1762a). [Planta Alta da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana]. Acesso em 20 de 08 de 2023, disponível em Google Arts & Culture: https://artsandculture.google.com/asset/planta-alta-da-casa-de-câmara-e-cadeia-de-mariana-josé-pereira-dos-santos/BQHhYGoyBA_rLQ

Figura 8 , F1

Santos, J. P. (1762b). [Planta A da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana]. Acesso em 20 de 08 de 2023, disponível em Google Arts & Culture: <https://artsandculture.google.com/asset/planta-a-da-casa-de-câmara-e-cadeia-de-mariana-josé-pereira-dos-santos/1wHHwNfwzxf4gA>

Figura 9, F1

Santos, J. P. (1762c). [Planta B da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana]. Acesso em 20 de 08 de 2023, disponível em Google Arts & Culture: https://artsandculture.google.com/asset/planta-b-da-casa-de-câmara-e-cadeia-de-mariana-josé-pereira-dos-santos/TgEamTY_WgNiHQ

Figuras 34, 36, 40, 42, F5

Santos, P. F. (1951). A arquitetura religiosa em Ouro Preto I. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos.

Figura 23

Salgado, M. (2010). Ouro Preto: Paisagem em transformação (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais). Disponível em <http://hdl.handle.net/1843/MMMD-8QCLUV>

Figura capa Apêndice B – Praça Minas Gerais

Souza, A. d. (s.d.). IGREJAS DE SÃO FRANCISCO E DE NOSSA SENHORA DO CARMO NA PRAÇA JOÃO PINHEIRO EM MARIANA (MG). Acesso em 29 de 08 de 2023, disponível em Arquivo Público Mineiro:
http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=29721

Figura 44, 47, 49, 50

Vasconcellos, S. d. (1979). Arquitetura no Brasil: Sistemas Construtivos. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Apêndice B – Fichas tipo dos casos de estudo

OURO PRETO E MARIANA: ARQUITETURA RELIGIOSA E CIVIL NO OCASO DO CICLO DO OURO

fichas tipo dos casos de estudo



fichas tipo dos casos de estudo

Município: Mariana - MG				
Endereço: Rua Professor Waldermar de Moura Santos, 144				
Coordenadas: -20.37808589011906, -43.41814048392831				
Estado de conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Em obras
Uso atual: Câmara Municipal e Museu				
Uso(s) anterior(es): Câmara e Cadeia				
Ano de construção: 1782				
Estilo arquitetônico: Barroco				
Enquadramento Urbano:				



Enquadramento urbano. Adaptado de imagem de satélite de (Google Earth, 2023)

Localização:

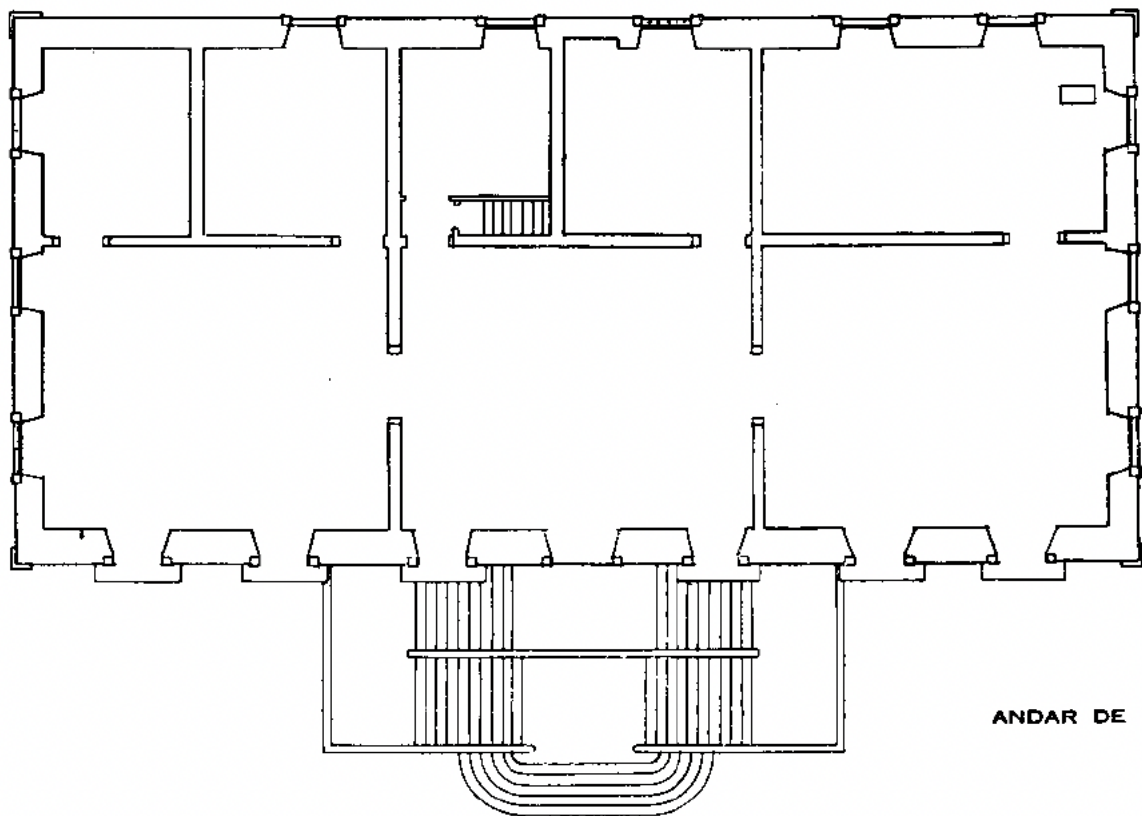


Localização. Adaptado de imagem de satélite de (Google Earth, 2023)

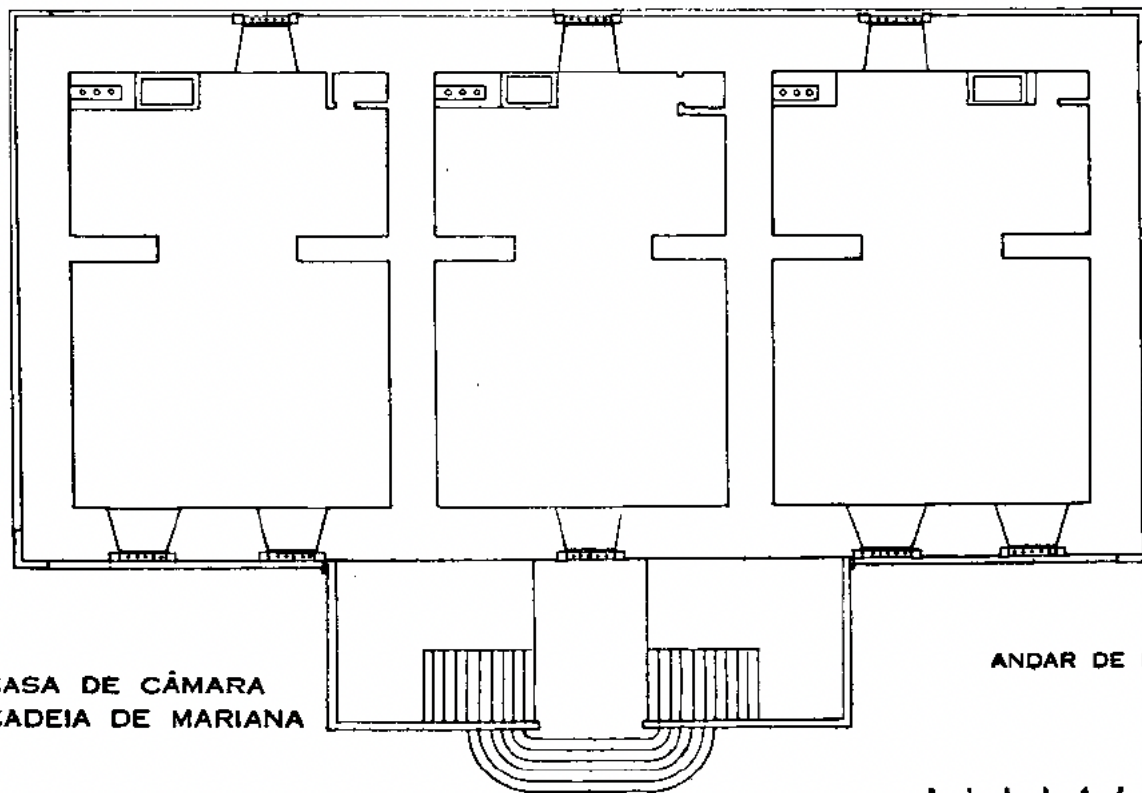
Implantação:



Implantação. Adaptado de imagem de satélite de (Google Earth, 2023)



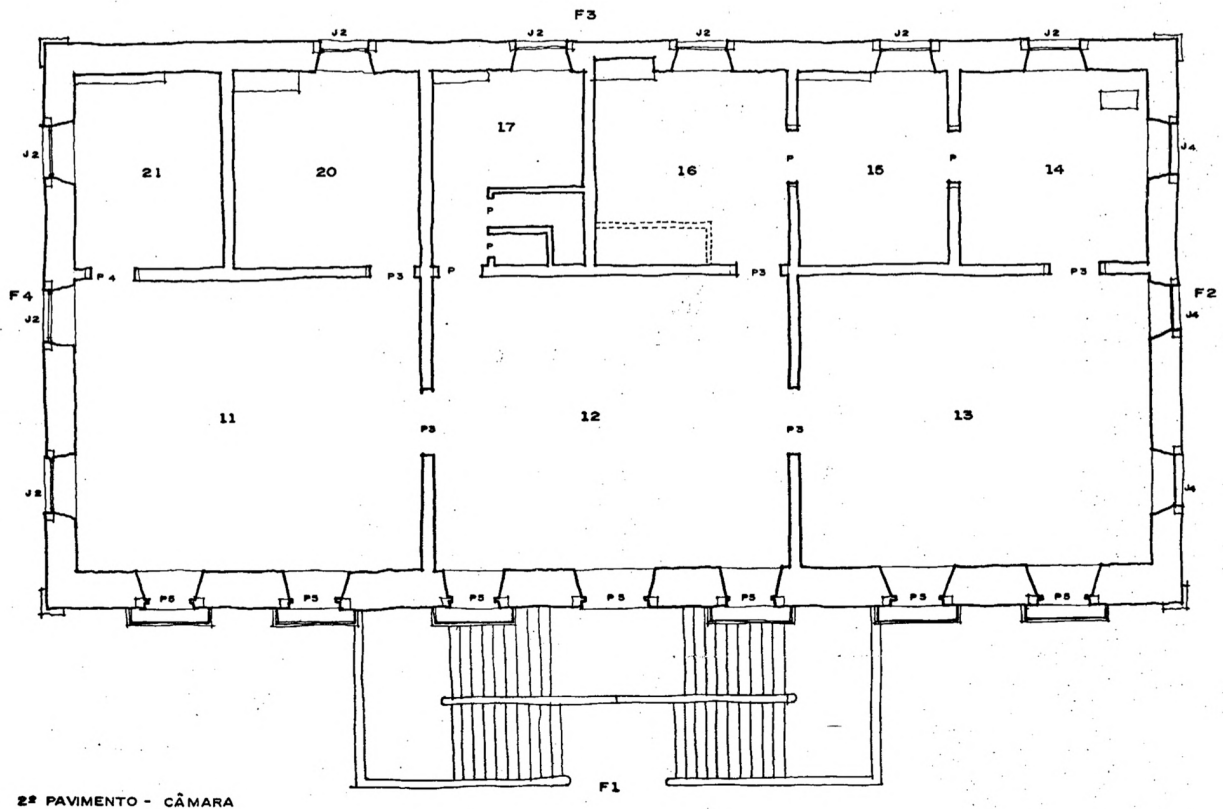
ANDAR DE CIMA



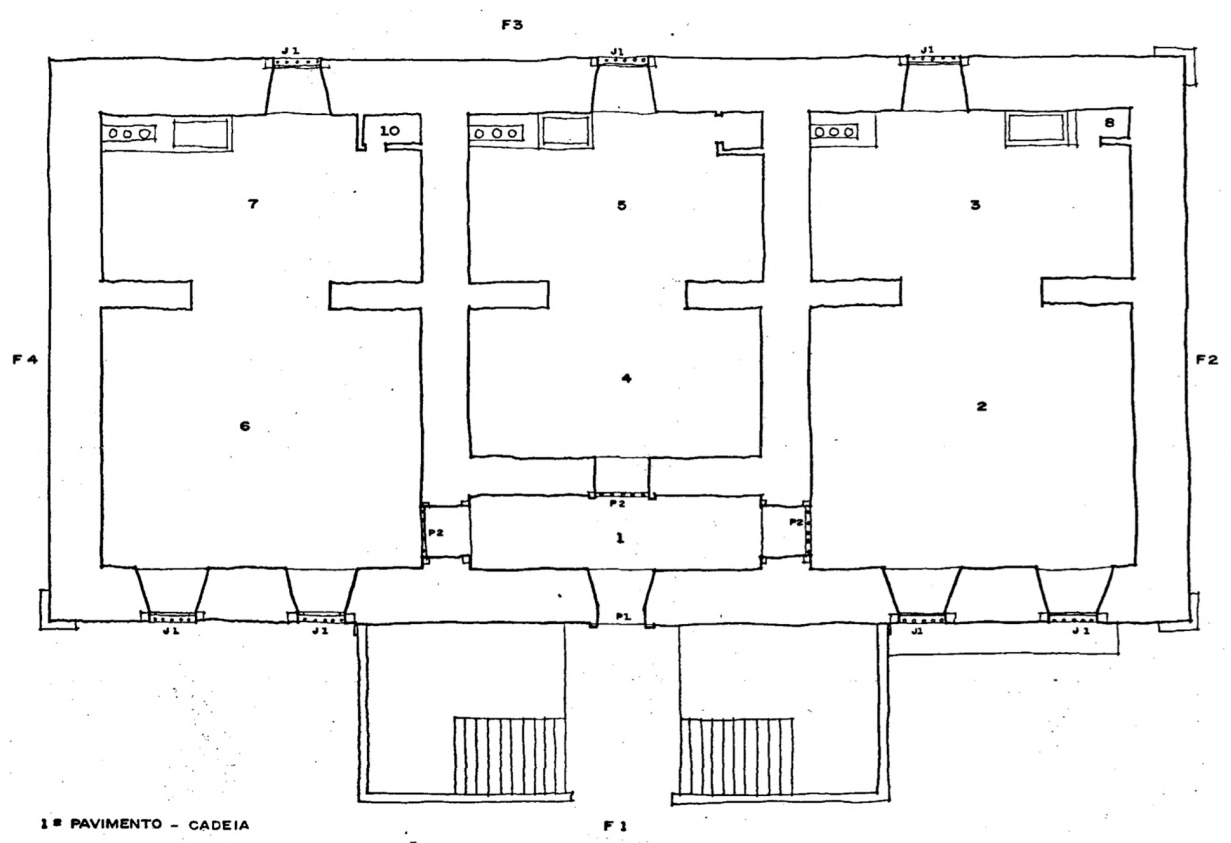
ANDAR DE BAIXO

CASA DE CÂMARA
E CADEIA DE MARIANA



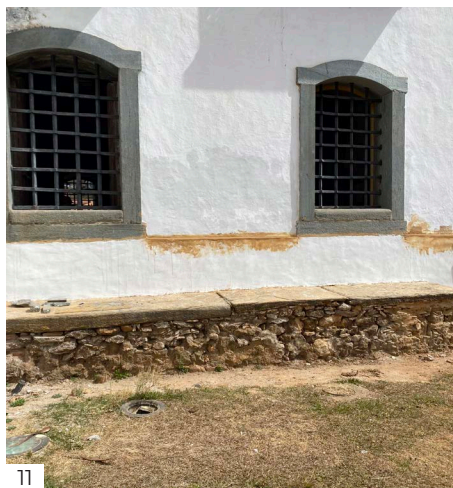
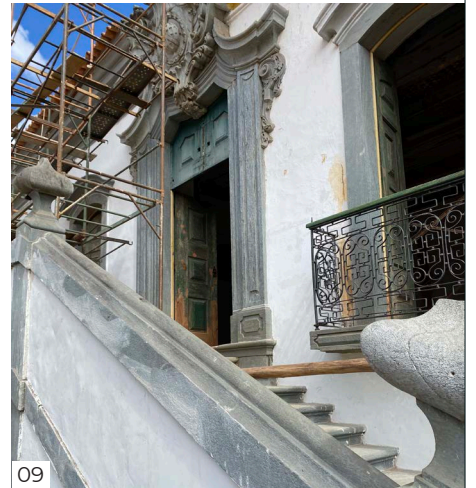
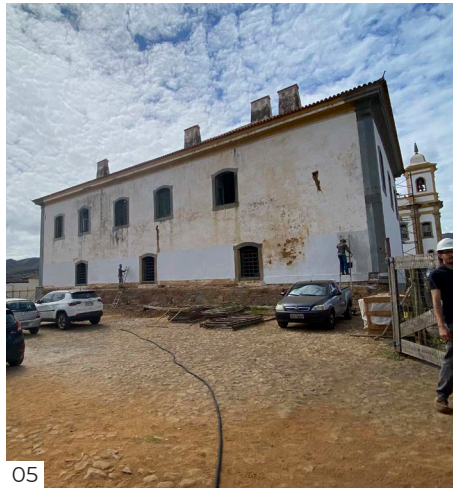
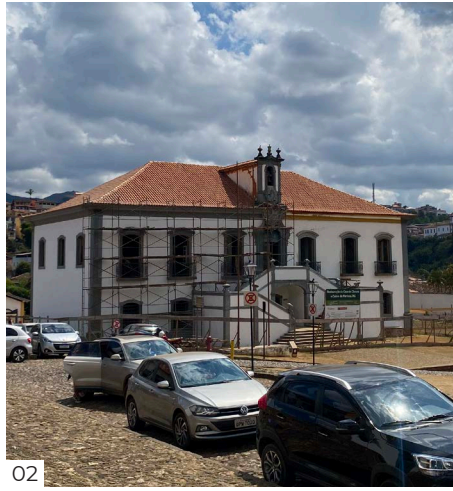


2º PAVIMENTO - CÂMARA

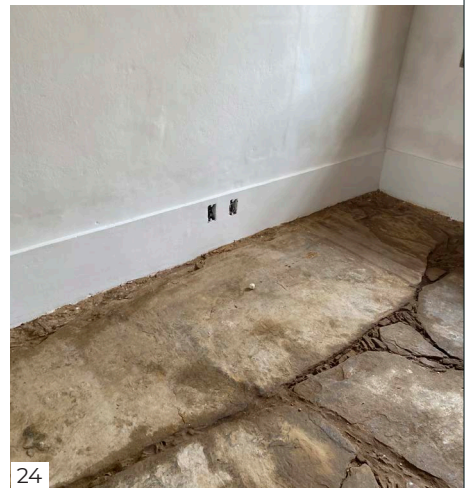
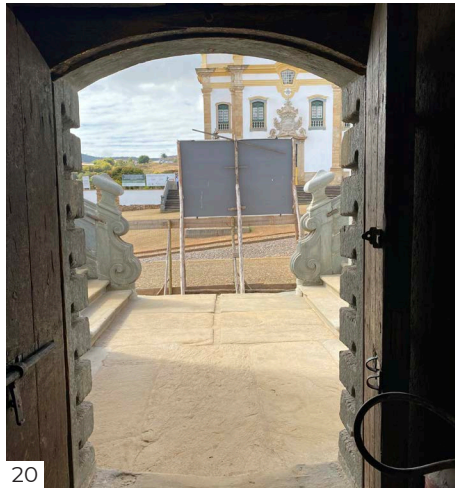
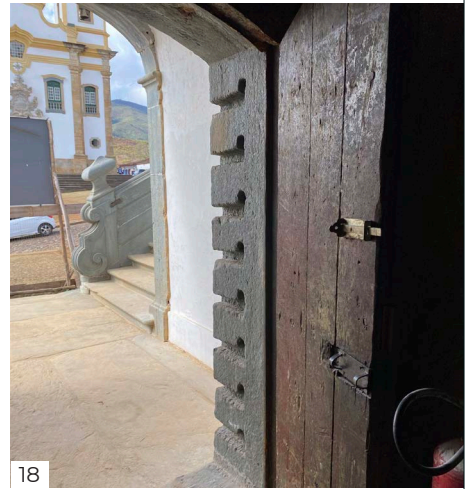
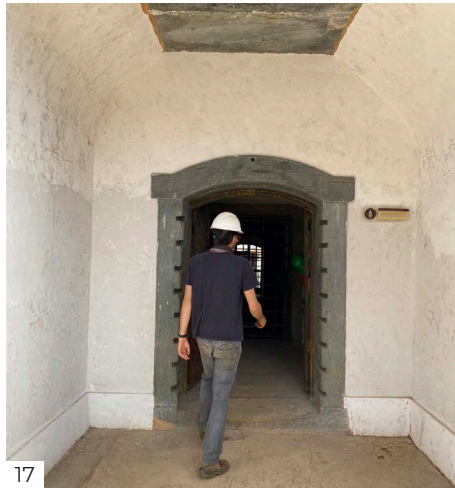
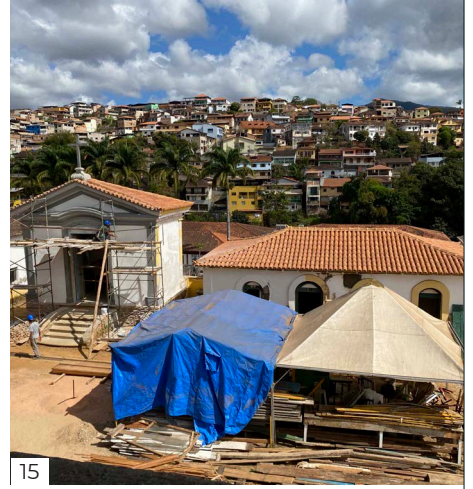


1º PAVIMENTO - CADEIA

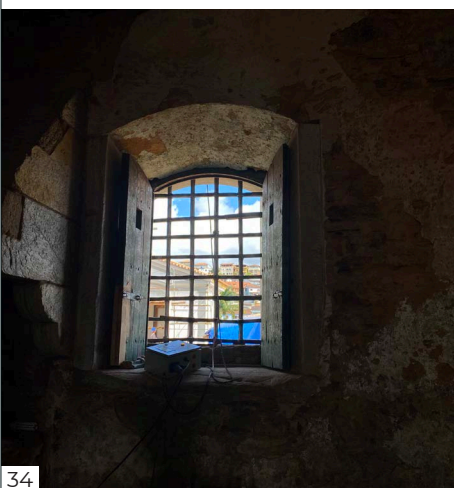
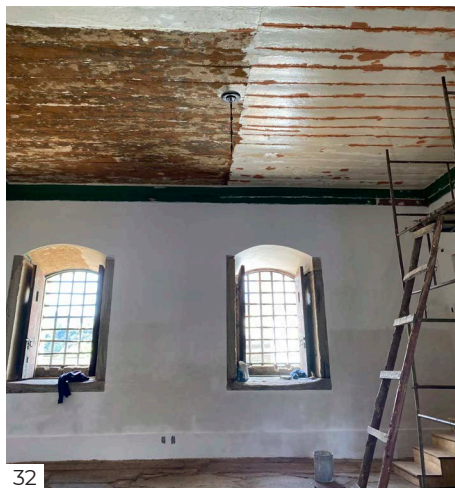
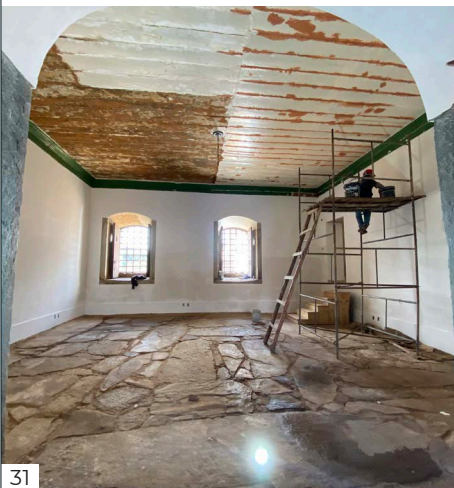
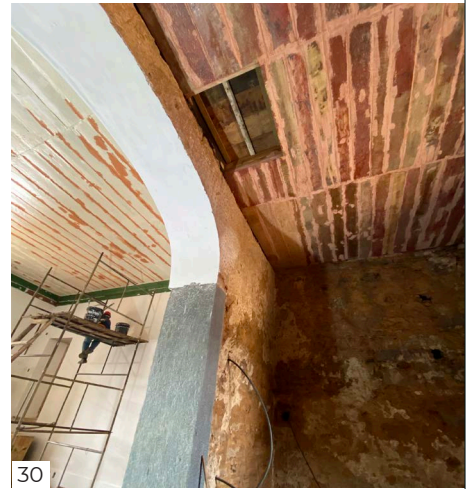
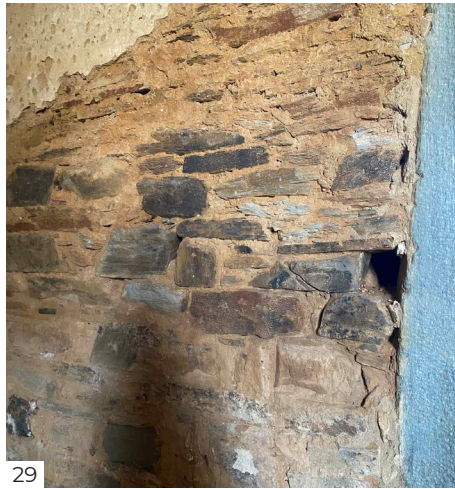
Levantamento Fotográfico (Obra) - Parte 1:



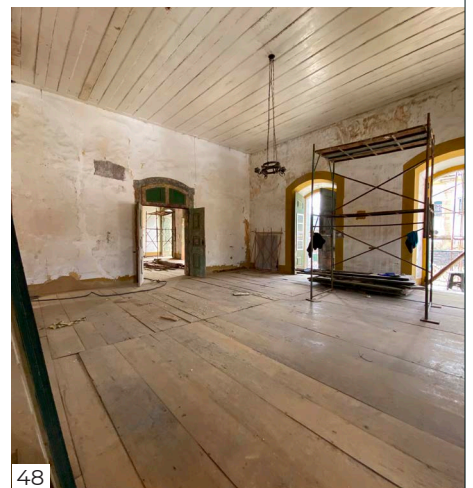
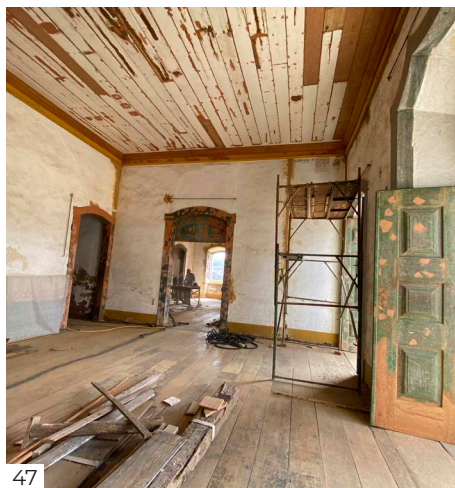
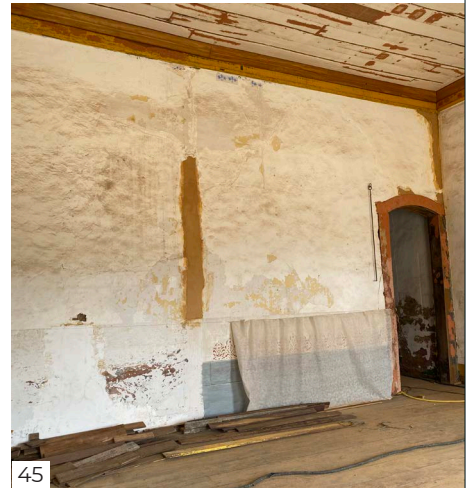
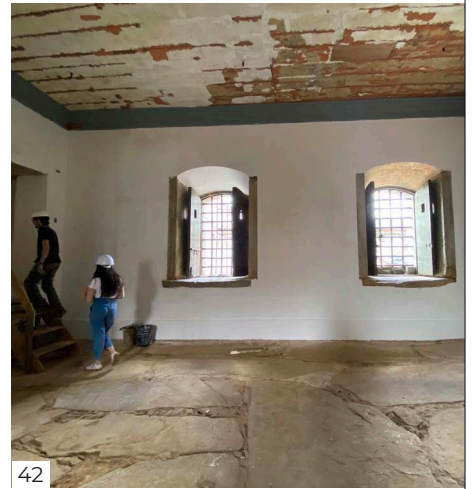
Levantamento Fotográfico (Obra) - Parte 2:



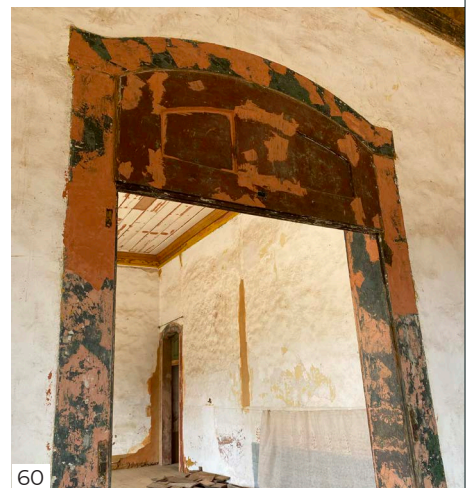
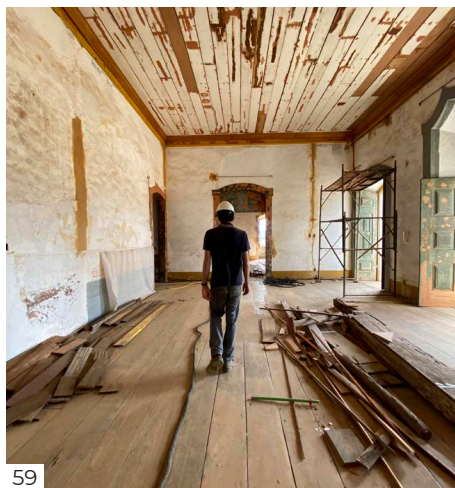
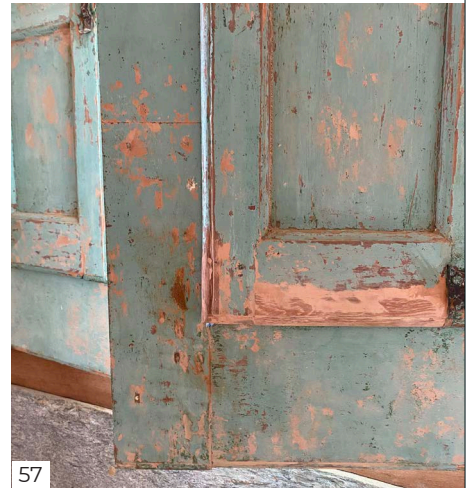
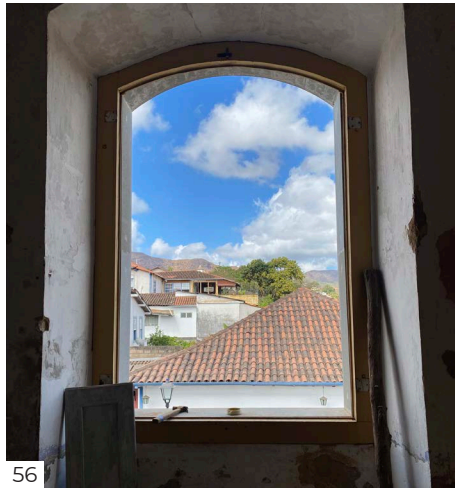
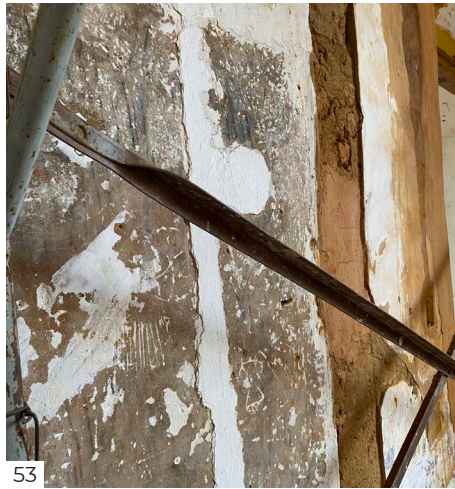
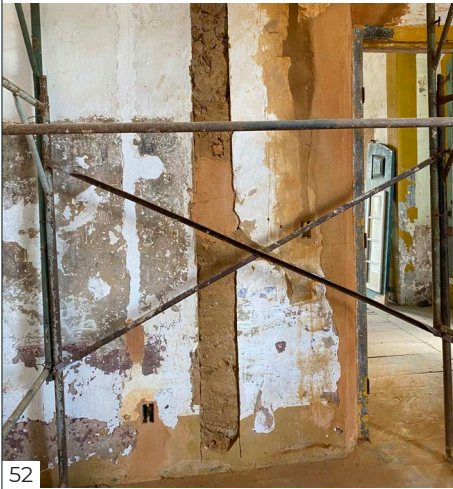
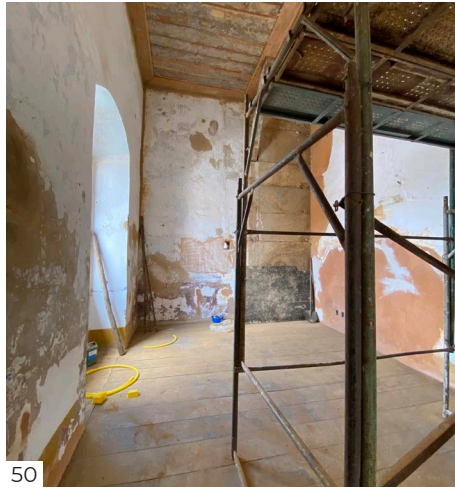
Levantamento Fotográfico (Obra) - Parte 3:



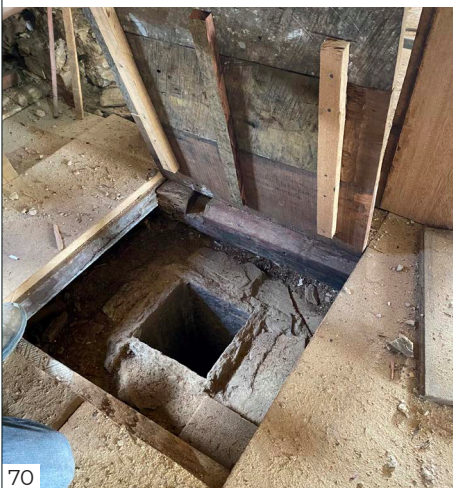
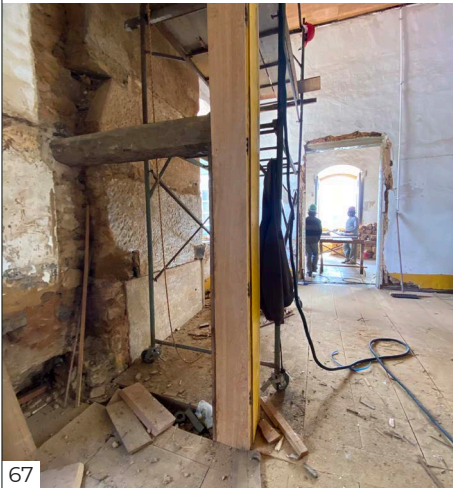
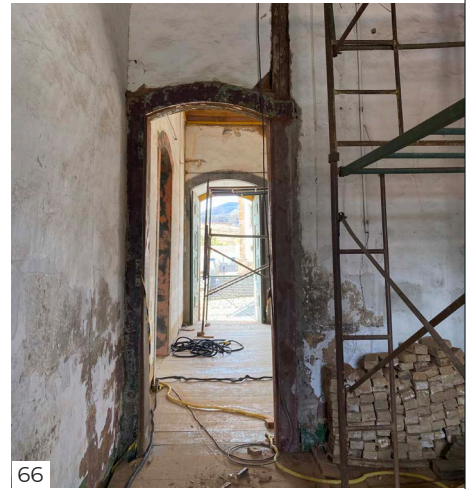
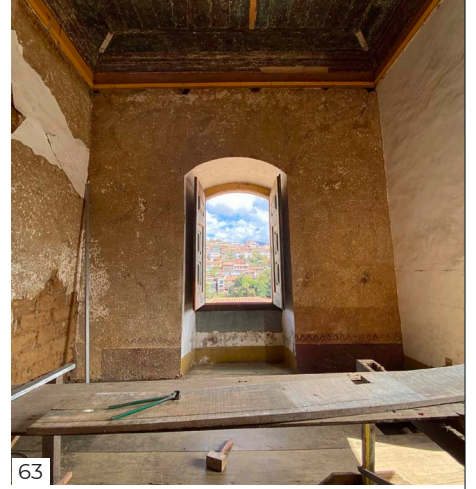
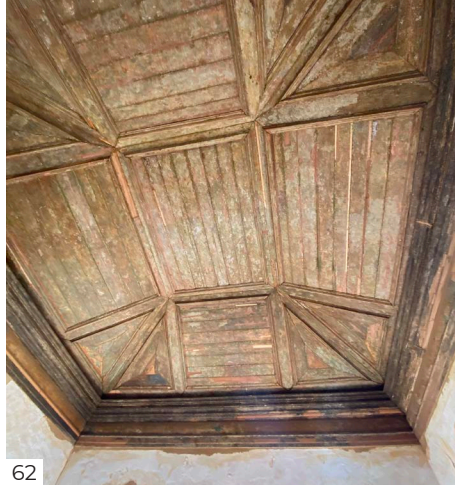
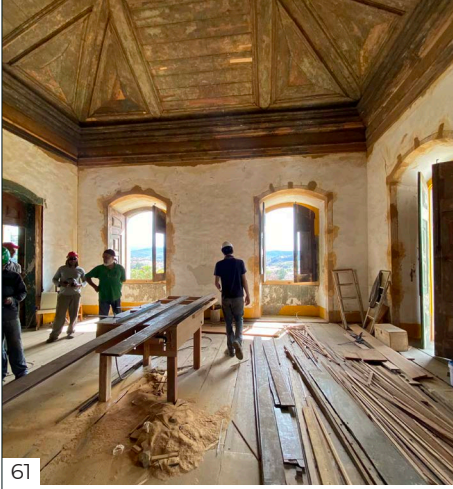
Levantamento Fotográfico (Obra) - Parte 4:



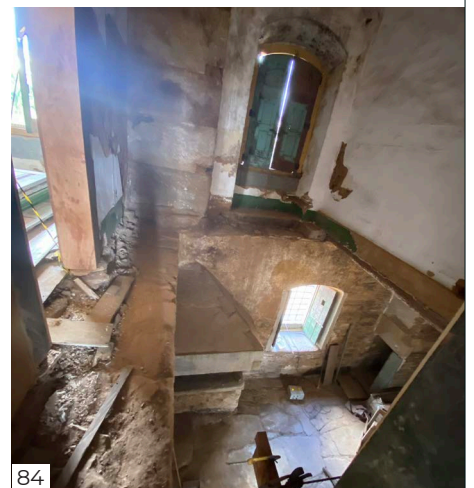
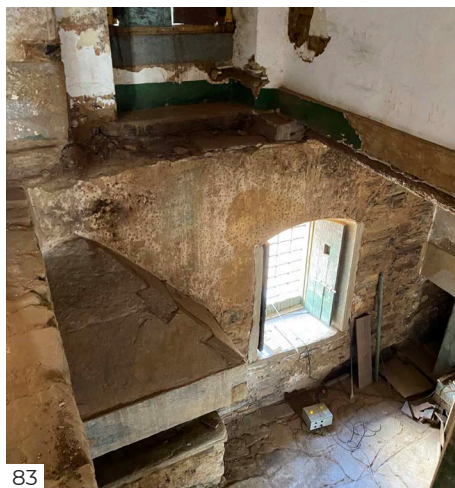
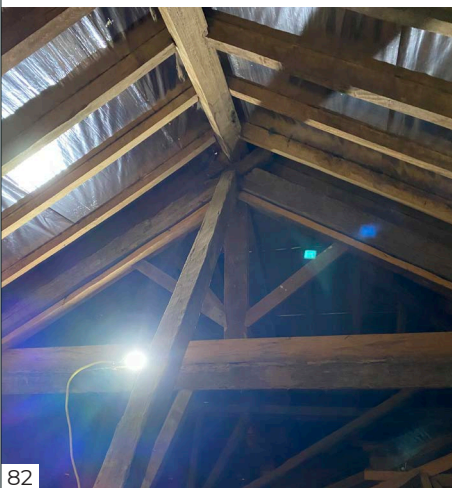
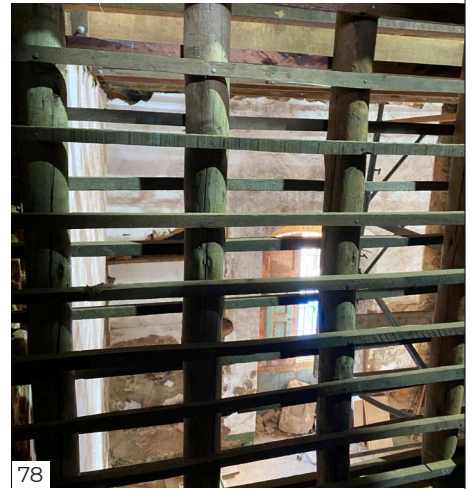
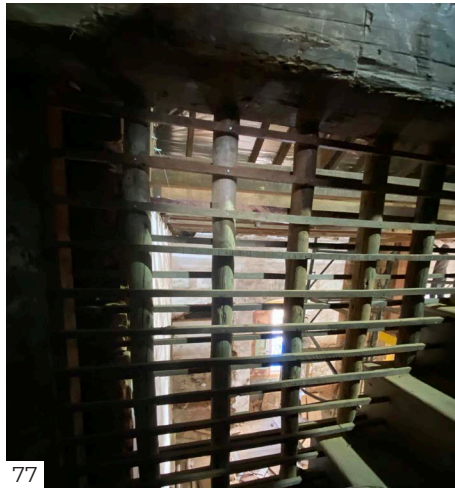
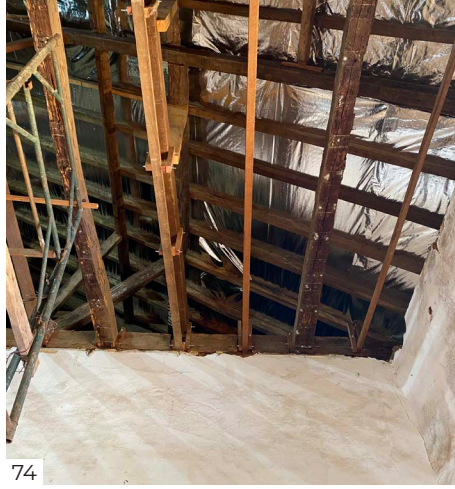
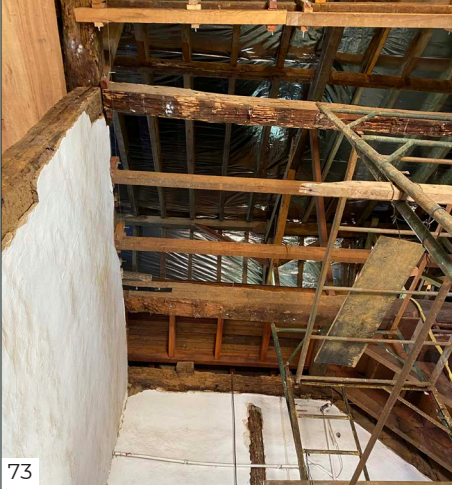
Levantamento Fotográfico (Obra) - Parte 5:



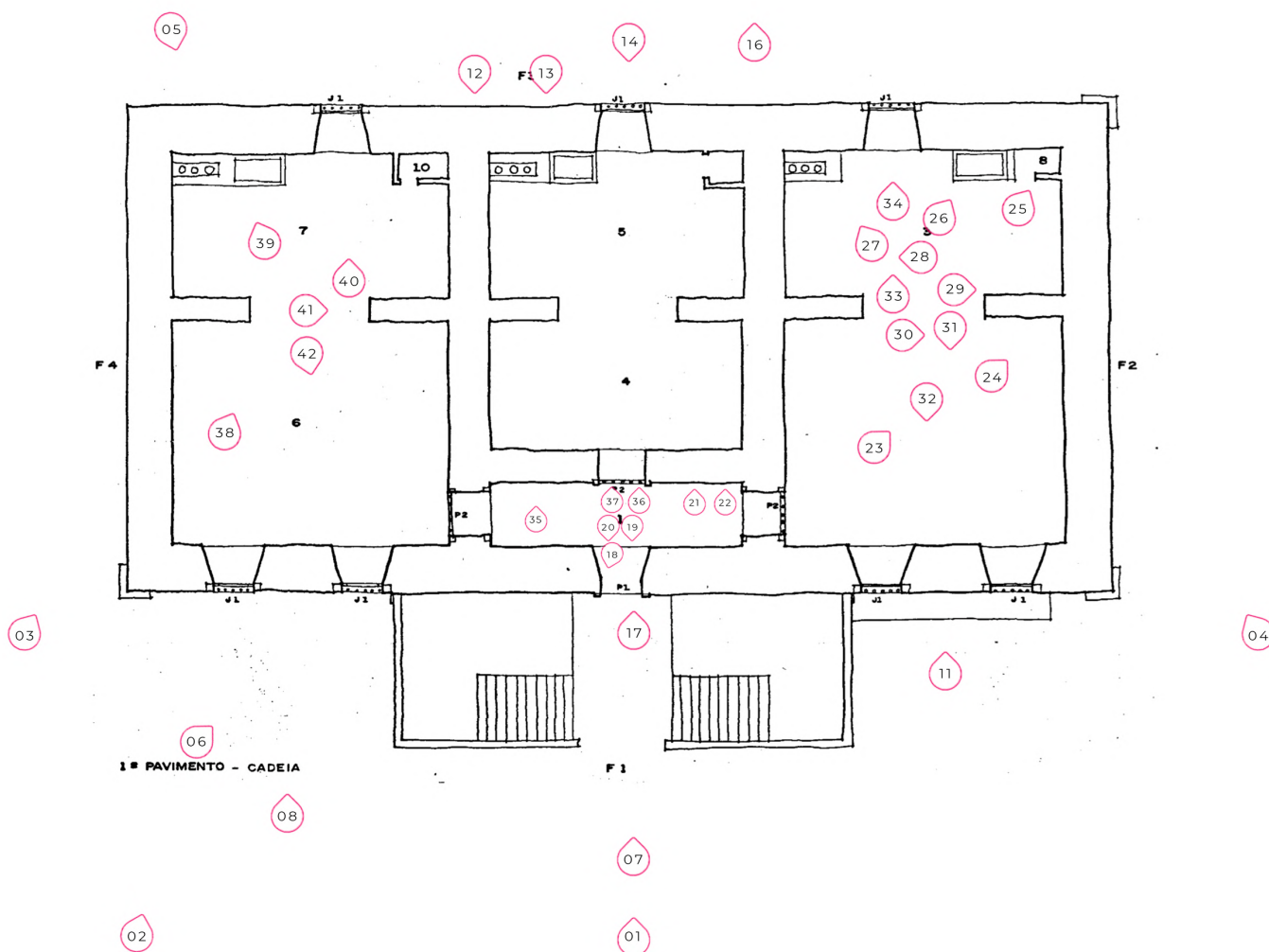
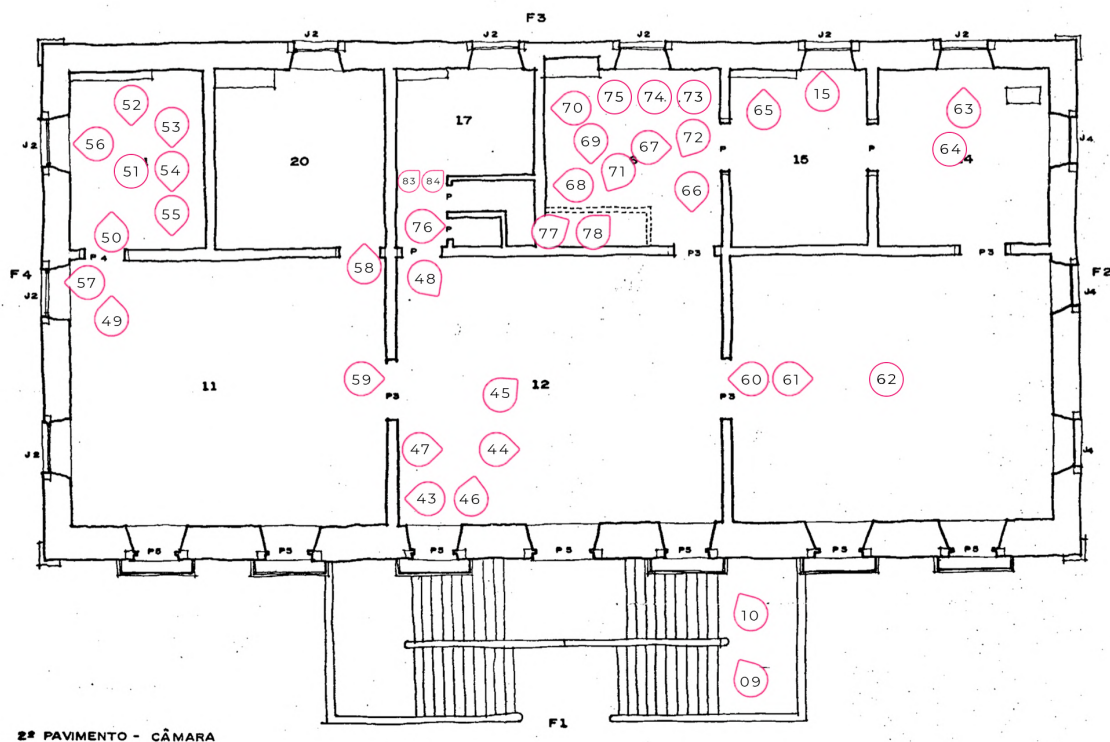
Levantamento Fotográfico (Obra) - Parte 6:



Levantamento Fotográfico (Obra) - Parte 7:



Localização das fotografias:



79 - Forro da Casa de Câmara (Fotografias 61 e 62) visto do telhado

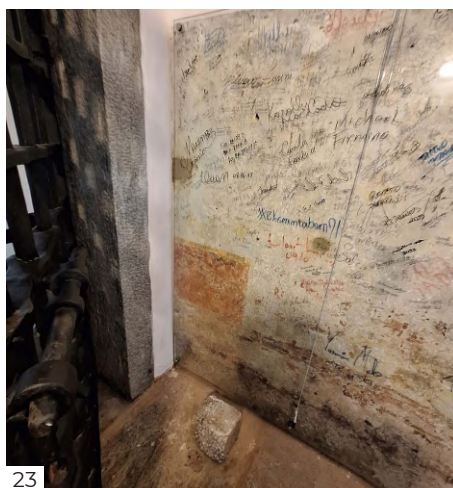
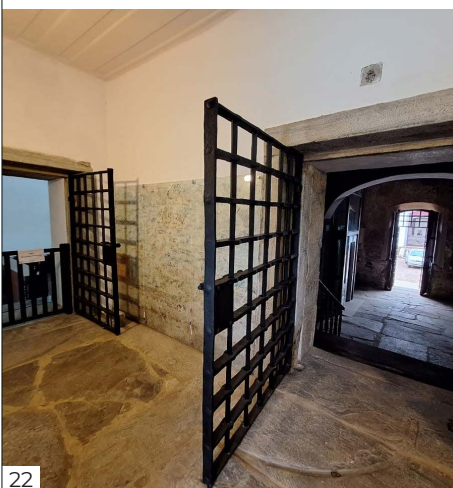
80, 81, 82 - Estrutura do telhado

Nota: Este caso de estudo encontrava-se em obras de restauro durante a visita e recolha fotográfica. Com isso, foi possível acessar áreas do edifício que não são abertas ao público, resultando em uma maior quantidade de fotografias.

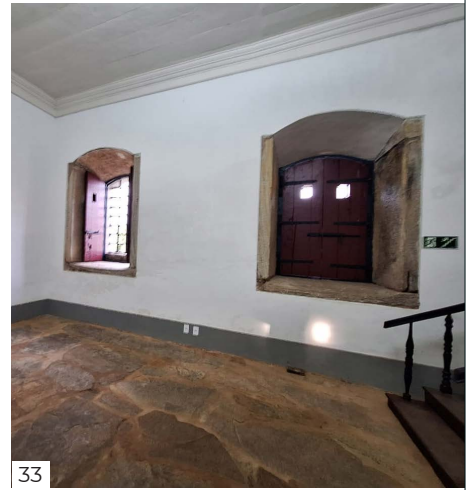
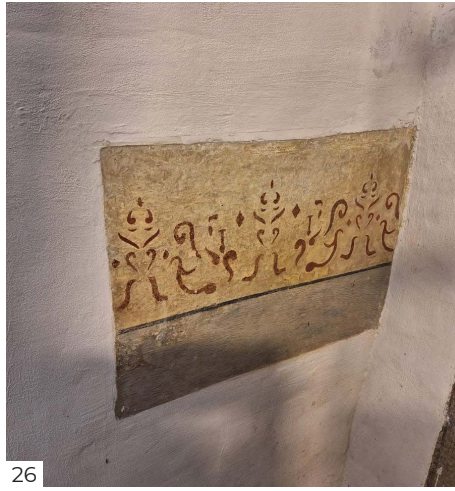
Levantamento Fotográfico (Obra Finalizada) - Parte 1:



Levantamento Fotográfico (Obra Finalizada) - Parte 2:



Levantamento Fotográfico (Obra Finalizada) - Parte 3:



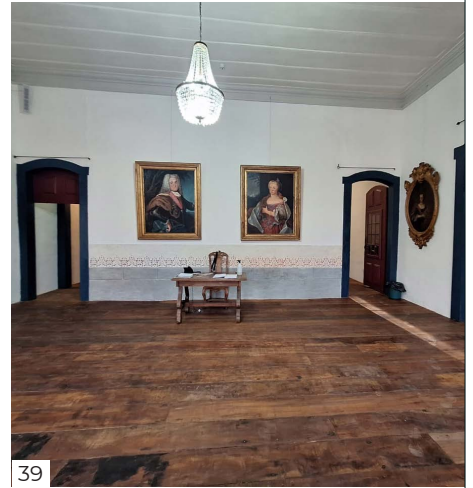
Levantamento Fotográfico (Obra Finalizada) - Parte 4:



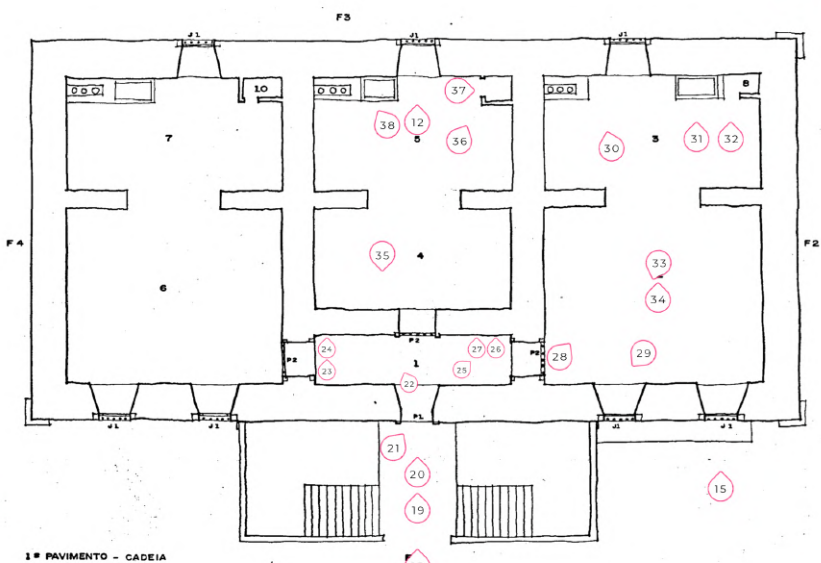
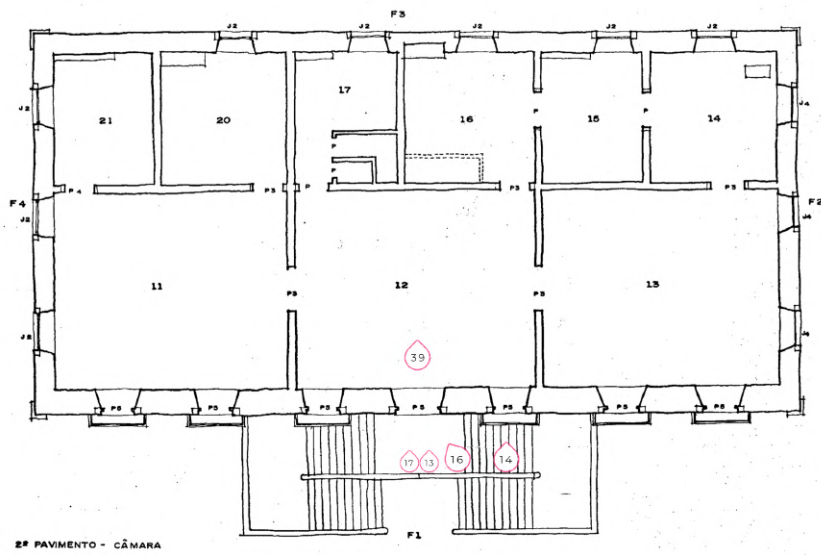
37



38



39



07

03

05

06

08

09

10

04

18

11

02

01

15

fichas tipo dos casos de estudo

Município: Mariana - MG				
Endereço: Praça Minas Gerais, s/n				
Coordenadas: -20.378389281313726, -43.41782616194163				
Estado de conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Em obras
Uso atual: Igreja				
Uso(s) anterior(es): Igreja				
Ano de construção: 1763				
Estilo arquitetônico: Rococó				
Enquadramento Urbano:				



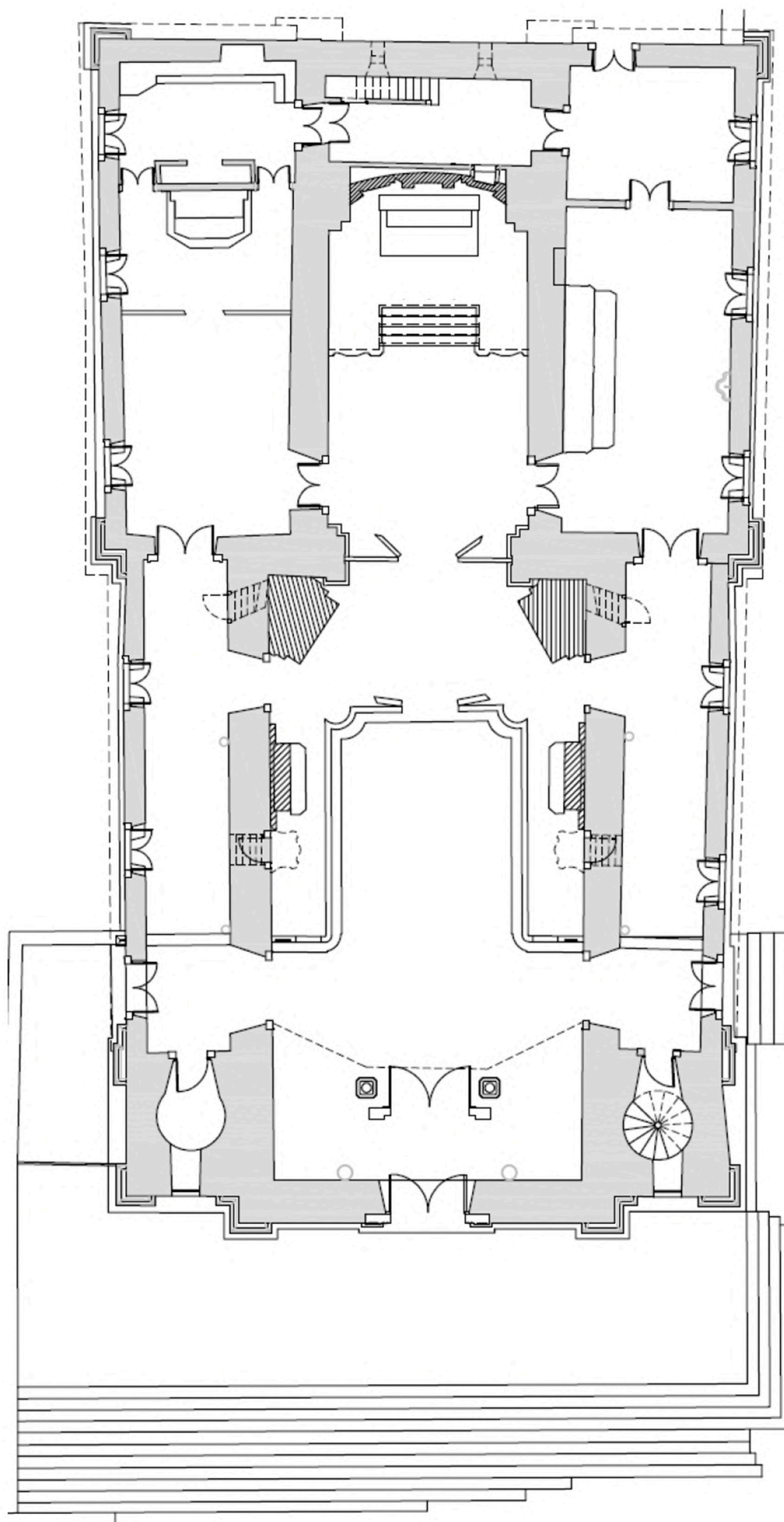
Localização:

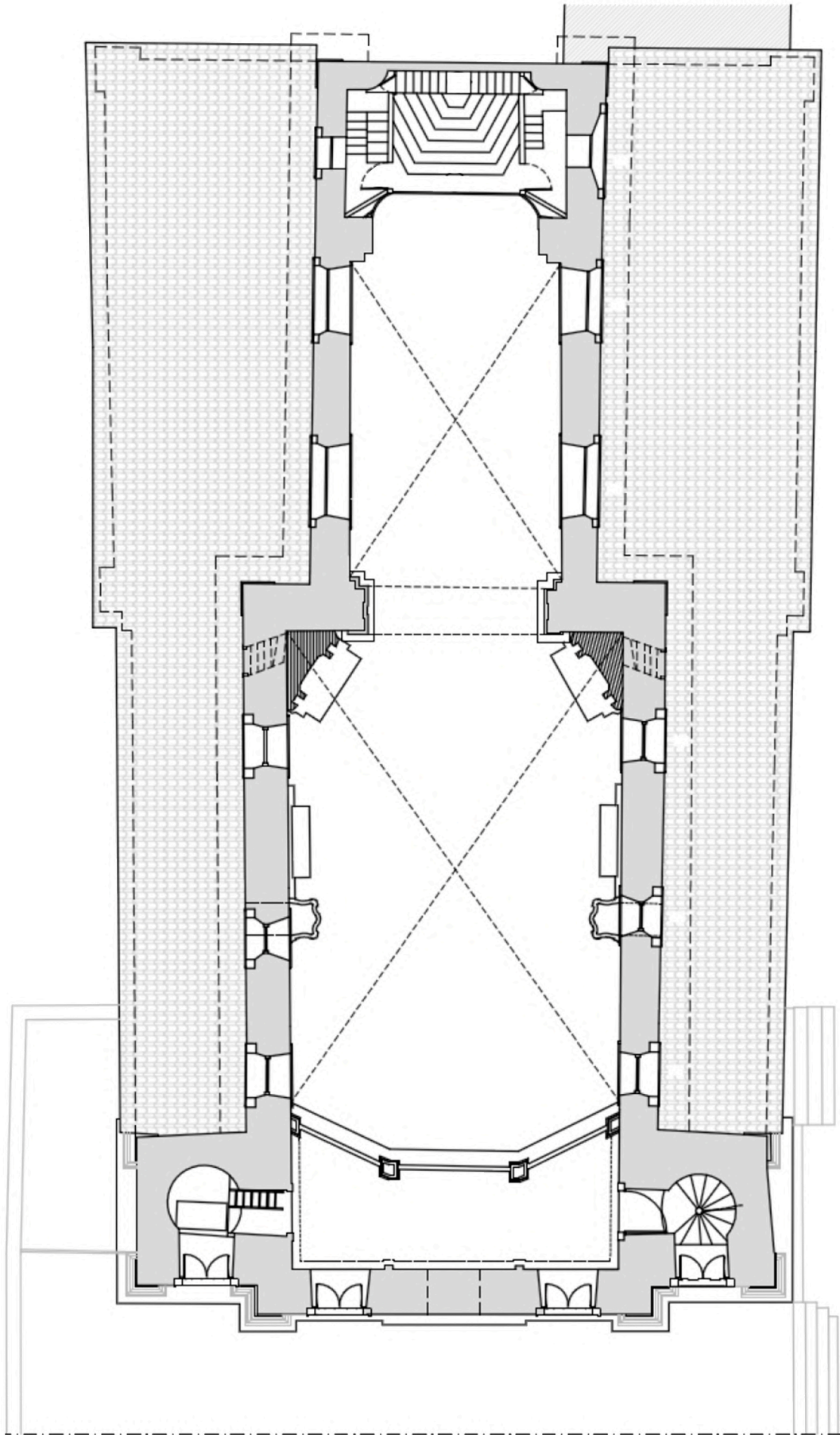


Implantação:

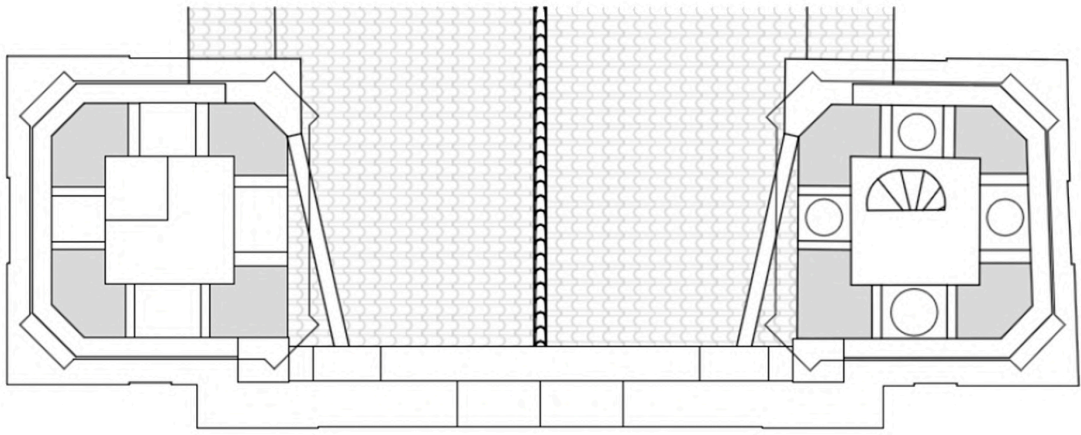


Levantamento Cartográfico:

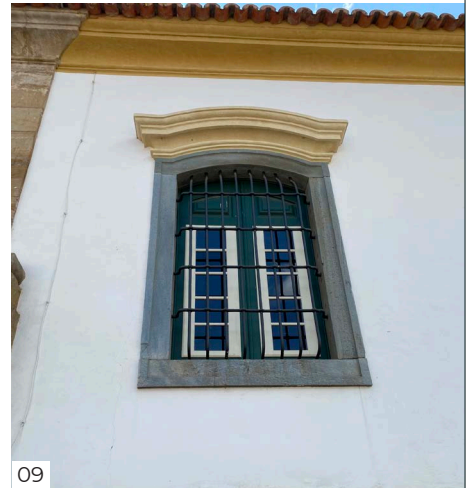
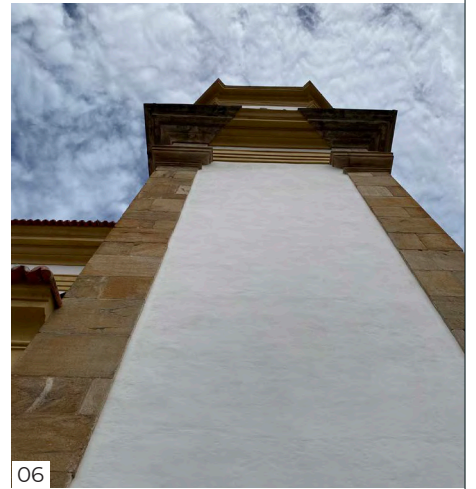
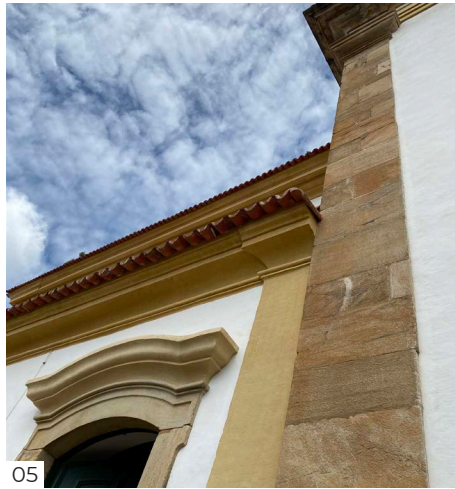
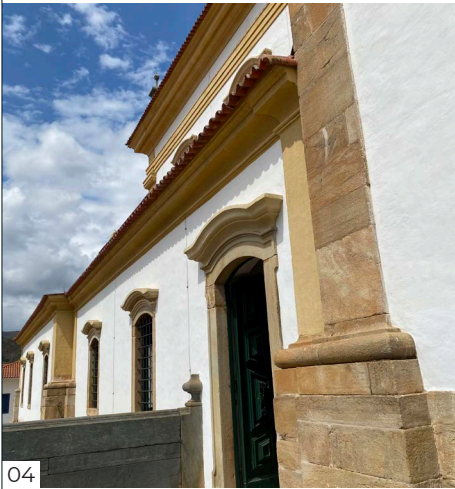
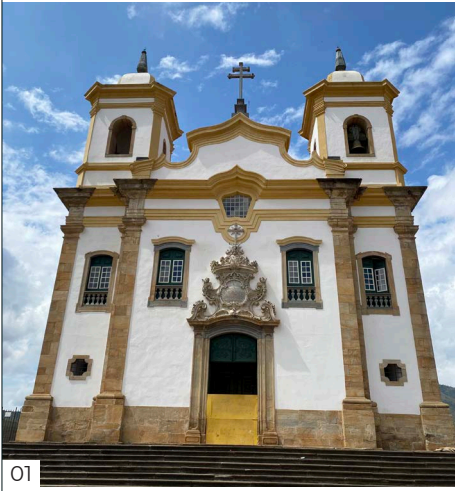




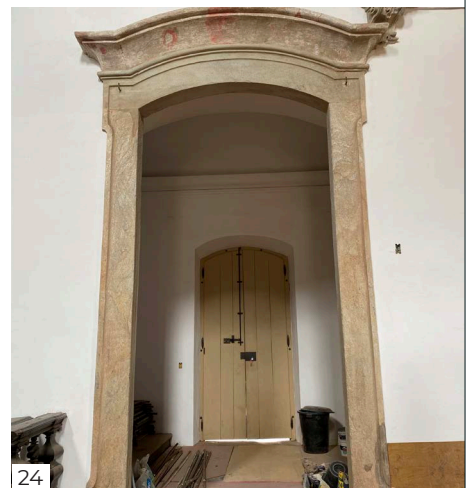
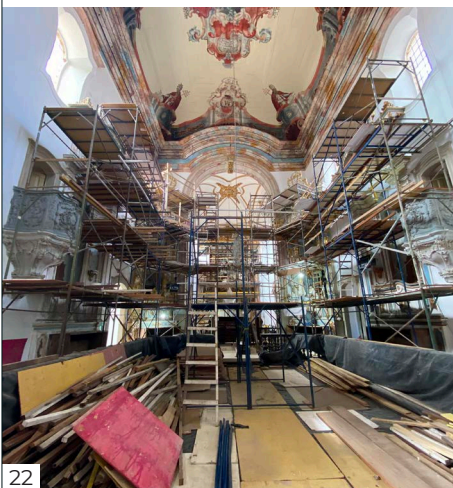
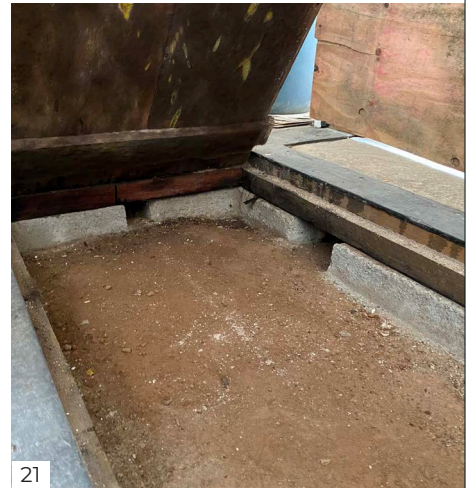
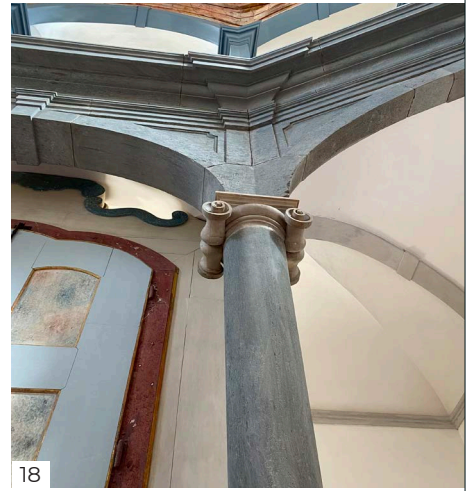
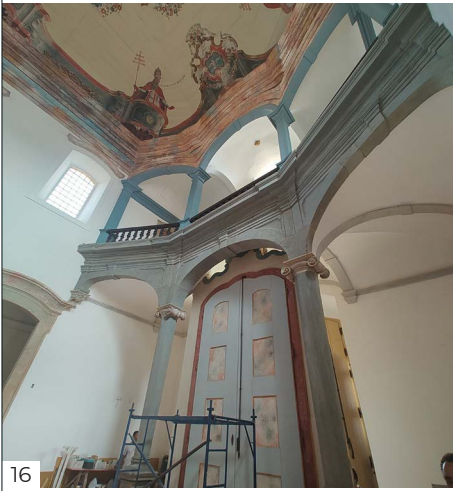
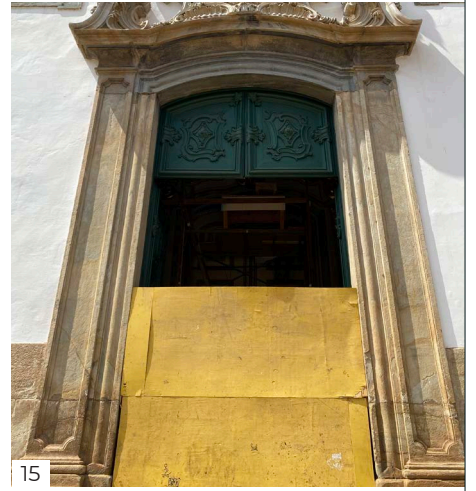
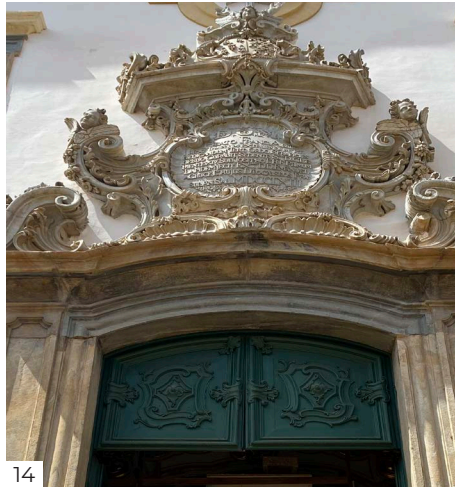
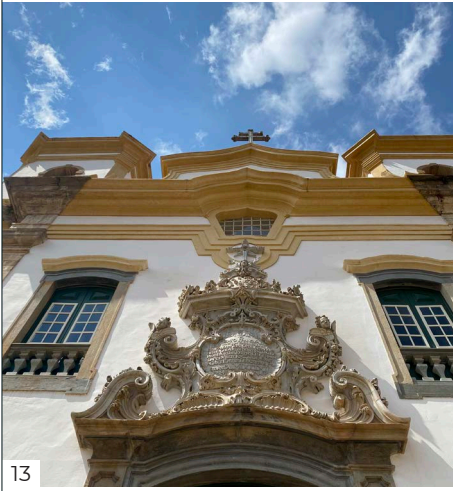
Piso 1 - Sem escala. (IPHAN, 2017)



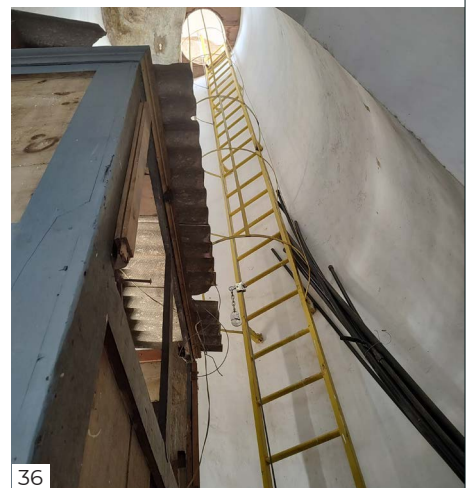
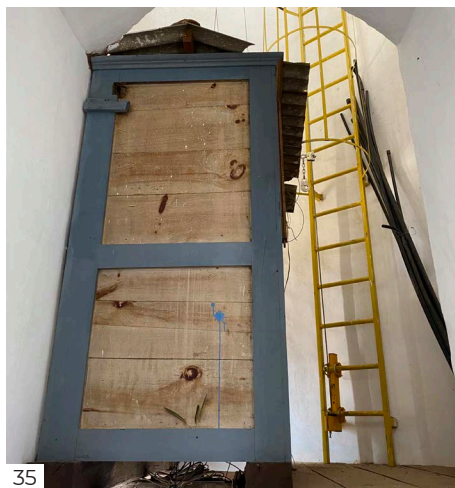
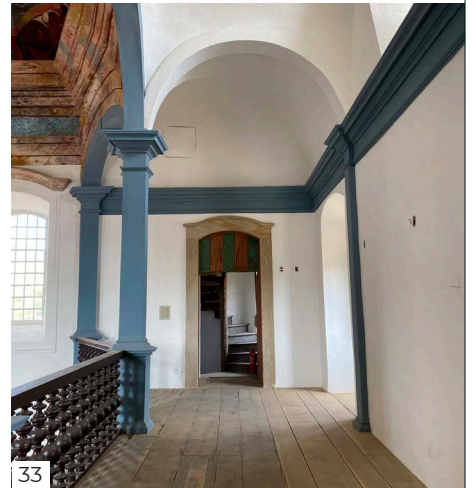
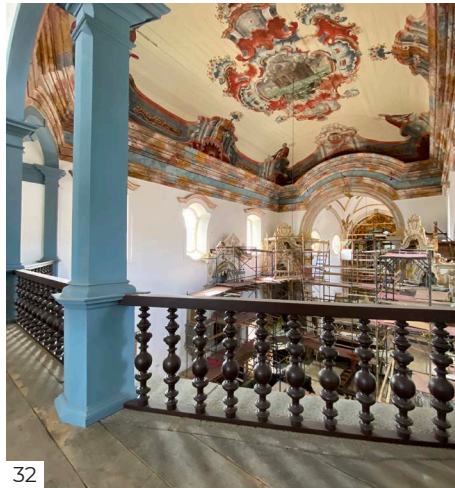
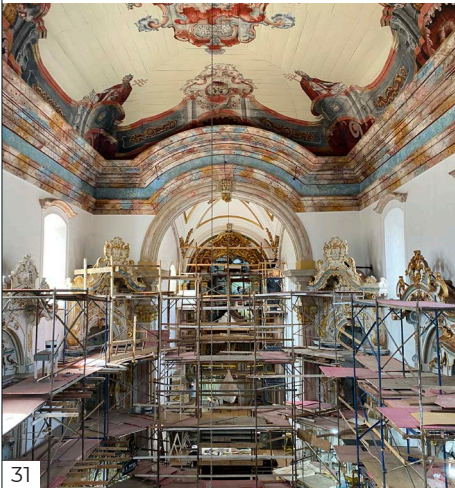
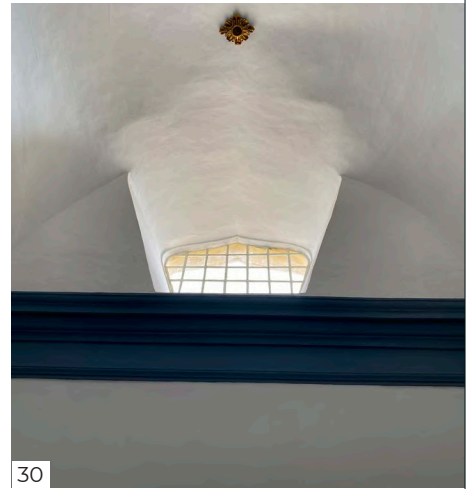
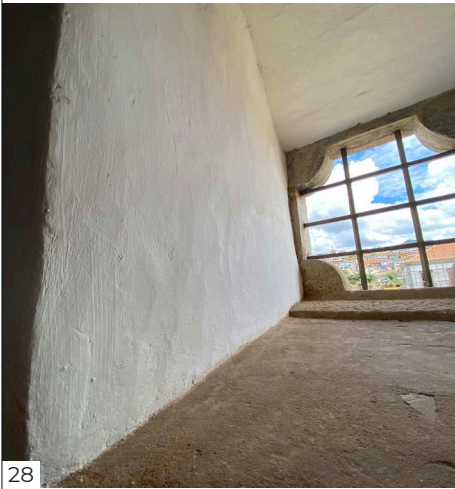
Levantamento Fotográfico - Parte 1:



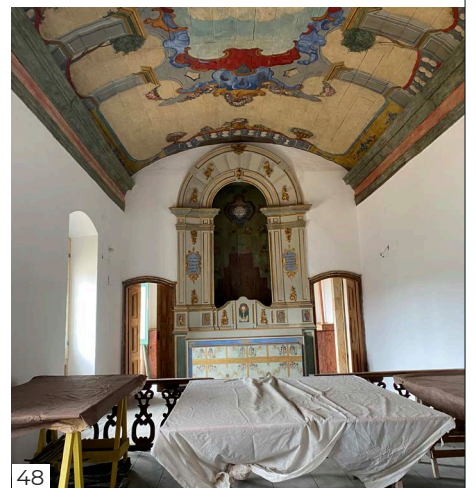
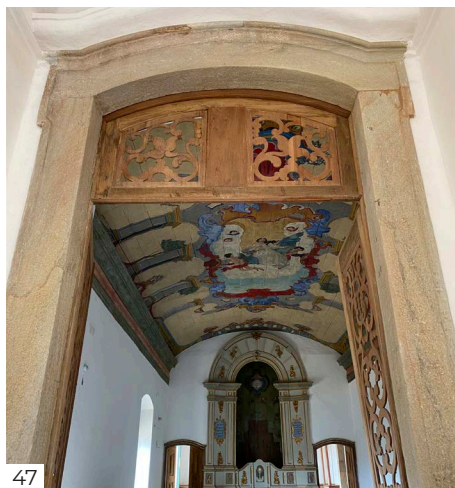
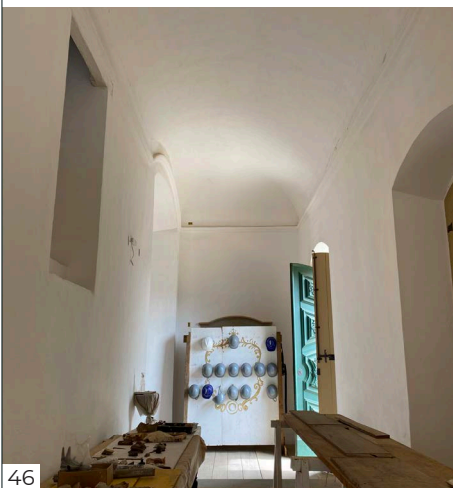
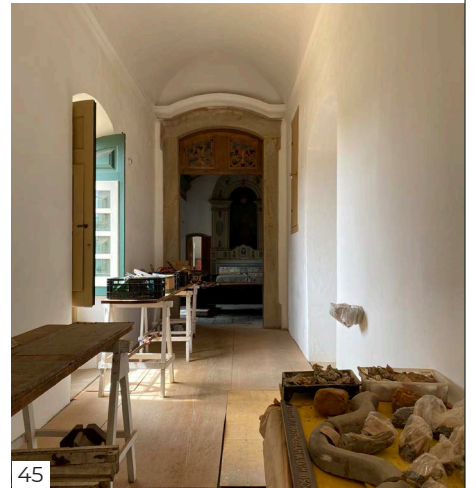
Levantamento Fotográfico - Parte 2:



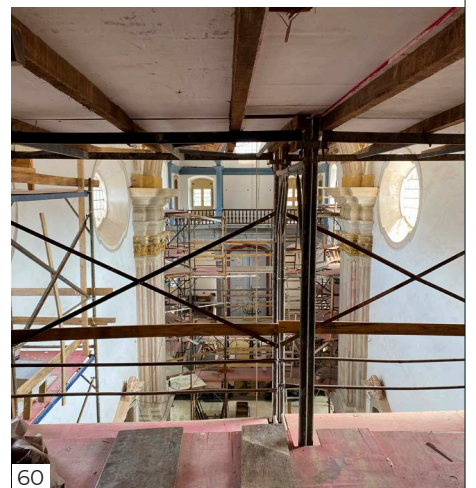
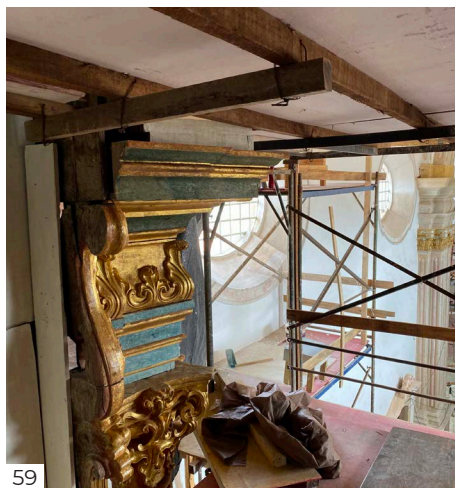
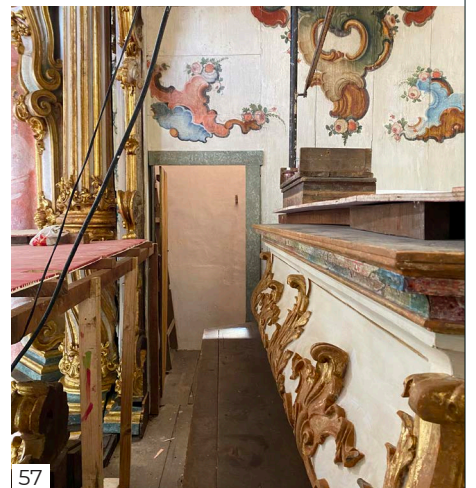
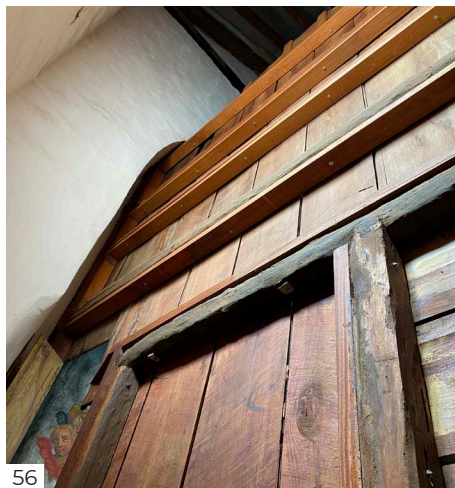
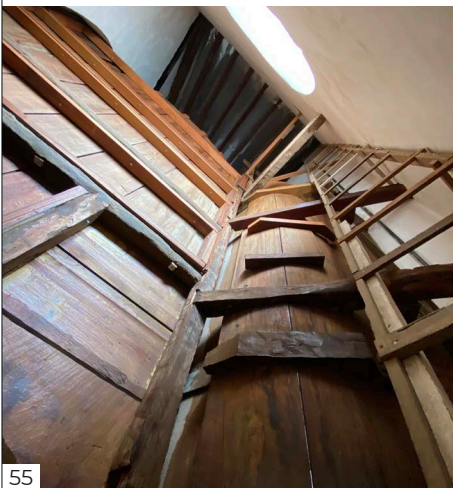
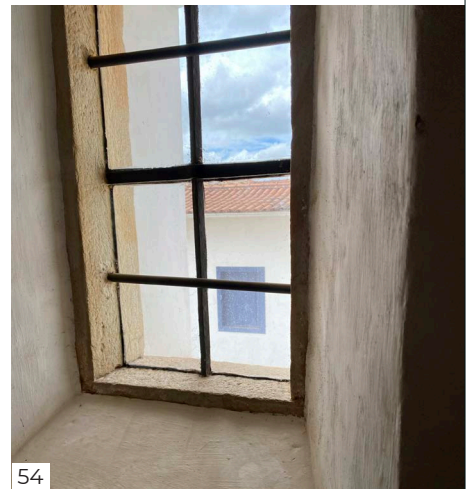
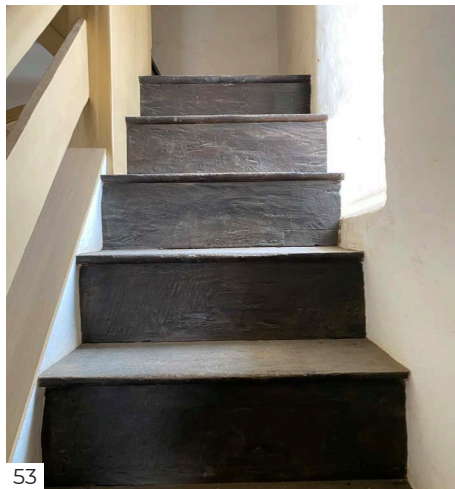
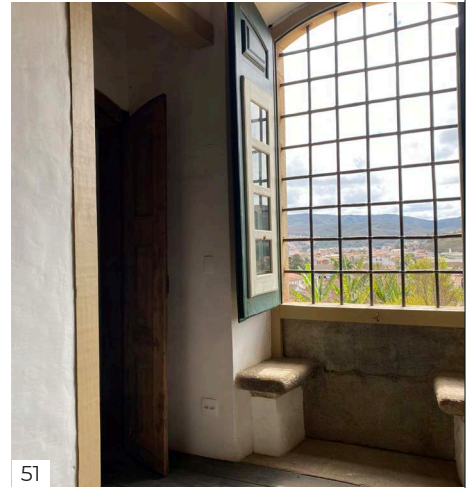
Levantamento Fotográfico - Parte 3:



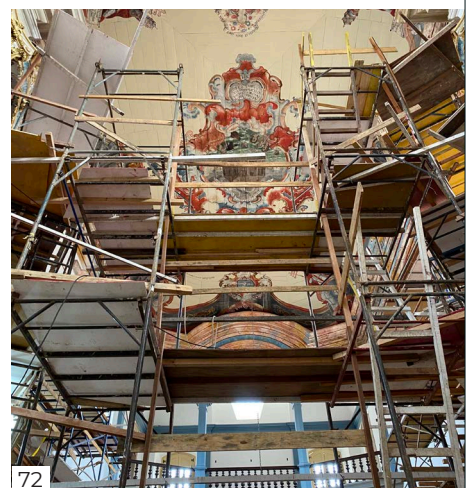
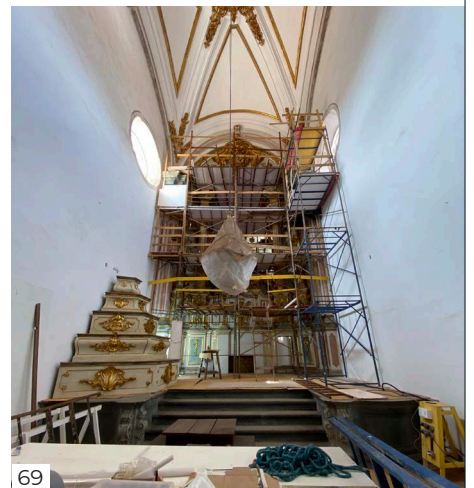
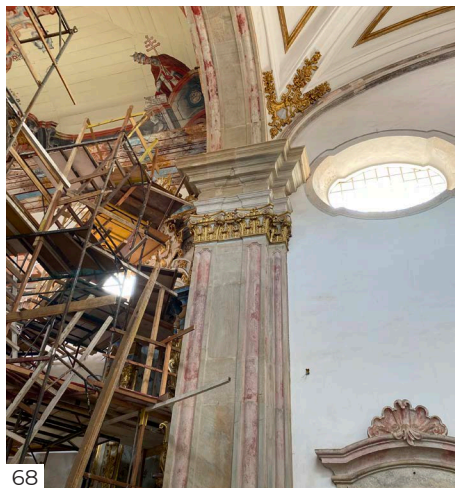
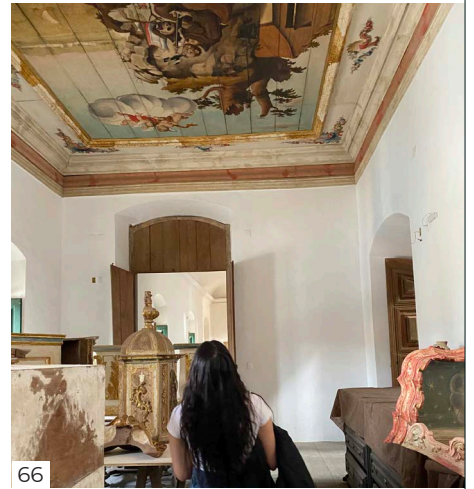
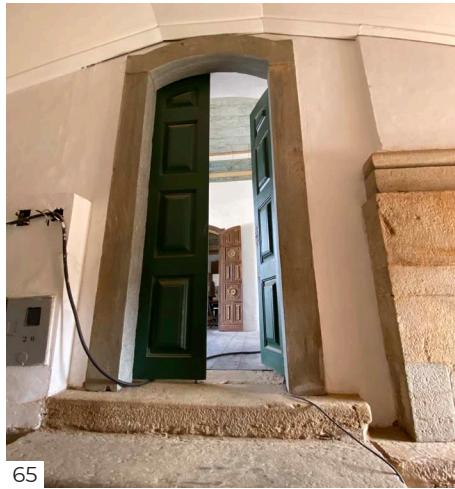
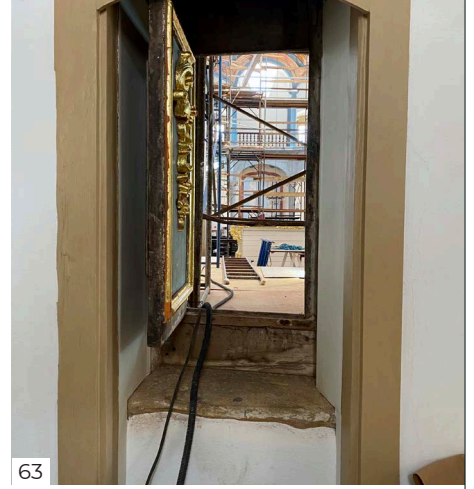
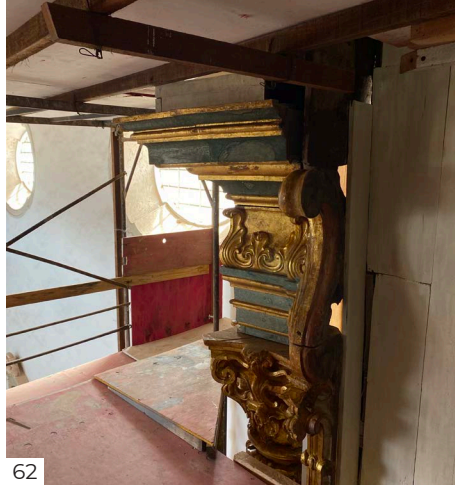
Levantamento Fotográfico - Parte 4:



Levantamento Fotográfico - Parte 5:



Levantamento Fotográfico - Parte 6:



Levantamento Fotográfico - Parte 7:



73



74



75



76

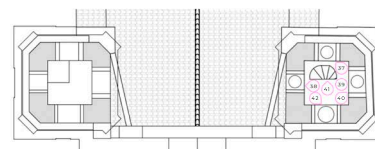
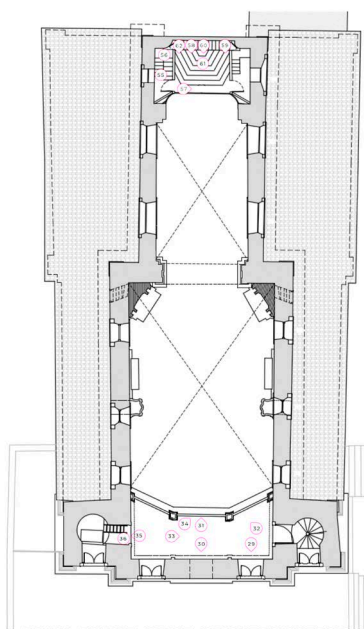
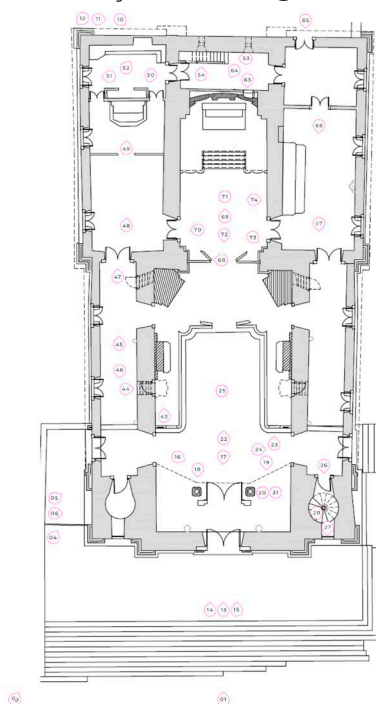


77



78

Localização das fotografias:



74 - Parede de adobôs ou adobe

75 - Cravos encontrados durante o restauro.

76 - Escapa, foi usada inicialmente para rebocar paredes e posteriormente para segurar cortinas.

77 - Encaixe da estrutura do estuque.

78 - Antiga policromia da Igreja de São Francisco.

Nota: Este caso de estudo encontrava-se em obras de restauro durante a visita e recolha fotográfica. Com isso, foi possível acessar áreas do edifício que não são abertas ao público, resultando em uma maior quantidade de fotografias.

fichas tipo dos casos de estudo

Município: Mariana - MG								
Endereço: Rua Monsenhor Horta								
Coordenadas: -20.373335892340133, -43.420488247393834								
Estado de conservação:	<input checked="" type="checkbox"/>	Ótimo	<input type="checkbox"/>	Bom	<input type="checkbox"/>	Regular	<input type="checkbox"/>	Em obras
Uso atual: Igreja								
Uso(s) anterior(es): Igreja								
Ano de construção: 1752								
Estilo arquitetônico: Rococó								
Enquadramento Urbano:								



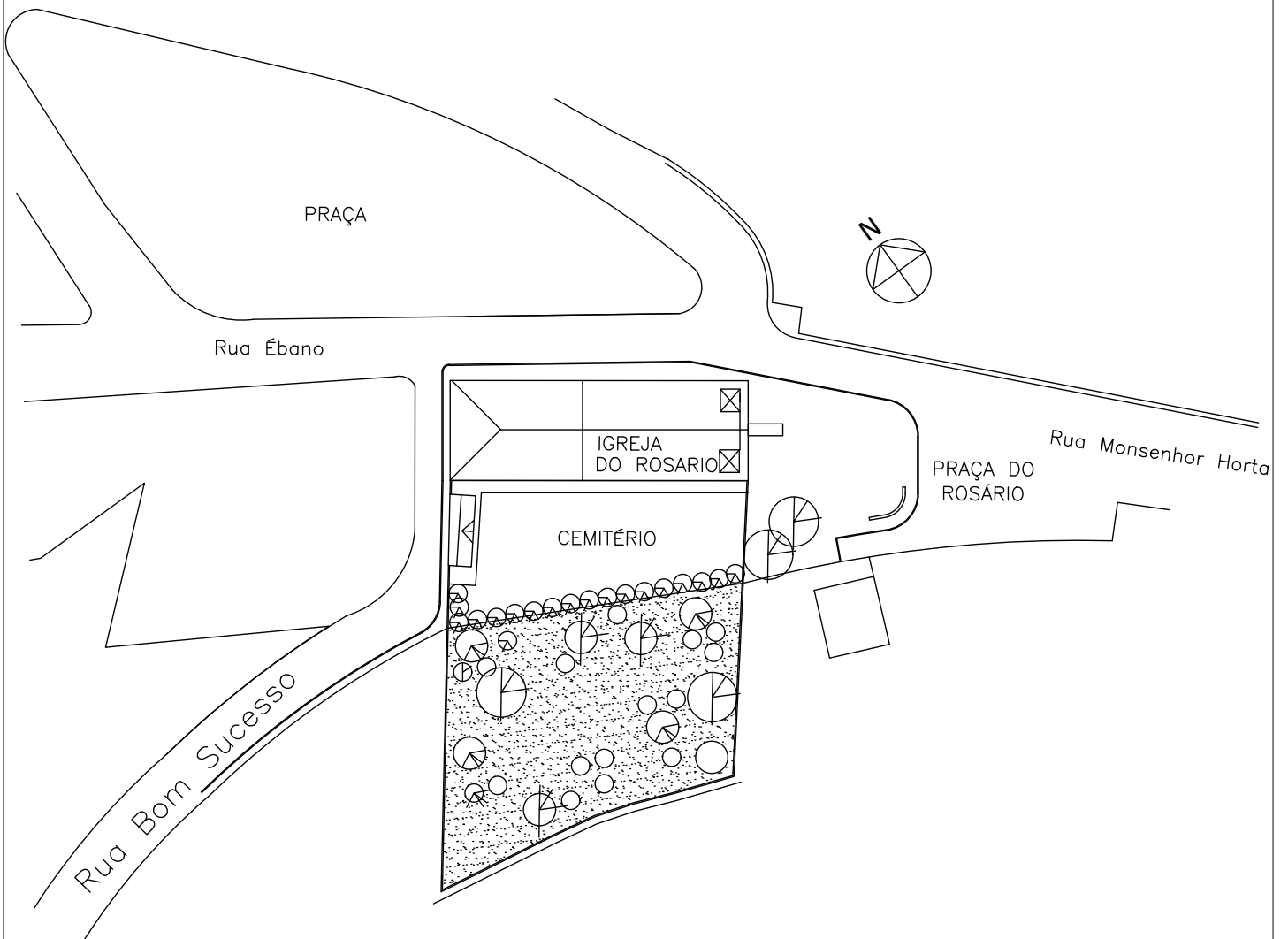
Localização:

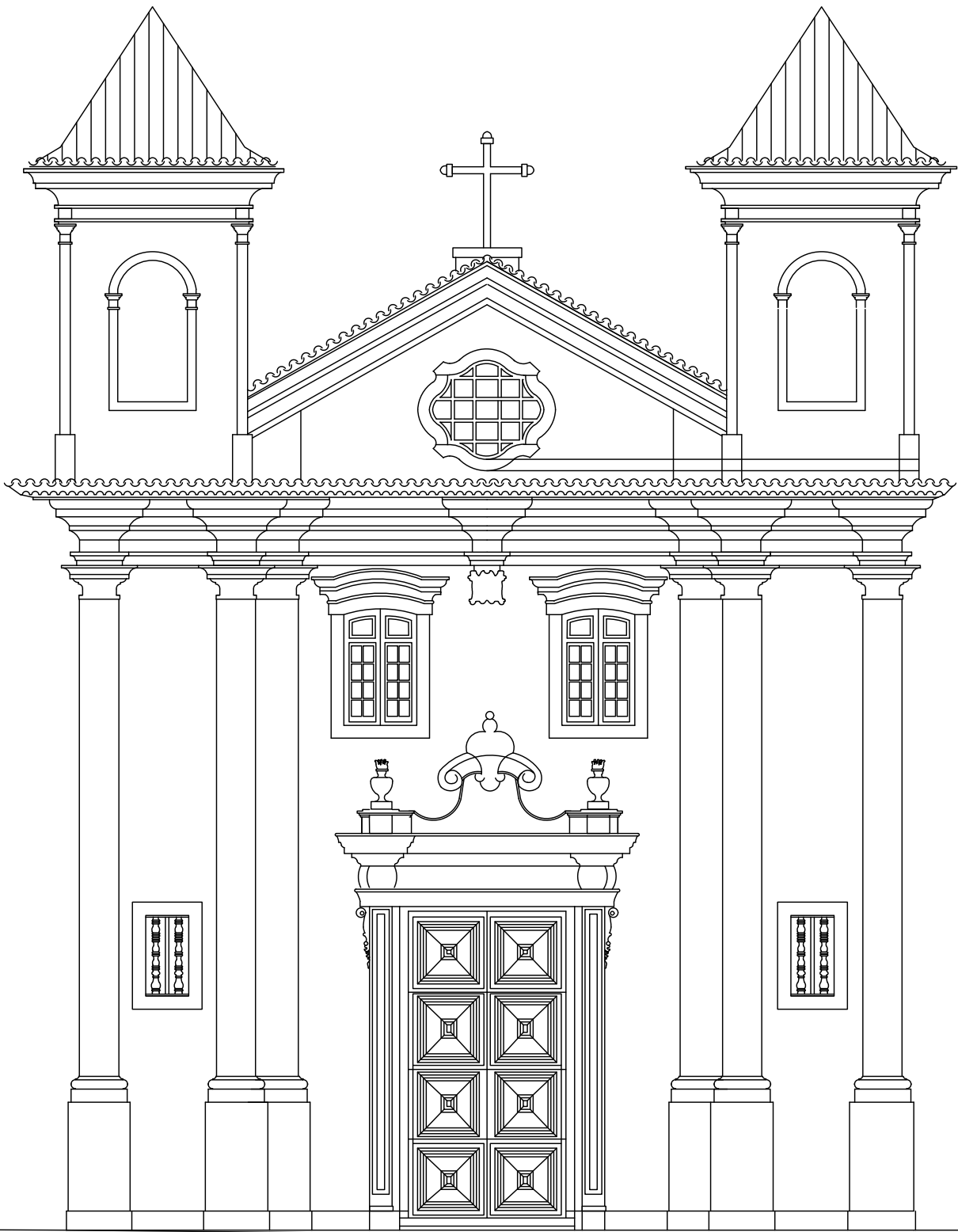


Implantação:

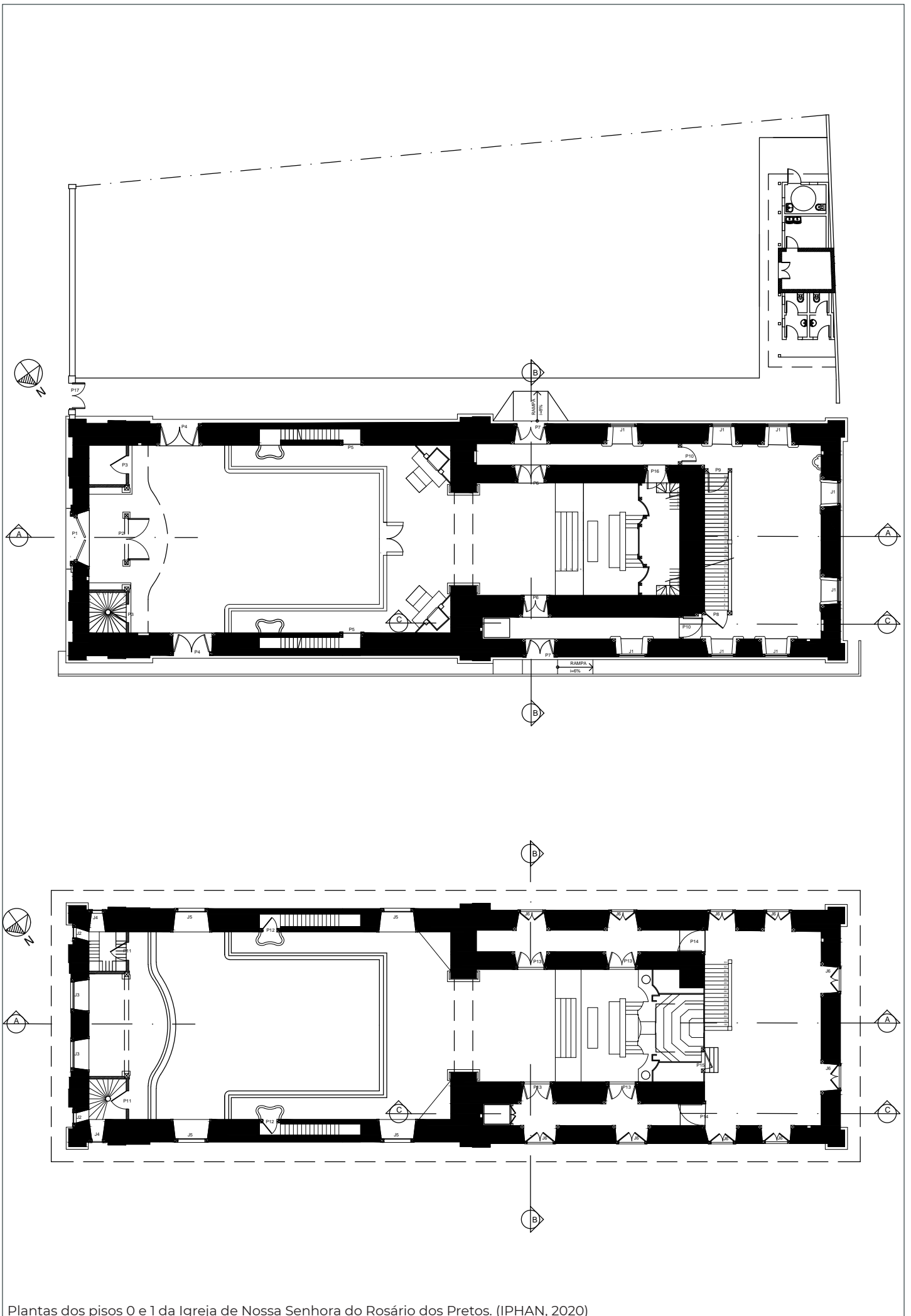


Levantamento Cartográfico:





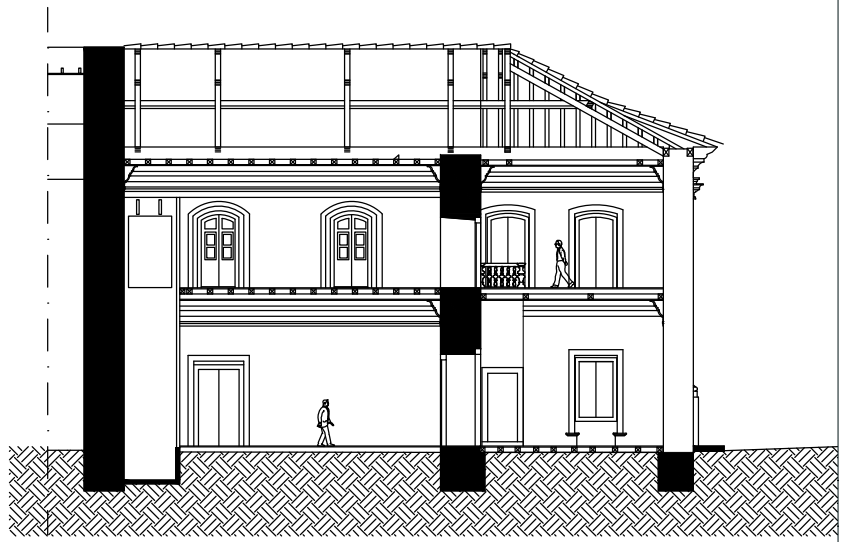
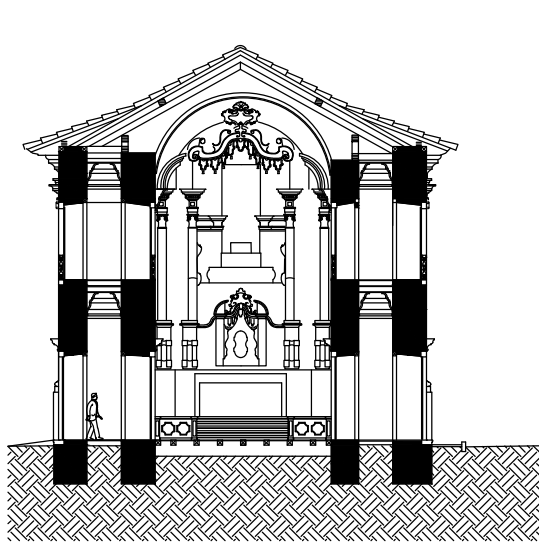
Frontispício da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. (IPHAN, 2020)



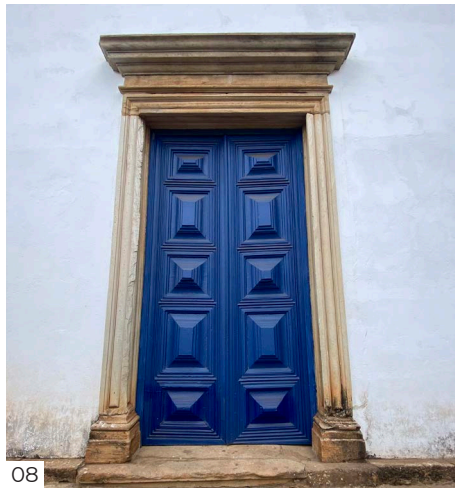
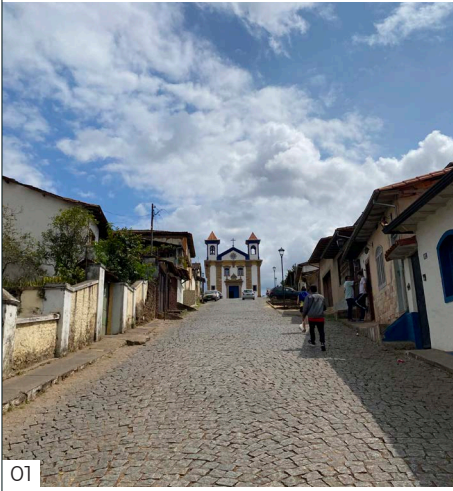
Plantas dos pisos 0 e 1 da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. (IPHAN, 2020)



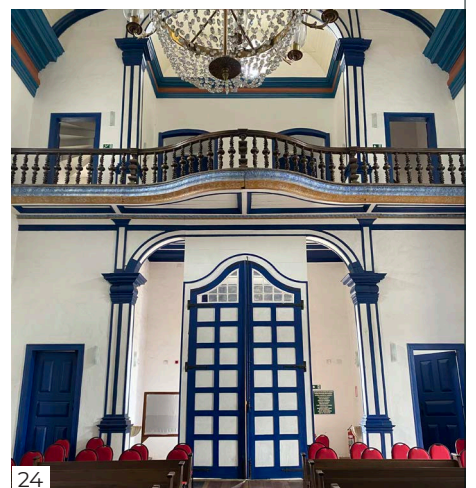
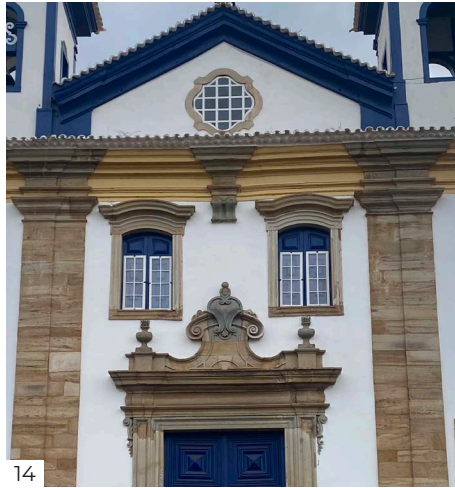
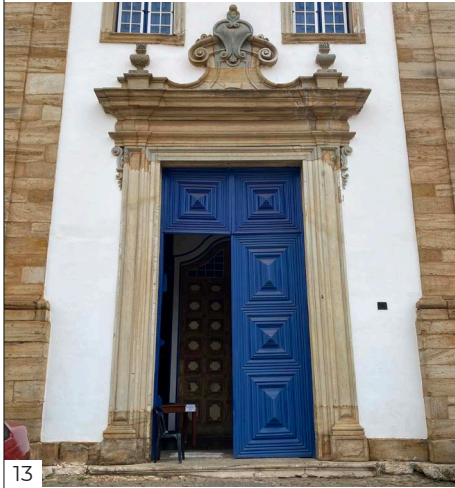
Alçados laterais e posterior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. (IPHAN, 2020)



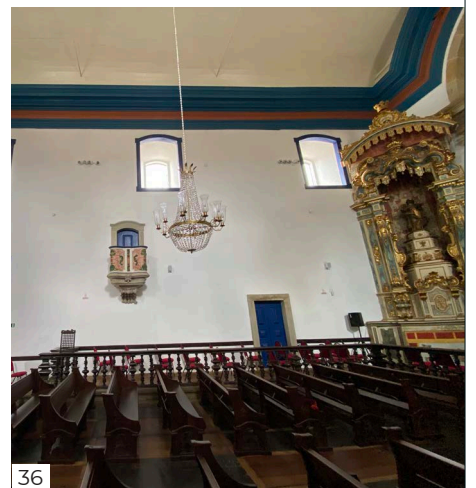
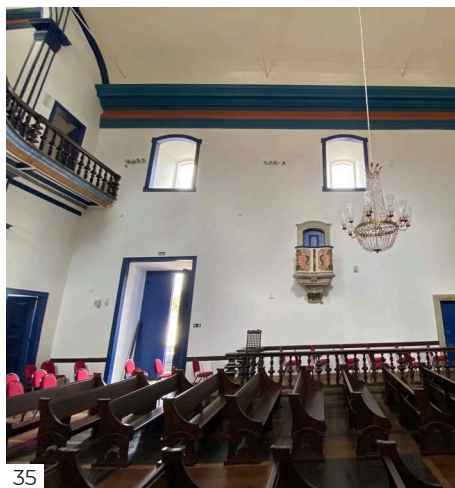
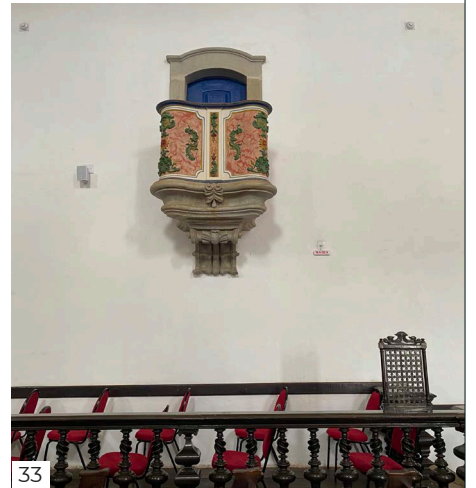
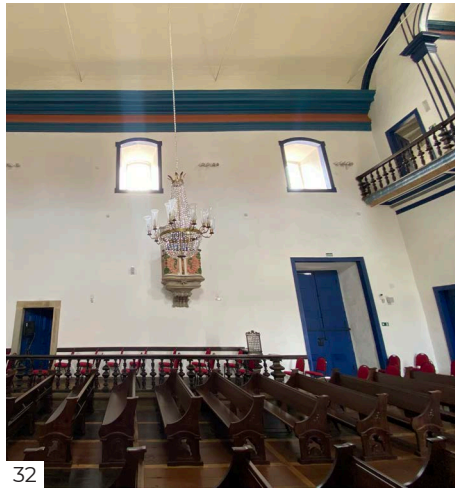
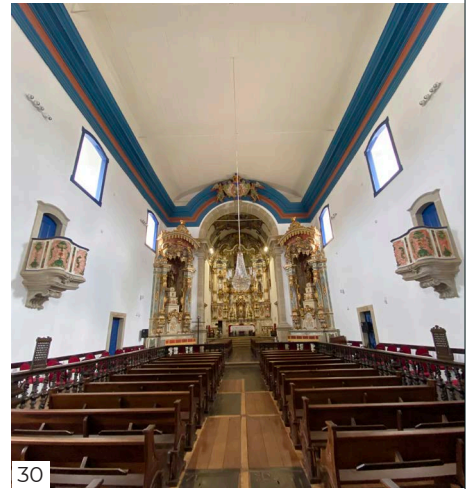
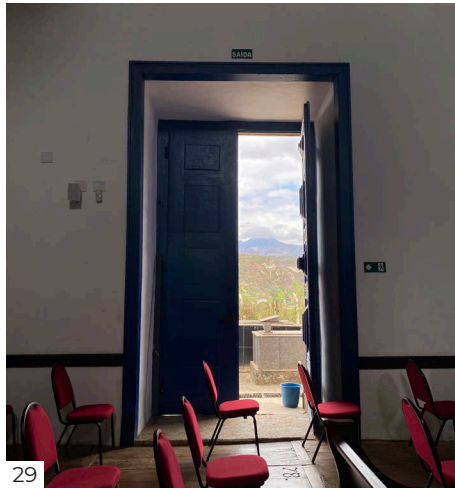
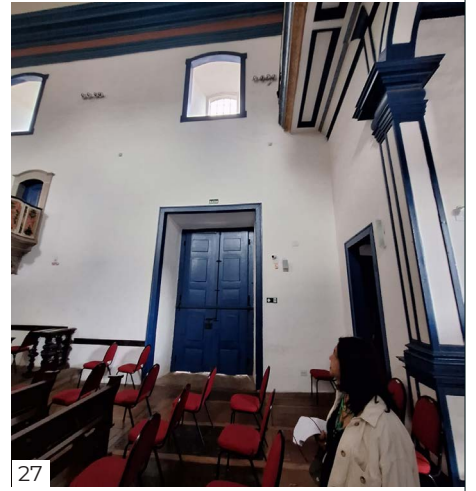
Levantamento Fotográfico - Parte 1:



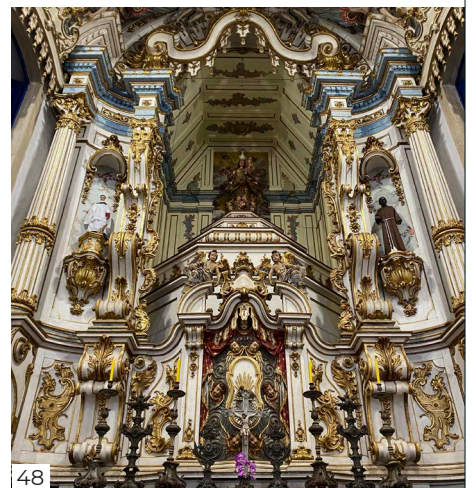
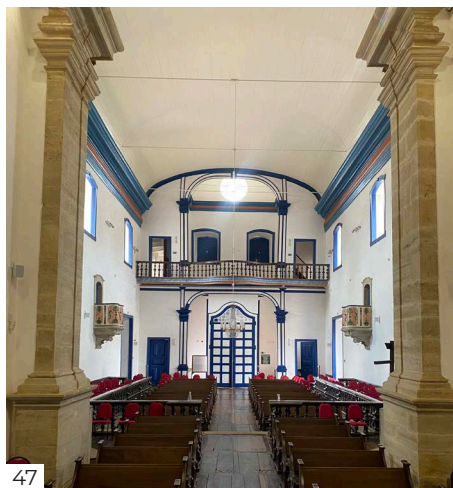
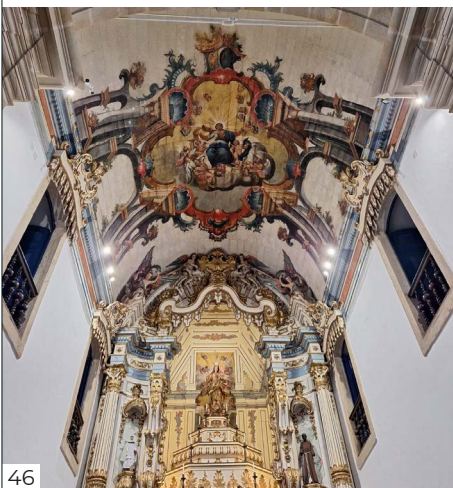
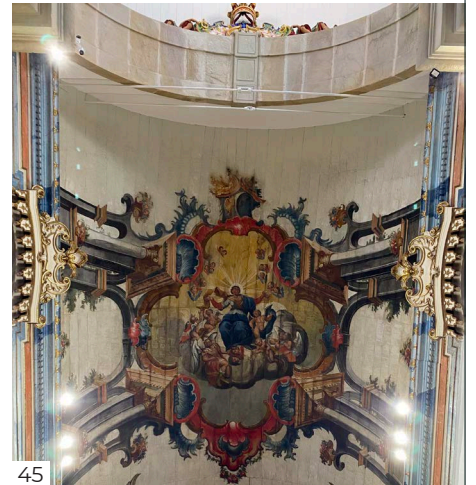
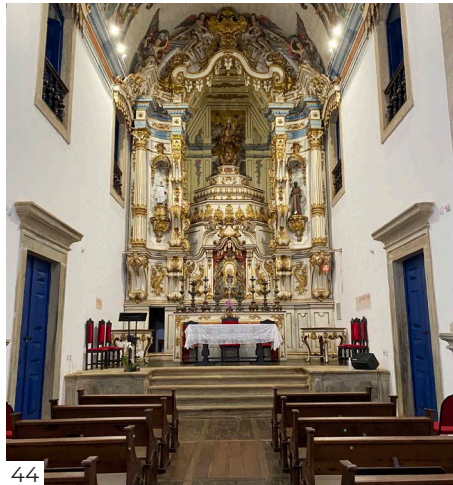
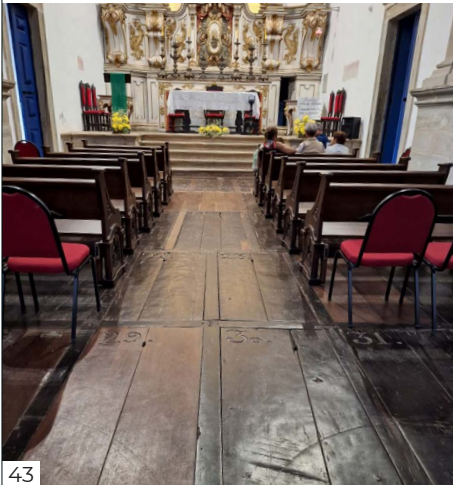
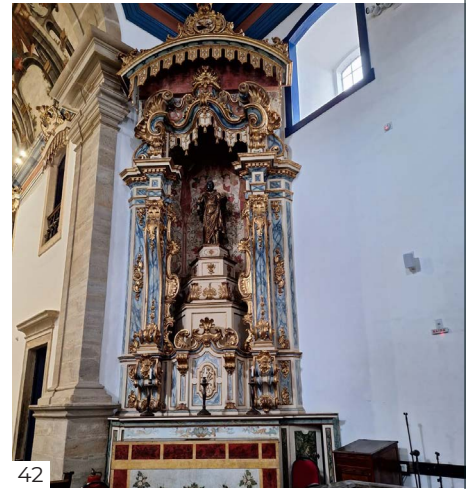
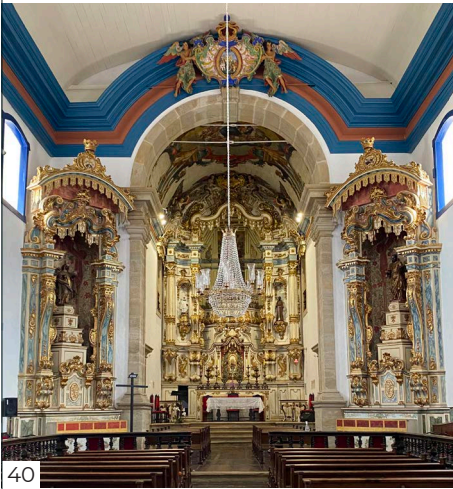
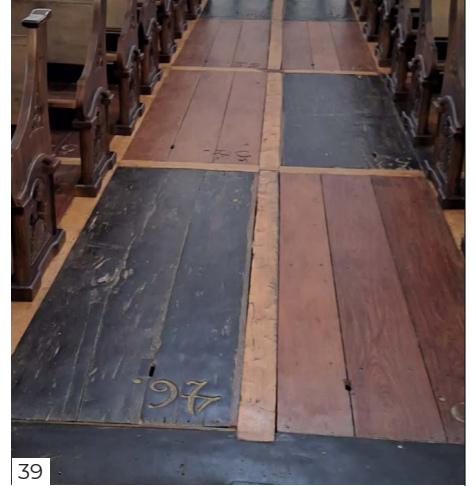
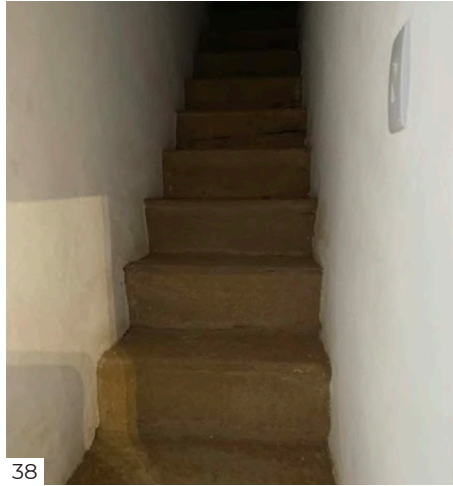
Levantamento Fotográfico - Parte 2:



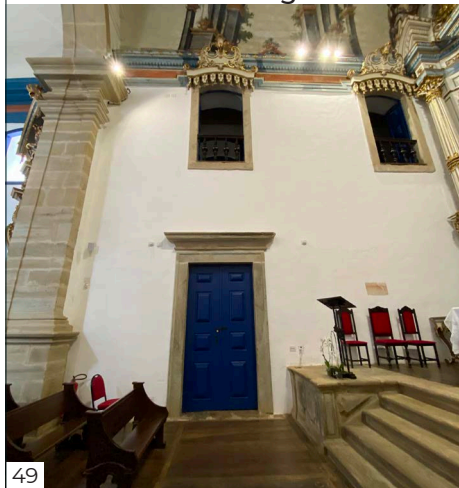
Levantamento Fotográfico - Parte 3:



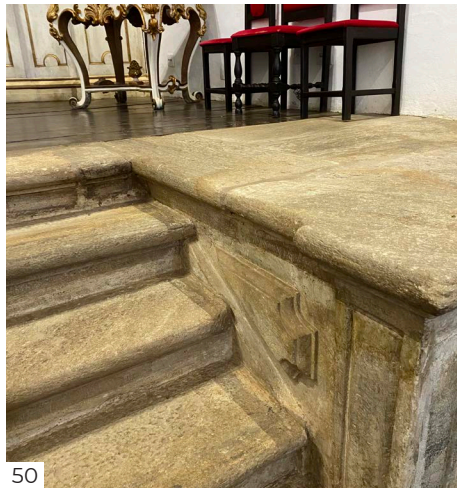
Levantamento Fotográfico - Parte 4:



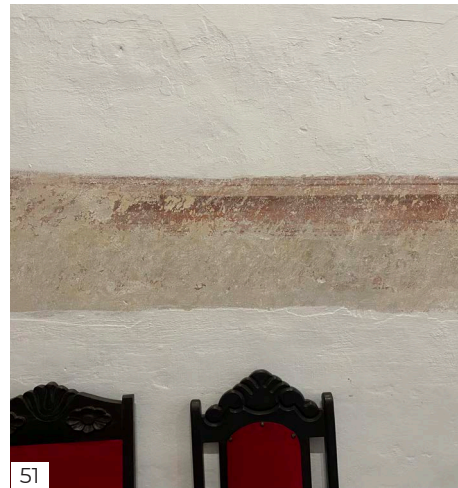
Levantamento Fotográfico - Parte 4:



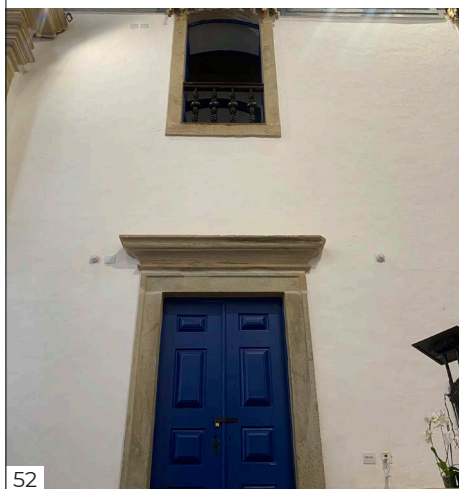
49



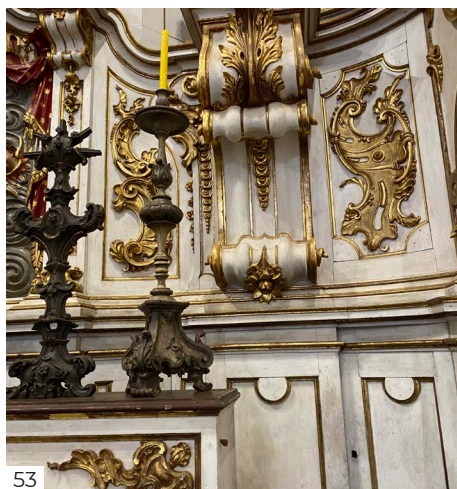
50



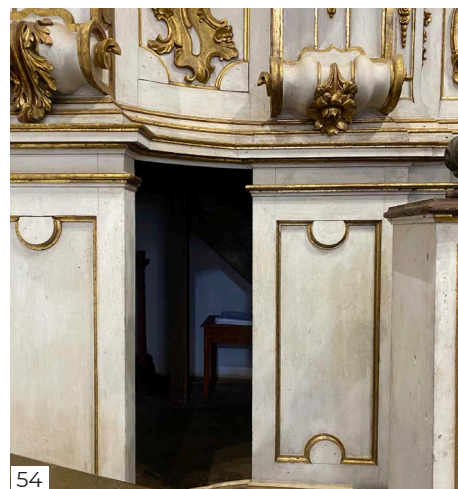
51



52

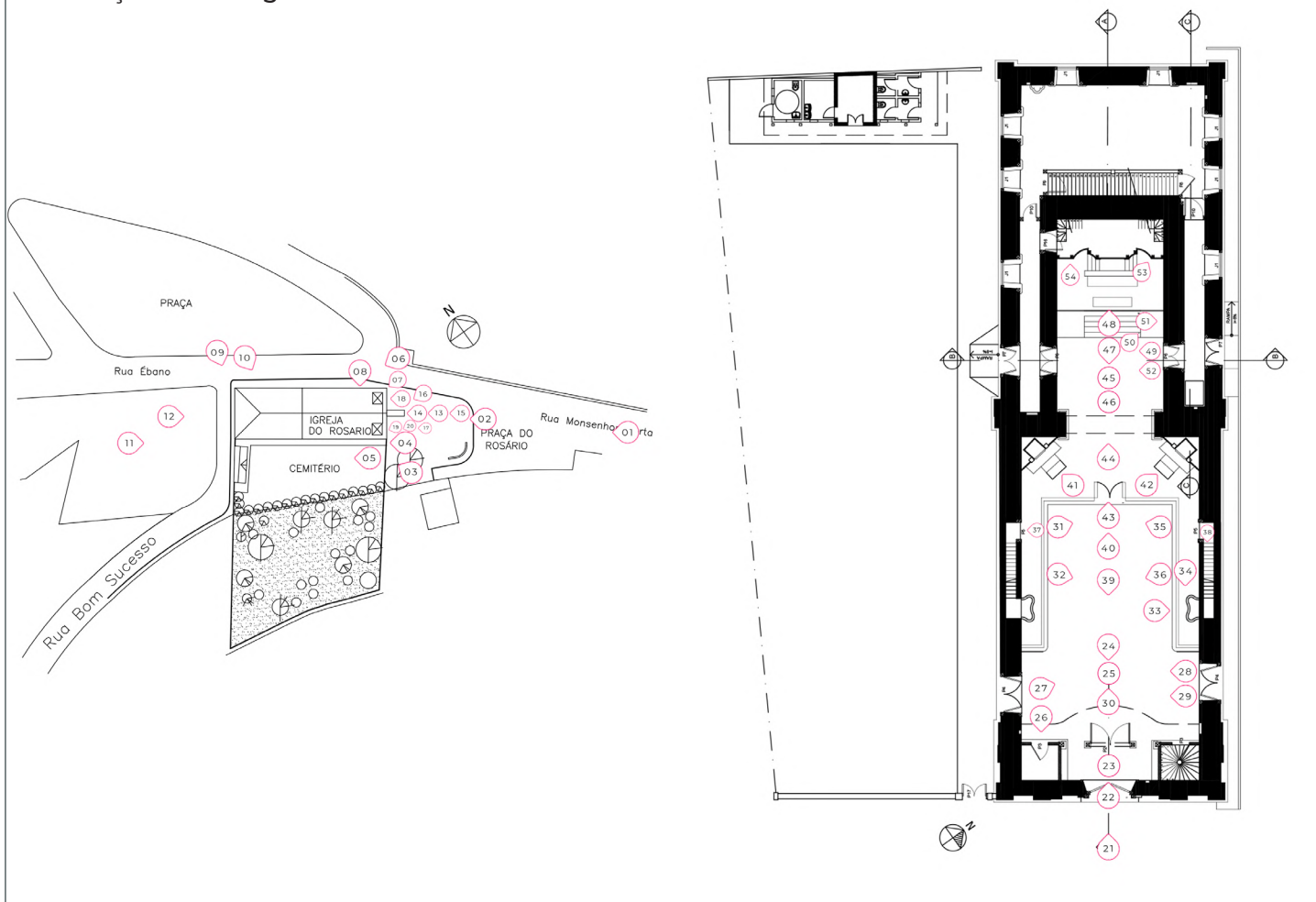


53



54

Localização das fotografias:



fichas tipo dos casos de estudo

Município: Ouro Preto - MG				
Endereço: Praça Tiradentes, s/n				
Coordenadas: -20.386021902729535, -43.50369304357932				
Estado de conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Em obras
Uso atual: Museu				
Uso(s) anterior(es): Câmara e Cadeia				
Ano de construção: 1785				
Estilo arquitetônico: Barroco e Rococó/Necolássico				
Enquadramento Urbano:				

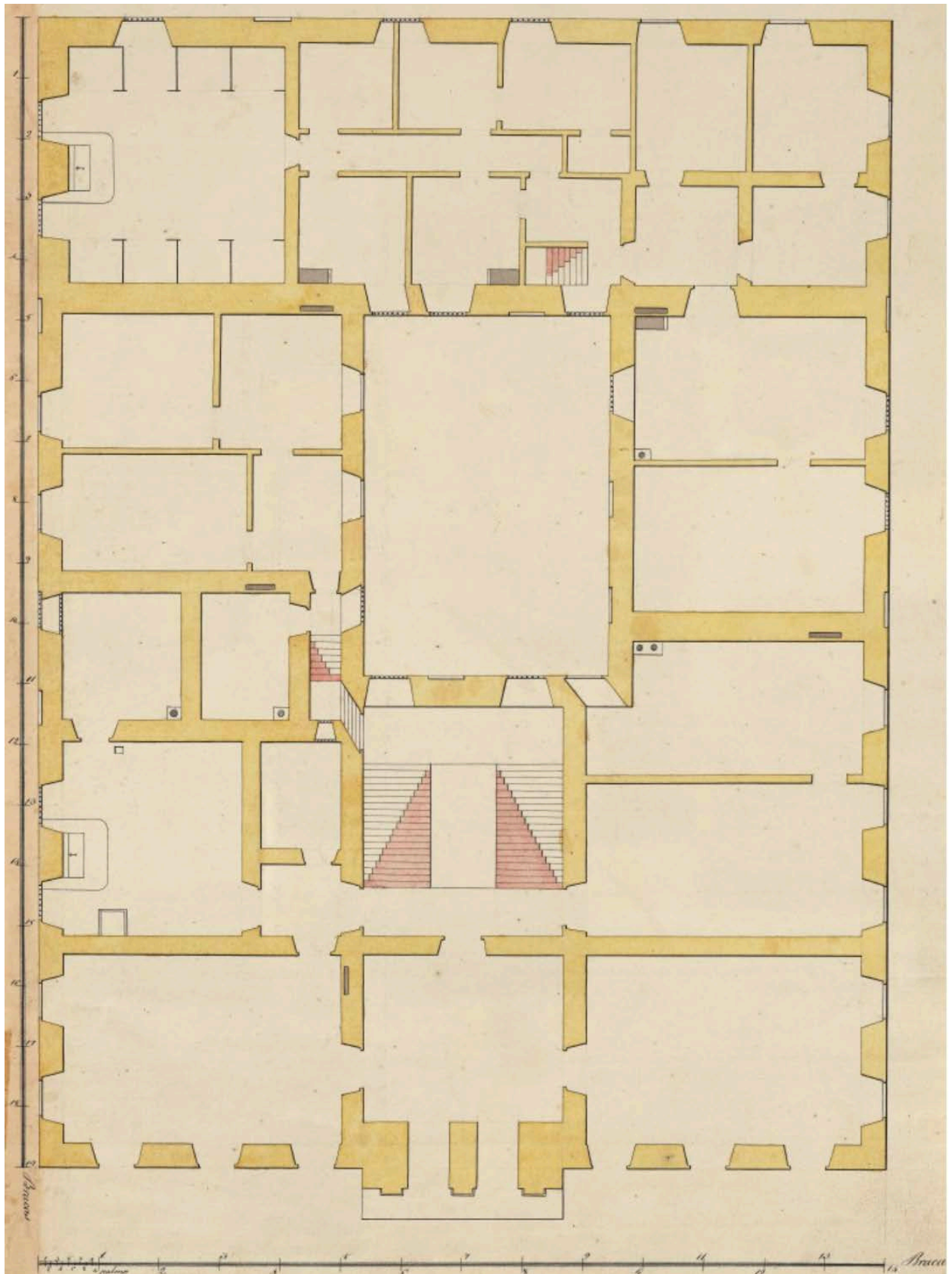


Localização:

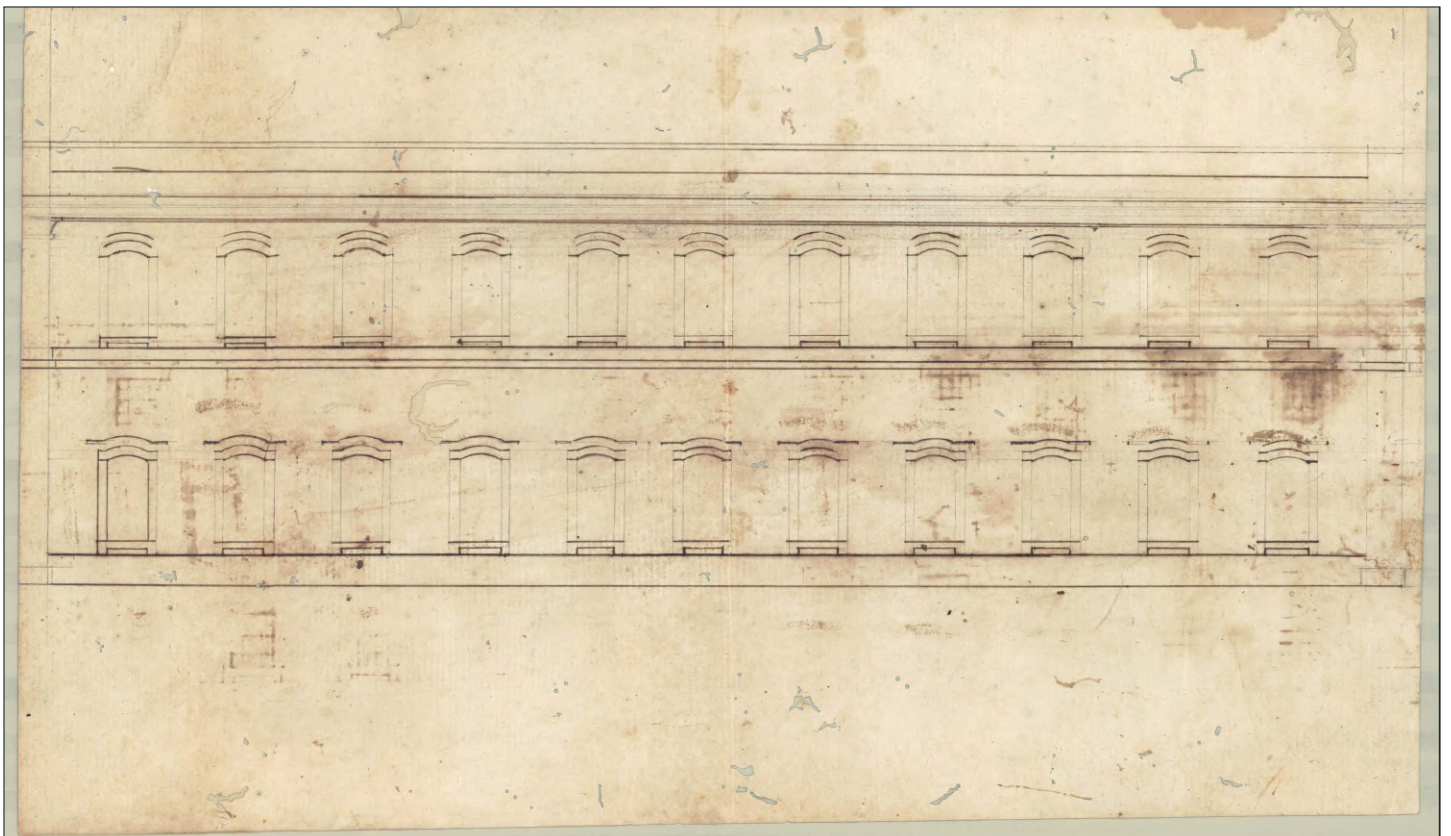


Implantação:

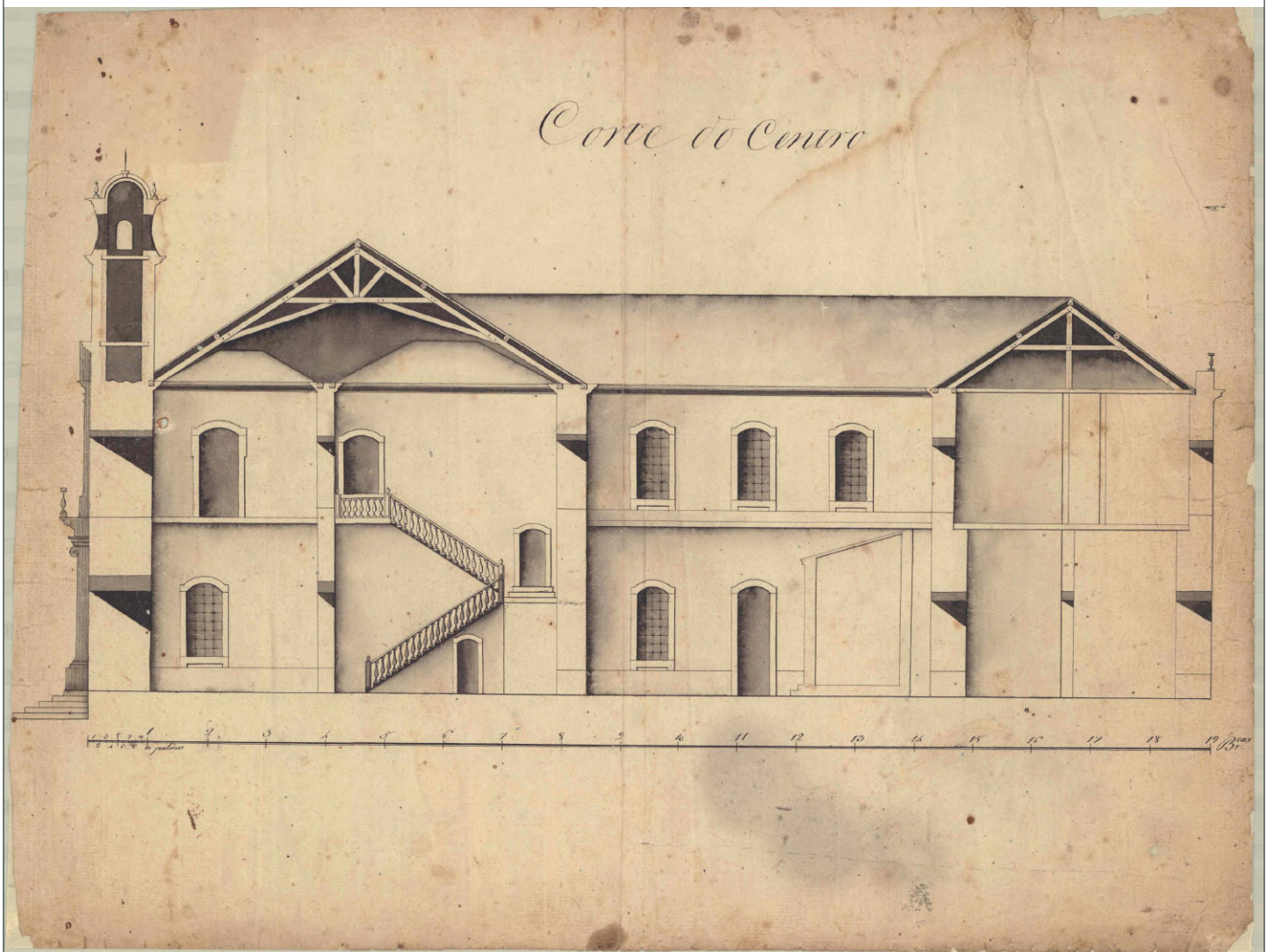




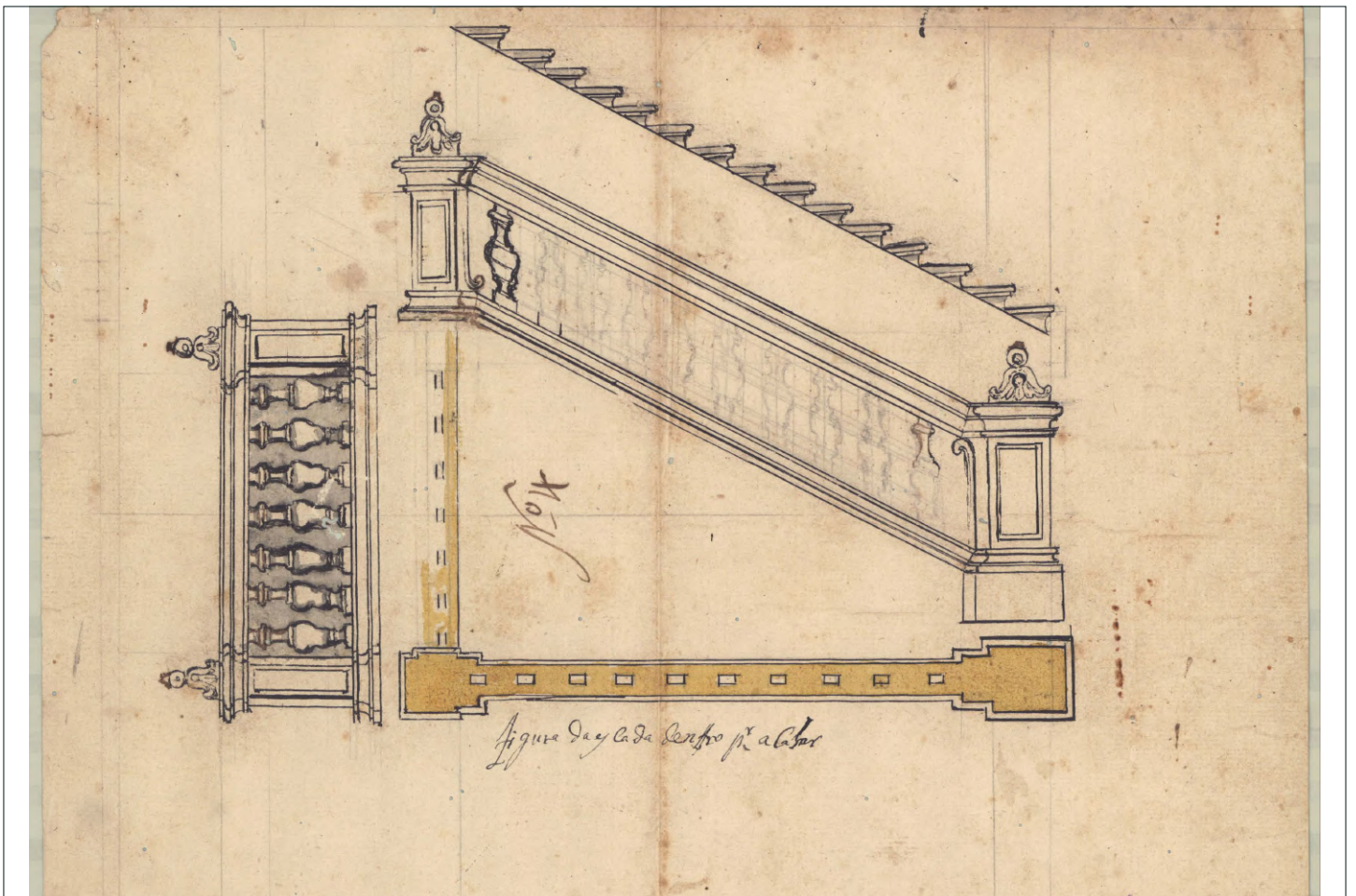
Planta do piso 1 da Casa de Câmara e Cadeia. (Guimarães, 1784)



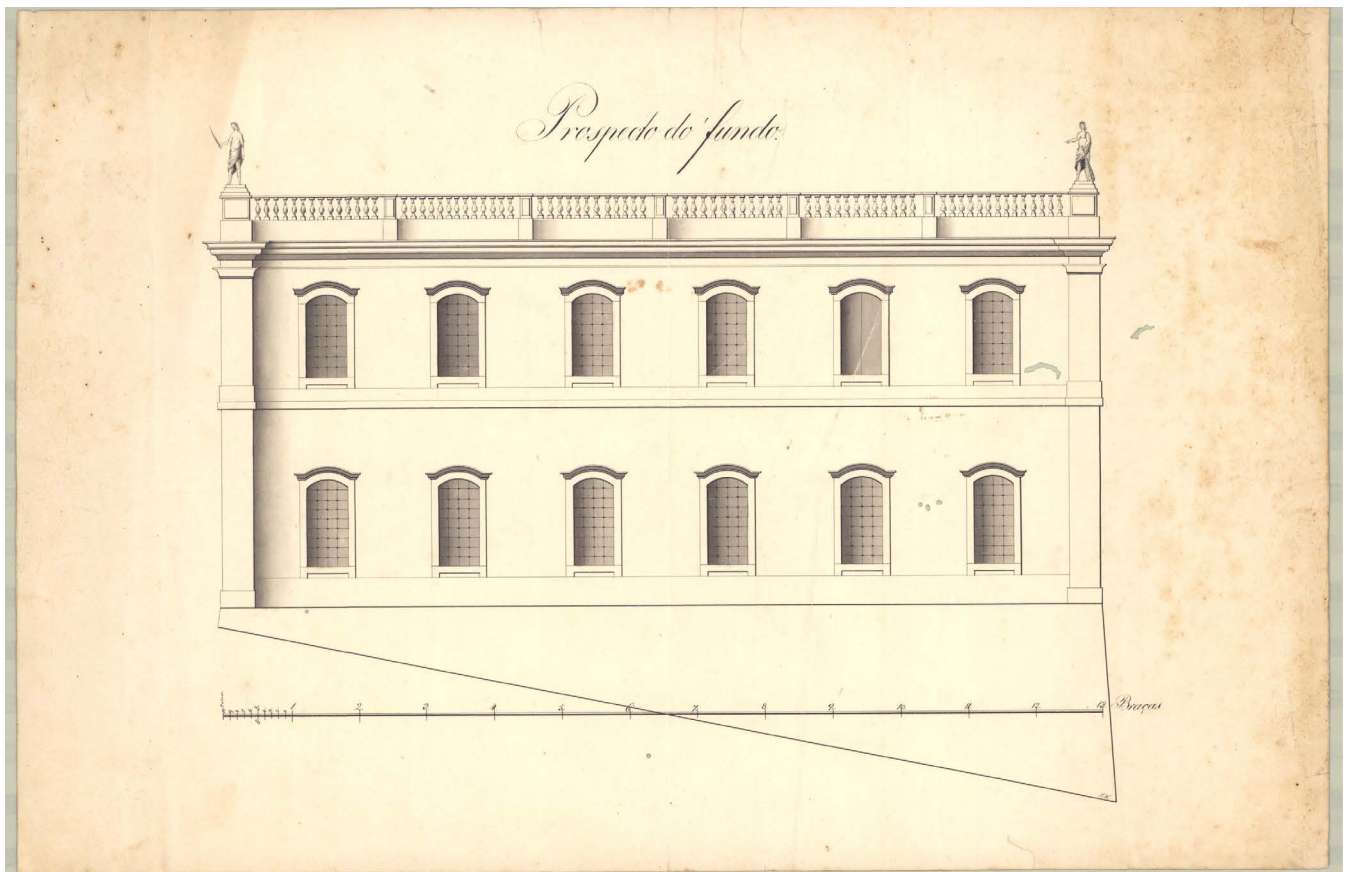
Alçado lateral. (Reinaldo, 1801 - 1900 (DATA PROVÁVEL)a)



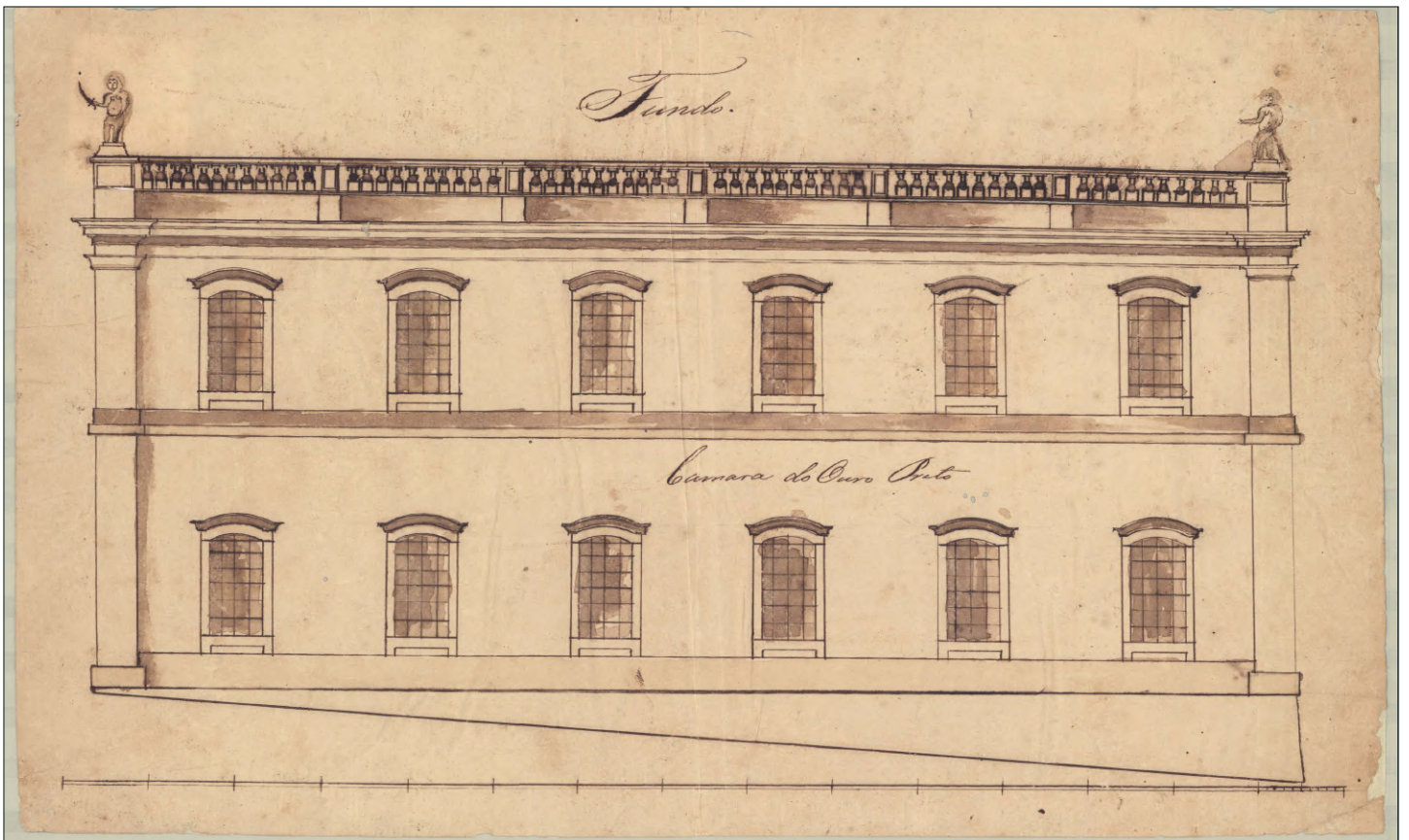
Corte longitudinal. (Reinaldo, 1801 - 1900 (DATA PROVÁVEL)b)



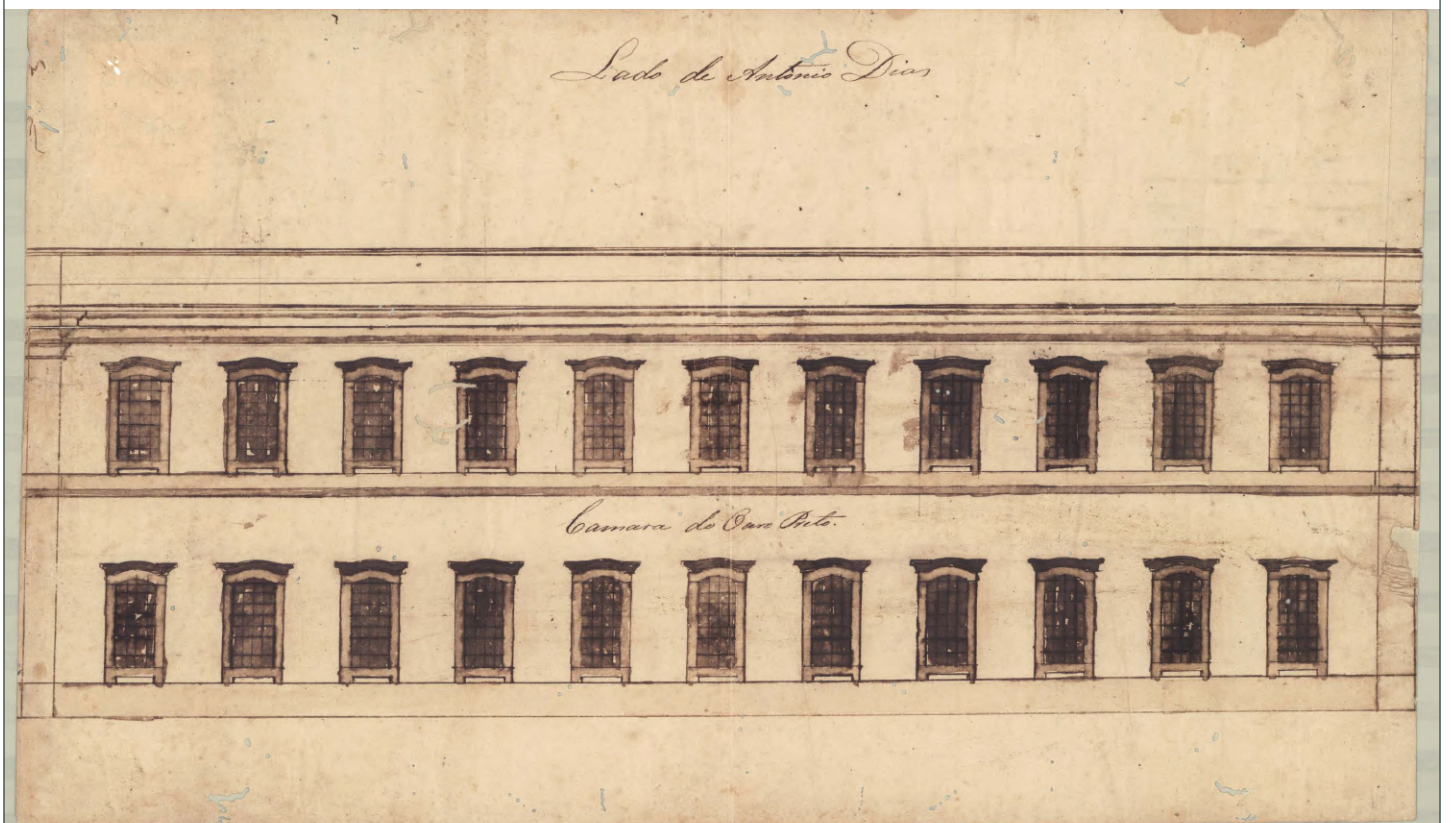
Escada da Casa de Câmara e Cadeia. (Reinaldo, 1801 - 1900 (DATA PROVÁVEL)c)



Alçado posterior. (Reinaldo, 1801 - 1900 (DATA PROVÁVEL)d)



Alçado posterior. (Reinaldo, 1801 - 1900 (DATA PROVÁVEL)e)



Alçado lado de Antônio Dias. (Reinaldo, 1801 - 1900 (DATA PROVÁVEL)f)

Museu da Inconfidência

A Casa de Câmara e Cadeia de Vila Rica foi edificada de 1785 a 1855, a partir de projeto de autoria do capitão-general Luís da Cunha Meneses, governador da Capitania de Minas Gerais. A Câmara aqui funcionou apenas 25 anos, transferindo-se para sua sede definitiva, na atual Praça Tiradentes, sendo o prédio, na sua totalidade, destinado à prisão. No início do século XX, o governador João Pinheiro adaptou a edificação para penitenciária estadual, condição em que permaneceu até 1937, ano da transferência dos presos para a Penitenciária de Neves, construída nas imediações de Belo Horizonte.

A 21 de abril de 1942, data de transcurso dos 150 anos da sentença proferida contra os réus da Inconfidência, inaugurou-se o Panteão, que recebeu os despojos dos conspiradores mortos no degredo da África e repatriados pelo governo Getúlio Vargas. A 11 de agosto de 1944, abriram-se as portas do Museu, que ampliou o esforço da nação para preservar a memória do movimento político de 1789.

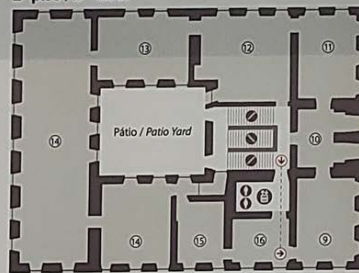
A exposição, no primeiro piso, apresenta a infra-estrutura da cidade, das origens até o período imperial. Objetos de construção civil, meios de transporte, mineração, vida social, documentam a evolução de um agrupamento humano que iria pensar a Independência brasileira. O segundo piso revela a superestrutura da criação artística, pondo em evidência a importância da Igreja.

The General Captain Luís da Cunha Meneses, Governor of the Captaincy of Minas Gerais, is the author of the design of the Casa de Câmara e Cadeia (Municipal Chamber and Jail), which was built between 1785 and 1855. It was totally converted into prison when the Chamber, which had used the building for 25 years only, moved to the current headquarters in Tiradentes Square. At the beginning of the XX century, Governor João Pinheiro da Silva ordered the adaptation of the building as a state penitentiary. Such condition remained until 1937 when all of the prisoners were transferred to Neves Penitentiary in the vicinity of Belo Horizonte.

The Pantheon was inaugurated on April 21, 1942, in order to coincide with the passing date of 150 years of the sentence pronounced against the defendants of the Inconfidência, the main libertarian movement in the history of Brazil. On that date the Pantheon received the mortal remains of the conspirators, who died in exile in Africa, repatriated by the President Getúlio Vargas government. The Museu da Inconfidência opened the doors on August 11, 1944, to strengthen the nation efforts to preserve the memory of the 1789 political movement.

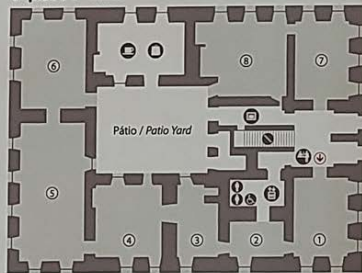
The exhibition on the first floor shows the city infrastructure from the very beginning until the imperial period, which was a striking period in the history of the city. There are objects that were applied to civil construction, transportation means, mining, social life, and documents showing the evolution of a group of people who would ultimately think of the Brazilian independence. The second floor reveals the artistic creation superstructure, which emphasizes the importance of the Church.

2º piso / 2nd floor



- 9 Arte e Religião / Art and Religion
- 10 Tríunfo Eucarístico / Eucharistic Triumph
- 11 Associações Leigas / Lay Associations
- 12 Oratórios / Oratories
- 13 Alegria do Inconfidante / Joy of the Inconfidante
- 14 Mobiliário / Furniture
- 15 Atalde
- 16 Pinturas e Esculturas / Painting and Sculptures

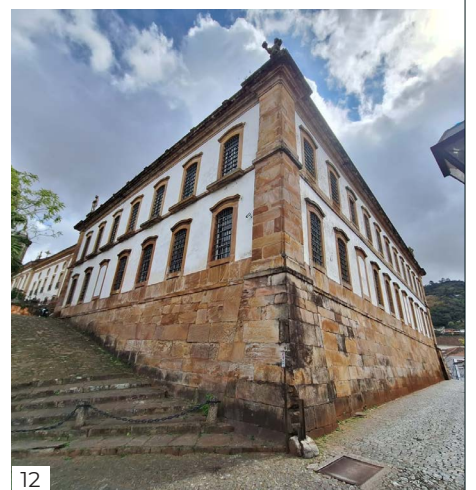
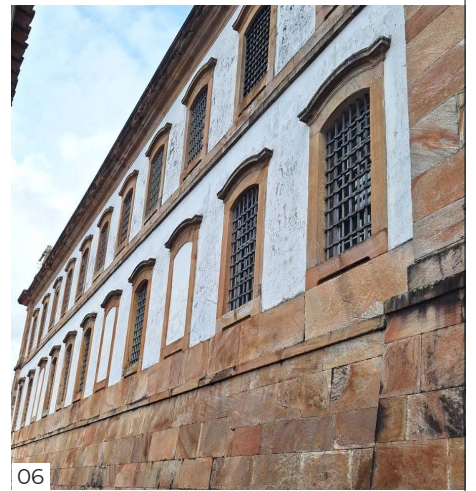
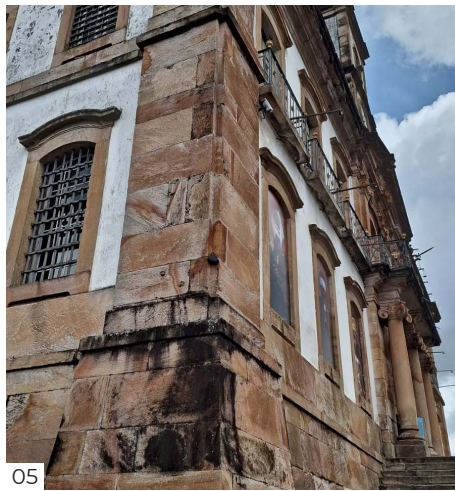
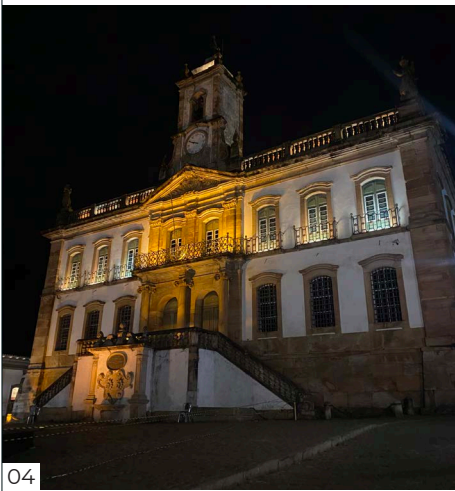
1º piso / 1st floor



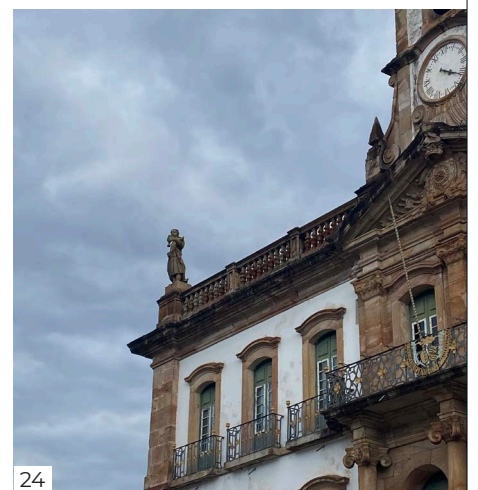
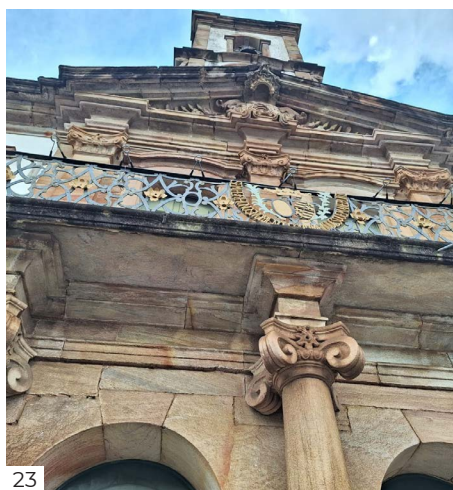
- 1 Das Origens / About the Origins
- 2 Construção / Construction
- 3 Transporte / Transportation
- 4 Mineração / Mining
- 5 Inconfidência / Minas Conspiracy
- 6 Panteão / Pantheon
- 7 Império / Empire
- 8 Vida Social / Social Life
- Entrada / Entrance
- Café / Coffee Shop; Loja / Shop
- Guarda-Folhetos / Baggage Office
- Banheiros / Toilets
- Elevador / Elevator
- Escadas / Stairs



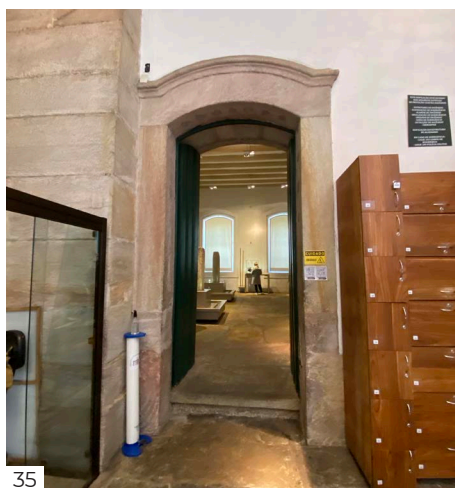
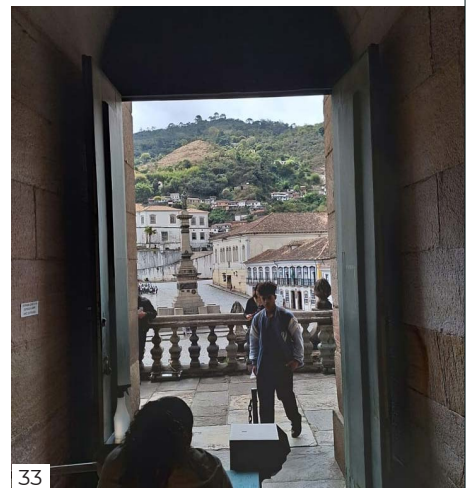
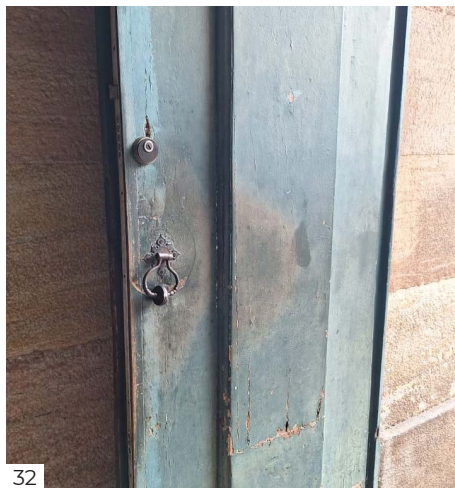
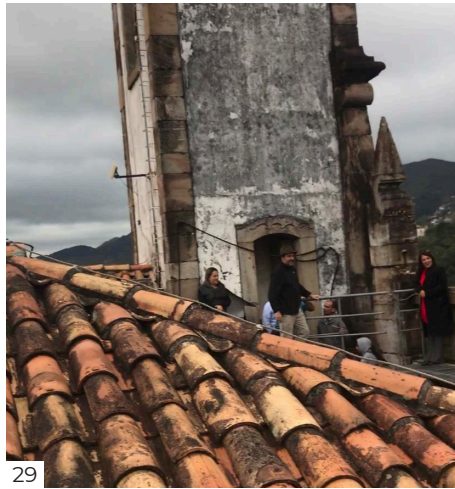
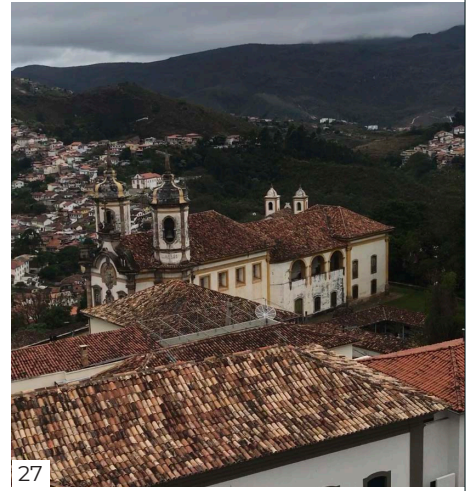
Levantamento Fotográfico - Parte 1:



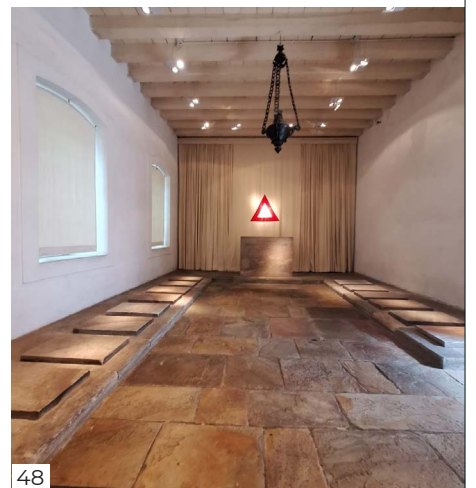
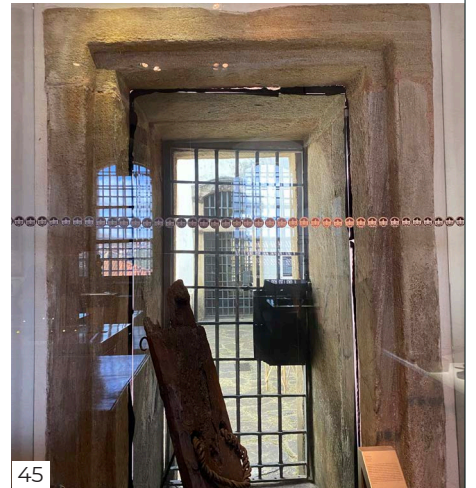
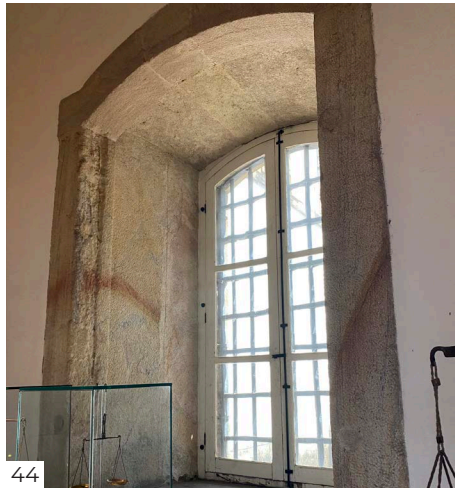
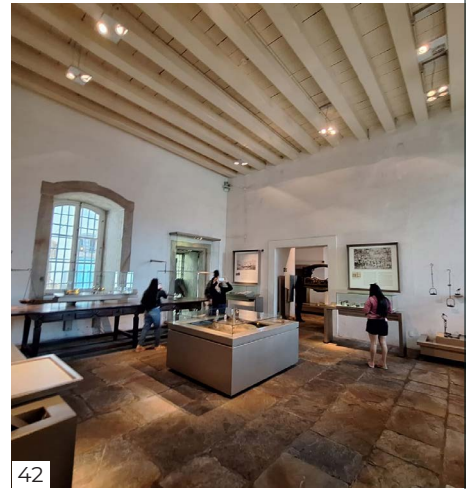
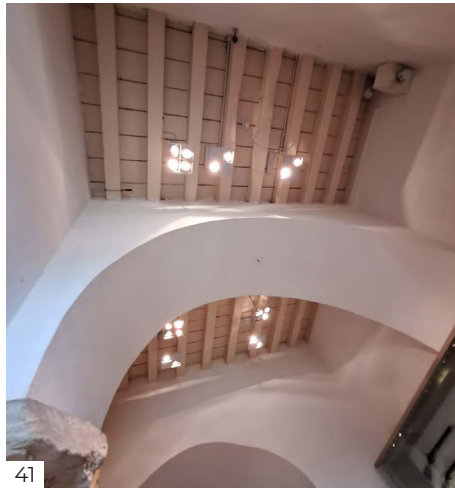
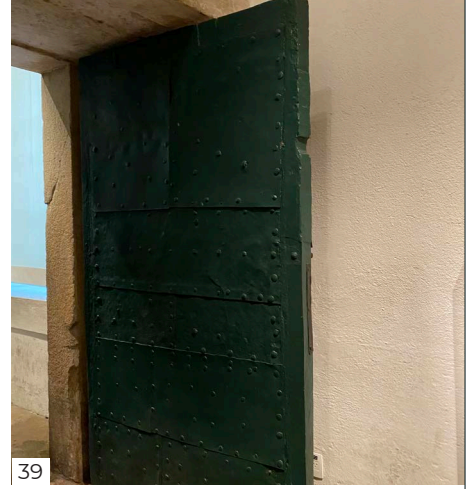
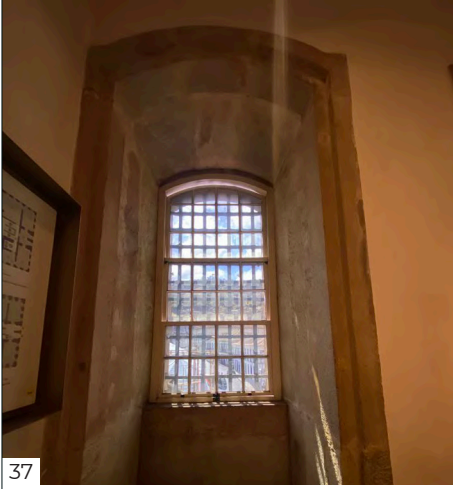
Levantamento Fotográfico - Parte 2:



Levantamento Fotográfico - Parte 3:



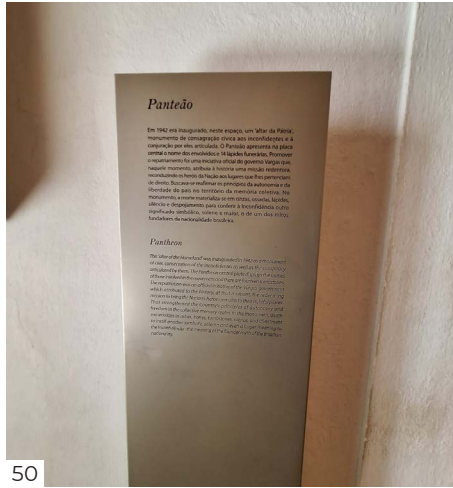
Levantamento Fotográfico - Parte 4:



Levantamento Fotográfico - Parte 5:



49



50



51



52



53



54



55



56



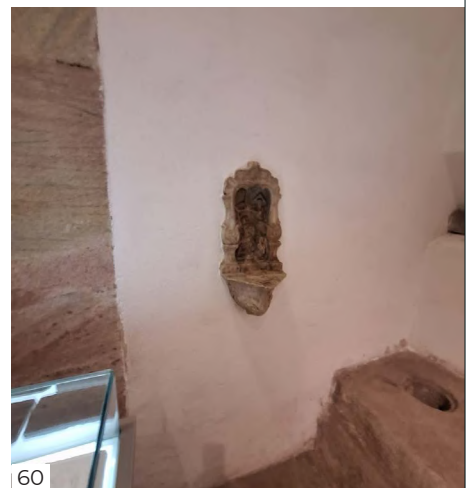
57



58



59



60

Levantamento Fotográfico - Parte 6:



61



62



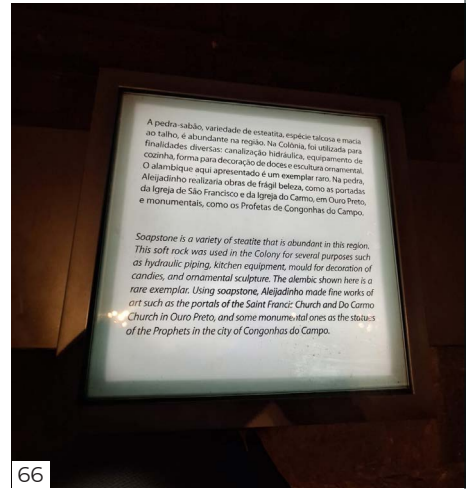
63



64



65



66



67



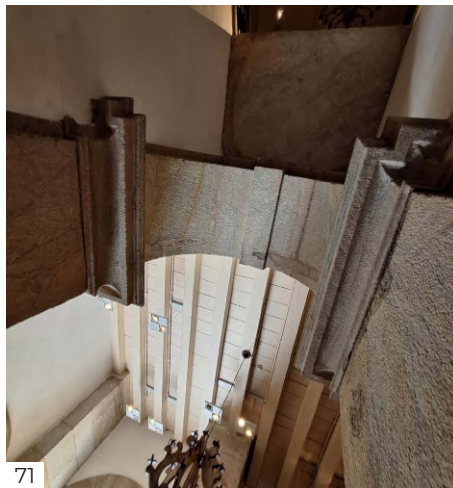
68



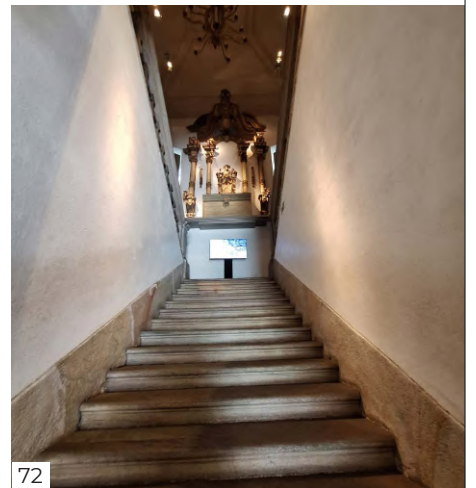
69



70

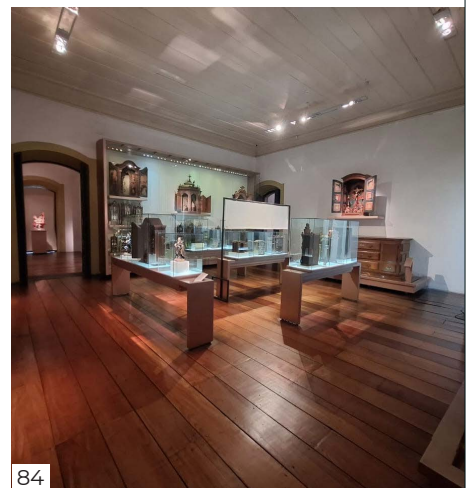
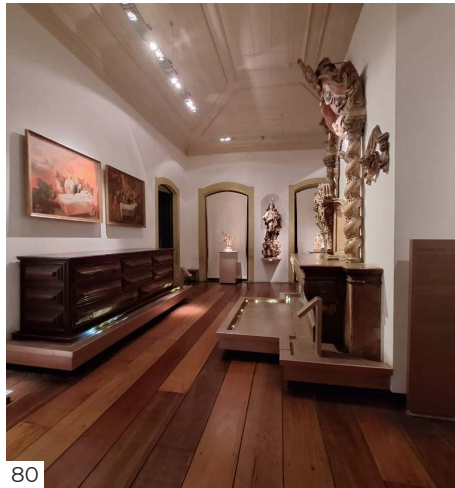
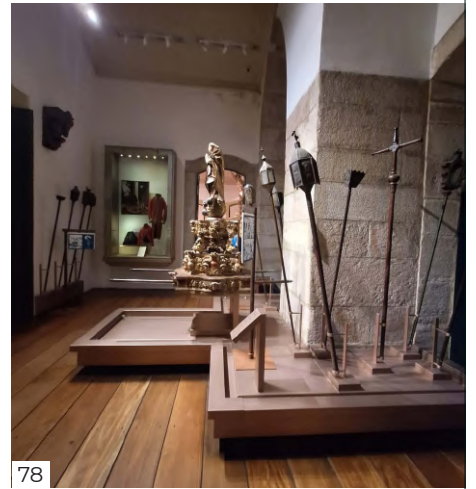
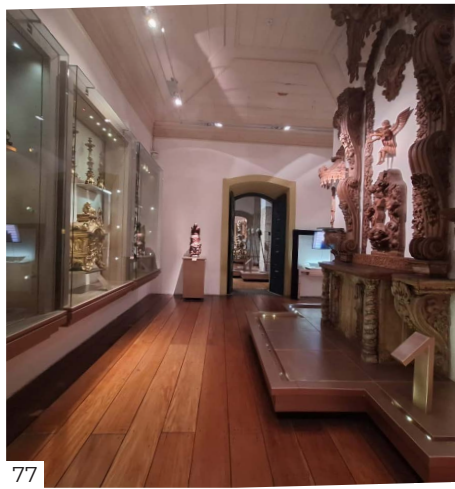
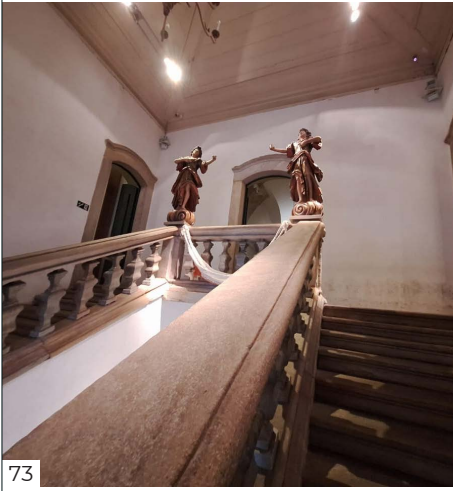


71

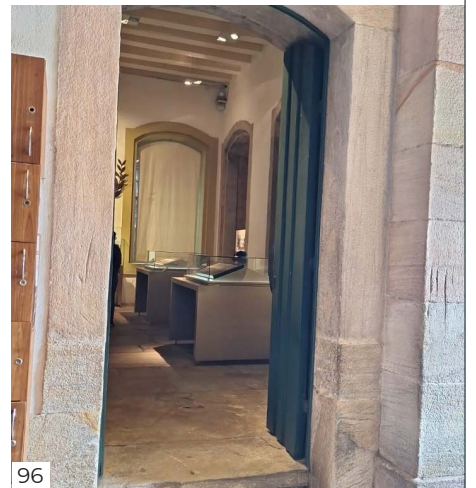
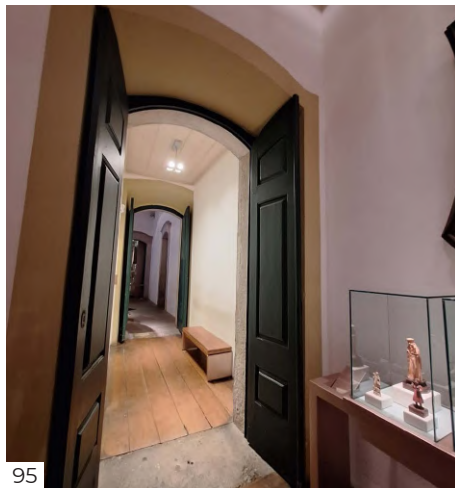
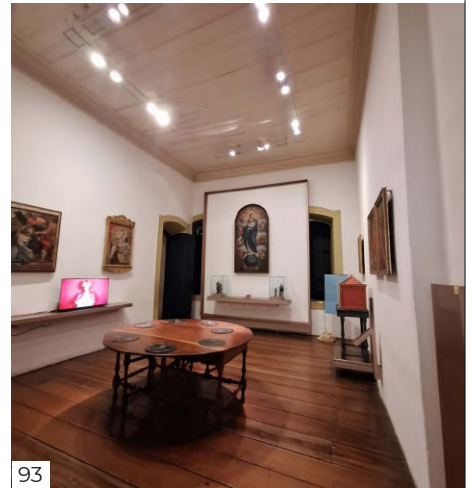
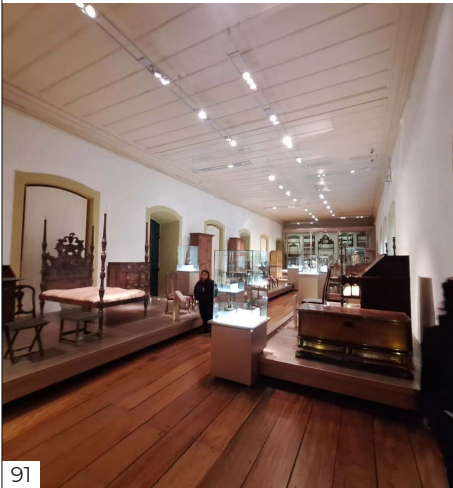
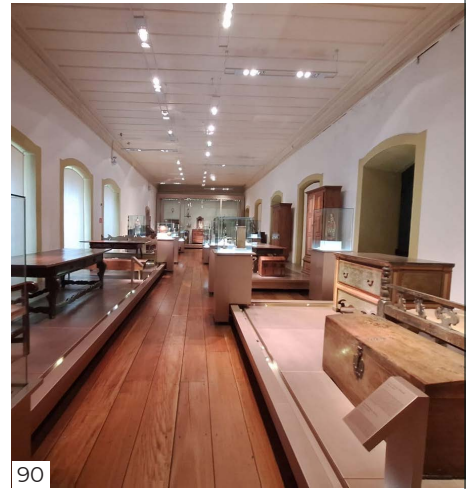
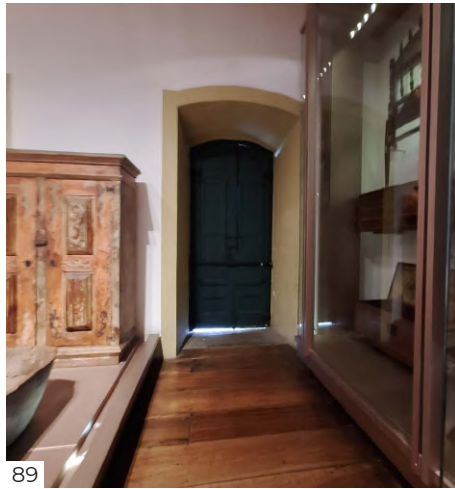
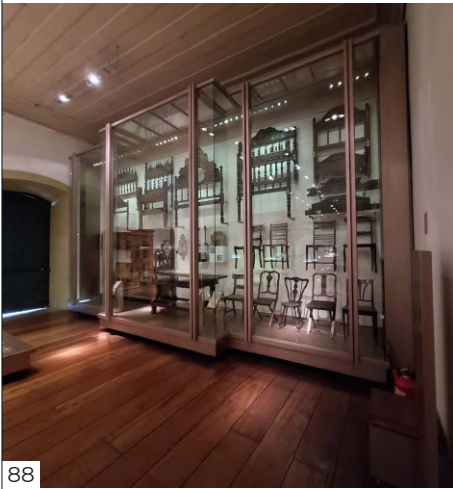
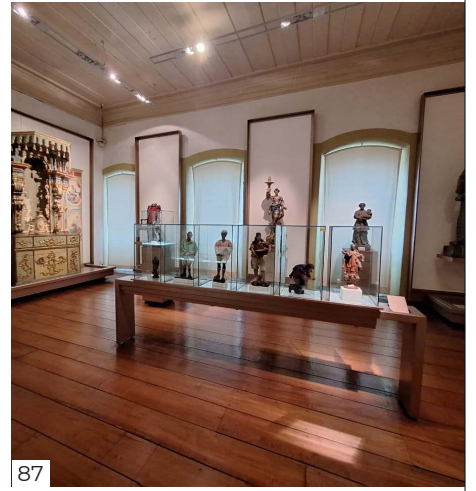
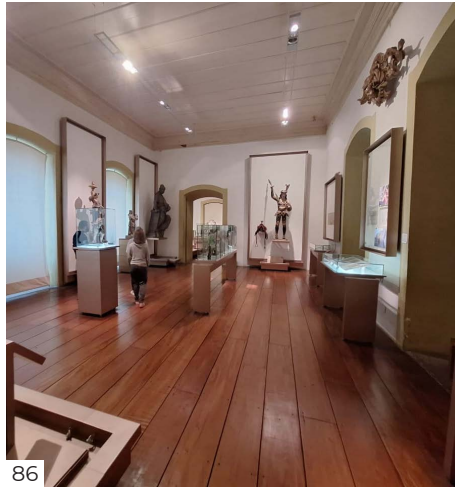


72

Levantamento Fotográfico - Parte 7:



Levantamento Fotográfico - Parte 8:



1 - Fotografia tirada da janela do Gabinete do IPHAN em Ouro Preto.

3- Fotografia tirada da sacada da casa de Tomás Antônio Gonzaga, no Largo do Coimbra.

25 a 30 - Estas fotografias foram tiradas pela autora durante visita guiada a autoridades e suas famílias ao Museu da Inconfidência no dia 15 de julho de 2017, devido a entrega da Medalha do Dia de Minas ocorrida em Mariana, no dia 16 de julho de 2017, dia em que, simbólicamente, a capital do Estado é transferida para a cidade. Por isso, foi possível acessar o telhado, o que não é permitido para visitantes.

50 - Transcrição do texto fotografado:

Panteão

Em 1942 era inaugurado, neste espaço, um "altar da Pátria", monumento de consagração cívica aos inconfidentes e à conjuração por eles articulada. O Panteão apresenta na placa central o nome dos envolvidos e 14 lapides funerárias. Promover o repatriamento foi uma iniciativa oficial do governo Vargas que, naquele momento, atribuía à história uma missão redentora, reconduzindo os heróis da Nação aos lugares que lhes pertenciam de direito. Buscava-se reafirmar os princípios da autonomia e da liberdade do país no território da memória coletiva. No monumento, a morte materializa-se em cinzas, ossadas, lápides, silêncio e despojamento para conferir à Inconfidência outro significado simbólico, solene e maior, o de um dos mitos fundadores da nacionalidade brasileira.

Pantheon

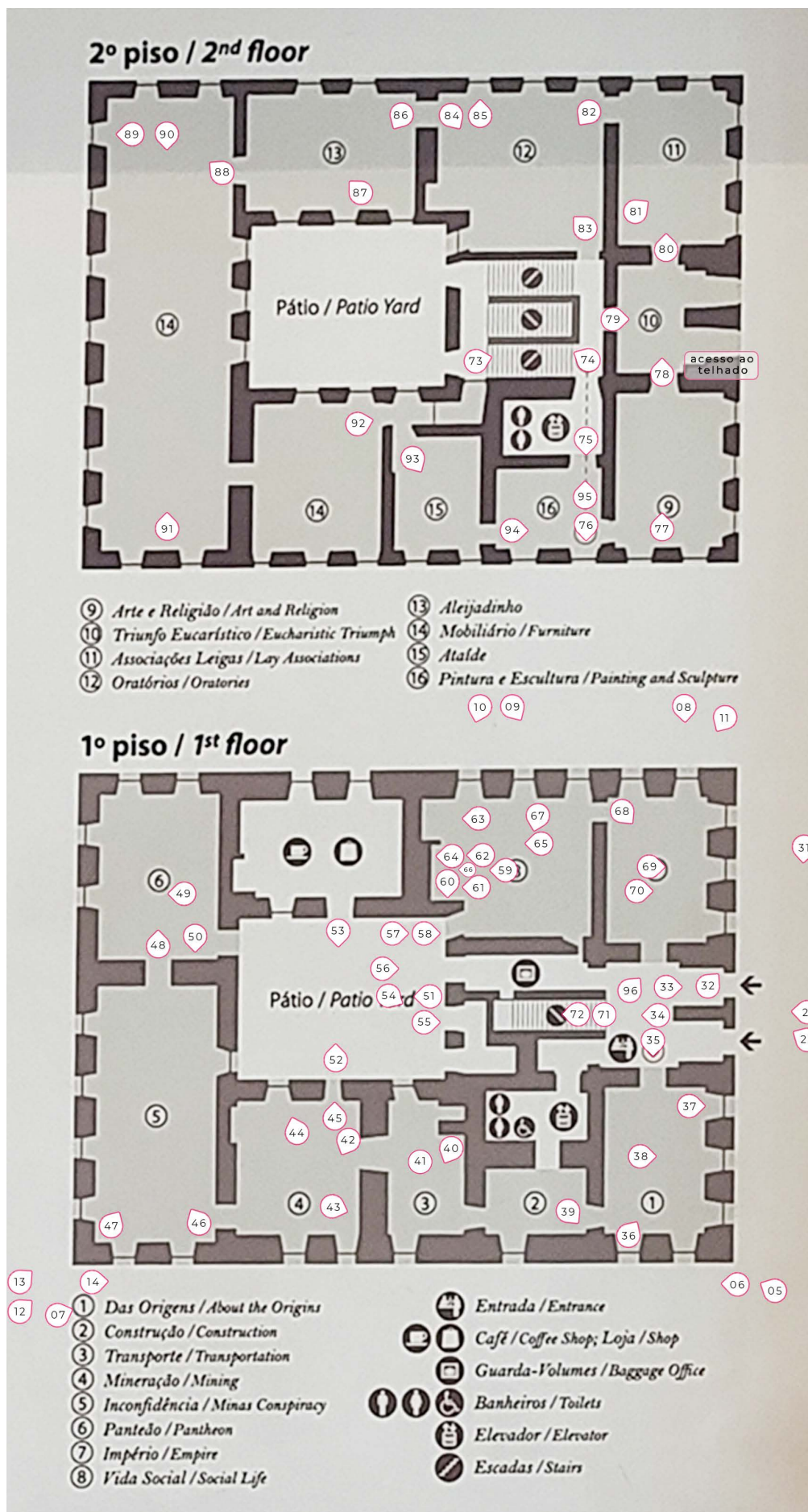
This "altar of the Homeland" was inaugurated in 1942 as a monument of civic consecration of the inconfidentes as well as the conspiracy articulated by them. The Pantheon central plate displays the names of those involved in the movement and there are fourteen tombstones. The repatriation was an official initiative of the Vargas government which attributed to the history, at that moment, the redeeming mission to bring the Nation's heroes remains to their rightful places. That strengthened the Country's principles of autonomy and freedom in the collective memory realm. In the monument death materializes in ashes, bones, tombstones, silence, and divestment to instill another symbolic, solemn and even a larger meaning to the Inconfidencia - the meaning of the founder myth of the Brazilian nationality.

66 - Transcrição do texto fotografado:

A pedra-sabão, variedade de esteatita, espécie talcosa e macia ao talho, é abundante na região. Na Colônia, foi utilizada para finalidades diversas: canalização hidráulica, equipamento de cozinha, forma para decoração de doces e escultura ornamental. O alambique aqui apresentado é um exemplar raro. Na pedra, Aleijadinho realizaria obras de frágil beleza, como as portadas da Igreja de São Francisco e da Igreja do Carmo, em Ouro Preto, e monumentais, como os Profetas de Congonhas do Campo.

Soapstone is a variety of steatite that is abundant in this region. This soft rock was used in the Colony for several purposes such as hydraulic piping, kitchen equipment, mould for decoration of candies, and ornamental sculpture. The alembic shown here is a rare exemplar. Using soapstone, Aleijadinho made fine works of art such as the portals of the Saint Francis Church and Do Carmo Church in Ouro Preto, and some monumental ones as the status of the Prophets in the city of Congonhas do Campo.

Localização das fotografias:

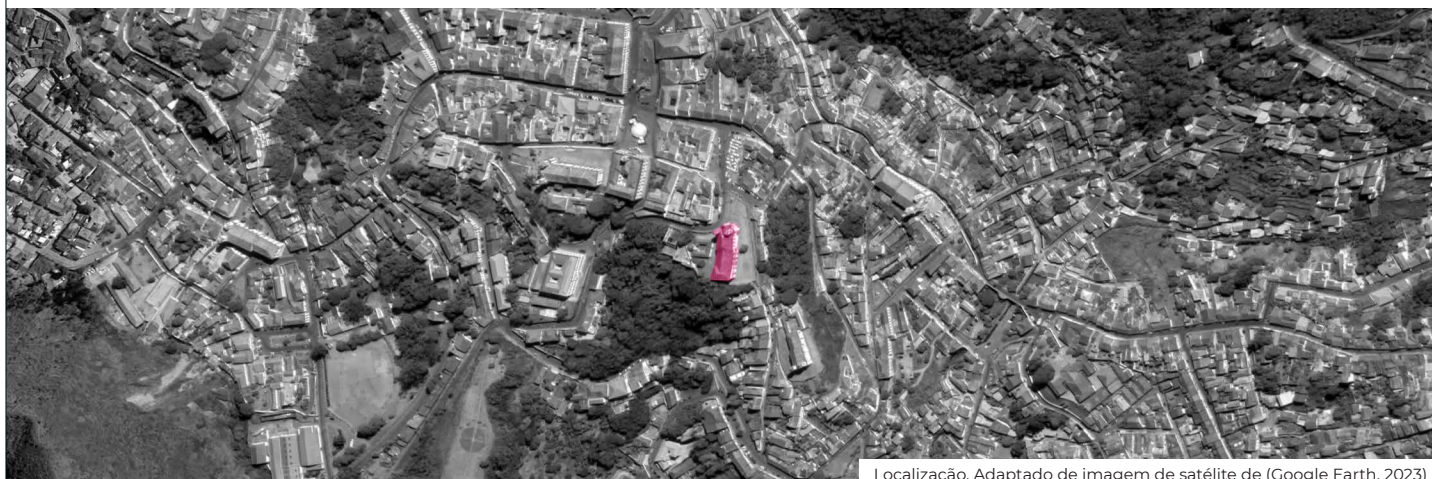


fichas tipo dos casos de estudo

Município: Ouro Preto - MG				
Endereço: Largo do Coimbra, s/n				
Coordenadas: -20.386728065918877, -43.50275898113713				
Estado de conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Em obras
Uso atual: Igreja				
Uso(s) anterior(es): Igreja				
Ano de construção: 1765				
Estilo arquitetônico: Transição entre Barroco e Rococó				
Enquadramento Urbano:				

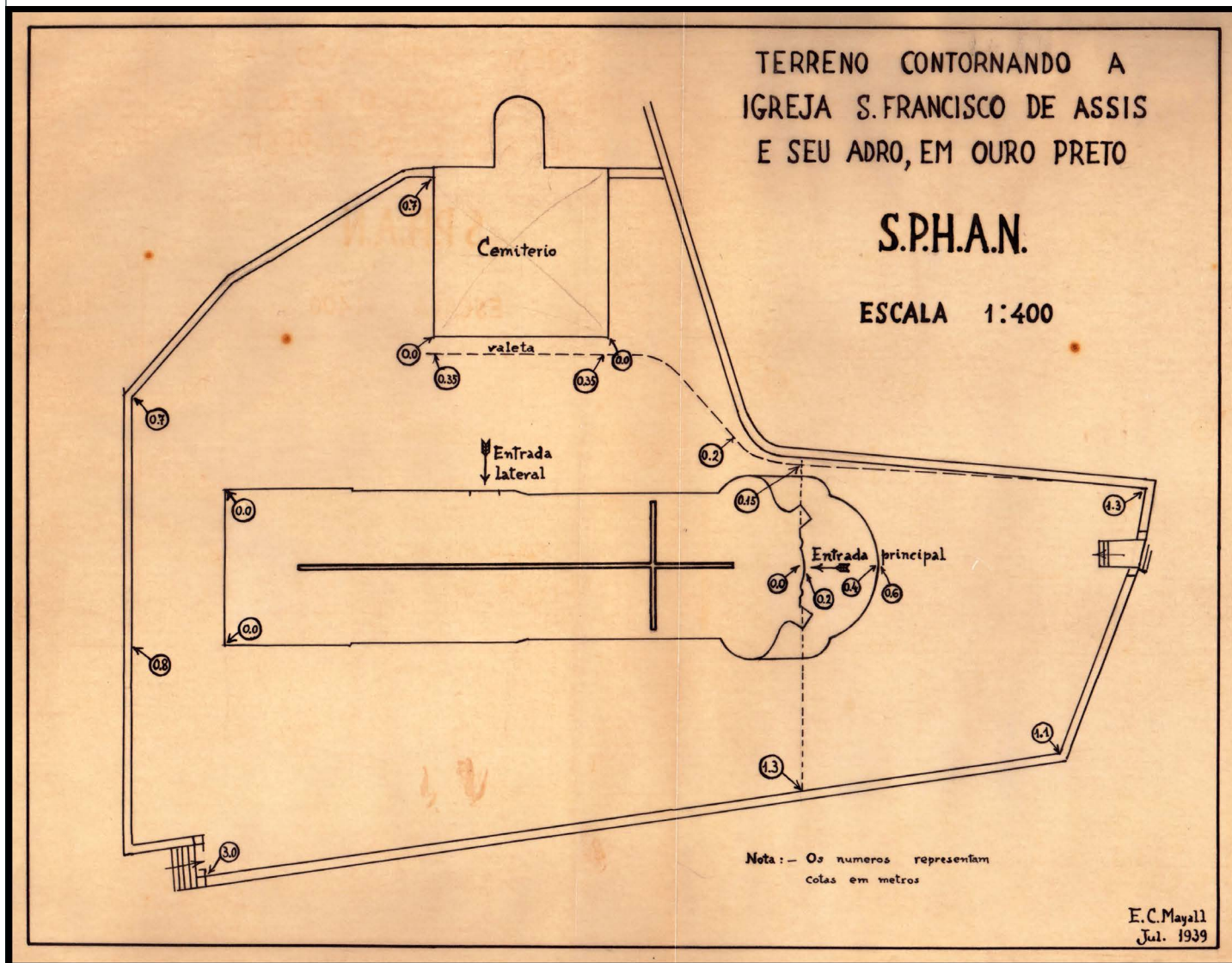


Localização:



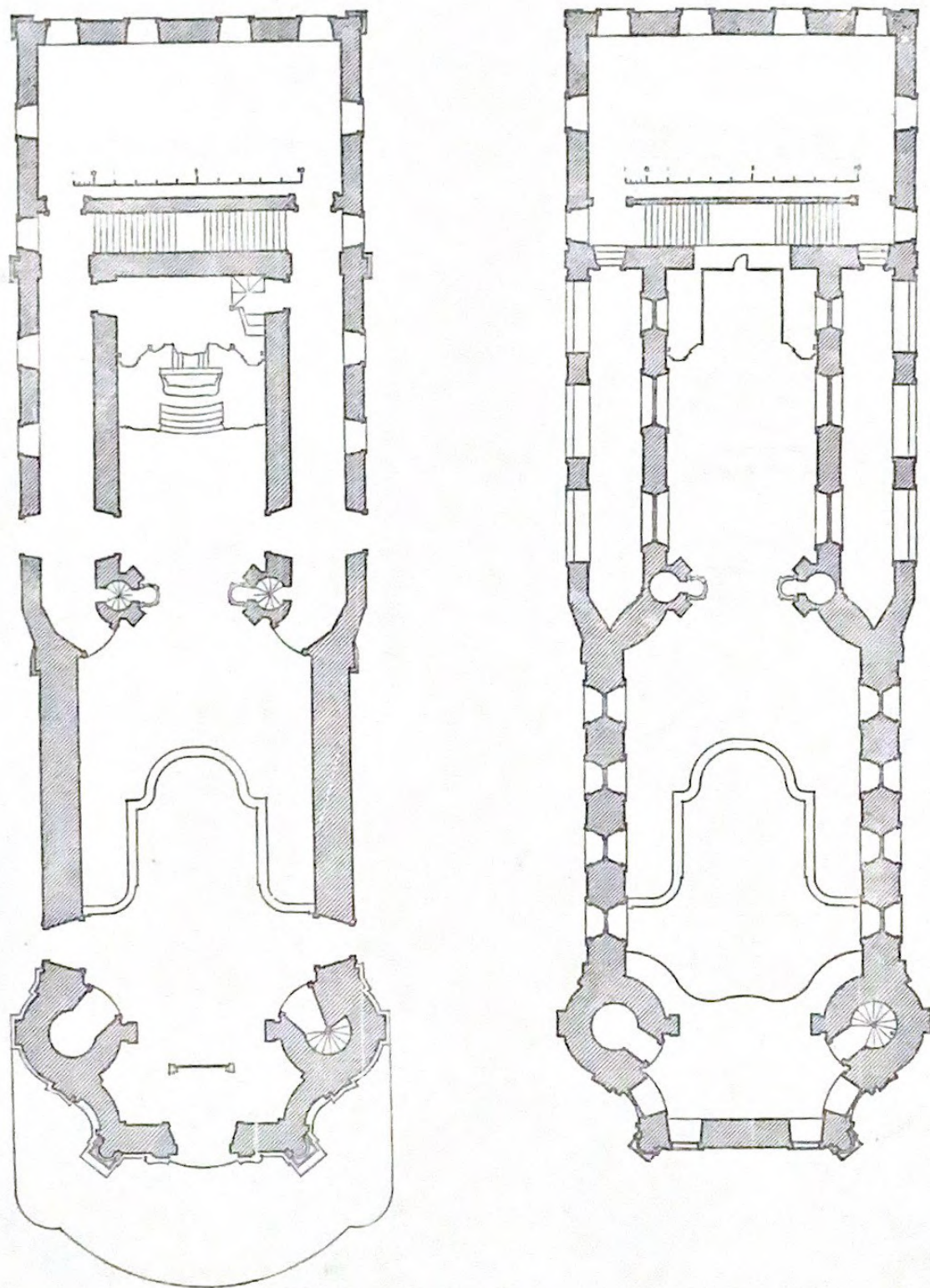
Implantação:

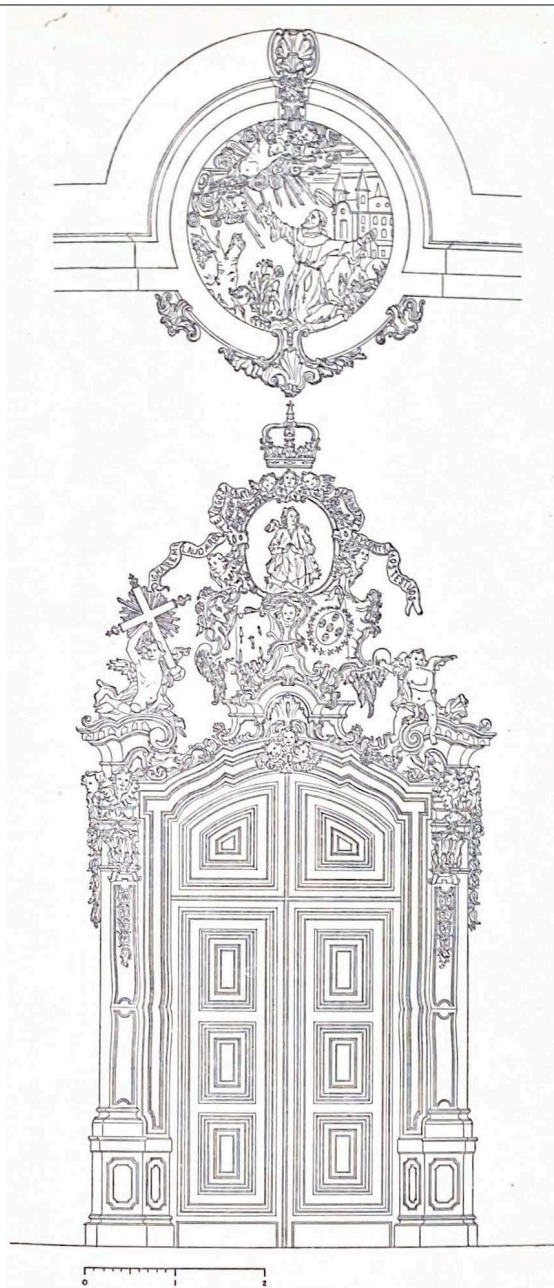




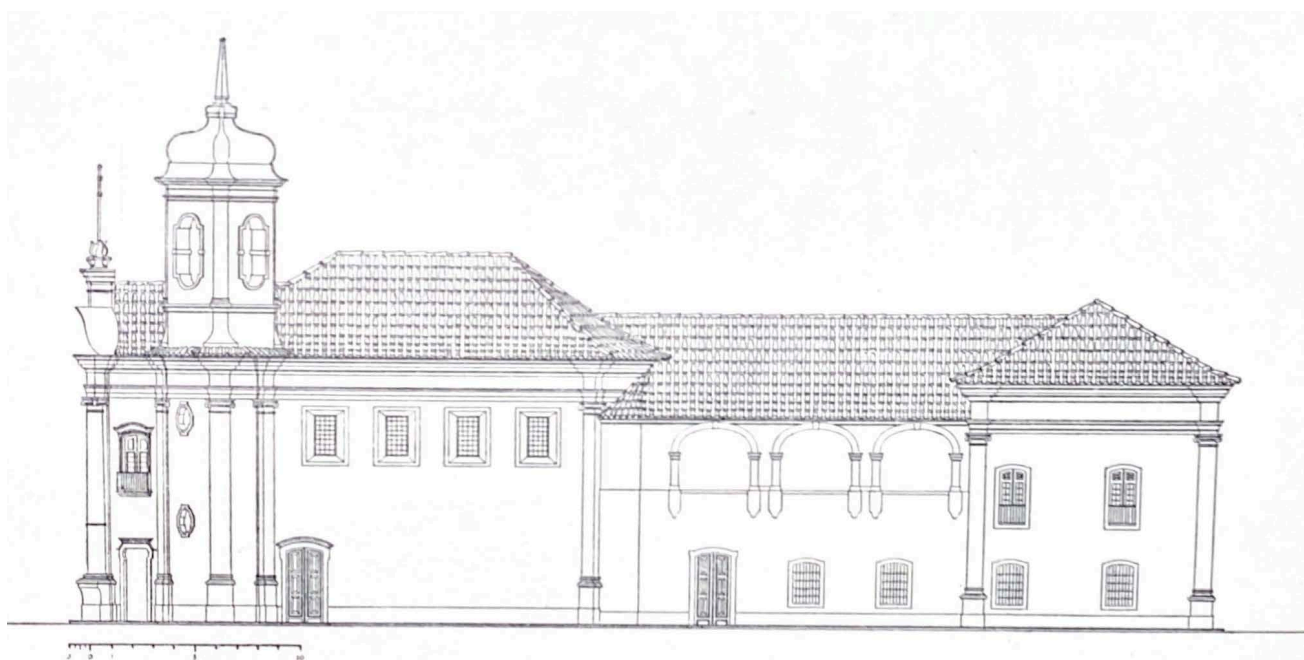
Implantação da Igreja de São Francisco de Assis. A autoria de Mayall, 1939, retirado de (IPHAN, 2022)



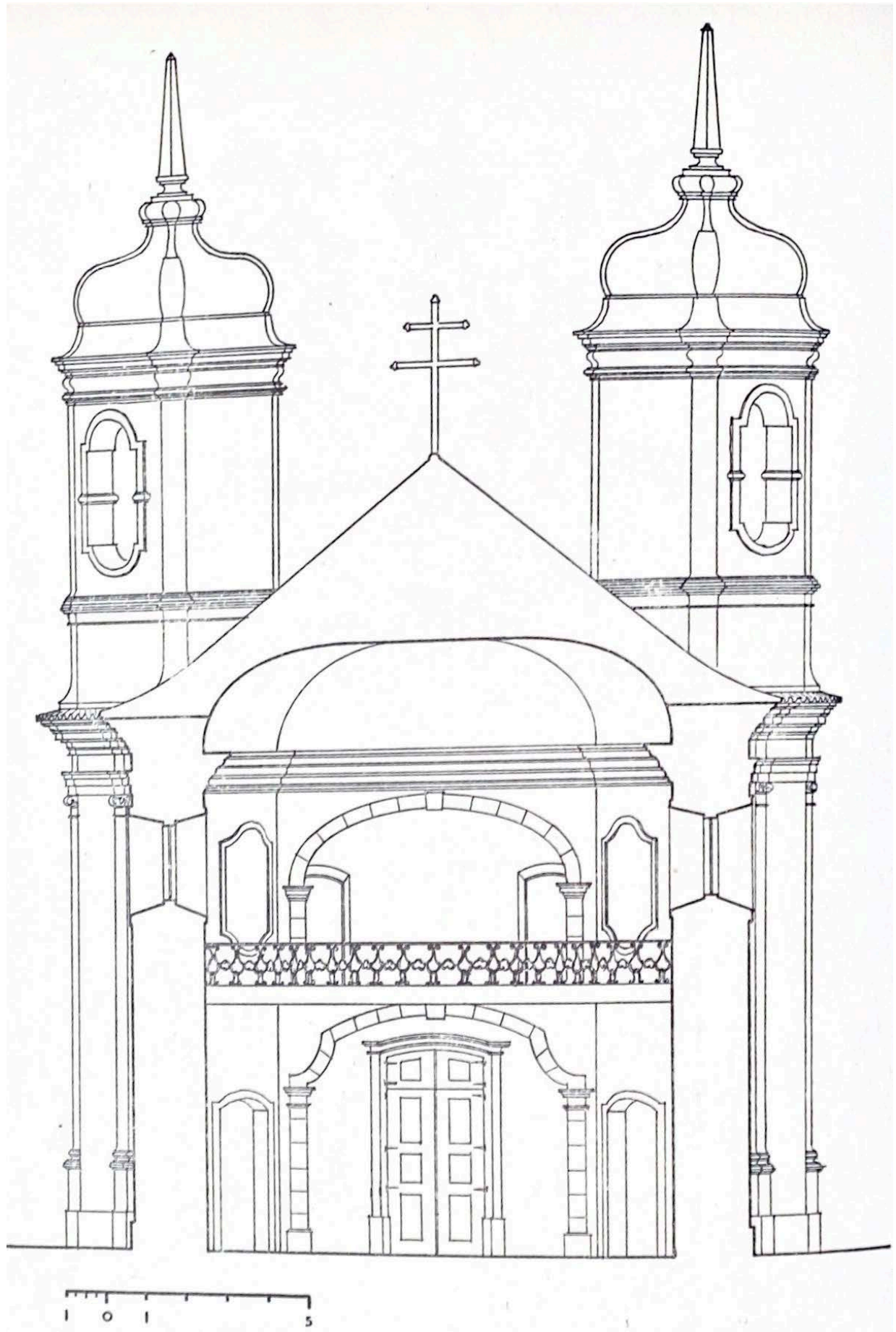




Portada e medalhão (Santos P. F., 1951, p. 181)

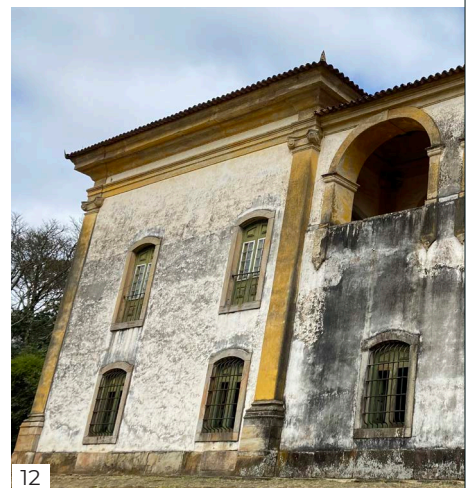
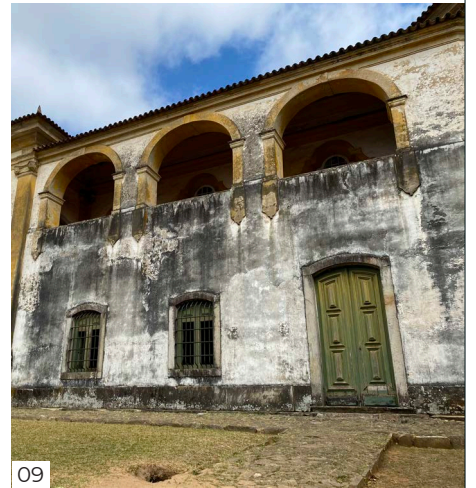
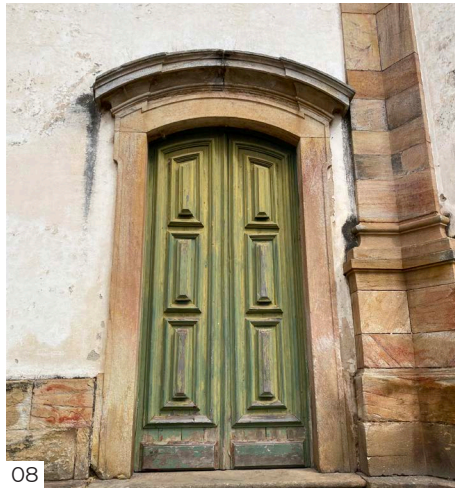
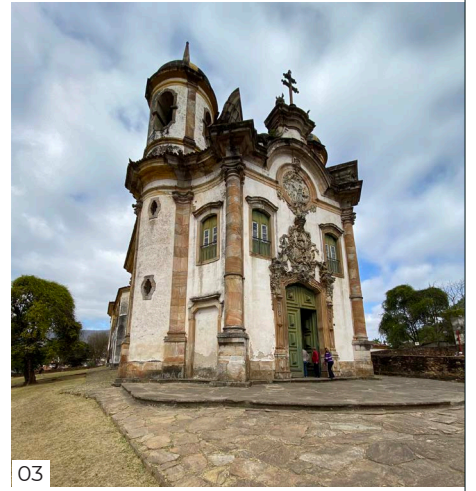


Alçado lateral - Lado da Epístola (Santos P. F., 1951, p. 177)

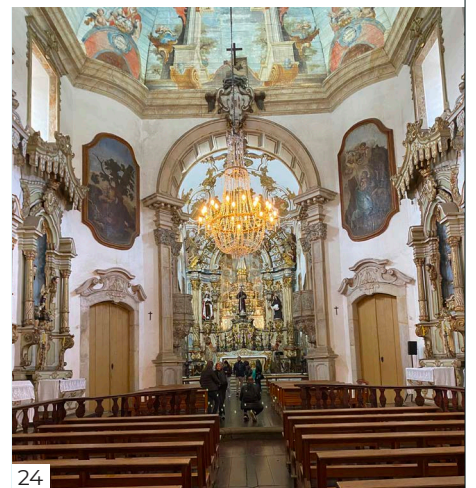
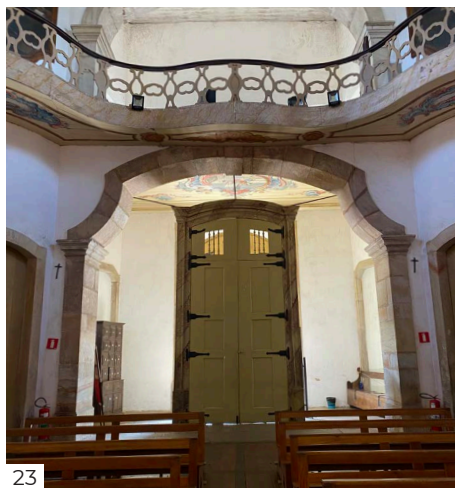
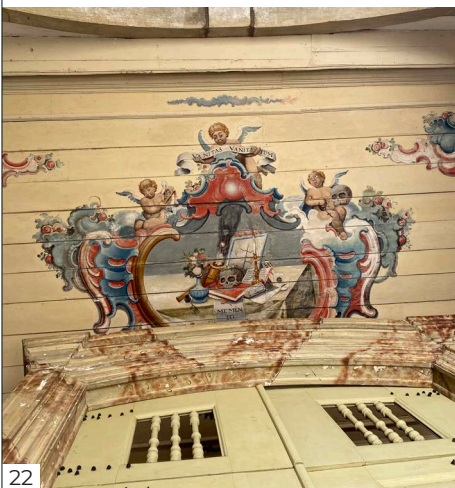
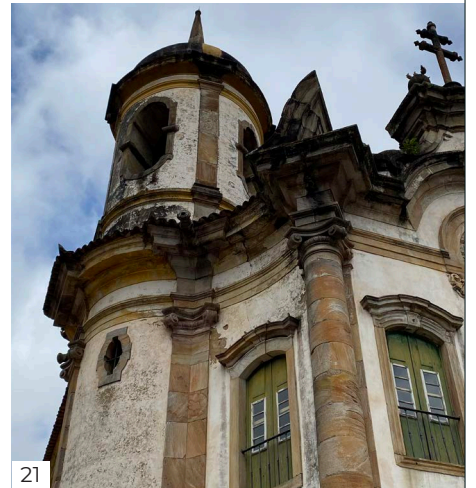
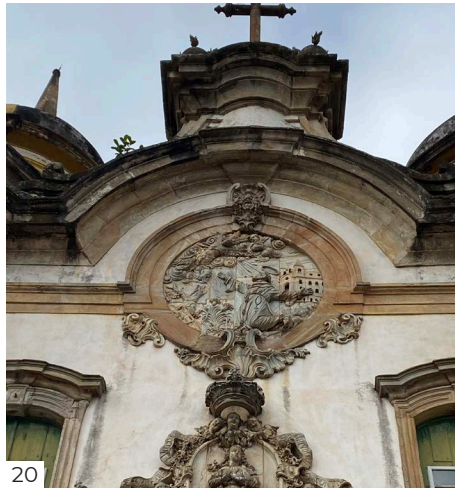
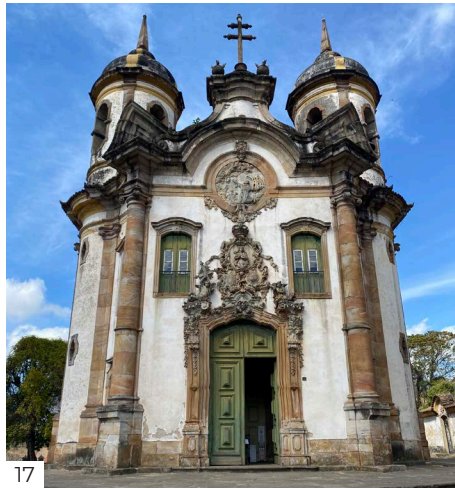
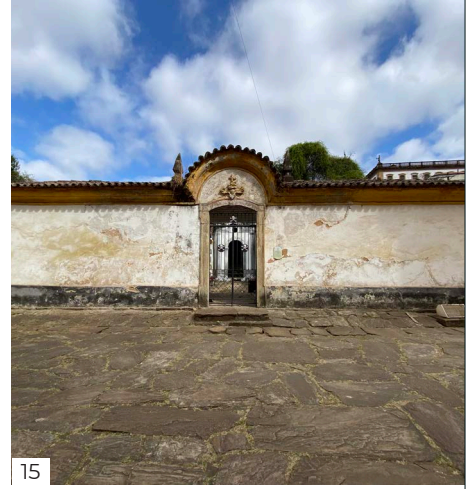


Corte transversal, virado para o coro (Santos P. F., 1951, p. 184)

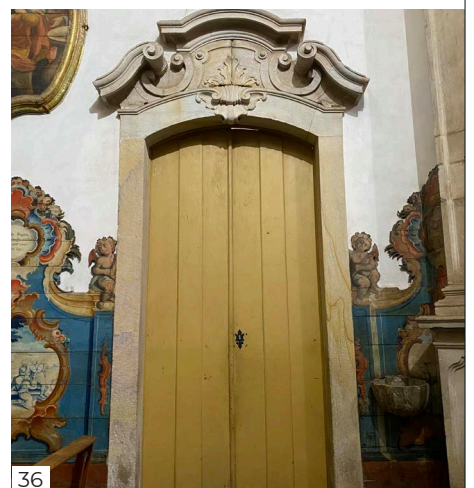
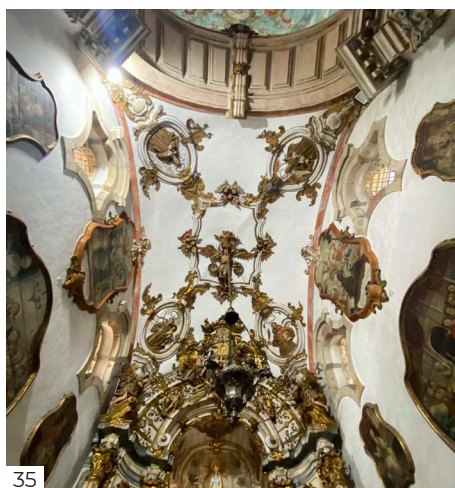
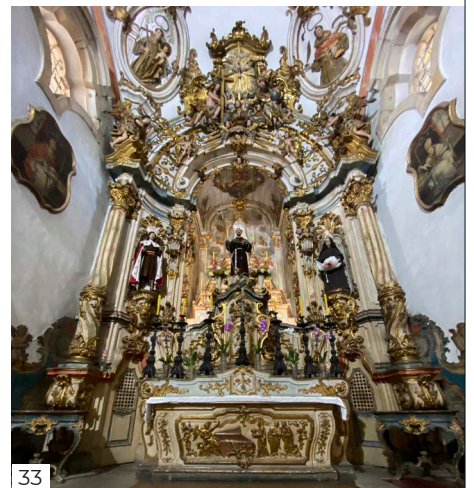
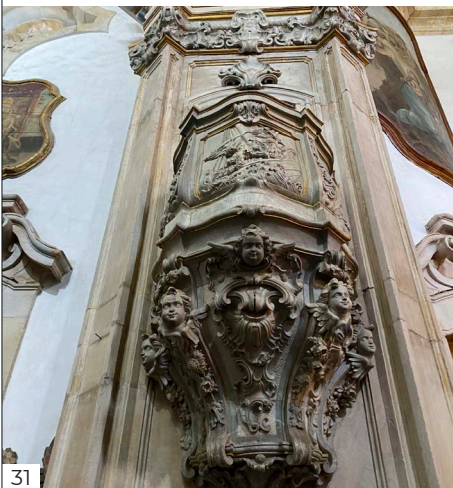
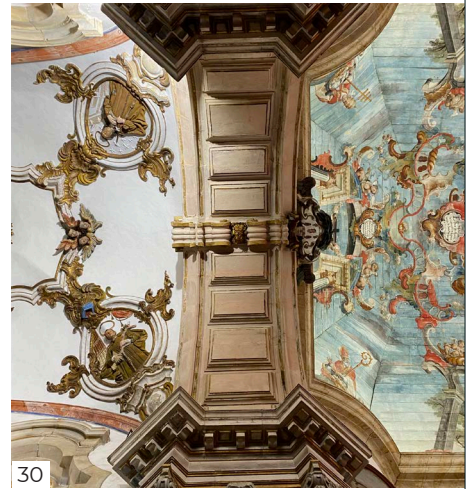
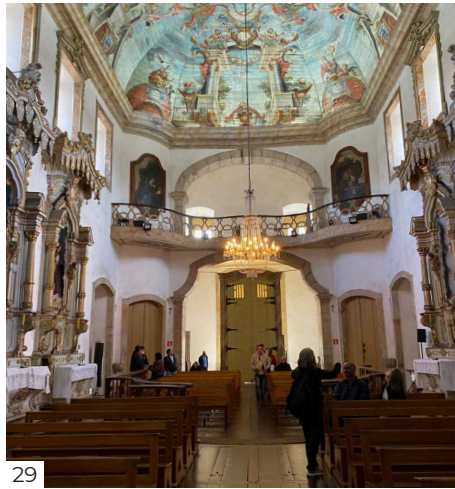
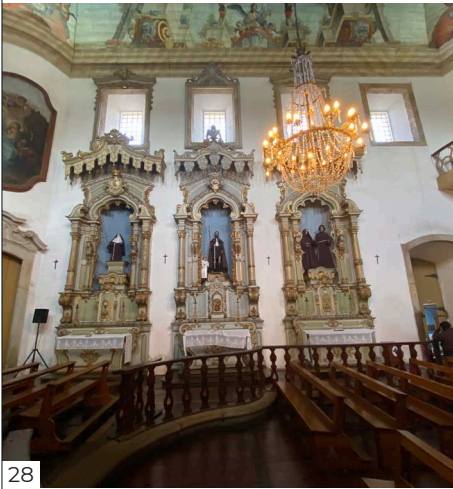
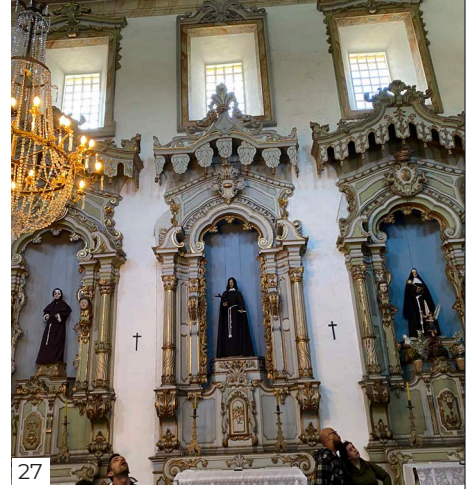
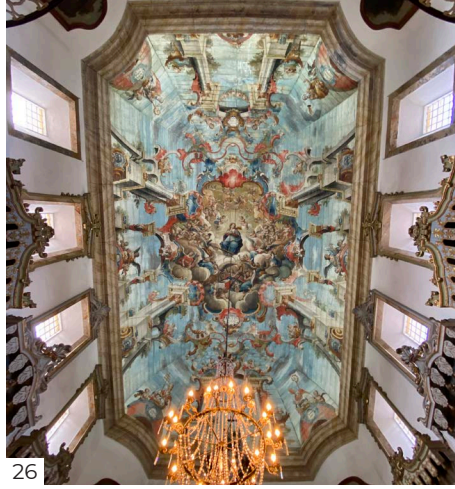
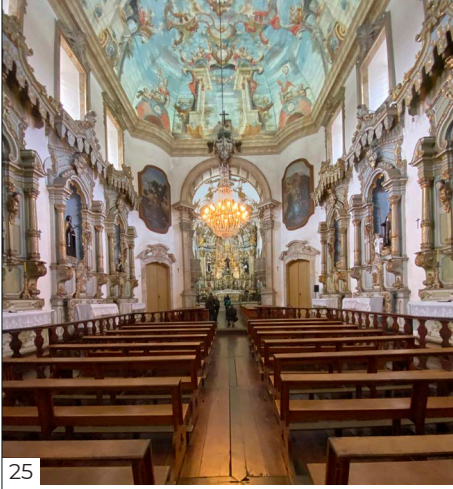
Levantamento Fotográfico - Parte 1:



Levantamento Fotográfico - Parte 2:



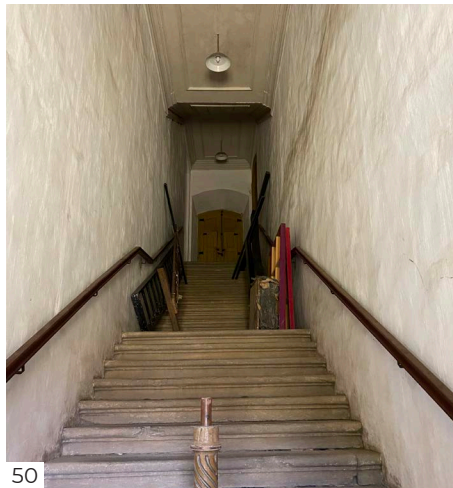
Levantamento Fotográfico - Parte 3:



Levantamento Fotográfico - Parte 5:



49

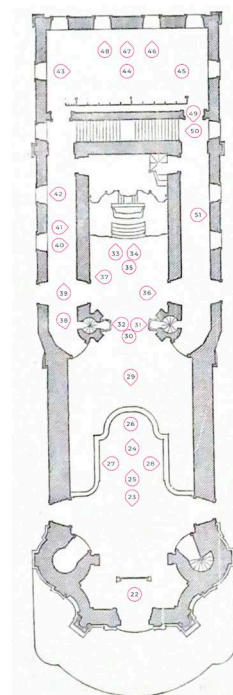
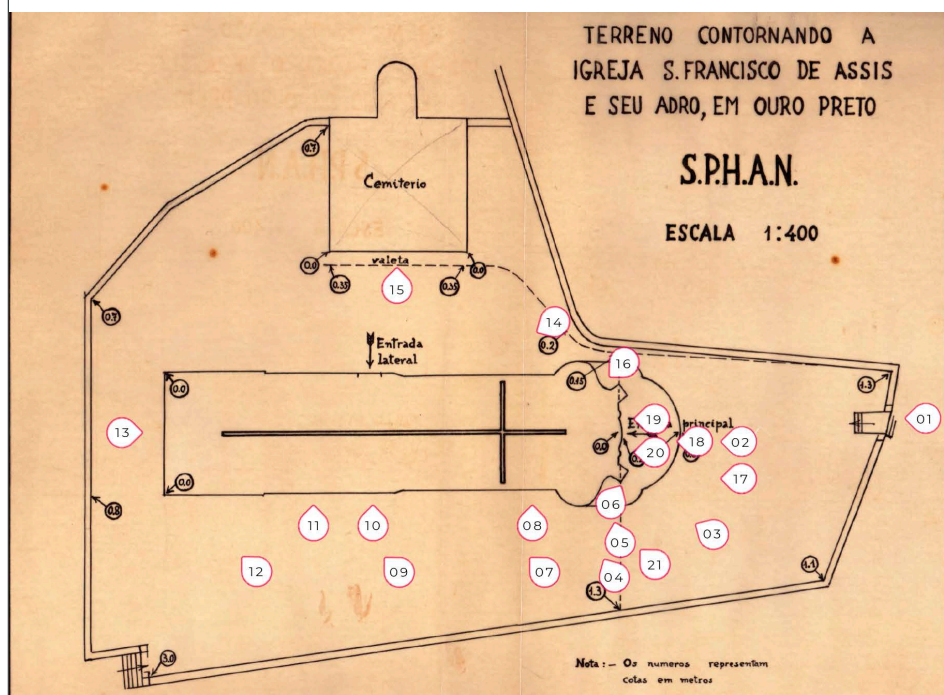


50



51

Localização das fotografias:



48 - Transcrição do texto fotografado:

LAVABO

Este lavabo foi executado por Antônio Francisco Lisboa entre 1777 e 1779 Segundo Manuel Bandeira em seu *Guia de Ouro Preto*, trata-se de uma representação da Ordem de São Francisco: das chagas, representadas num escudo oval ladeado por dois anjos, parte um raio de luz que cai sobre um arcanjo, que na mão esquerda sustenta um medalhão com a efigie do santo, enquanto que a direita pousa sobre a figura principal, símbolo da Fé: esta desdobra um cartão onde se lê: Haec est ad coelum quae via ducit; a seus pés, entre duas cabeças de cervos, outra inscrição: *Ad dominum curro sitiens cervus ad undas.* O triunfalismo tridentino aqui aparece fielmente representado.

Na parte central desta composição escultórica está o principal elemento: um capuchinho com os olhos vendados que segura o cartão acima mencionado. Os dizeres em latim podem ser assim traduzidos: Este é o caminho que conduz ao céu.

A alegoria das qualidades da fé cega é perfeitamente compreensível, mas para quem desde a entrada do templo, experimentou a rica trajetória visual determinada pela arte de seu interior, do encontrar esculpida a privação da visão, e invadido por um sentimento contraditório que deixa todo observador perolixo, induzindo-o a uma reflexão mais profunda sobre suas questões espirituais.

A água é novamente evocada como poderoso meio simbólico do qual a importância da fé é veiculada. Abaixo do capuchinho aparecem dois cervos que saciam sua sede à beira de uma fonte. E os dizeres em latim completam a significação metafórica da cena: *Corro para o Senhor como os cervos sedentos para a fonte.*

Tanto os peavenos anjos que ladeiam o brasão da Ordem Franciscana na parte superior da composição, quanto os que se encontram aos pés do capuchinho vendado, impunham objetos que lembram a transitoriedade da carne e indicam como única possibilidade de redenção a humildade e a penitência atitudes que fundamentam a regra franciscana.

Através de suas águas, os lavabos das sacristias têm a função de purificar o sacerdote que se prepara para o ministério dos sacramentos. Da mesma fonte é colhida a água que servirá ao sacrifício eucarístico. Toda a riqueza simbólica do lavabo de São Francisco de Assis de Ouro Preto reitera com beleza e impacto os mais importantes valores a serem observados pelo fiel sedento de salvação. completando a coerência iconográfica na qual, em sua totalidade, o templo foi concebido

Marcos Hill (Professor da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais)

51 - "Declarada uma das "7 Maravilhas de Origem Portuguesa no Mundo", em resultado da votação pública promovida pela New 7 Wonders Portugal e auditada pela PricewaterhouseCoopers."

Portimão, 10 de junho de 2009".

fichas tipo dos casos de estudo

Município: Ouro Preto - MG				
Endereço: Largo do Rosário, s/n				
Coordenadas: -20.38365075715128, -43.50978603588332				
Estado de conservação:	Ótimo	Bom	Regular	Em obras
Uso atual: Igreja				
Uso(s) anterior(es): Igreja				
Ano de construção: Meados do século XVIII (não se sabe a data exata)				
Estilo arquitetônico: Barroco				
Enquadramento Urbano:				



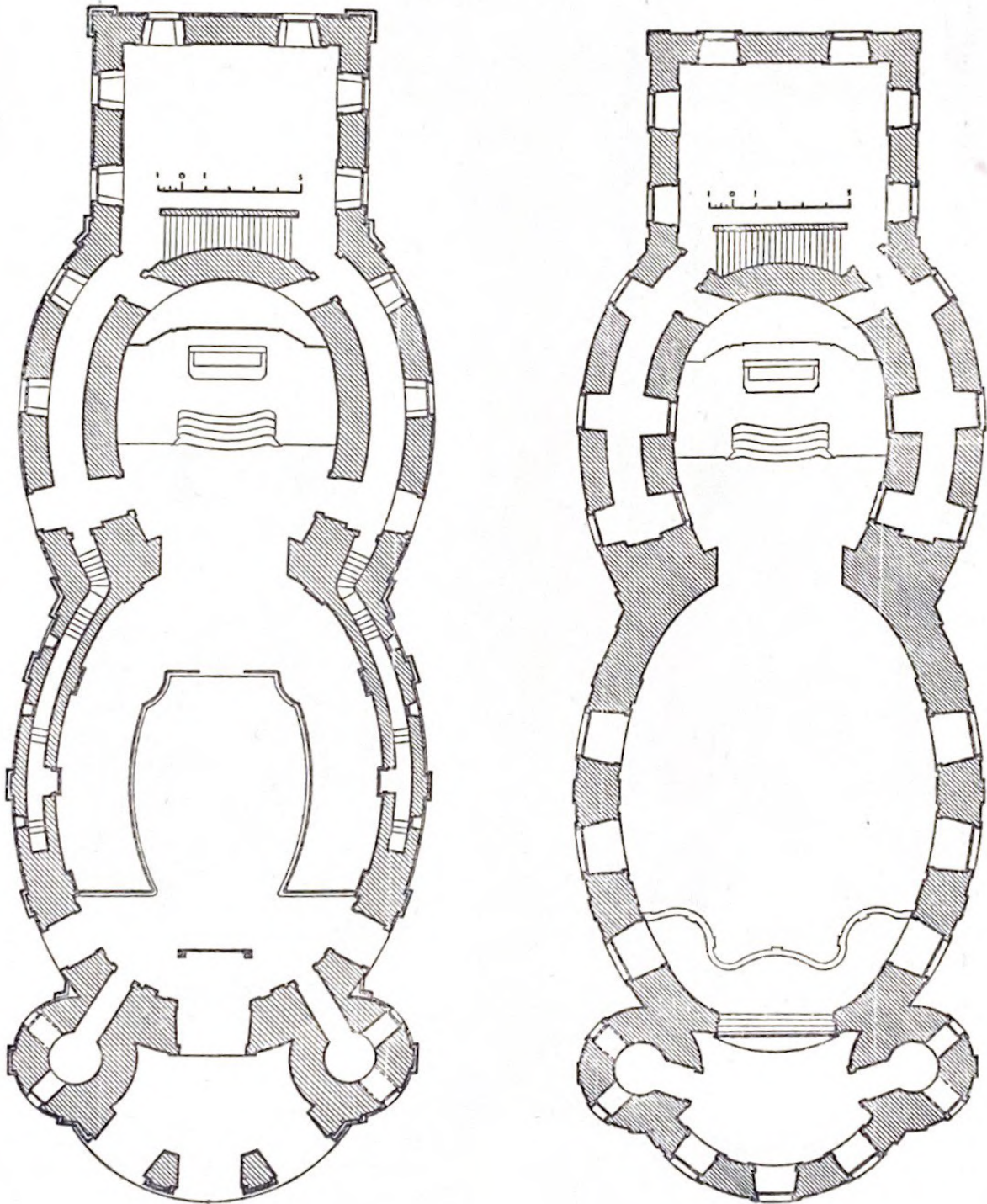
Localização:

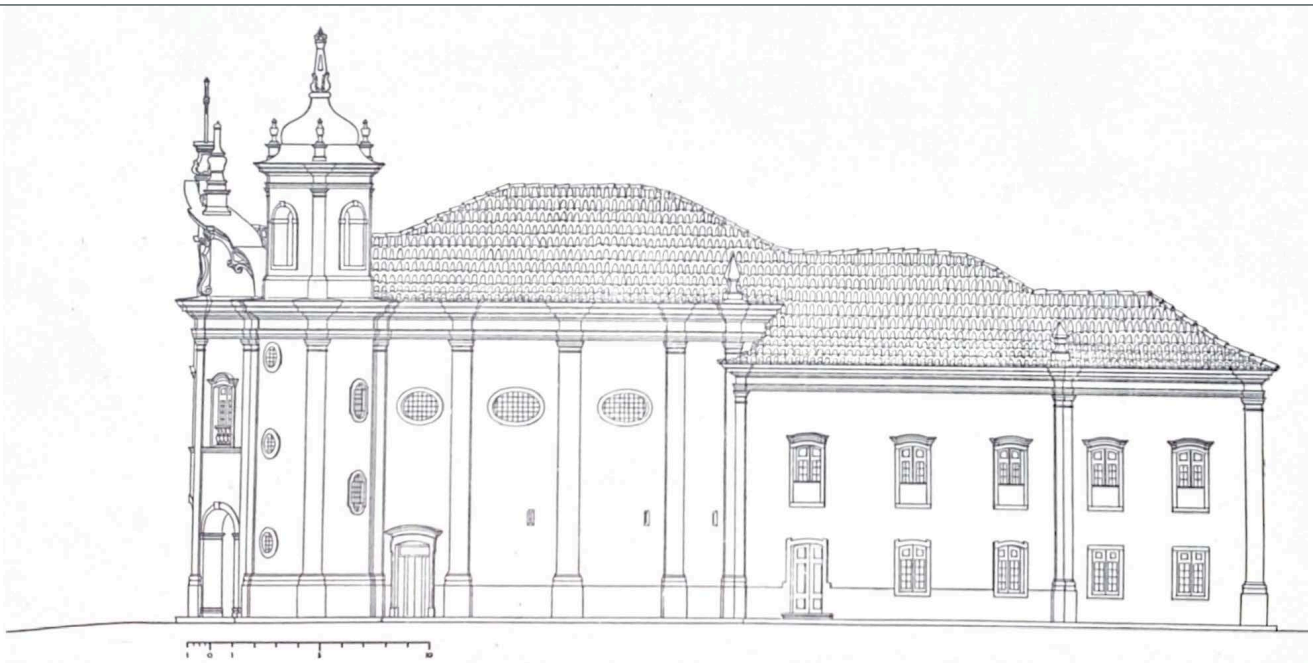


Implantação:

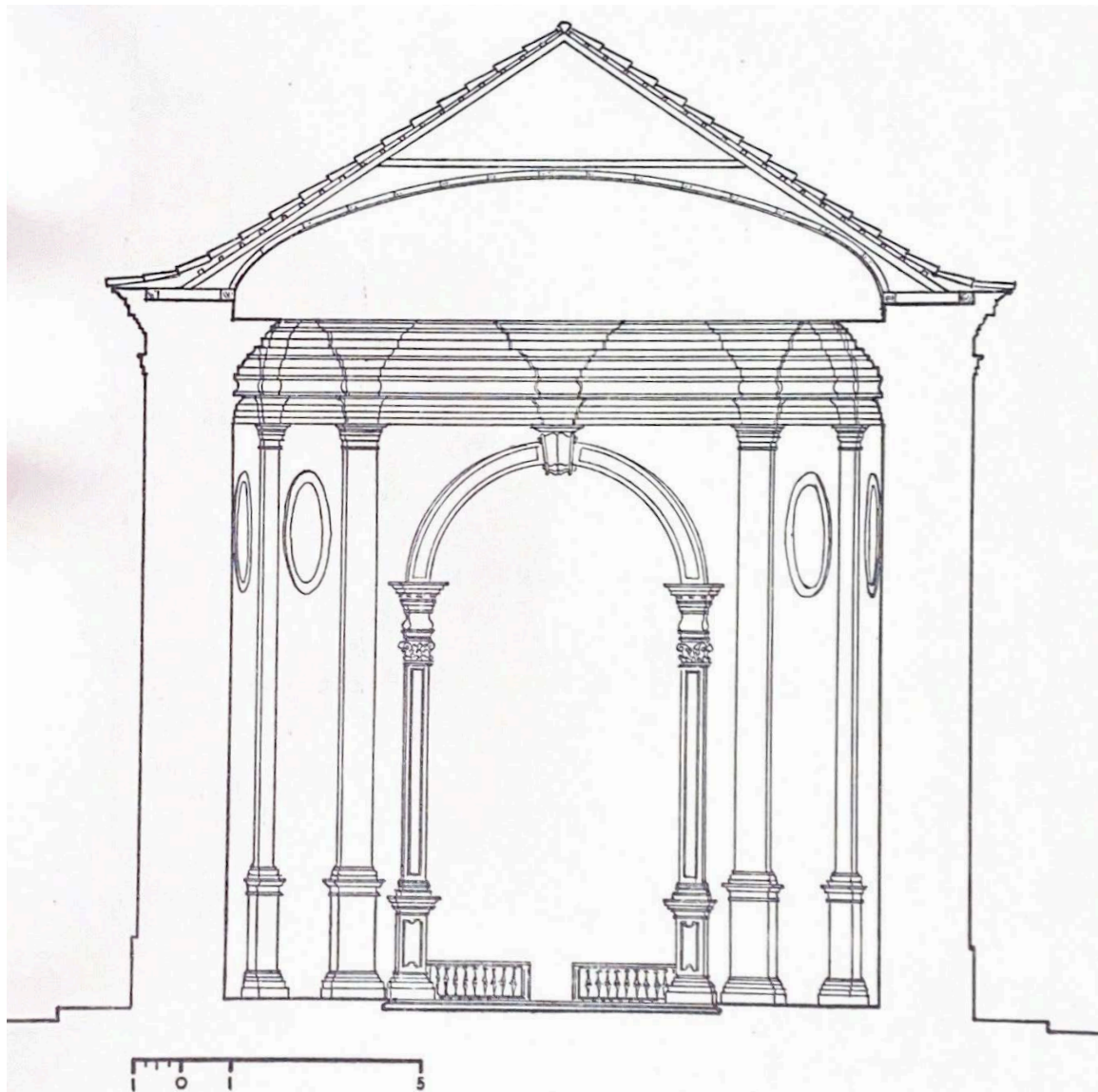




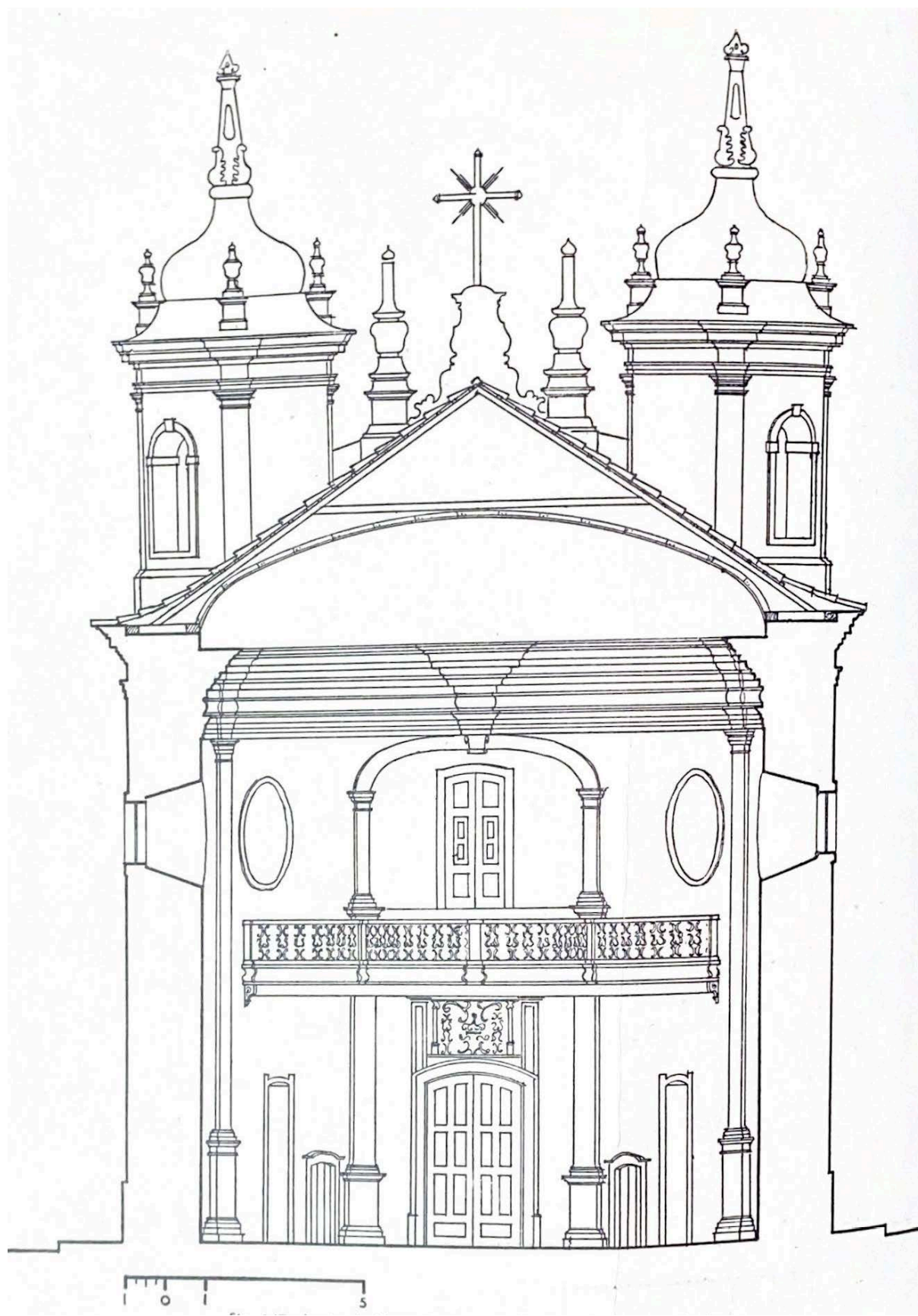




Alçado lateral - Lado da Epístola (Santos P. F., 1951, p. 180)

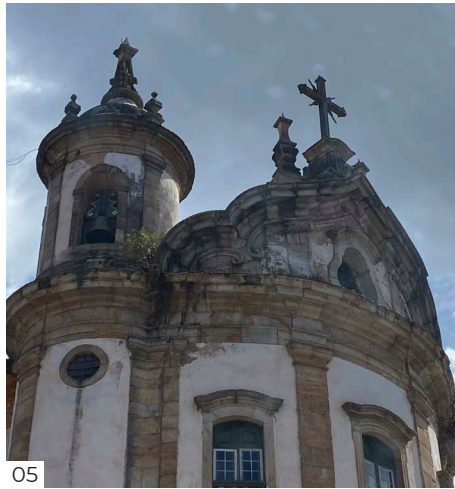
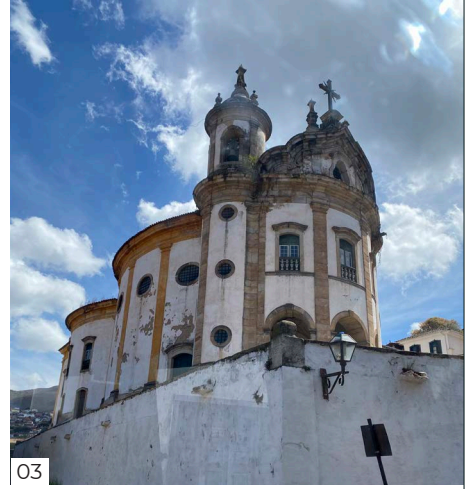
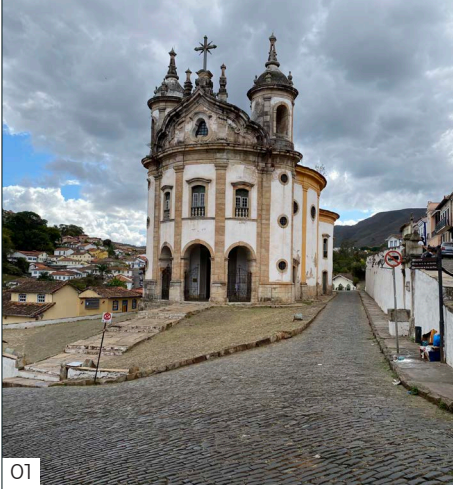


Corte transversal virado para o arco-cruzeiro (Santos P. F., 1951, p. 188)

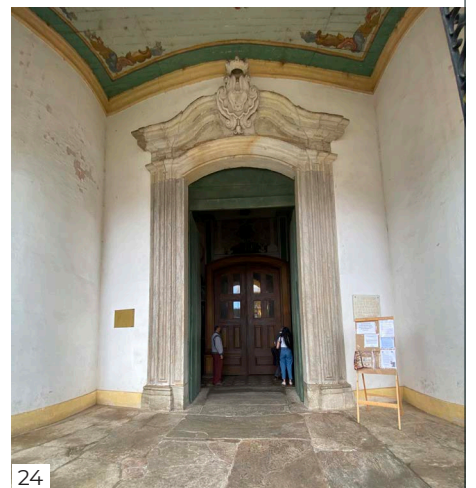
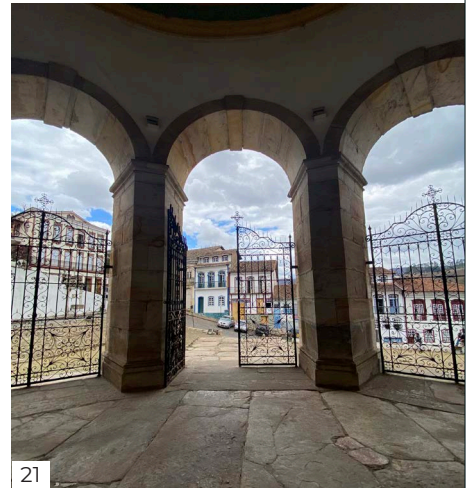
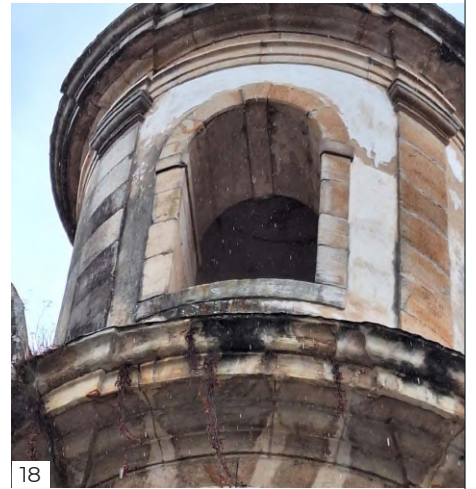


Corte transversal virado para o coro (Santos P. F., 1951, p. 189)

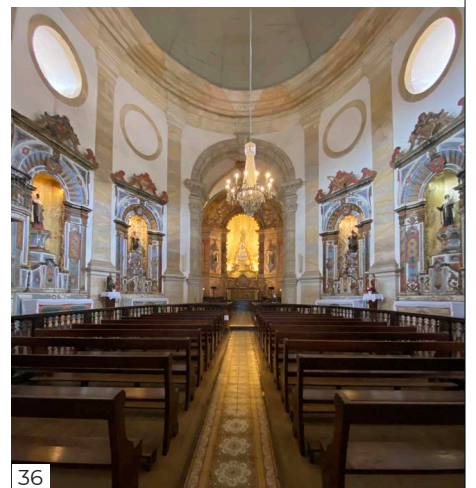
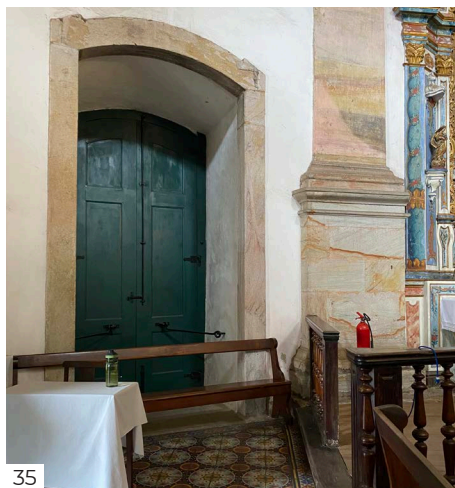
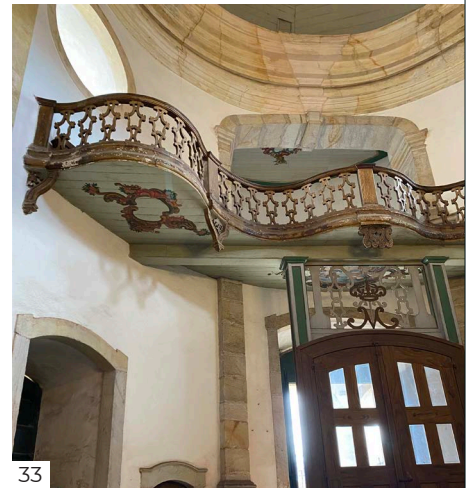
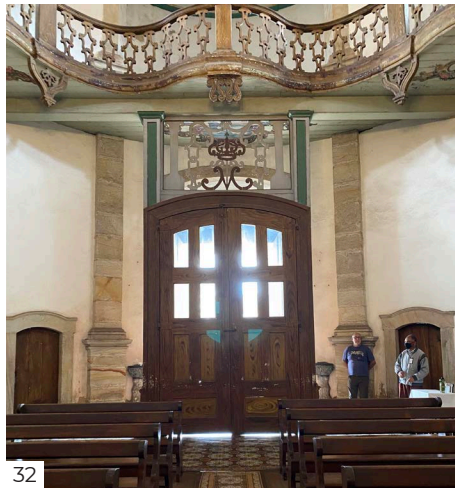
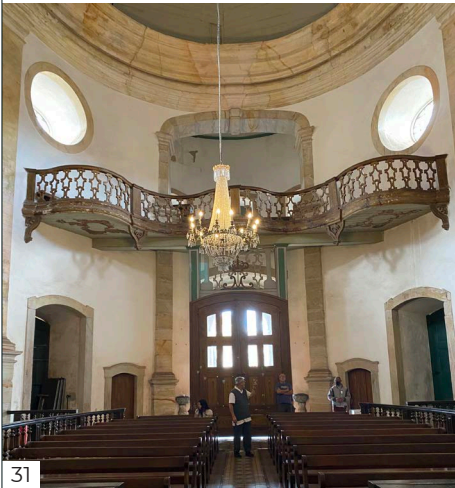
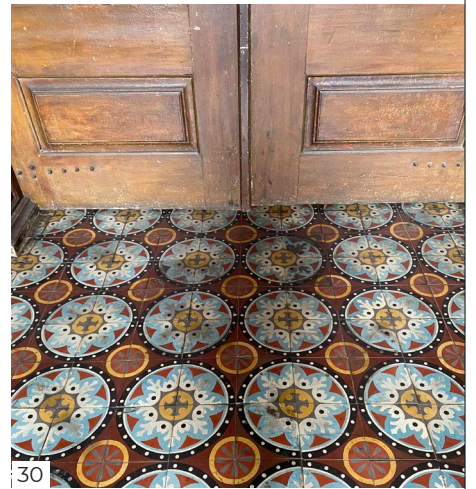
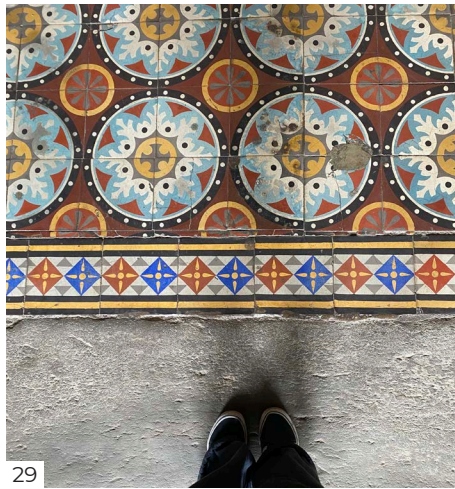
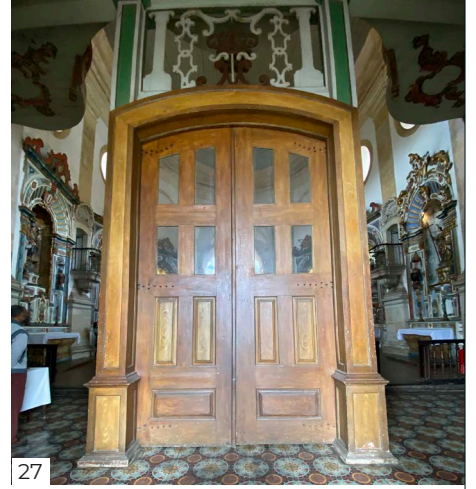
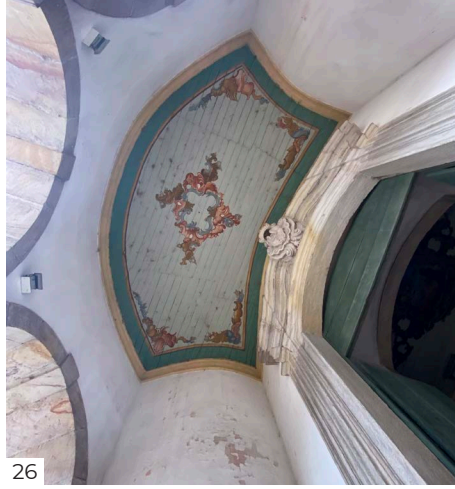
Levantamento Fotográfico - Parte 1:



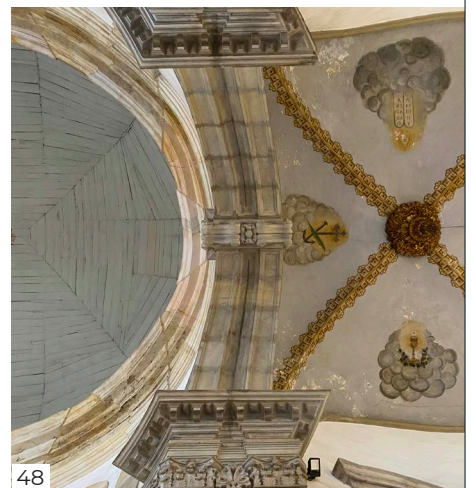
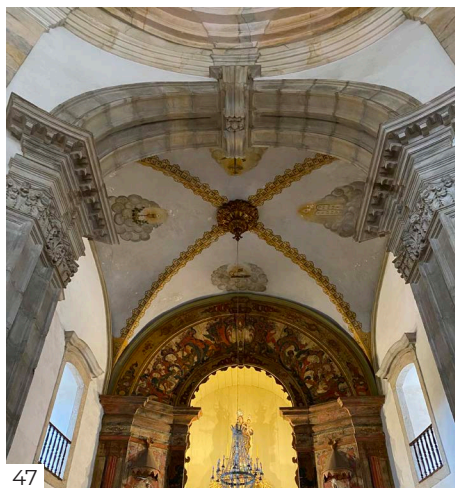
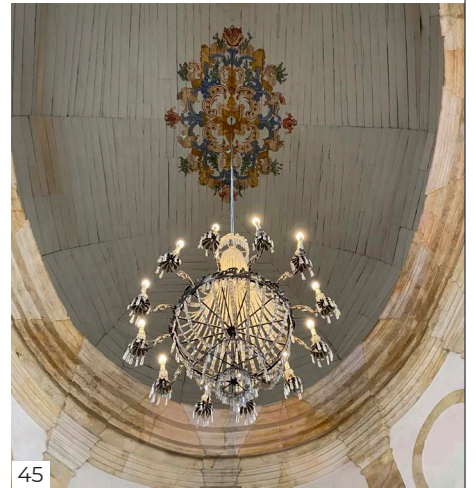
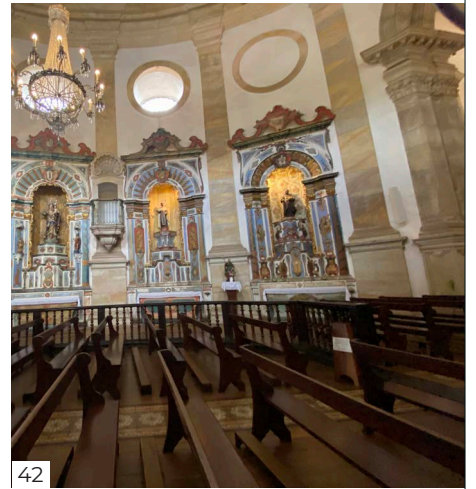
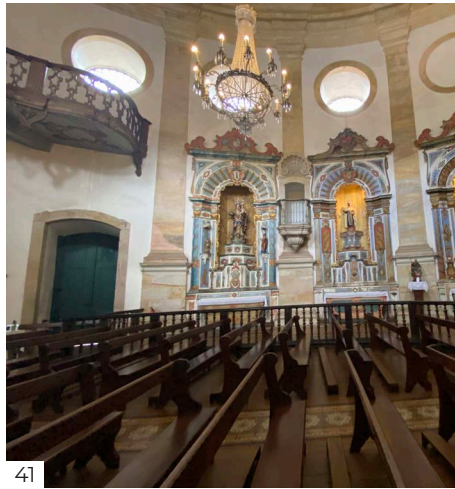
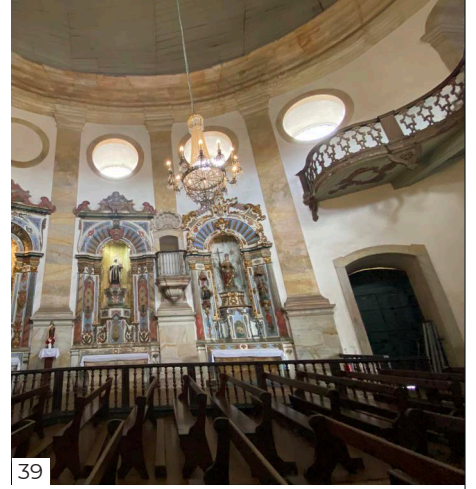
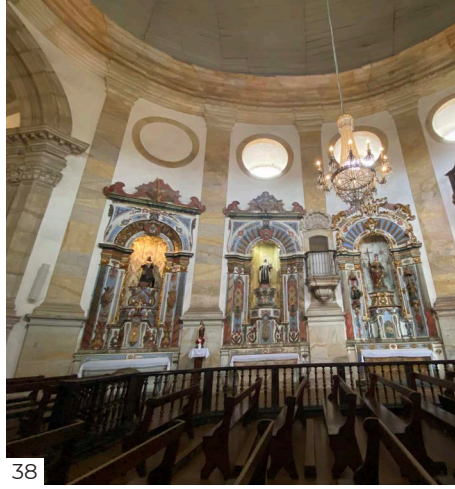
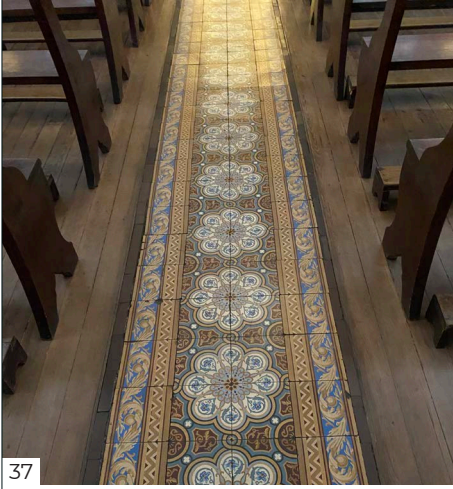
Levantamento Fotográfico - Parte 2:



Levantamento Fotográfico - Parte 3:



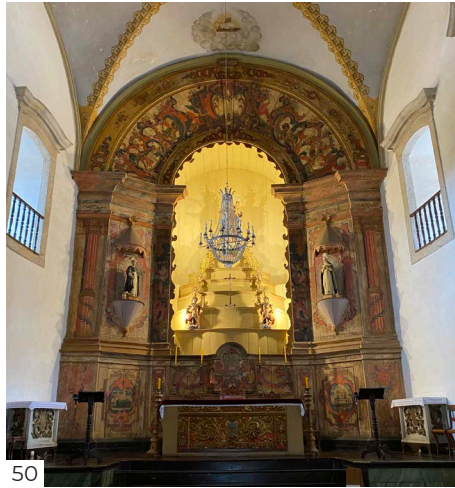
Levantamento Fotográfico - Parte 4:



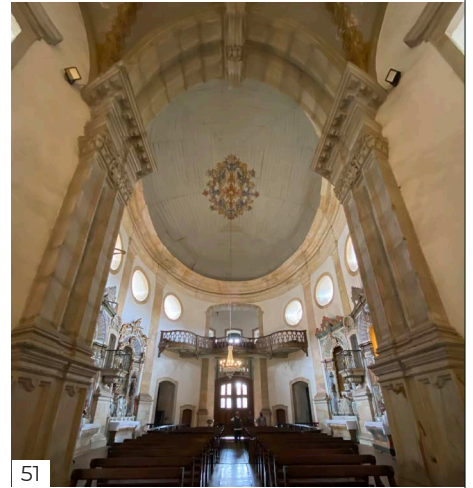
Levantamento Fotográfico - Parte 5:



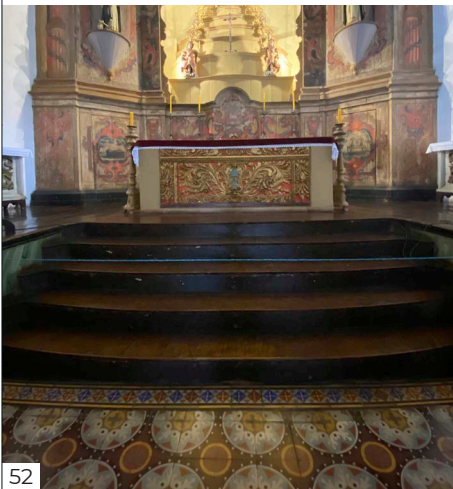
49



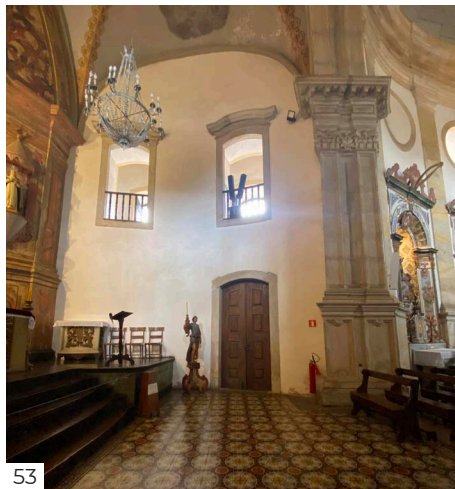
50



51



52



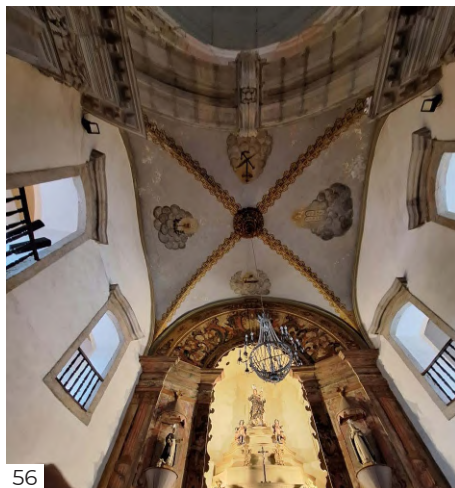
53



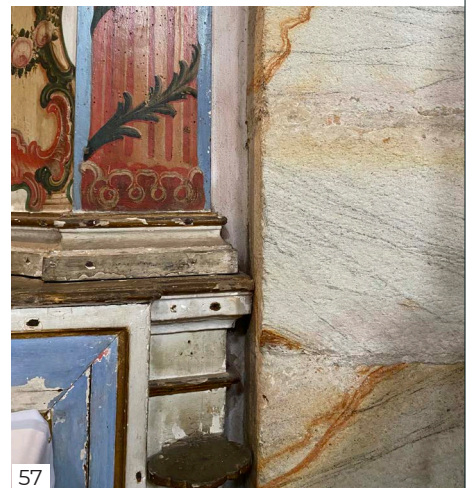
54



55

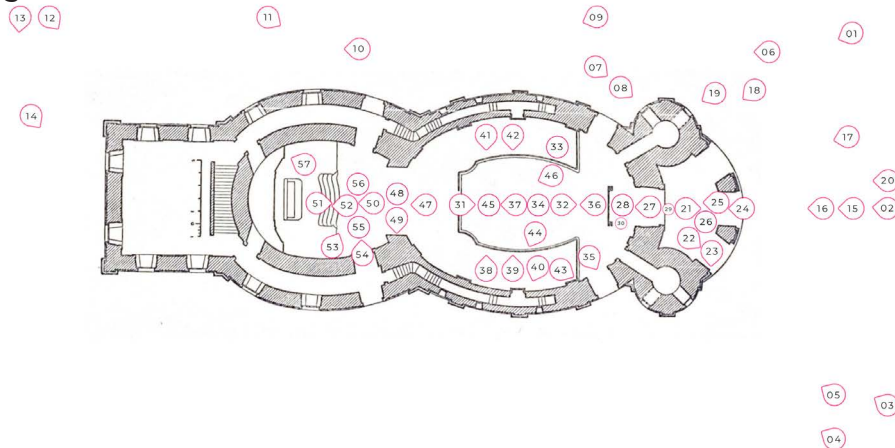


56



57

Localização das fotografias:



Imagens utilizadas na primeira página:



Casa de Câmara e Cadeia de Mariana. (Anônimo, 1972)



Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto. (Ferber, s.d.c)



Ig. de São Francisco de Assis de Ouro Preto.
(Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), s.d.)



Ig. de São Francisco de Assis de Mariana. (Ferber, s.d.b)



Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto vista do avarandado da
Ig. de São Francisco de Assis. (Baldi, s.d.)



Ig. de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Ouro Preto.
(Anônimo, s.d.)



Ig. de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Mariana. (Ferber, s.d.a)



1742 Praça Dr. João Pinheiro - Igreja de São Francisco a esquerda, Igreja do Carmo ao centro, Residência Mhr. Alipio ao fundo e Prefeitura Municipal a direita.
Mariana - Minas - Cidade Monumento

Fot. do quadro de Nazareno Atavila

Praça Minas Gerais. Autoria de Nazareno Atavila, retirado de (Souza, s.d.)